



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA  
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Camila de Andrade Simões

**GERAÇÃO 60+ NA INTERNET: relações tecnológicas, tensões e produção de sentidos  
na pandemia de Covid-19**

Belém | Pará

2023

Camila de Andrade Simões

**GERAÇÃO 60+ NA INTERNET: relações tecnológicas, tensões e produção de sentidos na pandemia de Covid-19**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciências da Comunicação.

Linha de pesquisa: Processos Comunicacionais e Miatização na Amazônia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elaide Martins da Cunha.

Belém | Pará

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

D278g de Andrade Simões, Camila.  
GERAÇÃO 60+ NA INTERNET : relações tecnológicas,  
tensões e produção de sentidos na pandemia de Covid-19 / Camila  
de Andrade Simões. — 2023.  
209 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Elaide Martins da Cunha  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de  
Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação, Cultura e Amazônia, Belém, 2023.

1. Geração 60+. 2. Idosos. 3. Pandemia. 4. Produção de  
sentidos. 5. Tecnologia. I. Título.

CDD 301.14

---

Belém do Pará, 14 de fevereiro de 2023

Camila de Andrade Simões

**GERAÇÃO 60+ NA INTERNET: relações tecnológicas, tensões e produção de sentidos na pandemia de Covid-19**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciências da Comunicação.

Linha de pesquisa: Processos Comunicacionais e Mídiação na Amazônia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elaide Martins da Cunha.

**Data da defesa:** 14/02/2023.

**Resultado:** APROVADA COM LOUVOR.

**Banca examinadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elaide Martins da Cunha – Orientadora (PPGCOM/UFPA), Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Manuela do Corral Vieira – Examinadora Interna (PPGCOM/UFPA), Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Beltrina da Purificação da Corte Pereira – Examinadora Externa (FACHS/PUC-SP), Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gisela Grangeiro da Silva Castro – Examinadora Externa (PPGCOM/ESPM), Prof. Dr. Ludgleydson Fernandes de Araújo – Examinador Externo (PPGpsi/UFDPar).

**FOLHA DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO Nº 1/2023 - PPGCOM (11.40.07)**

**Nº do Protocolo: 23073.023258/2023-21**

<i>(Assinado digitalmente em 10/04/2023 09:37)</i> ELAIDE MARTINS DA CUNHA PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR ILC (11.40) Matricula: ###280#8	<i>(Assinado digitalmente em 05/04/2023 11:37)</i> MANUELA DO CORRAL VIEIRA PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR ILC (11.40) Matricula: ##072#9	<i>(Assinado digitalmente em 05/04/2023 13:56)</i> BELTRINA DA PURIFICACAO DA CORTE PEREIRA ASSINANTE EXTERNO CPF: ###.###.448-##
<i>(Assinado digitalmente em 28/04/2023 15:55)</i> GISELA GRANGEIRO DA SILVA CASTRO ASSINANTE EXTERNO CPF: ###.###.957-##	<i>(Assinado digitalmente em 10/04/2023 17:08)</i> LUDGLEYDSON FERNANDES DE ARAUJO ASSINANTE EXTERNO CPF: ###.###.174-##	

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpa.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **1**, ano: **2023**, tipo: **FOLHA DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **05/04/2023** e o código de verificação: **febe9fd987**

Belém | Pará

2023

Trabalho realizado com o apoio da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA) por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará, Chamada 006/2018 – FAPESPA – Convênio 010/2019.

Àquelas pessoas que fazem ciência.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, Andrei Simões, por ter sido apoiador maior, incentivador na medida certa. Esteve e está sempre presente nos avanços, nos descansos produtivos e nas celebrações. O meu amor.

À minha mãe, Vera Cristina de Andrade, e à minha irmã, Roberta Ribeiro, com quem compartilho a vida, tristezas, felicidades, conquistas. A minha admiração.

À minha orientadora, Professora Doutora Elaide Martins, com quem compartilhei produções, angústias dos prazos, felicidade em cada atividade realizada, em cada projeto aprovado e fase avançada da pesquisa para a Tese, além da pandemia de Covid-19. A minha gratidão. Conseguimos!

Aos meus colegas dos grupos de pesquisa Inovação e Convergência na Comunicação (InovaCom) e Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva (TECCCOG). Parceria, sempre.

Às coordenações e técnicos do Programa de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), ao longo desses 4 (quatro) anos. Uma relação valiosa de mútua confiança e comunicação. Obrigada por confiarem em mim, de início.

À Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA), instituição que acreditou no meu percurso, por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPA. Não faltaram durante esse período e fizeram pontes humanizadas, sempre. O meu profundo agradecimento.

Aos docentes que fizeram parte desse percurso, em meio a pandemia de Covid-19 e múltiplas readaptações (tecnológicas, técnicas e psicológicas, para citar algumas frentes). O meu muito obrigada, abraços apertados.

Aos discentes que, da mesma forma, fizeram parte desse trajeto – aos que ficaram, aos que se afastaram, está tudo bem. Agradecimentos especiais à turma da qual faço parte, a primeira turma de Doutorado em Comunicação em Universidade Pública no Norte do País, de 2019. Por isso, preciso nomeá-los: Elias Santos Serejo, Hans Cleyton Passos da Costa, Jessé Andrade Santa Brígida, Lídia Karolina de Sousa Rodarte, Lorena Cruz Esteves, Nair Santos Lima, Nathan Nguangu Kabuenge e Raissa Lennon Nascimento Sousa. Vamos juntas.

À banca de qualificação da presente pesquisa e à banca da defesa final da Tese. Obrigada por fazerem parte de fases tão importantes para o andamento e fechamento deste estudo. Meu respeito e admiração eternos.

Aos colegas pesquisadores que virão: é imprescindível continuar.

*“A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se criticiza”.*

(FREIRE, 2019, p. 32)

## RESUMO

O presente estudo se interessa pelas relações de pessoas com 60 anos ou mais junto às tecnologias cotidianas, em especial, durante a pandemia de Covid-19. Os anos de referência (2020 e 2021) são marcados por uma crise de saúde vivida mundialmente, de administração ondulante, no que diz respeito aos Estados-Nação e, ainda, internamente. No Brasil, medidas de afastamento físico e orientações de higiene se tornaram assunto central e, nesse contexto, as tecnologias digitais de comunicação tomaram centralidade não antes vista. Ao considerar grupos de pessoas que eventualmente tenham apresentado afastamentos mais evidentes em relação às telas conectadas, independentemente da pandemia, o recorte da pesquisa parte da experiência da pessoa idosa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que parte de uma visada meta comunicacional na tentativa de abarcar o fenômeno do fazer social ampliado, tendo como eixo explicativo as relações comunicativas cotidianas. Algumas das frentes teóricas ativadas durante a argumentação vêm de Vera França e Paula Simões (2016), como também de Vera França em reflexão solo (2018), de Jesús Martín-Barbero (1997), de Adriana Braga e Édison Gastaldo (2009), junto às contribuições de Stig Hjarvard (2015), de Vilso Junior Santi (2018), de José Luiz Braga (2007), de Göran Bolin (2020), além de Daniel Miller (2007), Paula Sibilía (2014 e 2019), Michel Foucault (2009) e Giorgio Agamben (2009), com outros e outras que contribuíram com a discussão. Em resumo, são conceitos e constructos no campo do envelhecimento (cronológico e social), das identidades (gerações), da cultura material e das relações de poder, partindo de um conjunto de sentidos produzidos pelos interlocutores e interlocutoras da pesquisa. Como métodos de coleta, o formulário digital e os grupos de foco foram utilizados. Nesse sentido, a Análise Temática (AT) se mostrou um caminho de interesse, com a flexibilidade necessária, na busca por padrões nas falas, a caminho de significações e sentidos produzidos pelos investigados. No auxílio da tarefa, o software Iramuteq foi utilizado nas frentes de análises estatística, de similitude, na classificação hierárquica descendente e apresentação de nuvens de palavras. Ao abrir o leque dos achados, se reforça a preocupação de partida sobre a heterogeneidade das experiências dos sujeitos e sujeitas com mais idade. Condições de vida, de saúde, econômicas e de relação familiar, por exemplo, vão influenciar diretamente na chamada independência (mais conectada às questões físicas) e na almejada autonomia (tomada de decisão; autogoverno). Para eles e elas, a principal tela utilizada foi o telefone celular e para falar com familiares e amigos. Entre aqueles e aquelas que mantiveram relações profissionais ativas, durante o período verificado, foi possível perceber um menor campo de atritos. De modo geral, os sentidos que emergiram dessas relações são paradoxais – contém frentes, grosso modo, positivas e negativas – e traduzidos nas tecnologias vistas como acesso, porta para novos aprendizados e possibilidades, ao mesmo tempo que um conjunto de espaços de perigo, insegurança e mistério, principalmente, entre aqueles que utilizaram o termo medo para se referir às experiências e relações digitais.

**Palavras-chave:** Geração 60+. Idosos. Pandemia. Produção de sentidos. Tecnologia.



## ABSTRACT

The present study is interested in the relationships of people aged 60 or over with everyday technologies, especially during the Covid-19 pandemic. The reference years (2020 and 2021) are marked by a health crisis experienced worldwide, of undulating administration, regarding Nation-States and, also, internally. In Brazil, physical distancing measures and hygiene guidelines have become a central issue, and, in this context, digital communication technologies have taken on a previously unseen centrality. When considering groups of people who may have shown more evident distancing from connected screens, regardless of the pandemic, the research is based on the experience of the elderly person. This qualitative research departs from the communicational field to encompass the phenomenon of expanded social making, having everyday communicative relationships as an explanatory axis. Some of the theoretical fronts activated during the argumentation come from Vera França and Paula Simões (2016), as well as from Vera França in solo reflection (2018), Jesús Martín-Barbero (1997), Adriana Braga and Édison Gastaldo (2009), together with the contributions of Stig Hjarvard (2015), Vilso Junior Santi (2018), José Luiz Braga (2007), Göran Bolin (2020), as well as Daniel Miller (2007), Paula Sibilia (2014 and 2019), Michel Foucault (2009) and Giorgio Agamben (2009), with others who contributed to the discussion. In short, they are concepts and constructs in the field of aging (chronological and social), identities (generations), material culture, and power relations, based on a set of meanings produced by the research interlocutors. As collection methods, the digital form and focus groups were used. In this sense, the Thematic Analysis (TA) proved to be a path of interest, with the necessary flexibility, in the search for patterns in the speeches, on the way to meanings and senses produced by the investigated. To help with the task, the Iramuteq software was used on the fronts of statistical analysis, similarity, descending hierarchical classification, and word cloud presentation. By opening up the range of findings, the initial concern about the heterogeneity of the experiences of older subjects is reinforced. Living, health, economic, and family relationship conditions, for example, will directly influence the so-called independence (more connected to physical issues) and the desired autonomy (decision-making; self-government). For them, the main screen used was the cell phone to talk to family and friends. Among men and women who maintained active professional relationships during the verified period, it was possible to perceive a smaller field of friction. In general, the meanings that emerged from these relationships are paradoxical – they contain, roughly speaking, positive and negative fronts – and translated into technologies seen as access, a door to new learning and possibilities, at the same time as a set of spaces of danger, insecurity, and mystery, mainly among those who used the term fear to refer to experiences and digital relationships.

**Keywords:** Generation 60+. Pandemic. Senses production. Seniors. Technology.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa conceitual I: perspectiva comunicacional .....	19
Figura 2. Mapa conceitual II: visada teórica da argumentação .....	21
Figura 3. Mapa dos caminhos metodológicos .....	25
Figura 4. Iramuteq: análises utilizadas a partir do material coletado .....	64
Figura 5. Print de documento formatado para uso no software Iramuteq .....	65
Figura 6. Dados dos formulários – respostas abertas: nuvem de palavras .....	79
Figura 7. Dados dos formulários: análise de similitude .....	81
Figura 8. Dados dos formulários: dendrograma das classes de palavras (CHD).....	83
Figura 9. Dados dos formulários: dendrograma CLASSE 1 (CHD) .....	85
Figura 10. Dados dos formulários: dendrograma CLASSE 2 (CHD).....	89
Figura 11. Dados dos formulários: dendrograma CLASSE 3 (CHD).....	92
Figura 12. Dados dos formulários: dendrograma CLASSE 4 (CHD).....	94
Figura 13. Dados dos formulários: dendrograma CLASSE 5 (CHD).....	95
Figura 14. Dados dos formulários: dendrograma CLASSE 6 (CHD).....	97
Figura 15. Dados dos GFs: nuvem de palavras das falas dos interlocutores da pesquisa.....	102
Figura 16. Dados dos GFs: análise de similitude das falas dos interlocutores da pesquisa..	104
Figura 17. Dados dos GFs: análise de similitude das falas dos interlocutores da pesquisa (comunidade entre palavras).....	105
Figura 18. Dados dos GFs: dendrograma das classes de palavras (CHD) .....	107
Figura 19. Dados dos GFs: dendrograma CLASSE 1 (CHD) .....	111
Figura 20. Dados dos GFs: dendrograma CLASSE 2 (CHD) .....	115
Figura 21. Dados dos GFs: dendrograma CLASSE 3 (CHD) .....	118
Figura 22. Dados dos GFs: dendrograma CLASSE 4 (CHD) .....	121
Figura 23. Dados dos GFs: dendrograma CLASSE 5 (CHD) .....	125
Figura 24. Guia de leitura do tópico 4.1 (Relatos de si) .....	133
Figura 25. Guia de leitura do tópico 4.2 (Sentidos).....	140
Figura 26. Guia de leitura do tópico 4.3 (Tensões e autonomia).....	157
Figura 27. Logomarca do aplicativo DICA 60+ .....	176
Figura 28. Telas do aplicativo DICA60+ .....	176
Figura 29. Ano dos trabalhos publicados (Estado da Arte 2009-2019) .....	191
Figura 30. Ano dos trabalhos publicados (Estado da Arte 2020-2022) .....	198

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Sobre a empiria e a coleta .....	24
Tabela 2. Informações gerais sobre a coleta de dados primários .....	27
Tabela 3. Detalhamento: coleta de dados primários .....	56
Tabela 4. Etapas dos Grupos Focais On-line segundo Bordini e Sperb.....	61
Tabela 5. Formulários: material coletado em 2019.2, 2020.2 e 2021.1 .....	72
Tabela 6. Respostas à pergunta: Quando começou a utilizar a internet? .....	75
Tabela 7. Respostas aos formulários: 80 (oitenta) primeiras formas ativas .....	80
Tabela 8. Dados dos formulários: classes de palavras 1, 2 e 3 detalhadas (CHD).....	84
Tabela 9. Dados dos formulários: classes de palavras 4, 5 e 6 detalhadas (CHD).....	84
Tabela 10. Dados dos GFs: perfil dos interlocutores, material coletado em 2021.1 .....	101
Tabela 11. Dados dos GFs: 80 (oitenta) primeiras formas ativas.....	103
Tabela 12. Dados dos GFs: classes de palavras 1, 2 e 3 detalhadas (CHD).....	108
Tabela 13. Dados dos GFs: classes de palavras 4 e 5 detalhadas (CHD) .....	109

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Resumo das categorias emergentes: Formulários + GFs .....	130
Quadro 2. Resumo da problemática em resgate .....	132
Quadro 3. Áreas de estudo e ocorrências (Estado da Arte 2009-2019) .....	192
Quadro 4. Áreas de estudo e ocorrências (Estado da Arte 2020-2022) .....	199
Quadro 5. Roteiro semiestruturado dos Grupos Focais On-line.....	203
Quadro 6. Formulário perfil dos Grupos Focais On-line .....	204
Quadro 7. Formulário digital de circulação ampla .....	206

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>Problematização</b> .....	<b>17</b>
<b>Hipóteses da pesquisa</b> .....	<b>18</b>
<b>Objetivos da pesquisa</b> .....	<b>18</b>
<b>Frente teórica: perspectiva comunicacional e de análise da empiria</b> .....	<b>19</b>
<b>Caminhos metodológicos e relatório de execução</b> .....	<b>23</b>
<b>Estrutura da tese</b> .....	<b>27</b>
<b>1. PRIMEIRO CAPÍTULO: PERSPECTIVA COMUNICACIONAL</b> .....	<b>29</b>
1.1. A partir de onde se olha: recepção e o paradigma relacional.	29
1.2. Interacionismo simbólico e produção de sentidos.....	34
1.3. Mediação e mediação: aproximações .....	38
<b>2. SEGUNDO CAPÍTULO: TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E A PERSPECTIVA GERACIONAL</b> .....	<b>41</b>
2.1. Sobre o que se entende por geração .....	41
2.2. Tecnopoder e dispositivo: o celular como objeto cultural capitalista e a instrumentalização das vidas.....	43
<b>3. TERCEIRO CAPÍTULO: CAMINHOS METODOLÓGICOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE</b> .....	<b>51</b>
3.1. Os sujeitos idosos como universo da pesquisa .....	51
3.2. Apontamentos metodológicos: produção dados primários e métodos de coleta .....	55
3.2.1. Sobre o formulário digital: um questionário semiestruturado .....	57
3.2.2. Sobre grupos focais e a dinâmica on-line .....	58
3.3. Caminhos para a Análise Temática (AT) e o Iramuteq no tratamento e análise de dados .....	62
3.4. Diário de pesquisa: condições e desafios encontrados no campo	66
3.5. Análise descritiva e categorização dos resultados .....	71
3.5.1. Formulários: perfis dos interlocutores e caracterização geral da amostra .....	72
3.5.1.1. Os formulários e os sujeitos da pesquisa .....	72
3.5.1.2. Análise descritiva das respostas abertas aos formulários com auxílio do Iramuteq	78

3.5.1.3.	(CHD) Formulários: CLASSE 1 .....	85
3.5.1.4.	(CHD) Formulários: CLASSE 2 .....	89
3.5.1.5.	(CHD) Formulários: CLASSE 3 .....	91
3.5.1.6.	(CHD) Formulários: CLASSE 4 .....	93
3.5.1.7.	(CHD) Formulários: CLASSE 5 .....	95
3.5.1.8.	(CHD) Formulários: CLASSE 6 .....	97
3.5.1.9.	Formulários: categorias de análise .....	100
3.5.2.	Grupos focais: perfis dos interlocutores e caracterização geral da amostra .....	101
3.5.2.1.	Os grupos focais e os sujeitos da pesquisa.....	101
3.5.2.2.	Análise descritiva das transcrições dos grupos focais com auxílio do Iramuteq	102
3.5.2.3.	(CHD) GFs: CLASSE 1 .....	111
3.5.2.4.	(CHD) GFs: CLASSE 2 .....	115
3.5.2.5.	(CHD) GFs: CLASSE 3 .....	118
3.5.2.6.	(CHD) GFs: CLASSE 4 .....	121
3.5.2.7.	(CHD) GFs: CLASSE 5 .....	125
3.5.2.8.	GFs: categorias de análise .....	129

#### **4. QUARTO CAPÍTULO: GERAÇÃO 60+, COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 - TENSÕES E SENTIDOS PRODUZIDOS** **132**

##### **4.1. Relatos de si..... 133**

##### **4.2. Sentidos da relação tecnológica na pandemia ..... 139**

4.2.1.	Essencialidade, necessidade e acesso .....	146
4.2.2.	Pressão social pelos usos da tecnologia .....	147
4.2.3.	Manutenção do contato e a plataformização da comunicação	148
4.2.4.	Facilidades, dificuldades e os sentidos de utilidade.....	150
4.2.5.	Medos e vulnerabilidades (dados) .....	152
4.2.6.	Tecnologia como meio/ferramenta de aprendizado .....	154

##### **4.3. Sobre tensões e autonomia: conexões, prejuízos e possibilidades** **157**

#### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 167**

#### **6. UM PARALELO NECESSÁRIO E ALÉM ..... 173**

#### **7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 178**

#### **APÊNDICE A – Um estado da arte em português (2009-2019): pessoa idosa e as tecnologias digitais..... 191**

<b>Conversação: os meios digitais como agentes de mudança na esfera da conversação .....</b>	<b>194</b>
<b>APÊNDICE B – Um estado da arte em português (2020-2022): pessoa idosa e as tecnologias digitais.....</b>	<b>197</b>
<b>APÊNDICE C - Roteiro semiestruturado dos grupos focais on-line.....</b>	<b>203</b>
<b>APÊNDICE D – Formulário para levantamento do perfil dos interlocutores dos grupos focais.....</b>	<b>204</b>
<b>APÊNDICE E – Formulário digital de circulação ampla .....</b>	<b>206</b>
<b>APÊNDICE F – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) .....</b>	<b>208</b>

## INTRODUÇÃO

Quando pensamos em viver, ter uma vida com caminhos escolhidos ou sendo levados por outros, com tais e quais elementos, acontecimentos e fatos, por vezes, devemos considerar que no tempo do envelhecimento algumas coisas mudam para além do controle que pensamos ter. Por isso, em um movimento ondular e depois de me procurar nas diversas conformações identitárias – preta, negra, amazônida – me encontrei no fato comum do envelhecer, ocorrendo a todos nós.

O físico é alterado, em alguma medida, capacidades cognitivas podem ou não ser afetadas, e a noção social parece se deslocar. A vida tranquila, com perspectivas de viagens e novas descobertas também pode fazer parte do imaginário da pessoa mais velha que se aposenta e repensa a própria rotina. Contudo, o papel social através do qual a pessoa idosa tem sido vista, colocada, constrói a ideia de corpos relacionados à dependência (em sentido negativo): financeira, emocional etc. Segundo Castro (2015, p. 104), além de determinações “cronológicas, demográficas e biológicas, a velhice é uma construção sociocultural marcada por uma ampla série de fatores de ordem econômica, familiar, de gênero, de estilo de vida, para citar apenas algumas variáveis dessa delicada construção”.

Nesse sentido vale, também, demarcar alguns fatores relacionados a esta realidade complexa. Os mais velhos, digam-se as mulheres, auxiliam na criação dos netos, os apanham no colégio ou mesmo pagam despesas relacionadas. No Brasil, 91% das pessoas com 60 anos ou mais contribuem financeiramente com o orçamento mensal da família. Entre estes, 43% são os principais responsáveis por pagar as despesas da casa, a maioria é do sexo masculino (53%) (CNDL/SPC-BRASIL, 2018).

Em meio às mudanças sociais que envolvem a pessoa idosa, como é possível perceber, a tecnologia tem uma atuação a qual a presente pesquisa investiga e critica, ao longo deste trabalho reflexivo. Ela (a tecnologia) faz parte do cotidiano e tem como principais representantes os telefones celulares, os computadores – de mesa e notebooks –, os tablets, entre outros aparelhos. Essa realidade influencia diretamente nas percepções sobre as esferas de conversação e comunicação que tem a pessoa mais velha, como também as instâncias de usos e apropriações dessas tecnologias do cotidiano. Um quadro complexo e de onde se quer partir.

Minha pesquisa de mestrado colocou frente a frente dois atores sociais: a pessoa idosa e as instituições bancárias – por meio e representados por seus serviços digitais. Viu-se, grosso

modo, uma relação de constrangimentos e prejuízos à autonomia do primeiro ator social. Os sujeitos investigados perceberam esse tipo de serviço como essenciais, dos quais “não se pode fugir”, mas “difícil de mexer” (SIMÕES, 2019). Conflito que não é possível resolver com um breve auxílio presencial, nas agências físicas; um pano de fundo anterior e complexo o constitui e o precede.

A partir do contexto geral que se coloca em questão, segue o problema de pesquisa. Vale ressaltar que Braga (2011) fala da instância da problemática da pesquisa a partir de uma concepção dinâmica e diz, ainda, que não é algo que se esgota nas perguntas de partida, envolve ainda os objetivos, as justificativas da abordagem proposta e as respectivas articulações dos tensionamentos junto ao trabalho de observação e à perspectiva teórica. Assim, “a explicitação dos objetivos da pesquisa complementa as perguntas e a formulação do problema”, os gerais correspondendo às questões de horizonte teórico e os específicos voltados à realização concreta da investigação (BRAGA, 2011, p. 11 e 12).

Já em relação às justificativas do trabalho de pesquisa, Braga (2011) diz que devemos ir além da ênfase no tema e importância social das questões pesquisadas, alcançando à “validade de seu problema específico e à boa fundamentação dos encaminhamentos propostos – e não ao interesse genérico de seu assunto” (p. 12).

O autor traz ainda uma visada ampliada sobre a construção de hipóteses, na pesquisa qualitativa, e que pode ajudar na tomada de decisões nas pesquisas em Comunicação. Ele diz que, nesse sentido, “as hipóteses nos surgem na forma de *insights* sobre o objeto, na forma de visadas teóricas já presentes no acervo de nosso conhecimento pessoal ou que aparecem nas leituras acionadas para desenvolver o projeto” (BRAGA, 2011, p. 12). Destaca-se dois tipos: a (1) “hipótese de trabalho”, uma espécie de proposição tentativa e que direciona a investigação, e a (2) “hipótese de pesquisa”, aquela ideia inicial que resistiu e se apresenta como “proposição em dúvida” a ser desvendada por meio da investigação proposta (BRAGA, 2011, p. 13). De início, as hipóteses de pesquisa podem ser pré-respostas às perguntas colocadas, ainda que imprecisas e/ou incompletas, e não devem ser pensadas a caminho de “confirmar” ou “infirmar”. Para Braga (2011), as tensões junto ao campo teórico e do trabalho de investigação, em si, devem levar a reflexão para além da informação e a caminho da superação: “de tornar as hipóteses mais complexas, mais abrangentes, mais finas, melhores formuladas; ou de encontrar outras hipóteses derivadas que substituirão as anteriores com vantagens” (p. 14).

Isto posto, seguem a problematização, as hipóteses da pesquisa, os objetivos, além das perspectivas teórica e metodológica colocadas em movimento.



## Problematização

Ao relacionar o contexto visto à pandemia do novo coronavírus e da doença Covid-19, vê-se um cenário anterior já complexo, agora, atravessado por novos desafios. O que se viveu mundialmente, a partir da primeira metade de 2020, revelou e transformou a necessidade da conectividade nos variados níveis. Do profissional ao educacional, o conhecido trabalho a partir da própria casa (*home office*) e os estudos – além da maneira de comprar alimentos, fazer exercícios, dentre outras atividades – foram impulsionados ainda mais na direção da tecnologia e da conectividade. Os sujeitos [nós] passam a ser afetados também de variadas formas, além da mobilidade cotidiana limitada, na internet tem-se as experiências com plataformas nunca ou raramente antes acessadas, possíveis problemas com equipamentos agora exigidos ao máximo, qualidade da conectividade instável e inferior às necessidades impostas pelo momento. Nesse contexto de forte necessidade em se manter conectado, a **questão-problema** é colocada: *quais tensões atravessam as relações conectadas e a produção de sentidos da geração 60+, durante a pandemia?* Pergunta que auxilia a delinear a argumentação inicial desta pesquisa.

A geração (BOLIN, 2020) da qual se fala viu o crescimento disruptivo dessas tecnologias de comunicação, seus respectivos filhos podem estar mais “habituaados” à lógica da velocidade e seus netos nasceram “dentro” deste “mundo”, conectados. É esta mesma geração que vê os netos absorvidos com estas extensões humanas (MCLUHAN, 1969) – como celulares, fones sem fio, computadores, consoles de videogames – e, por vezes, acha negativo, prejudicial de alguma maneira (SIMÕES, 2019; ALMÊDA, 2016; FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, 2019). Os mesmos netos, netas, filhos e filhas são buscados para auxiliar em alguma função nova que o celular acusa, ou mesmo em compras via internet porque “...ah, meu neto sabe tudo dessas coisas, não é?” (SIMÕES, 2019). Este trabalho se delinea num caminho de ampliação de olhares de pesquisa que envolvem e relacionam diretamente os idosos e as tecnologias do cotidiano.

O telefone celular está presente na casa de 93% dos brasileiros; a penetrabilidade do dispositivo chega a 94% em zona urbana e 85% em zona rural, no país. De maneira geral, fica atrás somente da televisão, com média de penetrabilidade em 95% (CETIC.BR, 2019). Em estudo anterior, foi percebido a presença e uso do aparelho em 100% dos grupos de pessoas mais velhas participantes da pesquisa (SIMÕES, 2019). A presente incursão científica pretende olhar de maneira ampliada para esta relação. Como forma de compreender as lateralidades, os entornos e contornos, para além dos usos que fazem. Quer-se investigar as experiências desta

geração, suas relações tecnológicas, os ditos e não ditos pelos sujeitos, os sentidos que fazem/produzem e o que isso pode dizer sobre uma realidade social que reverbera, de diversas maneiras.

## Hipóteses da pesquisa

Como hipóteses são apresentadas as seguintes linhas de argumentação em crítica, retomadas na altura da discussão:

- (1) A pessoa idosa, em situações específicas – como em contato com ambientes de educação permanente/continuada, de trabalho ou de convivência coletiva – demonstra maiores interesses de apropriação e usos dos meios digitais em relação a situação contrária.
- (2) Esses usos e apropriações são resultados de um processo anterior, de contexto de formação sociocultural e de condições econômicas junto ao processo de envelhecimento e obsolescência social.
- (3) Durante a pandemia do novo coronavírus e da doença Covid-19, os processos de midiaticização do cotidiano transbordam e vão de opcionais, em alguma medida, para necessários à manutenção do distanciamento físico, também, na vida da pessoa com 60 anos ou mais.
- (4) Por fim, acredita-se que no atual contexto os processos relacionados aos constrangimentos e vulnerabilidades, no sentido de obrigatoriedade social quanto aos usos de meios e serviços digitais conectados, são exacerbados trazendo à tona os quadros ampliados da desigualdade de acessos e literacia digital. Quadro que coloca as relações midiaticizadas da pessoa idosa que apresenta esses atravessamentos num campo de prejuízo à autonomia.

## Objetivos da pesquisa

Assim, e considerando a geração 60+ brasileira, como **objetivo geral** quer-se *compreender as relações digitais e os sentidos produzidos pela geração 60+ a partir dos usos e apropriações de dispositivos tecnológicos do cotidiano, durante a pandemia de Covid-19.* Como **objetivos específicos** pretende-se 1) conhecer os usos e apropriações dessas tecnologias

pelos idosos investigados e compreender suas experiências; 2) mapear e compreender os sentidos que eles produzem sobre a presença dos aparelhos em suas vidas durante a pandemia; 3) identificar as tensões que atravessam essa relação cotidiana mediada por dispositivos tecnológicos e 4) analisar o quadro social e de tensões que essas relações tecem e fazem ver.

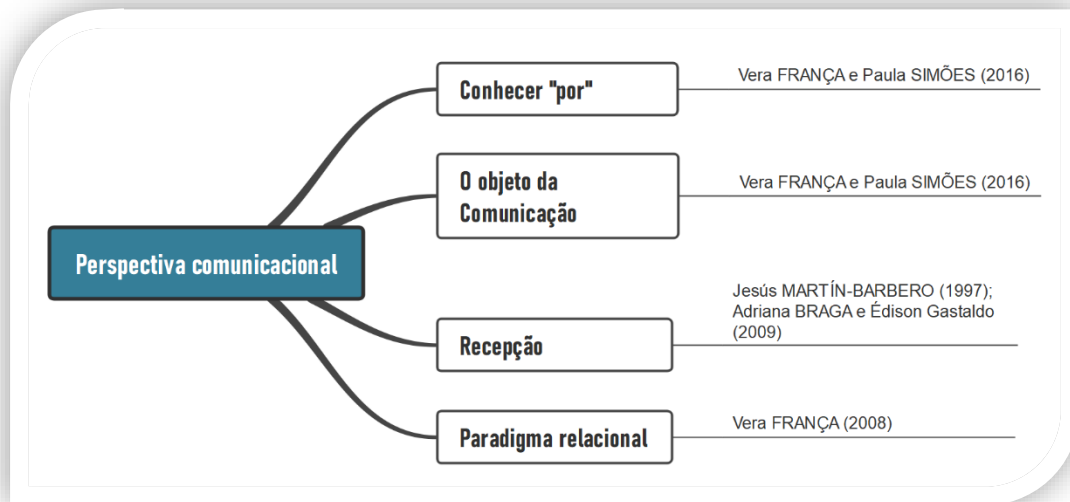
## **Frente teórica: perspectiva comunicacional e de análise da empiria**

Aqui, pretende-se afastar da visada utilitarista da comunicação, o “conhecer para”. São as autoras Vera França e Paula Simões (2016) quem indicam que devemos ultrapassá-la e “conhecer por”, num ato em si de exercitar uma postura frente ao mundo. Também a presente argumentação se aproxima da reflexão das autoras quando afirmam que o objeto da comunicação é identificar e conhecer os processos comunicativos em si. A partir disso, coloca-se uma lente para focar em ações/recortes da vida em busca de dimensões comunicacionais.

O objetivo da análise comunicativa é justamente captar o desenho dessas relações, o posicionamento dos sujeitos interlocutores; a criação das formas simbólicas; a *dinâmica de produção de sentidos*. O que, sem dúvida, é contribuição ímpar para o conhecimento de nossa realidade contemporânea. (FRANÇA e SIMÕES, 2016, p. 28, grifos nossos)

Assim, e na incursão científica aqui apresentada, tem-se como objeto de conhecimento os processos comunicacionais e suas dimensões buscadas/levantadas/observadas na vida da geração 60+, como o colocado nesta introdução, representando o recorte de mundo para onde e de onde se quer olhar. A seguir, um mapa conceitual para indicar esses conceitos-matriz (Figura 1).

**Figura 1.** Mapa conceitual I: perspectiva comunicacional



Fonte: Elaboração própria com levantamentos para a pesquisa dentro da aplicação Wondershare EdrawMind<sup>1</sup>, 2021.

Isto posto, a pesquisa se localiza e parte da visada da recepção (Figura 1), e inscreve-se num campo qualitativo de análise, também na tentativa de um movimento crítico ao longo da argumentação proposta.

Para isso, considera-se o processo comunicativo interativo, a ação dos indivíduos em sociedade, como parte/fase do ato social mais complexo. É George-Herbert Mead quem propõe uma espécie de análise situacional ressaltando a necessidade de não esquecer que é sempre sustentada por relações sociais (FRANÇA, 2008, p. 83). Pensando nas contribuições que nos chegam a partir do interacionismo simbólico, movimento analítico da primeira metade do século XX e resgatado mais tardiamente pela Comunicação (FRANÇA e SIMÕES, 2016), esta pesquisa busca na relação entre idosos e as tecnologias do cotidiano os sentidos produzidos durante o processo, como já detalhado. Assim,

...o estudo da comunicação compreende então o estudo de um ato que se realiza (dimensão prática) e da relação que aí toma forma (dimensão relacional) através de gestos significantes. Uma análise comunicacional vai recortar as *intervenções concretas dos indivíduos, isto é, os gestos, as atitudes, assim como as significações que as animam* (dimensão simbólica, presença do sentido), buscando captar o movimento reflexivo que orienta a configuração do processo. (FRANÇA, 2008, p. 86-87, grifos nossos)

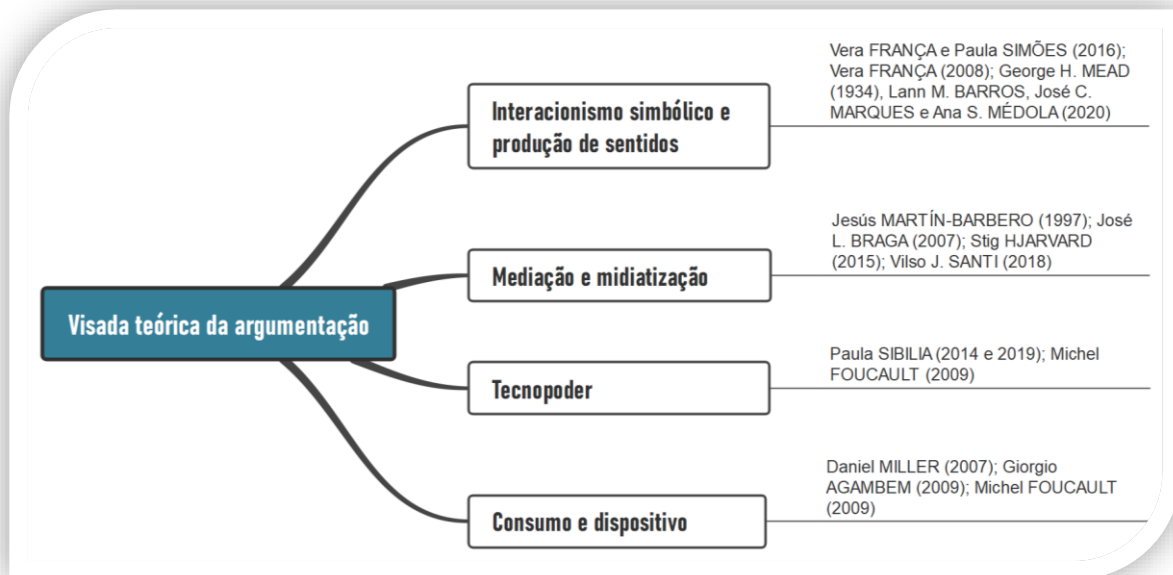
<sup>1</sup> Fonte: <https://www.mindmaster.io/download-desktop.html>.

Nesta direção, França (2008, p. 85) também concorda que “não é possível analisar o receptor separado dos estímulos que lhe foram endereçados e que o constituíram como sujeito daquela relação”. Nessa direção, Junior Santi (2017) e outros também colocam a importância da visada praxiológica como dimensão cara à pesquisa em comunicação, que arrisque abarcar o fenômeno em suas instâncias meta-comunicacionais. O autor ajuda ainda a entrever os conceitos de mediações e midiatização numa investigação que se proponha ampliada, inspirando um caminhar conceitual que considera os princípios da historicização e da culturologia, por exemplo, como essenciais na pesquisa em comunicação.

É necessária, então, a revisão dos conceitos/constructos teóricos de mediações e da midiatização, em José Luiz Braga (2006, 2007, 2011), Stig Hjavard (2015), Junior Santi (2017, 2018) e outros, dando forma à reflexão sobre a historicização dos próprios conceitos, suas aproximações e afastamentos, à luz das transformações nas práticas sociais. Práticas sociais, elas mesmas, imbricadas pela tecnologia, a caminho de uma centralidade. Ao visualizar essas pontes nas discussões propostas, e numa reflexão sobre o capitalismo atual, da mesma maneira é fundamental refletir sobre como o movimento mercadológico e tecnológico vem moldando as vidas, pensando a proliferação e a circulação de produtos enquanto dispositivos de poder. Para isso, recorreu-se ao auxílio de Michel Foucault (2009), Giorgio Agambem (2009) e Paula Sibilia (2014, 2019). Num contexto de reflexão sobre os objetos que criamos e que também nos fazem, trazendo já a dimensão de reflexão culturológica à pesquisa proposta, a teorização sobre cultura material em Daniel Miller (2007, 2015), também, se fez necessária.

Os aparatos tecnológicos de comunicação são, eles mesmos, agentes modificadores das variadas esferas cotidianas, em um processo interacional contínuo. Ao falar/discutir sobre eles é inevitável e de todo fundamental buscar e contextualizar o fenômeno na ordem das ocorrências cotidianas. Com isso e assim, o trabalho empírico se justifica a partir das frentes teóricas apontadas até aqui, o que pode ser visto no mapa conceitual II a seguir (Figura 2).

**Figura 2.** Mapa conceitual II: visada teórica da argumentação



Fonte: Elaboração própria com levantamentos para a pesquisa dentro da aplicação Wondershare EdrawMind (nota de rodapé anterior), 2021.

Em resumo e adiante, as lentes teóricas de partida são de Vera França e Paula Simões (2016), como também de Vera França em reflexão solo (2018), de Jesús Martín-Barbero (1997), de Adriana Braga e Édison Gastaldo (2009); junto às contribuições de Stig Hjarvard (2015), de Vilso Junior Santi (2018), de José Luiz Braga (2007), de Göran Bolin (2020), além de Daniel Miller (2007), Paula Sibilía (2014 e 2019), Michel Foucault (2009) e Giorgio Agamben (2009), com outros e outras que contribuíram com a discussão. Assim, a proposta de discussão teórica se delineou.

Dito isto, vale colocar que a fundamentação teórica desta pesquisa é base e, também, ponto de partida em direção aos tensionamentos junto à observação e relação com a empiria. Em um caminho de afetação mútua, teorias podem ser ponto de partida, horizonte e não “caixas”, enquanto o objeto deve ser visto para além de categorizações apriorísticas (BRAGA, 2011). É uma tentativa de não olhar para o mundo a partir de premissas fechadas deixando de fora os transbordamentos que o mundo empírico pode manifestar e fazer ver.

Braga (2011) diz que esse trabalho de tensionamento “não deve ser usado com o sentido de recusar, achar defeitos, fazer restrições – mas sim de trabalhar os componentes da articulação de modo a fazê-los relacionados em convergência” (p. 17). E continua, tanto em âmbito “de horizonte” quanto em âmbito teórico, em si, não é indicado que a teoria seja estacionada no nível de fundamentação.

Mais do que “aplicar” teorias e conceitos para apreender, categorizar ou “explicar” completamente um objeto ou situação empírica, trata-se de *problematizar* o objeto em estudo a partir dos fundamentos adotados. [...] Paralelamente, o objeto pode sempre desprender questões, desafiar a teoria nos âmbitos do concreto. (BRAGA, 2011, p. 18)

Após a discussão que propôs, Braga (2011, p. 19) encontrou quatro níveis de uso possível das teorias em uma pesquisa. Por conta da argumentação proposta aqui, nesta introdução, uma pequena inversão foi necessária. Ficando como segue. (1) Teoria como visão de base (“fundamento”), da ordem dos conhecimentos e suas possibilidades, aqui a teoria precede o objeto. (2) Teoria como conhecimento estabelecido: informações teóricas disponíveis são organizadas com pertinência e dão suporte à pesquisa. (3) A teoria produzida pela pesquisa, ou seja, “os resultados do problema abordado na pesquisa – direcionam o olhar para novos conhecimentos e reflexões a respeito da realidade considerada” (p. 20). Em complemento, Braga (2011, p. 20) diz que o acionamento em si “é a própria produção de teoria ou de articulação de hipóteses finais no corpo de teorias que ofereceram apoio para o desenvolvimento da pesquisa”.

Ao destacar um dos quatro níveis encontrados por Braga (2011), por meio da discussão que nos coloca, se constrói uma ponte com o próximo tópico deste início de trabalho de pesquisa, pois (4) as teorias também se apresentam como acionamento metodológico. De quais maneiras? Inicialmente, como reflexões que vão ajudar a construir o problema de pesquisa e, posteriormente, como um “conjunto de conceitos que dá apoio ao trabalho de observar sistematicamente um objeto, de direcionar as perspectivas para interrogá-lo” (BRAGA, 2011, p. 19).

## **Caminhos metodológicos e relatório de execução**

Sobre os caminhos metodológicos e a execução do plano de pesquisa empírico, é possível perceber que as teorias e reflexões acionadas, desde o início desta argumentação, já trazem apontamentos caros à presente pesquisa. A exemplo da própria localização num campo qualitativo e praxiológico, de visão ampliada e meta-comunicacional, atentando para os contextos socioculturais de ocorrência do fenômeno. Assim, a caminho da visualização da empiria trabalhada e do plano de coleta executado, vale começar pela sistematização do recorte (Tabela 1).

**Tabela 1.** Sobre a empiria e a coleta

<b>UNIVERSO DA PESQUISA</b>	Pessoas com 60 anos ou mais.
<b>UNIDADES DA PESQUISA</b>	Frequentedores de atividades de convivência/coletivas de interesse de pessoas mais velhas, com foco nas vivências digitais (cursos sobre “inclusão digital”, de maneira geral).
<b>LOCUS DA PESQUISA</b>	Universidade da Terceira Idade (UNITERCI), por meio de atividades on-line, no primeiro semestre de 2021.
<b>SOBRE A COLETA</b>	Fontes secundárias: Levantamento de dados sobre conectividade geral e focado em faixas de idade. Fontes primárias: Mapeamento de comportamento on-line/digital por meio de formulário. Grupos focais on-line.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Como colocado até este ponto, a pesquisa tem por foco compreender as experiências digitais e conectadas da pessoa com 60 anos ou mais, durante o período pandêmico “mais intenso” (2020/2021), tendo em vista que as apropriações e usos ocorrem em instâncias diversas por conta de uma aproximação ondulante e multifacetada no âmbito das relações – que pode envolver tanto questões físicas quanto podem ser influenciadas por marcadores sociais da diferença.

A partir disso, a procura por interlocutores da pesquisa se deu em instituições/organizações de convivência que já tivessem o foco em ações de inclusão social e/ou digital, como forma de já identificar pessoas interessadas no assunto/tema. Assim, a Universidade da Terceira Idade<sup>2</sup> (a UNITERCI, da UFPA, em Belém do Pará) foi selecionada por conta de abertura anterior (durante o mestrado) e por se mostrar *locus* rico por promover atividades de atualização cultural e social para, no mínimo, 60 pessoas com 50 anos ou mais, anualmente.

A coleta foi pensada em duas frentes: (1) a partir de dados secundários – que dão corpo à problematização da pesquisa e à discussão inicial possibilitada a partir de dados secundários – e (2) a partir de dados primários: por meio de mapeamento do comportamento digital/on-line da pessoa idosa utilizando o formulário digital e a entrevista em grupos, tendo o questionário semiestruturado e os grupos focais on-line como técnicas, respectivamente. As reflexões sobre

<sup>2</sup> Faz parte do Programa de Extensão Universidade da Pessoa Idosa, em atividade desde 1991 na UFPA, com o objetivo de trabalhar nas frentes do envelhecimento ativo e com saúde. Fonte: [Site institucional da UFPA](#).



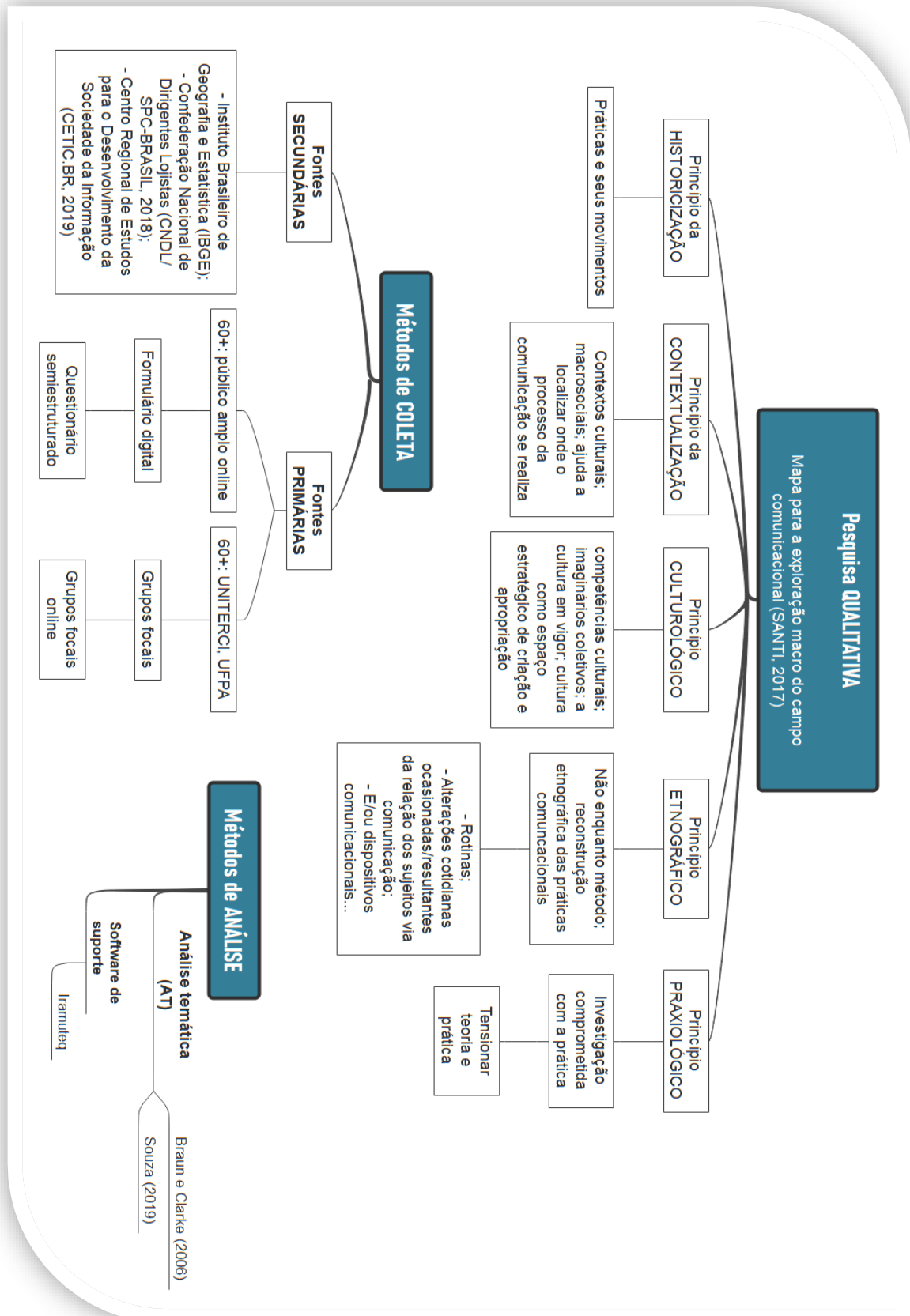
os desafios, detalhamento e articulação de cada uma das técnicas estão expostas no capítulo 3, desta tese.

Adiante, um desenho breve da coleta que auxiliou na elaboração dos dados primários pode ser visto. Vale ressaltar que esta investigação se viu atravessada por uma crise de saúde mundial, o que veio afetar diretamente na coleta de dados e na adequação dos objetivos do trabalho, iniciado ainda em 2019. Ainda assim, após atualizações/modificações, o plano de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa e aprovado por meio do parecer consubstanciado do respectivo CEP da Universidade Federal do Pará (UFPA) sob o número 5.033.037 de 2021.

Nessa esteira, a perspectiva de mapeamento do comportamento digital/on-line da geração 60+ via formulário foi pensada como forma de levantar mais amplamente, no que se refere à amostragem, informações sobre adoção e usos das tecnologias digitais. O que era uma técnica de suporte, já utilizada em 2019, se tomou centralidade por conta do contexto pandêmico. O formulário digital foi ampliado, abrangendo os usos e apropriações da tecnologia impostas pela pandemia do novo coronavírus (Apêndice E), e distribuído utilizando técnica não probabilística “bola de neve”, em que pessoas selecionadas repassam a atividade ou ação às pessoas das próprias redes em movimento continuado. Contudo, ainda se mostrou como técnica-suporte quanto ao aprofundamento da compreensão das experiências, lugar-espço que se quer alcançar.

Assim, considerou-se a dinâmica de grupos focais como forma de trazer a profundidade pretendida, a partir da problemática pensada. Num contexto de distanciamento social e ainda de muitas questões em aberto/andamento sobre a vacinação da população brasileira (2020/2021), essa dinâmica-técnica de coleta foi realocada também para o ambiente conectado. Os desafios foram outros e estão detalhados no terceiro capítulo deste trabalho. Dessa maneira, segue um mapa dos caminhos metodológicos como forma de visualizar a construção da argumentação nesta direção (Figura 3).

**Figura 3.** Mapa dos caminhos metodológicos



Fonte: Elaboração própria com levantamentos para a pesquisa dentro da aplicação Wondershare EdrawMind (mesma indicação da primeira nota de rodapé), 2021.

Já na sistematização, organização e análise do material levantado, a Análise Temática (AT) (BRAUN e CLARKE, 2006; SOUZA, 2019) foi ponte na direção dos sentidos produzidos pelos participantes da pesquisa. No fechamento deste trabalho, houve 3 (três) circulações do questionário semiestruturado, pela internet, e a realização de 4 (quatro) grupos focais (GFs). A tabela a seguir traz a quantidade de participantes em cada dinâmica (Tabela 2), a transcrição dos GFs foi feita posteriormente e está fora do escopo deste documento. Assim, segue uma síntese da execução da investigação junto à empiria.

**Tabela 2.** Informações gerais sobre a coleta de dados primários

<b>FORMULÁRIO DIGITAL</b>	<b>Circulações</b>	<b>Período</b>	<b>Participantes (Qtd)</b>
	Circulação 1	Novembro de 2019	25
	Circulação 2	Agosto/Setembro de 2020	16
	Circulação 3	Abril de 2021	11
	Total de respondentes do formulário		52
<b>GRUPOS FOCAIS ON-LINE</b>	<b>Grupo focal</b>	<b>Data de realização</b>	<b>Participantes (Qtd)</b>
	Grupo 1 UNITERCI	19/04/2021	9
	Grupo 2 UNITERCI	26/04/2021	5
	Grupo 3 UNITERCI	03/05/2021	10
	Grupo 4 UNITERCI	13/05/2021	14
	Total de participantes dos GFs		38
	Total de participantes da pesquisa (formulário + GFs – repetições de participações nos GFs)		80

Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa, 2021.

A realização desta fase da pesquisa, junto aos desafios e a exposição dos dados obtidos, segue detalhada no capítulo 3 deste trabalho. Adiante, o desenho da estrutura da tese.

## **Estrutura da tese**

Após esta introdução, o trabalho traz 7 (sete) partes, são elas: 2 (dois) capítulos teóricos que ajudam a aproximar e localizar o fenômeno no campo da pesquisa em Comunicação (Capítulo 1), assim como colocam uma discussão sobre geração e tecnopoder (Capítulo 2); o capítulo seguinte mostra um delineamento mais detalhado da trajetória metodológica da pesquisa e suas categorias de análise (Capítulo 3), assim como a análise descritiva dos resultados a caminho da categorização, explorados por meio do Iramuteq no horizonte da AT.

Em seguida, a discussão proposta se apresenta em 3 (três) partes/dimensões, organizada a cumprir os objetivos iniciais e a trabalhar as hipóteses da pesquisa (Capítulo 4). Por fim, as considerações finais (Item 5), um paralelo com as atividades desenvolvidas durante o doutoramento (Item 6), a lista de referências bibliográficas (Item 7) e um conjunto de apêndices segue.

Assim, o próximo tópico deste trabalho dá início à argumentação da tese.

## **1. PRIMEIRO CAPÍTULO: PERSPECTIVA COMUNICACIONAL**

Quando se pensa em um desenho teórico de onde se quer partir, este trabalho utiliza lentes (Item 1.1) que localizam o estudo no campo da recepção, (Item 1.2) que trazem o interacionismo simbólico como essencial para pensar as produções de sentidos e (Item 1.3) que refletem sobre as aproximações entre os conceitos de mediações e mediação, na tentativa de compreender como contribuem para a análise do comunicativo, que ajudam numa historicização das tecnologias e seu papel junto às vivências geracionais e que fazem ver tecnologia e poder num movimento de instrumentalização das vidas e otimização dos corpos.

### **1.1. A partir de onde se olha: recepção e o paradigma relacional**

Como colocado, pretende-se lançar olhares sobre o fenômeno que se quer investigar a partir da perspectiva da recepção. Assim, duas perguntas podem direcionar o caminho: (1) o que são as pesquisas de recepção e mesmo (2) qual relação têm, elas, com o paradigma conhecido como relacional?

Vale começar lembrando das pesquisas com foco nos meios de comunicação, nas mídias em si, enquanto instância “emissora”. Aqui, em geral, estamos falando das relações tecidas por grupos midiáticos, por meio do impresso, da rádio e da televisão, junto à noção dicotômica emissão/recepção. Relações estas verticalizadas por natureza; ou também por limitações tecnológicas? É possível. Adiante, já na segunda metade do século XX foi possível acompanhar o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e a chegada, ainda em andamento, aos cotidianos mais ordinários. Essas tecnologias podem ser representadas por aparelhos celulares, tablets e toda uma sorte de computadores que mediam serviços digitalizados e conectados, moldados e constantemente reajustados por conglomerados midiáticos cada vez mais complexos em amplitude de linguagens digitais. Gradualmente, o movimento de pesquisa na/da comunicação vai passando da visada dos efeitos para o entendimento mais complexificado do fenômeno da comunicação nas vidas. Estudos de recepção que indicam a partir de onde se olha, levando em consideração o entorno que constitui um social. É o direcionamento geral e guia desta pesquisa.

Neste caminho, vale destacar os estudos de comunicação na América Latina. Aqui, vê-se um movimento de apropriação de teorias externas demarcando uma distinção por conta de especificidades históricas, é o que dizem França e Simões (2016). De maneira inicial, segundo

as autoras, as pesquisas em comunicação tomam corpo no campo jornalístico, em trabalhos esparsos advindos da história e da legislação. França e Simões (2016) identificam, grosso modo, 3 (três) fases dentro dos estudos de comunicação latino-americanos: (1) sob influência norte-americana, (2) fase crítica, de denúncias e proposições (por volta de 1970), e (3) de viés culturalista (por volta de 1980).

Num breve resgate, a primeira fase vai dar conta da realidade pós-Segunda Guerra Mundial, quando parcerias com o governo norte-americano vão pensar em “transferência de cultura” para países considerados “atrasados” com a criação, um marco, do Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para América Latina (CIESPAL), em Quito, no Equador, em 1959. De base teórica centrada nos estudos de comunicação de massa, a organização ofereceu cursos de formação para pesquisadores e promoveu a vinda de professores estadunidenses (FRANÇA e SIMÕES, 2016).

As autoras identificam a segunda fase destes estudos como a que segue e reage ao contexto colocado. A espécie de “comunicação para o desenvolvimento” foi criticada em evento realizado na Costa Rica, em 1973. O trabalho do CIESPAL foi amplamente criticado em seu viés imperialista por pesquisadores latino-americanos quando adotaram, ali, uma postura política “comprometida com o desenvolvimento de caminhos teóricos e metodológicos voltados para as necessidades dos países de Terceiro Mundo” (FRANÇA e SIMÕES, 2016, p. 167). Adiante, inauguraram um trabalho crítico sobre a presença e influência norte-americana (teoria funcionalista, modelo transmissivo) e de estímulo de novas práticas comunicacionais mais horizontalizadas. França e Simões (2016) lembram de alguns nomes de destaque, neste cenário, como Armand Matterlart, Ariel Dorfman, no Chile; Antonio Pasquali, na Venezuela; Luis Ramiro Beltrán, na Colômbia; Eliseo Verón, Héctor Schumueler, na Argentina; Paulo Freire, no Brasil.

À esta altura, todas essas contribuições culminam na formulação de um modelo dialógico da comunicação, tal como resume Beltrán, citado por França e Simões (2016), a partir do qual se faz oposição ao modelo transmissivo (emissor → receptor) e se propõe um modelo dialógico (emissor é receptor, receptor é emissor). Modelo este que vai trazer mais elementos ao fenômeno da comunicação, como forma de tentar abarcar a complexidade a qual se busca. Assim, vai se falar em **acesso** (direito de receber mensagens), em **diálogo** (direito de receber e emitir mensagens), vai se falar também em **participação** (direito de emitir mensagens), em **direito à comunicação** (direito natural dos seres humanos de emitir e receber mensagens), em **necessidade de comunicação** (exigência natural individual e requisito de existência social), fala-se em **recurso da comunicação** (elementos de energia/matéria usados para intercâmbio

de signos e significados entre sujeitos), assim como fala-se em **liberdade** e **igualitarismo** (BELTRÁN, 1981, p. 32 *apud* FRANÇA e SIMÕES, 2016, p. 176).

E ainda, a terceira fase dos estudos latino-americanos corresponderiam, para as autoras, aos esforços de pesquisa que vão pensar a cultura conhecida como popular e as mediações. O marco é a publicação do livro “Dos Meios às Mediações”, em 1987, por Jesús Martín-Barbero. Aqui, o autor estabelece um diálogo ampliado entre cultura midiática e novas tecnologias, numa busca por apreender as dinâmicas que envolvem/conformam tal cultura, a midiática, a partir do local da cultura, das mediações (FRANÇA e SIMÕES, 2016).

França e Simões (2016) dizem que “nesse primeiro trabalho, o autor [Martín-Barbero] apresenta três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural” (FRANÇA e SIMÕES, 2016, p. 180). Partindo de estudos sobre a televisão e as dinâmicas dentro dos lares, Jesús Martín-Barbero identificou a **família** como uma espécie de espaço de leitura e codificação de mundo. Já a **temporalidade social** seria este espaço de cruzamento entre tempos: o que seria o tempo “produtivo” (e até mensurado) e o da cotidianidade (o que é repetitivo e também fragmentado). E **competência cultural** está ligada à capacidade das audiências em se identificar com os conteúdos e também de se apropriar e resignificar discursos (FRANÇA e SIMÕES, 2016, p. 182). As autoras trazem ainda as contribuições de Guillermo Orozco Gómez quando identificou e apresentou outros tipos de mediações: **individual** (cognitiva), **situacional** (contexto da interação), **institucional**, **referência** e **cultural** (IDEM).

De volta à Martín-Barbero, as autoras dizem que o “mapa” das mediações passou por constantes discussões, também a partir do próprio autor quando, no futuro, propôs outros mapas analíticos deslocando o estudo das mediações culturais da comunicação para as ‘mediações comunicativas da cultura’, voltando-se, assim, para o fenômeno da comunicação em si. Os trabalhos posteriores de Martín-Barbero tematizam ainda a **sociabilidade** (diferentes interações estabelecidas pelos sujeitos em seus cotidianos), **ritualidade** (modos como os sujeitos se utilizam dos meios, perpassados por percursos de leitura próprios) e **tecnicidade** (novas linguagens midiáticas e as práticas instauradas por elas) (FRANÇA e SIMÕES, 2016, p. 184). Contribuíram ainda, neste cenário, Néstor García Canclini (cultura híbrida), Renato Ortiz (crítica literária e da cultura – Brasil), Beatriz Sarlo (Argentina) (IDEM, p. 185).

É justamente nessa dinâmica que cruza o culto, o massivo e o popular na construção de uma cultura que a identidade de uma nação se constitui. Ou seja, nessa perspectiva, a identidade latino-americana também deve ser vista a partir da hibridização, ela não se circunscreve ao território, mas se efetiva a

partir de uma soma de influências que o ultrapassam – provenientes das heranças europeia, africana, indígena. (FRANÇA e SIMÕES, 2016, p. 184)

Com isso, acredita-se ser possível responder à primeira questão-guia deste tópico: o que são as pesquisas de recepção? São elas um conjunto de esforços híbridos, que consideram historicidade, tecnicidade, variados tipos de apropriações comunicativas da cultura midiática e mesmo elaboram reflexões a partir das influências teóricas de maneira que ajudam a ampliar e complexificar olhares sobre o fenômeno da comunicação. Isto posto, a presente pesquisa tem como objeto de conhecimento os processos comunicacionais e suas dimensões buscadas/levantadas/observadas na vida da pessoa idosa, como já colocado, representando o recorte de mundo para onde e de onde se olha.

Em reforço, Martín-Barbero diz que para que seja possível abordar a pluralidade das lógicas dos usos, deve-se situar a problemática do estudo da recepção no campo da cultura, “dos *conflictos* articulados pela cultura, das *mestiçagens* que a tecem e dos *anacronismos* que a sustentam, e por fim do modo com que a hegemonia trabalha e as resistências que ela mobiliza, do resgate, portanto dos modos de apropriação e réplica das classes subalternas” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 300).

Se propôs, deste modo, pensar o espaço ou âmbito da recepção – enquanto campo de disputas e resistências – a partir da comunicação e duas categorias colocadas a partir dos trabalhos de Martín-Barbero: a **ritualidade** e a **tecnicidade**. De maneira geral, a pesquisa se localiza numa visada da recepção e inscreve-se num campo qualitativo de análise, também, em direção a uma argumentação crítica ao longo da escrita da tese.

Agora, vale seguir para a segunda pergunta-guia deste tópico: qual relação as pesquisas de recepção têm com o paradigma relacional? Esta argumentação segue com a complexificação do olhar sobre o fenômeno comunicacional em mente, a partir de abordagens voltadas mais às subjetividades do que aos números e generalizações de mercado. É caro ressaltar que dentre as correntes teóricas da comunicação, os estudos culturais ingleses também influenciaram fortemente o desenvolvimento da ênfase na recepção. De modo geral, os estudos culturais, vinculados à Escola de Birmingham, se iniciaram na década de 1960 e seguiram em duas frentes: (1) no campo de análise do papel dos meios e (2) no campo de análise das audiências, pensando a recepção em seus contextos e relações (FRANÇA, 2001, p. 10).

Adiante, Vera França (2001) nos traz reflexões importantes sobre a construção em si do campo de estudos e teorias da comunicação, que demarcam o pensamento matricial ao qual devemos atentar quando se fala em paradigmas. A autora coloca que paradigma se refere a uma



estrutura que é anterior às simples indicações de referências teóricas utilizadas, é algo matricial (FRANÇA, 2001, p. 13).

...é o esquema organizador das teorias. O paradigma direciona a apreensão e o tratamento das teorias; ele é definidor das perguntas a serem respondidas. O paradigma conduz o processo de conhecimento, ordenando a iluminação trazida pelas teorias. [...] Assim, quando falamos de paradigma da comunicação, não estamos nos referindo propriamente às teorias acionadas, mas ao esquema cognitivo que nos conduz e nos instrui a ver uma coisa e não outra. (FRANÇA, 2001, p. 13)

França (2001) lembra que Mauro Wolf chamou atenção para a questão quando identificou uma espécie de paradigma informacional. A autora (FRANÇA, 2001, p. 14) elabora que este paradigma, o informacional, “entende a comunicação como um processo de transmissão de mensagens de um emissor para um receptor, provocando determinados efeitos”. Lógica central que vai guiar uma gama de estudos no campo dos efeitos, por exemplo, como é visto nos estudos funcionalistas norte-americanos. França (2001) lembra ainda que Wolf identificou e acrescentou outros dois modelos a este primeiro (o paradigmático informacional), são eles: o semiótico-informacional (as mensagens são também unidades de sentido; contribuição das ciências da linguagem) e o semiótico-textual (intertextualidade; semiótica da cultura). França (2001) também coloca o modelo dialógico “que distingue a comunicação (em contraposição à relação informativa) a partir da bilateralidade do processo, da igualdade de condições e funções estabelecidas entre os interlocutores” (p. 15).

Neste mesmo texto, a autora nos coloca uma reflexão também cara aos estudos da Comunicação. Ela diz que não são muito mais do que estes os paradigmas disponíveis e em uso; limitando e fragilizando, assim, as perguntas feitas ao mundo e também apresentando abordagem mais instrumental (FRANÇA, 2001, p. 15). Isto posto, a autora advoga por um olhar da comunicação que alcance a interposição de 3 (três) dinâmicas básicas: “o quadro relacional (relação dos interlocutores); a produção de sentidos (as práticas discursivas); a situação sócio-cultural (o contexto)” (FRANÇA, 2001, p. 16). Assim, deve-se tratar do processo comunicativo como algo vivo, dinâmico e instituidor: “instituidor de sentidos e de relações; lugar não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente; espaço de realização e renovação da cultura” (IDEM). Este campo de reflexão comunicacional se faz lanterna e vem iluminar os caminhos desta argumentação.

\*\*\*

Ao chegar até aqui, pode-se ter uma noção da localização teórica do presente trabalho acadêmico. Tem-se uma pesquisa que tenta fugir do funcionalismo – ainda forte influenciador das mais variadas “leituras” de mercado e de mundo ainda hoje –, que tenta caminhar em direção à complexidade do fenômeno da comunicação a partir das relações de mundo que o constitui, que o faz e mesmo o molda. Expressões-chave apareceram ao longo desta exploração na perspectiva da recepção como cultura, dialogia e seus elementos relacionados – acesso, diálogo, participação, direito à e necessidade de comunicação, recurso de comunicação, liberdade, igualitarismo –, mediações sociais – família, temporalidade social, competência cultural –, mediações comunicativas da cultura – sociabilidade, ritualidade, tecnicidade –, além de situação, contexto, relação.

Esse exercício teórico adianta, faz ver e justifica, igualmente, os caminhos metodológicos tomados nesta pesquisa quando se fala adiante (Item 3.1), a partir de Santi (2017), da importância dos vieses histórico, contextual, culturológico e de princípio etnográfico como macro direções caras às pesquisas em comunicação.

A seguir, um movimento necessário: um recorte de mundo precisa ser feito. Como olhar para a empiria? Propôs-se olhar este recorte situacional em seu viés relacional: sujeitos no mundo e o que pensam sobre ele. Não livremente, é central saber mais sobre as relações que tecem com as tecnologias de comunicação mais atuais, fala-se aqui em telefones celulares, notebooks ou mesmo tablets. Muitas vezes, por exemplo, o celular é a “primeira tela” e mesmo mediador das vivências e experiências em sociedade, na atualidade. O que se verifica por meio das experiências dos sujeitos interlocutores da pesquisa. Neste contexto, vale a retomada do legado deixado às pesquisas de recepção pela Escola de Chicago e os caminhos de contribuição no contexto da presente incursão.

## **1.2. Interacionismo simbólico e produção de sentidos**

*O estudo da comunicação compreende então o estudo de um ato que se realiza (dimensão prática) e da relação que aí toma forma (dimensão relacional) através de gestos significantes. Uma análise comunicacional vai recortar as intervenções concretas dos indivíduos implicados, isto é, os gestos, as atitudes, assim como as significações que as animam (dimensão simbólica, presença do sentido), buscando captar o*

*movimento reflexivo que orienta a configuração do processo.* (FRANÇA, 2008, p. 86 e 87).

A Universidade de Chicago foi fundada em 1890, mesmo ano do nascimento do Departamento de Sociologia da instituição. Não há um nome fundador atribuído a este nascimento. Contudo, há nomes que se tornaram marcadores desta “Escola” de pensamento como William James, George Herbert Mead, John Dewey, com forte influência dos trabalhos e filosofias de Charles Sanders Pierce e Georg Simmel, para citar alguns exemplos, além de William Thomas, Robert Ezra Park e Herbert Blumer (BRAGA e GASTALDO, 2009, p. 78). À época, a cidade estadunidense experimentava a chegada do rádio (na década de 1920) e da televisão (na década de 1930), a crise de 1929, a Lei Seca e um crescimento populacional acelerado (BRAGA e GASTALDO, 2009, p. 79). Cenário propício para a vertente de estudos que se via desenvolver, de natureza pragmatista e de observação de mundo partindo de recortes situacionais. A questão central que vai direcionar o ponto de partida das pesquisas neste campo é: o que pode ser empiricamente observável? Assim, confirma-se a influência do filósofo alemão Georg Simmel e sua “sociologia formal” quando da tentativa de isolar/separar/verificar elementos estruturantes a partir da vida cotidiana (IDEM).

Braga e Gastaldo (2009) nos colocam a definição de situação em William Thomas e como foi desenvolvida em trabalho posterior de Erving Goffman. A autora e o autor dizem que Goffman

mostra-se bastante concentrado no modo pelo qual o resultado deste mosaico de definições de cada situação compõe o quadro mais amplo da vida em uma sociedade, e o quanto cada sujeito que nela vive depende, para suas atividades cotidianas, de definir adequadamente o que está acontecendo. (BRAGA e GASTALDO, 2009, p. 80)

Fala-se, aqui, de “papéis” definidos em sociedade, modos esperados de agir em situações de interação. Interação pensada como circuito a partir do qual relações são desencadeadas por meio de papéis esperados em situações definidas. A publicação de William Thomas é de 1923 e Braga e Gastaldo (2009, p. 79) dizem que a definição de situação é relativamente simples, para o autor, e que é etapa fundamental para a vida em sociedade pois “qualquer ação em sociedade é precedida por uma definição por parte de cada indivíduo envolvido, a partir da qual será escolhida uma linha de ação a ser seguida, entre as possibilidades disponíveis”. E, partindo de uma lógica pragmaticista, a preocupação não está

no que é real ou na definição de uma natureza das coisas (IDEM) e, sim, está na definição da situação e nas consequências que a seguem.

Ainda segundo os autores, todos podemos definir as próprias situações. Contudo, algumas definições têm mais “influência” do que outras, são legitimadas em detrimento de outras. Concordam que “os meios de comunicação desempenham um papel fundamental na consolidação de pontos de vista dominantes, na legitimação de certas definições e na deslegitimação – ou em geral, silenciamento – de definições concorrentes, processo ideológico sobre o qual tanto já se escreveu” (BRAGA e GASTALDO, 2009, p. 80). Por isso, colocam também a importância em não apenas focar somente na definição de situação proposta pelos meios e seus discursos, valendo, assim, a exploração de outros aspectos como a visada complexa também a partir da recepção, em integração circular.

Com isso em mente, é possível retomar o nome e desenvolver as contribuições de George Herbert Mead (nascido em Massachusetts, em 1863, faleceu na cidade de Chicago, em 1931) e a interação comunicativa. Reconhecidamente um dos fundadores do pragmatismo norte-americano, Mead publicou em vida e postumamente (BRAGA e GASTALDO, 2009, p. 80). Braga e Gastaldo (2009) lembram da leitura da obra escrita por Mead, em 1934, *Mind, Self and Society*, feita pela brasileira Vera França quando tenta sistematizar as contribuições do autor para o campo da comunicação. Texto visitado diretamente. Nele, França (2008) coloca que o aspecto interacional é o que marca o pensamento de George Mead – conhecido como “pai” do Interacionismo Simbólico, perspectiva desenvolvida por Herbert Blumer, considerado uma espécie de herdeiro de Mead (FRANÇA, 2008, p. 72).

Numa crítica à filosofia da consciência e às perspectivas internalistas (ao subjetivismo), Mead se ocupou em investigar a correlação entre a experiência e as condições onde ela se produz. A ideia do “ato completo” incorpora, numa dinâmica reflexiva, a *sociedade*, o *self* e o *espírito* (ou mente) – três categorias analíticas que Mead aciona para ultrapassar a dicotomia entre indivíduo e sociedade, entre consciência de si e consciência coletiva. (FRANÇA, 2008, p. 72)

Assim, para Mead, sociedade está para além de algo construído de forma paralela ao indivíduo. Sociedade seria então um contexto objetivo de ação, “ela existe através da atividade cooperativa de seus membros, dos atos e trocas efetuadas em comum” (FRANÇA, 2008, p. 74). E a vida social em si requer uma personalidade social dos indivíduos, sendo estes dotados de um *self*, unitário e flexível. O *self* sendo esta instância desdobrada em fases distintas: o “eu” e o “mim”. O primeiro, o “eu”, se apresentaria como equipamento instintivo e o “mim” vai

fazer o papel de interiorização das expectativas de papéis sociais externos dirigidos ao indivíduo (FRANÇA, 2008). O *self* é resultado desse embate que só é possível por meio da intervenção do *espírito*, sendo esta a instância de consciência reflexiva que pode atuar na constante autoavaliação do *self*, sendo um tipo de operador lógico nessa construção (FRANÇA, 2008, p. 75).

França (2008) continua a leitura em Mead e nos coloca que o autor não foi um teórico da comunicação. Contudo, a comunicação é o principal eixo explicativo de seu trabalho. Nesta direção, diz ela, as expressões “comunicação”, “processo comunicativo”, “linguagem”, por exemplo, aparecem repetidas vezes na escrita do autor (FRANÇA, 2008). A comunicação estaria, então, nos gestos que realizam o ato social: “os gestos fazem parte do ato social; eles estabelecem o início do ato e constituem um estímulo para os outros organismos que dele participam” (FRANÇA, 2008, p. 75).

Adiante, os gestos podem ser significantes quando contêm uma ideia ou significação (FRANÇA, 2008, p. 76). Por isso, os gestos vão se tornar símbolos quando estão carregados de uma linguagem comum/reconhecível/decifrável pelas partes envolvidas na ação. Assim, “comunicação não compreende apenas um processo de estímulo-resposta através de gestos, mas decorre da natureza desses gestos, ou da potencialidade de certos organismos para produzir gestos dotados de significação (os gestos simbólicos)” (FRANÇA, 2008, p. 76), os sentidos são um conjunto de significados advindos da percepção mútua, assim, construídos de maneira partilhada e em um movimento de mútua afetação: “na comunicação, assim, os dois indivíduos se encontram igualmente implicados, são igualmente convocados, e ambos sofrem modificações” (FRANÇA, 2008, p. 79).

Mead foi bastante crítico das várias formas de determinismo social, e rejeitava enfaticamente a concepção de uma estrutura social determinada e determinante. Indivíduos e objetos interagindo em um esquema mais ou menos rotineiro e inventivo agenciam múltiplas configurações da vida social; a sociedade é estruturada pelas e nas situações e projetos desenvolvidos coletivamente. [...] no entanto, não ignorava os constrangimentos que marcam a vida em sociedade. Sua visão ecológica da sociedade destacava o jogo e busca de equilíbrio entre imposições e contingências. (FRANÇA, 2008, p. 83)

Adiante, França (2008) relembra que o ato social, em Mead, é a situação primeira. A comunicação é médium/mediador/condição de possibilidade do ato social. Assim, “todo ato social é uma interação, ação partilhada” (FRANÇA, 2008, p. 84). Por isso, “uma análise da comunicação é antes de tudo uma análise situacionista: a situação como um todo – o contexto de uma entrevista, o quadro geral de uma campanha política ou publicitária, a história e a

natureza de um programa televisivo – deve ser nosso ponto de partida e nossa referência ao recortar um objeto específico” (FRANÇA, 2008, p. 85).

Por fim, quando pensamos em Interacionismo Simbólico parece estar profundamente conectado à Escola de Chicago, enquanto conjunto de pensamentos – mesmo que, assumidamente, os estudos desenvolvidos neste âmbito também tenham caminhadas dispares e bifurcadas. Vera França (2016) fala na tomada dessa linha de pensamento nas pesquisas de comunicação datando já da segunda metade do século vinte, de maneira tardia, e que os estudos da recepção também são devedores desta perspectiva; mesmo nos colocando ainda desafios de ordem metodológica.

Independentemente de qual frente teórico-metodológica se adote como lente em investigações de sentidos produzidos, de modo geral, a produção de sentido é considerada campo fértil por “indicar as intencionalidades, estratégias e mecanismos de produção de significados” ligados à produtos midiáticos diversos, a exemplo da presente pesquisa. Sendo, também, um tipo de investigação “capaz de identificar as filiações de certas escolhas” em suas origens e condições de possibilidades (PIROLA e HENRIQUES, 2020, p. 19). Assim, uma investigação nessa direção busca identificar/reconstruir as redes de significados no processo/fenômeno observado, podendo ainda “revelar muito sobre o emissor e seus posicionamentos no mundo concreto” (IDEM, p.20).

### **1.3. Mediação e midiatização: aproximações**

Stig Hjarvard (2015) também resgata que estudos de mídia estiveram dedicados aos estudos das mediações, indicando assim o uso da expressão como que ligada ao “uso de um meio para comunicação e interação” (HJARVARD, 2015, p. 53). De maneira geral, diz ele, os estudos das mediações se debruçam “sobre o impacto da mídia em situações comunicativas específicas situadas no tempo e espaço” (HJARVARD, 2015, p. 53). E que, adiante, os estudos no campo da midiatização vão considerar transformações da ordem das estruturas como forma de verificar e discutir o papel midiático ao longo do tempo a partir do viés sociocultural na contemporaneidade (HJARVARD, 2015). Assim, “a mídia influencia não somente o circuito comunicativo de emissor, mensagem e receptor, mas também a relação de troca entre mídia e outras esferas da cultura e da sociedade” (HJARVARD, 2015, p. 53). Hjarvard (2015) considera a diferenciação entre os termos mediação e midiatização um trabalho teórico e analítico importante, mas, ressalta que, os conceitos em si não são completamente distintos

“uma vez que o efeito acumulado das práticas de trocas mediadas pode representar uma instância da midiatização” (p. 53). No mesmo texto, o autor cita ainda um exemplo da midiatização do setor financeiro e as práticas bancárias mediadas pelos meios digitais, transformando estas práticas de realização de serviços bancários “cara a cara” à medida que a infraestrutura digital-tecnológica dessas instituições vai se tornando elemento central (HJARVARD, 2015).

Neste contexto de discussão, valem algumas definições e direcionamentos para pensar Midiatização. Como traz Vilso Junior Santi (SANTI, 2018), o conceito de midiatização já vinha sendo desenvolvido por diversos autores no sentido de reconfiguração da cultura midiática num caminho de racionalidades novas na produção de sentidos, também no sentido de processo complexo e contemporâneo das lógicas que operam nas relações de produção de sentido, assim tanto como no sentido de maiores afetações pelos meios e produtos de mídia como tomando o caráter de “virtualização” das relações humanas (SANTI, 2018, p. 53). Afirma ainda que midiatização, enquanto teoria, pode não se sustentar. Contudo, midiatização pode ser de grande valia enquanto viés explicativo-analítico dos fenômenos sociocomunicativos. Diz ele que, “os subsídios que a armação da Midiatização nos oferece são importantes para repensar, além do processo de comunicação, todo o seu campo de estudos” (SANTI, 2018, p. 59).

Stig Hjarvard (2015) diz que “a mídia não deve ser considerada um fator externo à interação social ou às instituições sociais, mas, ao contrário, tem se tornado parte integrante da estruturação de ambas” (HJARVARD, 2015, p. 54). Assim, numa análise que proponha pensar a midiatização pelo viés dessa estruturação (se assumindo parcial) da realidade social atual, Hjarvard fala que os usuários ou as audiências não interpretam as mídias simplesmente, “os recursos materiais e tecnológicos das mídias (bem como suas características sociais e simbólicas) permitem, limitam e estruturam a comunicação e a interação de várias formas” (HJARVARD, 2015, p. 57). E acredita-se que estes recursos materiais e intelectuais, alguns dos filtros da interpretação de mundo dos sujeitos, são encontrados a partir da empiria que se verifica. Esta tentativa de mapeamento dos usos pode ser uma forma de buscar um entendimento sobre as mudanças cotidianas, na esfera da conversação, e os sentidos produzidos por pessoas idosas em relação com e a partir de processos de comunicação mediados pelas mais recentes tecnologias de comunicação se mostraram ser rico ponto de partida.

Uma consideração, mesmo que a tecnologia atravesse os variados campos sociais, concordamos com Braga (2007) quando diz que ainda não podemos entender ‘mediatização’ como um processo interacional de referência por ser ela mesma limitada e lacunar. Estaríamos, assim, em uma sociedade afetada pelas tecnologias de informação, elas mesmas atuando como

instrumentos de conformação de mundos e incorporação de linguagens anteriores de referência. Contudo, este mundo mediatizado – como diz Braga – ainda não pode ser considerado como referência central, sendo possível falar de sociedade “em mediatização” (BRAGA, 2007, p. 11).

Isto posto, os conceitos de mediações e midiatização ajudam a tecer uma reflexão sobre o papel das mídias num cotidiano afetado por elas, direta ou indiretamente, e além. De que maneira? Partindo de uma análise situacional, em um recorte com foco no cotidiano dos sujeitos investigados e que, adiante, é colocado num campo de discussão que deixe ver uma historicização para além de “efeito” midiático. Fazendo aparecer um presente constituído por um contexto anterior de mudanças estruturais de mercado e humanas junto à tecnologia.

Assim, a situação em si dá conta do período pandêmico (do novo coronavírus) que tem os anos de 2020 e 2021 como referência - contexto que colocou em “xeque” as competências tecnológicas cotidianas fazendo aparecer a malha de desigualdades já tão evidente em outras áreas do viver. No caso da pessoa idosa, colocada em lugar de vulnerabilidades sociais e de saúde, aparece um campo de impedimentos e frustrações no afastamento físico e na problemática aproximação por meio de aparelhagem tecnológica de comunicação. Campo complexo e de interesse da presente incursão de pesquisa.

Desta forma, segue-se para as perspectivas (Item 2.1) geracional e da comunicação mediada por tecnologias cotidianas que são vistas a partir das (Item 2.2) relações de poder que se fazem ver. Geração como essa instância de (auto)identificação dos sujeitos da pesquisa e tecnopoder indicando este “estar no mundo” num conjunto de relações assimétricas por meio da tecnologia.



## 2. SEGUNDO CAPÍTULO: TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E A PERSPECTIVA GERACIONAL

### 2.1. Sobre o que se entende por geração

Aqui, concordamos com Göran Bolin (2020, p. 67) quando sugere que “a perspectiva geracional é frutífera para a análise do processo de midiatização e, portanto, para a análise da mudança social”. O autor expõe três abordagens para pensar midiatização enquanto processo social e diz que cada uma tem suas limitações e vantagens. São abordagens, em resumo, de cunho institucional, tecnológico e cultural (BOLIN, 2020, p. 69). A primeira, a institucional, é uma perspectiva comumente utilizada em pesquisas que enfatizam os meios enquanto instituições – com foco nas mídias de massa tradicionais e seus discursos, por exemplo (BOLIN, 2020, p. 70). A segunda, a perspectiva tecnológica, é lugar de investigação da comunicação a partir dos meios e as respectivas funções de tecnologias e sistemas de signos (BOLIN, 2020, p. 71). A terceira perspectiva, vista pelo autor, é a de cunho cultural da midiatização que

vê a mídia de uma perspectiva mais holística, como sempre já integrada aos processos sociais e culturais. Esta abordagem não se restringe aos meios de comunicação de massa, mas inclui todas as formas de meios de comunicação no seu foco na comunicação enquanto um tipo de ação social moldada no diálogo com processos sociais mais amplos, incluindo a tecnologia e as instituições. Isso também significa que ela não é necessariamente linear na sua concepção de história. Ela tem uma orientação fenomenológica, enfocando percepções dos processos mediados [...]. (BOLIN, 2020, p. 72)

Com isso em mente, e considerando a argumentação elaborada até aqui, pensa-se a partir de uma abordagem culturológica quando deste movimento em verificar o entrelace constante entre os meios de comunicação e as atividades humanas, em um fazer-se sociedade. E é Göran Bolin (2020) que nos traz apontamentos metodológicos organizativos de dados que coloca, frente a frente, a experiência das gerações junto aos meios – sabidamente todo tipo de forma de tecnologias da comunicação.

Bolin (2020), assim, recupera tipos de abordagens geracionais, uma que vai falar de (1) parentesco e outra que vai falar de geração enquanto (2) formação social de contemporâneos. Ou seja, “de pessoas da mesma idade, vivendo na mesma época e compartilhando a experiência dos eventos históricos” (BOLIN, 2020, p. 74). Ao citar Gumpert e Cathcart, Bolin (2020)

igualmente nos coloca que, por longos períodos, trocas geracionais não eram tão drásticas entre si. Algo da ordem da aquisição de uma gramática parecida, a gramática impressa. Com isso, “embora consideremos as pessoas como relacionadas, ou separadas em gerações cronológicas no tempo, o rápido advento das novas mídias e a aquisição de gramáticas das novas mídias implicam novos alinhamentos, *mais curtos e mais diversificados* do que aqueles baseados em gerações” (GUMPERT e CATHCART, 1985, p. 31 *apud* BOLIN, 2020, p. 74; grifos nossos).

Isto posto, Bolin (2020) analisa gerações em cenários midiáticos específicos a partir de um estudo empírico comparativo de gerações midiáticas realizado no contexto da Suécia e da Estônia, publicado em 2016. O autor diz que este tipo de recorte se justifica à medida que sujeitos contemporâneos se localizam em cenários midiáticos cultural e historicamente específicos (BOLIN, 2020). A cada geração, pessoas relacionadas dentro de uma temporalidade, “se confrontam com um ambiente midiático em relação ao qual elas têm que agir” (BOLIN, 2020, p. 74).

Ele [ambiente midiático] é objetivo no sentido de que elas [as pessoas] não podem escolher outro cenário, embora possam optar por usar determinadas tecnologias midiáticas ou evitar conteúdos midiáticos específicos. Contudo, também as tecnologias e os conteúdos evitados terão um impacto em suas vidas, uma vez que – como Marshall McLuhan (1964) apontou, já nos anos 60, “o meio é a mensagem”, e também as pessoas que não usam *smartphones* são afetadas pelo fato de que eles existem. (BOLIN, 2020, p. 75)

É interessante colocar ainda que o cenário midiático no qual agimos (em sua estrutura tecnológica e semiótica) foi formado por gerações anteriores, assim sucessivamente. Contudo, “as pessoas que nascem neste cenário atuam nele de acordo com o modo como percebem sua estrutura” o que vai criar uma nova estruturação de coisas adiante (BOLIN, 2020, p. 75). Isto posto, é possível concordar com o autor quando diz que “estudar as gerações midiáticas é, também, estudar o processo de midiatização” (BOLIN, 2020, p. 77). Bolin (2020, p. 79) reforça ainda a riqueza da dimensão histórica para verificação do nível das mudanças – do indivíduo, grupo, sociedade –, além do caráter cultural da mudança para que possamos estabelecer “empiricamente, os modos pelos quais a mídia contribui para a mudança social e histórica”.

Com isso em mente, se faz necessário reforçar o fazer social num movimento em si relacional e coletivo: indivíduo e sociedade. Não havendo, portando, possibilidade de verificar mudanças como que vistas em instâncias individual, grupal ou societal. Por isso, a pesquisa se desafiou no sentido de tentar deixar este entrelace falar, se fazer ver, a partir da empiria, dos

dados secundários que ajudam o conhecer de mundo e a reflexão que segue o levantamento realizado.

## **2.2. Tecnopoder e dispositivo: o celular como objeto cultural capitalista e a instrumentalização das vidas**

Falar de tecnologia é pensar como chega até nós das mais diferentes formas, por vezes, invadindo as mais íntimas instâncias. Lembra-se logo dos televisores como ameaçadores ao rádio e ao jornal impresso, também é possível recordar dos primeiros caixas eletrônicos e cartões para saques, primeiro serviço disponibilizado neste sentido, ou mesmo da chegada da internet e a expectativa de que tudo anteriormente iria convergir para um único aparelho.

A telefonia móvel, como conhecemos, foi criada por volta dos anos 1970, nos Estados Unidos (TERRA, 2019). Colocada em um quadro maior da corrida tecnológica, é resultado de processos em direção a uma comunicação mais descentralizada. Mobilidade que chega à atualidade com formatos bem mais delineados em direção a uma pretendida autonomia máxima – tecnológica e humana – com pretensões de universalização de serviços.

No horizonte, a otimização. Um caminho em aberto, pois sem linha de chegada. Ao focar esforços em uma discussão sobre os celulares, objetivo deste tópico, não é difícil percebê-los como aparato de um presente, representante dessa sociedade mediada pela tecnologia, articulado pelo Mercado. Mercado com M (ême) maiúsculo, dando ênfase, sem medo, em seu *status* institucional. Pois, administra as vidas – dos prazeres à saúde – e rege a matemática do cotidiano.

Telefone celular pensado como um “bem”, uma materialidade, que faz mergulhar em um mundo de “possibilidades”, que é símbolo de conforto e segurança, todas essas expressões diretamente ligadas a espaço e tempo, ou a quebra destes. Economiza-se tempo ao deixar de ir a tal lugar, também é possível se comunicar com quem está longe e realizar transferências bancárias para concluir um tipo de compra. Estes aparelhos que passam tantas horas em mãos capturam atenção, energia e o próprio tempo, por isso, captura comportamentos ao mesmo tempo que os molda – são as coisas que criamos e que também nos criam (MILLER, 2007).

Pequenos, cada vez mais leves e mais repletos de aplicativos e ações – de alertas ao monitoramento de saúde –, os celulares, argumenta-se, é um dispositivo social de poder. Tendo estratégia própria de auto (re)produção e auto (re)elaboração constante, tecida em relações de

poder e a partir delas, por meio da naturalização tecnológica na criação e circulação de enunciados da novidade e do essencial.

Dito isto, as tecnologias criadas pela humanidade vêm se ajustando de acordo com a disponibilidade e capacidade de manipulação de matérias e da criação de objetos e desejos. Um dia desejou-se algo que aparasse líquidos ou mesmo que guardasse grãos, milênios depois desejou-se uma tela cada vez menor ou mesmo dobrável para os telefones celulares. De consumo à consumismo, de cidadão à consumidor (SIBILIA, 2014). Os corpos, assim como suas maquinarias, usos e apropriações, viram uma linha do tempo – comportamental e discursiva – passar diante de si: da transposição de uma sociedade disciplinar para uma de controle (SIBILIA, 2014).

Antes e durante, essas transições são atravessadas por dispositivos de poder, “um poder que remete a aptidões diretamente inscritas no corpo ou mediatizadas por dispositivos instrumentais” (FOUCAULT, 2009, p. 11). Assim, vale retomar as discussões foucaultianas sobre dispositivo. Agamben (2009) afirma que “dispositivo” é “um termo técnico decisivo na estratégia de pensamento de Foucault” (AGAMBEM, 2009, p. 9). Diz ainda que o francês não deixou definição apropriada, mas se aproxima quando diz que dispositivo seria algo como um “conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc.” (AGAMBEM, 2009, p. 9). O autor reforça ainda que, segundo Foucault, “...dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos” (IDEM). Adiante, diz que o “dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder” assim como também “é algo geral porque inclui em si a episteme” (AGAMBEM, 2009, p. 10).

Adiante, Agamben (2009) fala de dispositivo, em um outro contexto. Primeiro, divide o existente em dois grandes grupos: (1) os seres vivos e (2) os dispositivos. Estes últimos, como todo tipo de coisa que, de alguma maneira, capture, oriente, determine, intercepte, modele, controle e que possa “assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (AGAMBEM, 2009, p. 13). É aí que vai além das categorias foucaultianas (dos manicômios, prisões, panóptico ou fábricas, apenas para exemplificar alguns), o autor coloca também “a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – porque não – a linguagem mesma”, que considera talvez o mais antigo dispositivo (AGAMBEM, 2009, p. 13).

Agambem (2009) propõe uma terceira classe: os sujeitos. Para ele, é o que resulta da relação “corpo-a-corpo” entre vivos e dispositivos. Anteriormente, e de maneira central para

esta argumentação, Foucault (2009) colocou que o “poder” que se quer analisar coloca em jogo as relações entre indivíduos e/ou grupos. “Pois não devemos nos enganar: se falamos do poder das leis, das instituições ou das ideologias, se falamos de estruturas ou de mecanismos de poder, é apenas na medida em que supomos que “alguns” exercem um poder sobre os outros” (FOUCAULT, 2009, p. 11).

Não apenas uma relação entre “parceiros” – individuais e/ou coletivos –, poder é mesmo “um modo de ação de alguns sobre outros” (FOUCAULT, 2009, p. 13) e se inscreve em campos de possibilidades diversos, apoiados em grandes estruturas. Foucault (2009) diz ainda que poder não é da ordem dos consentimentos, anda junto às violências, atuando, de alguma maneira, na constante tentativa de reduzir as resistências. Quando Agamben fala de uma espécie de “captura de comportamentos” a palavra “conduzir” pode ser a chave. Segundo Foucault (2009), mesmo considerando algum equívoco, pode ser um dos melhores termos que permite atingir algo de específico nas relações de poder (p. 14).

A “conduta” é, ao mesmo tempo, o ato de “conduzir” os outros (segundo mecanismos de coerção mais ou menos estritos) e a maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades. O poder, no fundo, é menos da ordem do afrontamento entre dois adversários, ou do vínculo de um com relação ao outro, do que da ordem do “governo”. (FOUCAULT, 2009, p. 14)

Condução das vidas (individuais ou coletivas), numa relação de “incitação recíproca e de luta” (FOUCAULT, 2009, p. 15); esta última também vista a partir das resistências. Uma incitação persuasiva, tendo na publicidade o papel central articulador. Pensar no hoje, no que é contemporâneo, é visualizar um tipo de instrumentalização das vidas. Aqui, esse conjunto tecnológico posto não aparece mais como opcional, é obrigatório, da ordem do essencial. Maquinaria digital, a tecnologia como dispositivo social de poder.

É Paula Sibilia (2014) quem ajuda a pensar dois regimes, envoltos de grandes aparatos tecnológicos, que contam a história da (re)elaboração dos corpos. A autora reflete que a modernidade molda os corpos a partir de “paredes” específicas (o manicômio, a prisão, etc.), o corpo é disciplinado e se torna útil por meio de processos de docilização (SIBILIA, 2019). Nesta lógica, a violência é física, o articulador é o Estado e o regime de normalização dos corpos é operado de maneira mecânica.

Adiante, quando reflete sobre a dita contemporaneidade, o nosso tempo, diz que o regime é o digital e a instituição articuladora é o Mercado (SIBILIA, 2019). Nesta lógica, a violência é simbólica, adesão por meio da persuasão, os corpos estão em constante

(re)programação, são mais permeáveis, projetáveis. Segundo Sibilía (2019), o que chama de paradigma bio-informático, tem uma maquinaria emblemática: as tecnologias digitais (caixas eletrônicas, cartões de crédito e débito, informatização geral do sistema financeiro, etc.).

Algo que Sibilía expõe, ainda na citada conferência, é o problema da servidão. Independentemente do regime e da instituição articuladora (Estado ou Mercado), os corpos, chamados cidadãos (modernidade) ou consumidores (contemporaneidade), servem à uma lógica colocada, imposta e dirigida, por uma coletividade (SIBILIA, 2019). Coletividade mercadológica que articula o discurso, entre outros, da “sociedade da informação”. Para Sibilía (2014), a dita “sociedade da informação” é fusão aprofundada entre homem e técnica que acabou por se tornar a problemática (p. 14), diria, de um presente. Presente, este ocidental, constantemente reelaborado pela lógica do capital.

A autora argumenta ainda que áreas de conhecimento como a teleinformática e as ciências da vida ajudaram a complexificar a ampliar o horizonte desta sociedade (da informação), a partir da ambição compartilhada da ideia da digitalização universal (SIBILIA, 2014, p. 14). Aqui, a obsolescência dos corpos e a, aparentemente, irresistível tirania do *upgrade*.

Essa mania de aprimoramento sem pausa não aposta em qualquer direção; ela tem um norte bem preciso, no qual lateja o desejo de ajustar a própria compatibilidade com o tecnocosmo digitalizado. Algo que só se consegue – ou, pelo menos, procura-se sempre conseguir – graças à atualização tecnológica permanente. (SIBILIA, 2014, p. 14)

Tiranía da atualização constante, otimização dos corpos e da vida. Não seria errôneo “definir a fase extrema da consolidação capitalista que estamos vivendo como uma gigantesca acumulação e proliferação de dispositivos” (AGAMBEM, 2009, p. 14). O consumo desses aparelhos é demarcado – pensado, criado, articulado – pelo mercado, em direção à instrumentalização das relações e dos processos (MILLER, 2007).

Consumo como forma de compreender a nossa humanidade, é o que advoga Miller (2007). Ele faz um breve histórico do consumo. Do ato de consumir como oposição à produção. Passando por conotações negativas ligadas ao mercado, chegando até um tipo de comportamento que pode ser visto como fenômeno ligado às tecnologias (MILLER, 2007). Diz ainda que esta visada teve influência da ascensão do estruturalismo e da semiótica, quando trouxeram uma nova possibilidade de “leitura” da sociedade (MILLER, 2007, p. 44).

O consumo também é meio de identificação de grupos sociais diversos, atuação política do cotidiano, escolha que diz algo. É reproduzidor de desigualdades e marcador social. Ressalta

Miller (2007), “...um exemplo final da complexidade desses processos vem com o consumo de novas tecnologias que são pressupostas como sendo instrumentos de globalização que destroem fronteiras locais ou nacionais” (p. 46).

A cultura material entende o consumo como um fato em si, fenômeno que diz sobre uma complexidade resultado da soma: humanidade mais sua inseparável materialidade (MILLER, 2007, p. 47). E quando a materialidade é digital? Segundo Miller e Horst (2015), o termo é definido como “tudo que pode, fundamentalmente, ser reduzido a código binário, mas produz um aprofundamento na proliferação das diferenças e particularidades” (p. 91).

Neste contexto, os autores dizem que “...muito do debate sobre o digital e o humano está na premissa da ameaça que o primeiro impõe ao último” (MILLER, 2007, p. 93). Ameaça vista, por exemplo, a partir da relação instrumentalizada pela tecnologia imposta a grupos sociais específicos (SIMÕES, 2019). Ameaças a autonomia intelectual e independência na realização de processos, quando os códigos são homogêneos e opressores, quando a materialidade é seletiva e falha no criar relações. Por isso, “...uma contribuição crítica das tecnologias digitais é o jeito que elas exacerbam, mas também revelam estas contradições” (MILLER e HORST, 2015, p. 97).

Tendo como referência dados mundiais, os celulares aparecem como aparelhos centrais da digitalização da vida. Mais do que extensão do corpo, mero auxiliar lateral, a telefonia móvel se transforma em meio de comunicação popular mundialmente falando, nos últimos dez anos. Por isso mesmo, central. A dita centralidade midiática é imperativa, é obrigatoriedade midiática. É uma possibilidade dizer que tal lógica colocaria grupos sociais à margem quando não entram na lógica digital. Vale problematizar este pensamento.

“Deixar à margem” pode situar os corpos-sujeitos em um campo de opções possíveis, o que não condiz com a dita realidade: ou você entra/participa/joga o jogo ou é excluído – do trabalho, da conversa, dos processos financeiros, da vida de familiares. O funcionamento do pensamento digital conectado é guiado por uma dualidade inclusão/exclusão. As vivências dos sujeitos parecem estar sendo modeladas a partir de repetidas mensagens-discursos do “não se pode ficar de fora”, “é necessário se atualizar” (SIMÕES, 2019).

Os dados objetivos mostram que somente no Brasil, já eram 230 milhões de celulares ativos, em 2019, e ao menos dois dispositivos digitais por habitante – o que inclui os ditos telefones inteligentes, computadores de mesa, notebooks e tablets (ESTADÃO, 2019). Mundialmente falando, cerca de quatro décadas após o primeiro telefone móvel, “quase todo o país desenvolvido pesquisado tem ao menos 90 por cento de penetração de telefones móveis [...] o *mobile* se tornou crescentemente penetrante e indispensável, com consumidores de todo

o mundo abraçando, entusiasticamente seu potencial”<sup>3</sup> (WIGGINTON, 2019). Vale problematizar cada uma destas afirmações. Mas, antes, mais dados.

A tecnologia, com foco nestes aparelhos de interface amigável como os celulares, tem construído um discurso do indispensável para si por meio de sua articuladora de maior interesse, o Mercado. A mesma pesquisa indica ainda alguns fatores – chamam de tendências – que teriam sido os responsáveis pela forte atividade consumidora e de usos em direção ao *mobile*: (1) as redes 4G como combustível para utilização destes aparelhos, (2) a troca constante e programada dos aparelhos, indicada, nesta pesquisa, como sendo uma forma “sustentável” de relacionamento com aqueles consumidores que estão à procura de *upgrades* periódicos, (3) sobre as questões de segurança, a pesquisa aponta que cerca de “...70% dos consumidores em países desenvolvidos compartilharam algum tipo de informação pessoal on-line” e que em países em desenvolvimento esta marca chega a 80% (WIGGINTON, 2019), seguindo, citam o baixo uso (como campo a ser ocupado pelo Mercado) de (4) tecnologias as quais é possível vestir, como os relógios ditos inteligentes e também outros equipamentos conectados que funcionem na verificação vital ou mesmo realizem atividades junto a veículos conectados, são tecnologias que atingem baixos índices de acesso e uso, nos variados países, (5) a pesquisa coloca ainda que “apenas” um terço dos consumidores que participaram da pesquisa realizam pagamentos por meio dos próprios celulares e (6) o vício por *smartphones* também aparece como tendência impulsionadora dos usos dos celulares numa mostra sobre quantas vezes os consumidores checam os próprios aparelhos, por dia, e conclui a exposição em tópicos, com a fala “...parece que o vício/dependência em *smartphones* aumenta à medida que mais recursos se tornam disponíveis” (WIGGINTON, 2019).

Assim e a partir do quadro percebido, tendo em mente a visada ampliada sobre o fenômeno da comunicação mediada por tecnologias de comunicação, vale seguir para uma crítica necessária. A começar pelo termo “penetração”, como se o meio social, de convivência humana, fosse uma espécie de malha física a ser “conquistada”, ocupada em sua totalidade. A pesquisa acima é uma mostra de como o Mercado pensa a vida.

O Mercado se (re)produz de maneira constante na distribuição de bens e serviços com valor agregado. Esses bens e serviços são as materialidades que “penetram” por entre o social visando atingir a totalidade dos viventes. Quando pesquisas indicam que “apenas” tal percentual de consumidores têm qualquer produto específico, significa ser um mercado em

---

<sup>3</sup> Livre tradução. Trecho original: “...almost every developed country surveyed has at least 90 percent mobile phone penetration. Mobile has become increasingly pervasive and indispensable, with consumers the world over enthusiastically embracing its potential.”



potencial, com altas taxas de crescimento e atualização. Bom, grosso modo, é aí que entram os discursos persuasivos que encontram uma gama midiática pronta – e elaborada para tal – para reproduzi-los. Discursos esses que devem impulsionar a penetração dos bens produzidos e que, de maneira alargadamente complexa, têm o seu potencial “abraçado” por consumidores “ávidos e entusiasmados”. Mais expressões que tomam conta de um imaginário atual, passível de problematizações.

É Sibilia quem discute sobre o que seria “otimização dos corpos” (2019) quando argumenta sobre a eterna busca que leva à constantes atualizações tecnológicas. A conhecida troca programada de telefones celulares, quando da rápida obsolescência, pode ser identificada também no campo dos tiranos *upgrades* que se fazem na corrida por “não ficar para trás”. É tempo de “otimização da vida”, “otimização dos corpos” por meio dos *gadgets* e da tecnologia *push*, que alertam sobre o restaurante mais próximo ou a hora de tomar um copo d’água. Tudo isso também significa otimização do tempo quando se utilizam aplicativos bancários para não precisar enfrentar filas, na “comodidade” e “segurança” do seu lar. Otimização como um processo, não há ponto de chegada, há busca por melhoramentos constantes.

Um conjunto tecnológico reunido em um aparelho, o celular, considerado de interface amigável e popular. Popular, por dois motivos conjuntos. Vive-se numa realidade na qual a tecnologia conseguiu se tornar mais barata, o que se costuma chamar de “acessível”, e na qual as linhas de crédito aparecem como alternativas para as ditas “classes mais baixas” – certamente, uma classificação a partir da posição numa dada circulação econômica.

O celular tem sido um aproximador familiar, mas não intergeracional, parece ter se tornado também uma central multimídia, mas de utilização superficial por quem não tem tanta habilidade para tal tecnologia e pode demonstrar dificuldades. Pode ser ampliador de horizontes e, também, consegue ser aparelho que constrange (SIMÕES e JUNIOR, 2018). Grupos de pessoas que viram essas tecnologias aparecerem, nas últimas décadas, nas próprias vidas, têm opiniões diversas: desde total suporte até total aversão (SIMÕES, 2019). Entremios, vê-se dúvida e muitos talvez. Um tipo de entrada tecnológica obrigatória no cotidiano costumeiro analógico junto a uma nova lógica de comunicação, além de ser mediada pela tecnologia coloca também os ditos benefícios e desafios da quebra dos espaços, do tempo e das distâncias. Desde a modificação e criação de novos serviços, produtos, até formas de consumir e tudo o que pode vir junto.

Neste segundo capítulo, foi colocada a necessidade de um esforço na verificação do fenômeno comunicacional para além das “caixas”, colocando indivíduos, instituições

(midiáticas ou não) e sociedade num campo de movimento (des)contínuo, de construção fragmentada ao mesmo tempo que dirigida.

Por isso, esse contexto argumentativo pode jogar luz sobre as relações tecnológicas da pessoa idosa durante o período “mais crítico” da pandemia do novo coronavírus (2020 e 2021), a ampliar olhares sobre o que se entende por dispositivo na percepção de que a sociedade é moldada, também, por eles. Ao focar em uma determinada situação, como as relações tecnológicas cotidianas da pessoa mais velha, acredita-se ser possível observar problemáticas complexas que devem envolver algo para além das competências em si e, sim, o contexto sociocultural dessas apropriações, considerando instâncias familiares e educacionais, por exemplo.

Parte-se do fato de que a sociedade se relaciona, sempre e em alguma medida, com o domínio midiático. As dinâmicas que movimentam esse campo são vistas a partir das percepções dos processos mediados, como representado no desenho da presente pesquisa. Com isso, a pessoa com 60 anos ou mais é colocada sob uma lente de aumento na verificação do que anima e do que frustra essas relações, e para além disso.

Sem dúvida, um desafio metodológico se apresentou; o que se tentou ultrapassar a partir de um conjunto heterogêneo de métodos de coleta em consonância com métodos de análise também ampliados, na tentativa de abarcar a complexidade do processo investigado. Ampliados em camadas, em possibilidades de visualização e verificação, em possibilidades de reflexão. A seguir, os caminhos (teórico)metodológicos percorridos.

### **3. TERCEIRO CAPÍTULO: CAMINHOS METODOLÓGICOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE**

#### **3.1. Os sujeitos idosos como universo da pesquisa**

A partir desse quadro complexo de conhecimento, o universo da pesquisa se delinea. Pessoas com 60 (sessenta) anos ou mais aparecem em estudos anteriores levantados (APÊNDICE A – Um estado da arte em português (2009-2019): pessoa idosa e as tecnologias digitais A), são eles sujeitos junto às próprias experiências com o também crescente universo da comunicação mediada pela tecnologia. Os enfrentamentos são diversos, das reações proativas e inclinadas em direção ao aprendizado digital até as percepções mais negativas, por conta de dificuldades, receios e/ou medos outros.

Sujeitos no sentido foucaultiano, lugar teórico-reflexivo de onde se pode pensar o estar no mundo em relação. Em relações assimétricas, organizadas/programadas/configuradas por instituições diversas (família, igreja, mercado etc.) em uma vida imbricada por normas e regras impostas vezes coercitivamente, vezes persuasivamente, sempre, com algum grau de influência sobre os comportamentos – da aceitação às resistências. Por isso, relações de poder (FOUCAULT, 2009). Ao começar a visualizar este quadro de relações – pessoas idosas e as tecnologias de comunicação, na atualidade – a partir dos apontamentos e direcionamentos que a própria exploração teórica trouxe, vale colocar o aspecto praxiológico da pesquisa. Dito isto, os princípios teórico-metodológicos indicados como fundamentais por Junior Santi (2017) nos mostram algumas direções.

Em artigo que indica princípios teórico-metodológicos para entrever os conceitos de Mediação e, também, de Miatização, Junior Santi (2017) busca “um novo mapa que pode auxiliar na exploração macro do Campo Comunicacional. Tal construção é carregada com certo grau de pragmatismo” (SANTI, 2017, p. 2). Diz ainda que a análise que propõe opera “via uma arquitetura que, junto com suas matérias significantes, permite identificar esses princípios em seu funcionamento, em sua ação na construção/composição de um universo compreensivo” (SANTI, 2017, p. 3). O autor coloca que esta espécie de carta de princípios não segue procedimento burocrático, nem classificatório e nem reducionista, das problemáticas. Ele afirma que pretende mais “emprestar materialidade a um esforço sistemático de exploração,

aprofundamento e compreensão dos tecidos de ideias e conceitos que circulam na orbita das teorias das Mediações e da Mídiação” (SANTI, 2017, p. 3).

O primeiro princípio é o **princípio da historicização** e o percurso ideal “implica em acompanhar o movimento de gestação dos conceitos junto com o tecido de significados e de referências de que eles são feitos” (IDEM). Isso tudo a caminho da investigação dos processos articulados entre as práticas e os seus movimentos. Então, ainda segundo Santi (2017), historicizar não significa apenas falar da história dos meios, em última instância, é antes recuperar a história em si nos processos comunicacionais – eles mesmos articuladores das práticas comunicativas.

Já o **princípio da contextualização** diz respeito à compreensão dos contextos culturais: “as formas de vida, os sistemas e a realidade na qual a problemática do Comunicacional se configura” (SANTI, 2017, p. 5).

Esse impulso contextualizador permite vislumbrar uma concepção mais exploratória da pesquisa em comunicação. Esta operação ajuda a explicar os elementos configuradores do comunicativo e operativamente, implica ter presente nas discussões, no mínimo dois níveis – um nível mais geral, de contextualização externa; e um nível mais específico, que poderíamos chamar de contextualização interna. (SANTI, 2017, p. 5)

Essa contextualização externa implica trazer às discussões os movimentos macro-sociais, de implicações políticas, econômicas, sociais, tecnológicas etc. Já no nível da contextualização interna, trazer elementos de maior precisão, posicionando as problemáticas da comunicação em seu próprio campo, “implica definir com maior clareza as coordenadas de determinada problemática, a posição que ela ocupa no universo do saber” (SANTI, 2017, p. 6). São esses elementos, que vão partir do princípio da contextualização, que permitem melhor conhecimento sobre os espaços, isto é, “onde o processo de comunicação se realiza” (IDEM). Santi (2017) fala também em múltiplos contextos que podem ser trazidos às discussões, como o contexto cultural, o econômico, o político, o midiático etc.

Quando introduz o **princípio culturalológico**, Santi (2017) coloca, e concorda-se com ele, que todo ato de comunicação é um ato cultural. Por isso, ao investigar fenômenos comunicacionais estuda-se a “fisionomia da cultura”; estudar também a cultura exige atenção indispensável às questões da comunicação. Assim, diz ele, “a culturalidade também emerge como um dos princípios teórico-metodológicos para entrever Mediações e Mídiação” (SANTI, 2017, p. 6). Aqui, fala que análises dentro da culturalidade podem ir de olhares das

chamadas “competências culturais” até mesmo os “imaginários coletivos”, em um primeiro e segundo momentos, respectivamente (SANTI, 2017, p. 6).

A divisa principal do princípio culturológico é, portanto, a máxima que postula investigar a comunicação a partir da cultura e o princípio culturalista pretende centrar foco no paradigma cultural em vigor – paradigma este que tem na comunicação, situada para além dos meios (junto aos mediadores e aos contextos), o seu centro. (SANTI, 2017, p. 7)

A observância desses princípios, segundo o mesmo autor, permite acessar matrizes culturais de interferência no processo de comunicação e cita classe, território, etnia, religião, sexo, idade etc (SANTI, 2017). Por isso, é também fundamental “assumir a cultura como espaço estratégico de criação e apropriação, de ativação da competência e da experiência criativa dos sujeitos envolvidos no processo comunicativo – enquanto espaço de reconhecimento das diferenças (do que culturalmente são e fazem os outros)” (SANTI, 2017, p. 7). Aqui o autor fala em transformações do tecido coletivo e também as transformações nas formas de viver – da habitação, passando pelo trabalho e lazer (SANTI, 2017). É o princípio culturológico que “permite antever, para tentar entender/explicar, a trama comunicativa da cultura” (SANTI, 2017, p. 7).

Santi (2017) indica também o **princípio etnográfico**. Etnografia não enquanto método puramente e, sim, “enquanto princípio de um modelo metodológico próprio à problematização da Comunicação” (SANTI, 2017, p. 7). Ele diz que a reconstrução etnográfica das práticas comunicacionais, junto à sua historicização, permite “prestar atenção às rotinas, as alterações cotidianas ocasionadas/resultantes da relação dos sujeitos via comunicação e/ou dispositivos comunicacionais” (SANTI, 2017, p. 8). Faz admitir, a priori, que “sem comunicar não há sujeito” e que essa perspectiva antropológica auxilia a investigação da comunicação a partir também das instâncias descritivas, necessárias na busca da complexidade do fenômeno, práticas interativas, produção de sentidos, contextos situacionais.

Como a definição do sujeito se encontra na raiz do método de trabalho etnográfico, podemos então especular que é de bom tom adotar os preceitos da etnografia como princípio metodológico na análise/problematização do comunicacional em sua relação com a cultura. Afinal, só poderemos bem compreender as mudanças nos modelos culturais, nos modelos de comunicação, se prestarmos atenção naquilo que ocorre com os sujeitos, na cotidianidade das práticas dos sujeitos. (SANTI, 2017, p. 8)

Com isso em mente, Santi (2017) reconhece o cotidiano como espaço de problematização central. Por ser o cotidiano, justamente, esta dimensão das relações dos sujeitos no mundo. Em resumo, “o capital nesse quesito é prestar atenção nos modos de ver, sentir, agir (consumir) que no cotidiano são impactados pela atuação dos dispositivos comunicacionais e/ou até mesmo reconfigurados através das práticas cotidianas de comunicação” (SANTI, 2017, p. 8). Este princípio teórico-metodológico tem como recomendação primordial “ir ao encontro das pessoas, das suas formas de ver, ler, viver e contar” (SANTI, 2017, p. 8). Nessa direção, então, mais atenção às práticas do que às estruturas.

Por fim, Vilso Junior Santi (2017) coloca o **princípio praxiológico** indicando a visada investigativa comprometida, de fato, com a prática. O autor reflete que este princípio, o praxiológico, é importante insumo norteador para as discussões no que concerne o comunicacional. Colocar teorias e práticas sociais num campo de tensão é o que propõe este princípio, como uma forma de revisão constante dessas instâncias a partir das relações que tecem - num movimento de dupla fecundação. Assim, “a práxis permite perceber um mundo no qual cada elemento não tem mais valências fixas; onde cada elemento se define tanto por sua arquitetura interna, quanto por seu lugar em uma “grade”; onde há necessidade permanente de se reconstruir um sistema em cada território” (SANTI, 2017, p. 10).

Isto posto, temos indicadores/princípios (historicização, contextualização, culturoológico, etnográfico e praxiológico) que vêm auxiliar uma visada investigativa comunicacional que tenta considerar a complexidade do fenômeno. Com a consciência, de partida, que pode não ser possível fazer tão perfeito registro que consiga dizer tudo sobre o que se quer, porém, eis aqui uma tentativa.

Assim, ressaltando a importância em lidar não apenas com dados objetivos, colocou-se em movimento uma pesquisa que partiu da empiria e suas subjetividades, em que o cotidiano nas mais variadas facetas pudesse ser percebido durante o caminhar da pesquisa.

Em síntese, se dados objetivos dizem, em sua generalidade própria, que algo está errado, na altura das subjetividades e dos sentidos produzidos pelos sujeitos as realidades ampliadas devem ser descontínuas à própria maneira da amostragem. Então, foi tentativo encontrar, por meio da coleta de dados exposta no subtópico seguinte, as generalidades possíveis, as heterogeneidades também possíveis e diversas na relação comunicacional da pessoa idosa mediada pela tecnologia “cotidiana”.

### **3.2. Apontamentos metodológicos: produção dados primários e métodos de coleta**

Para a presente incursão científica, dados primários foram produzidos visando um quadro qualitativo de análise. Sem deixar de considerar e dar atenção às grandes generalizações numéricas que os dados podem apontar, como forma de compreender algo como perfis dos participantes da pesquisa e marcadores que pudessem indicar diferenças sociais, caros à análise que segue. Em experiência anterior (SIMÕES, 2019), o questionário semiestruturado foi utilizado como principal método de coleta. Perguntas de natureza fechada e aberta foram aplicadas e unidades quantitativas e qualitativas – da ordem do subjetivo – puderam ser vistas. Para esta pesquisa, as possibilidades foram ampliadas considerando-se ainda o atual contexto como o destacado na introdução e no passeio pelos desafios, detalhados adiante. Este plano de investigação se viu atravessado por uma pandemia, uma crise de saúde mundial, o que afetou diretamente na coleta de dados e a realização dos objetivos do trabalho.

Assim, foi necessário pensar em um levantamento de informações e transformação em dados que tivessem como base métodos de coleta múltiplos e que considerassem os meios digitais como suporte, sempre que possível, tentando abarcar a complexidade do período e trazendo mais possibilidades de leitura do atual contexto como forma de iluminar os objetivos desta pesquisa.

Retomando, esta pesquisa teve como foco levantar e compreender as experiências digitais e conectadas da pessoa com 60 anos ou mais, durante o período pandêmico (2020/2021), tendo em vista que as apropriações e usos ocorrem em instâncias diversas por conta de uma aproximação ondulante e multifacetada – que pode envolver tanto questões físicas quanto podem ser influenciadas e somadas aos marcadores sociais da diferença.

A partir disso, a procura por interlocutores no contexto da presente pesquisa se deu em instituições/organizações de convivência que já tivessem o foco em ações de inclusão social e/ou digital, como forma de identificar pessoas interessadas no assunto. Assim, a Universidade da Terceira Idade (a UNITERCI, da UFPA, em Belém do Pará) foi selecionada por conta de abertura anterior (durante o mestrado) e por se mostrar *locus* rico ao promover atividades de atualização cultural e social para pelo menos 60 pessoas com 50 anos ou mais, anualmente.

A coleta foi pensada em duas frentes: (1) a partir de dados secundários (institucionais) – que dão corpo à discussão teórica inicial e problematização da pesquisa – e (2) a partir de dados primários: por meio de mapeamento do comportamento digital/on-line da pessoa idosa

utilizando o formulário como técnica e a entrevista em grupos, tendo o questionário semiestruturado e os grupos focais on-line como técnicas aplicadas, respectivamente. Na tabela abaixo, segue uma síntese da coleta realizada (Tabela 3).

**Tabela 3.** Detalhamento: coleta de dados primários

<b>FORMULÁRIO DIGITAL</b>	<b>Circulações</b>	<b>Período / Data</b>	<b>Respondentes (Formulário)</b>	<b>Responder am ao formulário de perfil</b>	<b>Tempo da gravação (Meet)</b>
	Circulação 1	Novembro de 2019	25	-	-
	Circulação 2	Agosto/Setembro de 2020	16	-	-
	Circulação 3	Abril de 2021	11	-	-
<b>GRUPOS FOCAIS</b>	<b>Grupo focal</b>	<b>Data da realização</b>	<b>Interlocutores (GFs)</b>		
	Grupo 1 (UNITERCI)	19/04/2021	9	4	02:31:23
	Grupo 2 (UNITERCI)	26/04/2021	5	4	02:27:48
	Grupo 3 (UNITERCI)	03/05/2021	10	9	02:16:14
	Grupo 4 (UNITERCI)	13/05/2021	14	3	02:34:45

Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa, 2021.

A perspectiva de mapeamento do comportamento digital/on-line da geração 60+ via formulário foi pensada como forma de levantar mais amplamente, no que se refere à amostragem, informações sobre adoção e usos das tecnologias digitais. As circulações tomaram o segundo semestre de 2019 e 2020, por conveniência, e o primeiro semestre de 2021 para que ao menos 2 (duas) circulações se realizassem já dentro do período pandêmico e antes dos Grupos Focais (GFs), a serem realizados ainda no primeiro semestre de 2021, por adequação à agenda da própria UNITERCI.

Nessa direção, o que era uma técnica de suporte, já utilizada em 2019, tomou centralidade por conta do contexto. O formulário digital foi ampliado para as circulações de 2020 e 2021, abrangendo os usos e apropriações da tecnologia impostas pela pandemia do novo coronavírus (Apêndice E), e colocado em circulação por meio da técnica ‘bola de neve’ em que participantes selecionados replicam a dinâmica e/ou ação em direção às próprias redes de contatos com o intuito de ampliar a rede inicial.

Contudo, ainda se mostrou como técnica-suporte quanto ao aprofundamento da compreensão das experiências, lugar-espço que era objetivo alcançar. Assim, foi sumário considerar a dinâmica de grupos focais como forma de trazer a profundidade necessária, a partir



da problemática pensada. No contexto do desenvolvimento desta pesquisa, de distanciamento social e ainda baixa vacinação da população brasileira (o que muda regionalmente em meados de 2021), exigiu a realocação dessa dinâmica-técnica de coleta para o ambiente conectado (Apêndice C). A seguir, o embasamento da construção dos métodos de coleta colocados.

### 3.2.1. Sobre o formulário digital: um questionário semiestruturado

O formulário digital foi pensado como forma de levantar informações a partir de estímulos direcionados pelos objetivos da pesquisa e com questões abertas e de múltipla escolha, num formato semiestruturado (MANZATO e SANTOS, 2012). Márcia Lima (2016, p. 11) coloca que toda pesquisa, acadêmica ou não, tem uma pergunta a ser respondida. A autora continua, “as pesquisas de caráter estritamente acadêmico só se tornam viáveis na medida em que selecionamos nossas observações, orientados por algum conceito específico” (LIMA, 2016, p. 11). De maneira geral, o corpo teórico referencial consultado ajudou a “entender questões e a tomar decisões de pesquisa”, auxiliando “na coleta de dados e no entendimento da natureza e dos pressupostos de nossa investigação” (LIMA, 2016, p. 12).

Com isso em mente, chega-se até este ponto com noções, decisões e direcionamentos que ajudaram na construção do corpo de questões, distribuídas via formulário digital em 3 circulações, como detalhado anteriormente (Tabela 3. Detalhamento: coleta de dados primários). Por isso, o formulário traz questões relacionadas ao perfil socioeconômico (idade, sexo, gênero, educação, média e origem de ganhos, ocupação, aposentadoria), apropriação e usos de aparelhos tecnológicos de comunicação, além da busca por sentidos de usos e as possíveis mudanças trazidas pela pandemia a essas relações (Apêndice E).

Lima (2016, p. 13) ressalta ainda que é falsa a dicotomia de que métodos de *survey* (que envolvem enquetes, de alguma maneira) são utilizados apenas em pesquisas quantitativas. Tanto as abordagens de questões estruturais (mais objetivas) quanto aquelas dedicadas ao estudo de valores, comportamentos e atitudes sociais (mais subjetivas) (LIMA, 2016), segundo a autora, parecem estar localizadas em ambos os tipos de pesquisas, quantitativas e qualitativas.

A ideia era utilizar os questionários mais amplamente – com respondentes de fora de ambientes específicos, como a própria UNITERCI –, e verificar as grandes categorias possíveis de generalização. Esse tipo de técnica exige atenção a uma característica principal: “a unicidade da forma de coleta e tratamento dos dados” (LIMA, 2016, p. 16). Ainda segundo a autora, isso significa a possibilidade de comparação do conjunto de informações e, também, um conjunto

de unidades observáveis uno (LIMA, 2016, p. 16). Aqui, este conjunto uno é o *corpus* construído e delineado (1) na experiência/relação tecnológica de respondentes (2) com idade específica (60 anos ou mais), durante a pandemia de Covid-19 (respondentes de 2020 e 2021). Recorte geral da pesquisa que também vigora nas dinâmicas organizadas para a realização de grupos focais on-line, como descrito a seguir.

### 3.2.2. Sobre grupos focais e a dinâmica on-line

O objetivo central na realização dos grupos focais (GFs) é obter informações de ambas as ordens, objetivas e subjetivas, a fim de aprofundar o tema articulado em questão. O GF é uma técnica de pesquisa qualitativa que deriva das entrevistas em grupo ao coletar informações em um ambiente de constante interação (TRAD, 2009). Com o objetivo de reunir informações em detalhes e sobre tópicos específicos o GF “busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços” (TRAD, 2009, p. 780). Para Gaskell (2003, p. 65), as entrevistas de cunho qualitativo fornecem “os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação”.

Gaskell (2003) diz ainda que é necessário se munir de um conjunto de tópicos guia como forma de ajudar o pesquisador na hora da moderação, em entrevistas qualitativas – individuais ou grupais (GASKELL, 2003, p. 67). Ressalta que esses mesmos tópicos devem ser flexíveis e ser alterados de acordo com o interesse dos respondentes participantes. Dessa maneira, conseguir levantar informações e construir dados de interesse da pesquisa qualitativa que “não é contar opiniões ou pessoas, mas o contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL, 2003, p. 68). Isto posto, “o objetivo da pesquisa qualitativa é apresentar uma amostra de espectro dos pontos de vista” e o pesquisador “deve usar sua imaginação social científica para mostrar a seleção dos respondentes” (GASKELL, 2003, p. 70).

Em relação a quantidade de entrevistados individuais Gaskell (2003) diz que é possível analisar de 15 a 25 entrevistas; ou isso ao redor de 6 a 8 discussões em GF (GASKELL, 2003, p. 71). Segundo ele, há uma saturação que começa a ser percebida pelo pesquisador a partir das respostas e sentidos repetidos, por conta de uma internalização das generalizações sociais, um Eu-Coletivo, o que vai sendo sentido pelo pesquisador nas incursões em campo. Importante ter em mente as limitações da entrevista como método de coleta pois (1) o entrevistador não deve

aceitar respostas de forma pacífica, (2) deve sondar mais detalhes do que aqueles fornecidos pelo entrevistado e também (3) pensar que é o acúmulo das informações levantadas que apresentam generalizações e diferenças que podem levar a compreensão do mundo “da vida dentro de um grupo de entrevistados” (GASKELL, 2003, p. 73). O autor afirma que a entrevista em grupo

é uma interação social mais autêntica do que a entrevista em profundidade, um exemplo da unidade social mínima em operação e, como tal, os sentidos ou representações que emergem são mais influenciados pela natureza social da interação do grupo em vez de se fundamentarem na perspectiva individual, como no caso da entrevista em profundidade. (GASKELL, 2003, p. 75)

De toda maneira, a entrevista em grupo oferece mudanças qualitativas à natureza da situação na qual é empregada; interação que “pode gerar emoção, humor, espontaneidade e intuições criativas” (GASKELL, 2003, p. 76). Segundo Gaskell (2003), a emergência de tais grupos “caminha lado a lado com o desenvolvimento de uma identidade compartilhada, esse sentido de um destino comum presente quando dizemos ‘nós’” (GASKELL, 2003, p. 75).

Em uma sessão de GF, o entrevistador passa a exercer um papel de moderação, ele é mediador ao estimular e instigar novos questionamentos, “o pesquisador/moderador pode explorar metáforas e imagens, e empregar estímulos de tipo projetivo” (GASKELL, 2003, p. 77). As experiências sendo expostas e compartilhadas, há uma identificação e construção de um quadro de interesses e preocupações em comum. Além de estimular a discussão, por meio dos temas guia, o moderador exerce o papel de indagar sobre o que os interlocutores acham do que foi exposto por outros, ou mesmo dar exemplos novos. Os recursos podem ser “de livre associação, figuras, fotografias e mesmo dramatizações como materiais de estímulo para provocar ideias e discussão, como uma estratégia de fazer com que as pessoas usem sua imaginação e desenvolvem ideias e assuntos” (GASKELL, 2003, p. 80).

Os GFs devem ser constituídos como possibilidade de interconexão entre vivências e opiniões diferentes, em direção a construção de vieses e pontos de vista no entorno de problemas comuns (CAL, 2018, p. 73), além de colocá-los em posição ativa durante todo o processo. Assim,

de modo contrário à visão desses sujeitos como meras vítimas ou ingênuos, é fundamental considerar as possibilidades de que possam agir politicamente, questionar e refletir sobre aspectos concernentes às suas vidas e as de outros indivíduos e colocar em suspeição certa ordem estabelecida que determina os lugares, os papéis de cada um. (CAL, 2018, p. 73)

Por isso mesmo, outra questão que deve estar no horizonte de preocupação durante a pesquisa é o *falar com*, identificado por Cal (2018) como “um dos maiores desafios enfrentados por pesquisadores que se propõem a realizar pesquisas empíricas” que considerem a escuta efetiva do outro (p. 71). Ao explicitar o contexto da própria pesquisa – partindo da discussão do sensível tema trabalho infantil doméstico – a autora afirma que os GFs “podem se configurar como uma oportunidade para sujeitos e grupos pouco ouvidos ou considerados publicamente falarem e manifestarem seus posicionamentos e discursos” (CAL, 2018, p. 73). Nesse contexto, a pessoa idosa, por meio do percebido nas diversas dinâmicas desde 2017 (exploração de campo para a pesquisa de mestrado, palestras e bate-papos a partir dos resultados de pesquisa), tem forte demanda em ser ouvida. O tempo com familiares parece cada vez mais escasso e os grupos de convivência e as dinâmicas em grupo, de maneira geral, se tornam esses lugares de trocas, desabafos, sorrisos, abraços, também conhecimento e atualização da participação social.

Mas e quando uma pandemia entra como fator a ser considerado na realização de grupos focais? Em 2020, quando a manutenção da saúde e da vida se tornou prioridade mundial, por conta da pandemia do novo coronavírus e da doença Covid-19, o distanciamento social se colocou como desafio. Nesse contexto, os meios digitais parecem ter passado de “conjunto auxiliar” de ferramentas de comunicação à centralidade em processos ordinários (como fazer compras – de lanches simples e pontuais ao supermercado da semana –, conversar com familiares, celebrar aniversários por conferências de vídeo, trabalhar, estudar etc.). Então, para a realização desta pesquisa, foi necessário ir em busca da possibilidade de realização de grupos focais on-line, verificar os desafios, transpô-los ao atual contexto e avaliar a eficácia em suas aplicações.

Assim, também foi percebido que a estruturação dos GFs on-line não é tão diferente do modelo pensado para encontros presenciais (BORDINI e SPERB, 2011), mas tem suas particularidades. De maneira geral, Bordini e Sperb (2011) colocam essas particularidades no campo da economia de custos com o deslocamento e mesmo como uma técnica que pode ser usada para obter dados de populações espalhadas geograficamente ou de difícil acesso (BORDINI e SPERB, 2011, p. 439). Nesse sentido, é a justificativa que melhor cabe, na atualidade. A pandemia impôs sua dinâmica pela manutenção da vida e o acesso aos participantes da pesquisa precisa ser mediado, aqui, por plataformas de comunicação conectadas.

As autoras também ressaltam a preocupação com a familiaridade dos participantes da pesquisa junto às plataformas utilizadas (chats, fóruns e videoconferências). Aqui, um desafio que em alguma medida pode atravessar a experiência daquelas pessoas mais velhas que podem

não ter tanta familiaridade com esses tipos de ferramentas e ambiências. Adiante, Bordini e Sperb (2011) indicam seis etapas para a realização dos grupos focais on-line.

**Tabela 4.** Etapas dos Grupos Focais On-line segundo Bordini e Sperb

<b>ETAPA</b>	<b>DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE</b>
Seleção da amostra	Recrutamento dos participantes (levanta e relaciona participantes ligados à temática da pesquisa)
Escolha da plataforma de comunicação	Plataformas de conferência de vídeo ou apenas de escrita (escolha direcionada pela pesquisa)
Procedimentos prévios à realização dos GFs	Construção do guia da entrevista Escolha do local de realização dos GFs (pesquisadora) Consentimento livre e esclarecido (participantes: ciência das questões éticas envolvidas na pesquisa) Confidencialidade das informações fornecidas
Execução dos Grupos Focais	Atuação do(a) moderador(a) junto aos participantes da pesquisa a partir do guia elaborado: Apresentação do(a) moderador(a) e dos objetivos da pesquisa Apresentar os procedimentos do grupo focal on-line e síncrono Orientações gerais sobre a plataforma escolhida Estímulo da discussão por meio dos tópicos-guia Encerramento
Transcrição	Transcrição do material coletado (a partir das unidades previstas: vídeo, áudio, texto...)
Análise de dados	Análise proposta pela própria pesquisa; desafios a partir das unidades levantadas (vídeo, áudio, texto...) e seus vieses

Fonte: Elaboração própria a partir de Bordini e Sperb (2011).

Na revisão de literatura que construíram, Bordini e Sperb (2013) nos trazem mais alguns aspectos dos grupos focais no ambiente on-line: foram 46 artigos levantados, na área da Psicologia, e mais de 1/3 dos trabalhos utilizaram grupos focais on-line e síncronos, apenas 6 deles utilizaram plataformas de conferência de vídeo e apresentaram até 20 participantes, em dadas dinâmicas (BORDINI e SPERB, 2013, p. 200). Outras preocupações podem ficar por conta da disponibilidade de reunião em horário específico, com todos os integrantes previstos do grupo, ou mesmo o desafio em equilibrar as falas dos participantes e o papel do moderador quanto à agilidade em acompanhar as ocorrências em *chats*, por exemplo (BORDINI e SPERB, 2013).

A partir dessas considerações gerais e, também, sobre estruturação do trabalho em direção à execução dos grupos focais, um roteiro específico foi pensado levando em consideração a temática posta em discussão a partir da presente pesquisa (Apêndice C). Vale ressaltar o acréscimo das “boas-vindas” ao roteiro e, sem dúvida, uma postura empática em relação aos desafios múltiplos, de ambos os lados. As plataformas digitais, como dito, despontaram como protagonistas nesta esfera conversacional digital, nos últimos anos.

Contudo, esses espaços “virtuais” também são ocupados, administrados e dirigidos por humanos, o que deve ser levado em conta na dinâmica das relações on-line.

A partir deste cenário, apresenta-se o guia de análise dos dados coletados para a pesquisa. Assim, segue uma reflexão sobre a Análise Temática (AT) como caminho para a tomada de decisões em pesquisas qualitativas ancorando-se, principalmente, em Braun e Clarke (2006). Além da proposta de uso da plataforma de análise automatizada de conteúdo Iramuteq como ferramenta auxiliar no tratamento dos dados.

### **3.3. Caminhos para a Análise Temática (AT) e o Iramuteq no tratamento e análise de dados**

Virginia Braun e Victoria Clarke (2006) apresentam a Análise Temática (AT) como método de análise qualitativa utilizado na identificação, análise, interpretação e relato de padrões (temas) colaborando na análise interpretativa dos dados (p. 81). Luciana Souza (2019) segue afirmando que a AT traz “características semelhantes a procedimentos tradicionalmente abordados na análise qualitativa. [...] como busca por padrões, recursividade, flexibilidade, homogeneidade interna nas categorias/temas e heterogeneidade externa entre as categorias/temas” (SOUZA, 2019, p. 53).

Nesse sentido, há a necessidade do papel ativo do pesquisador e o processo começa desde que se inicia a procura por padrões de significados e questões que vão tomar lugar na pesquisa (SOUZA, 2019, p. 54). Com base em Braun e Clarke, Souza (2019) fala sobre a identificação do tema e diz que, em certo nível, o tema representa alguma significação padronizada identificada no banco de dados construído a partir da respectiva pesquisa. Além de não ser possível prever ou indicar um “tamanho” especificado para um tema, como argumentam as próprias autoras:

Um tema pode ocupar um espaço considerável em alguns itens dos dados, e pouco ou nenhum em outros, ou ele pode aparecer relativamente pouco no conjunto completo de dados. Então o julgamento do pesquisador é necessário para determinar o que é um tema. Nossa orientação inicial em torno disto é que você precisa manter uma certa flexibilidade, e regras rígidas realmente não funcionam. (BRAUN e CLARKE, 2006, p. 56)

De maneira geral, por essa perspectiva, não há um passo a passo relacionado a AT mas, sim, orientações amplas que exigem reflexão a cada fase e que não representam um processo

linear (SOUZA, 2019, p. 56). Esta espécie de guia é elaborada e apresentada por Braun e Clarke (2006), em 6 (seis) passos: (1) familiarização com os dados coletados, (2) codificação inicial, (3) a busca por temas, (4) a revisão dos temas, (5) definição e nomeação dos temas e, por fim, (6) a produção do relatório (BRAUN e CLARKE, 2006, p. 64).

Com isso em mente, obteve-se quase 10 (dez) horas de vídeo/áudio gravados como registro da realização de 4 (quatro) Grupos Focais realizados no contexto desta pesquisa, com transcrição completa constituída de 74 páginas brutas. Há, também, 52 respostas ao formulário digital, como detalhado nos próximos tópicos deste capítulo. Dito isso, o tratamento dos dados se mostrou um desafio em si. Assim, a plataforma de análise automatizada Iramuteq<sup>4</sup> se apresentou como essencial para auxílio no tratamento inicial dos dados e na tomada de decisão analítica.

Com este software é possível realizar análises estatísticas sobre variados *corpora* de texto e tabelas (CAMARGO e JUSTO, 2018) auxiliando na identificação de segmentos de textos que podem levar a tomadas de decisões relacionadas a pesquisa. Os tipos de análises possíveis, são (CAMARGO e JUSTO, 2018, p. 8-17):

- **lexicografia básica** (abrange a lematização: forma reduzida das palavras com base em suas raízes);
- cálculo da **frequência de palavras**;
- além das análises: **classificação hierárquica descendente** (um tipo de classificação de vocabulário, a partir dos segmentos de texto, que pode ser visualizada por meio da relação das palavras presentes);
- análise de **correspondências** (possibilita comparações textuais) e
- análise de **similitude** (identifica coocorrências e auxilia na identificação da estrutura do conteúdo em um *corpus*).

Por meio do Iramuteq, também é possível agrupar e organizar graficamente as palavras em função da frequência no conjunto de texto (CAMARGO e JUSTO, 2018, p. 17). Assim, e após testes iniciais com parte do coletado, fez-se uso de frentes específicas do programa para organização e visualização do material a caminho da tematização da discussão. A figura a seguir (

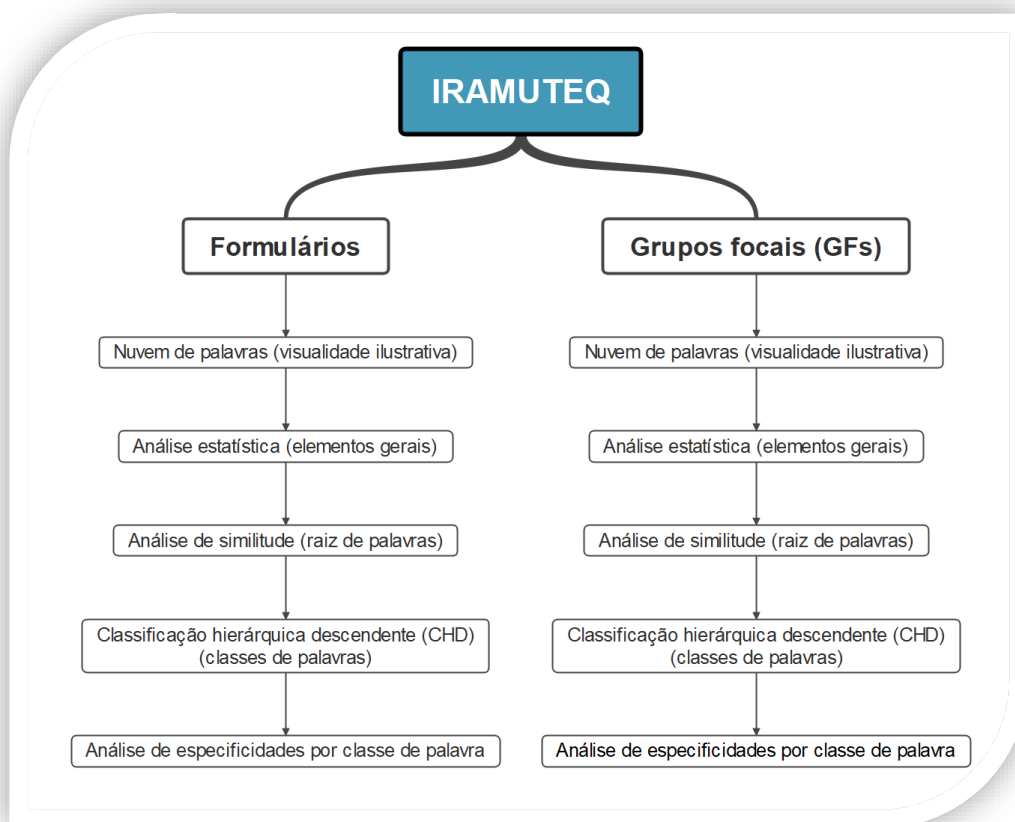
Figura 4. Iramuteq: análises utilizadas a partir do material coletado mostra as aplicações realizadas. Tanto nos Formulários como nos Grupos Focais, utilizou-se as seguintes análises:

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://iramuteq.org/>.

(1) nuvem de palavras, (2) análise estatística, (3) análise de similitude, (4) classificação hierárquica descendente (CHD) e (5) análise de especificidades por classe de palavra.

**Figura 4.** Iramuteq: análises utilizadas a partir do material coletado

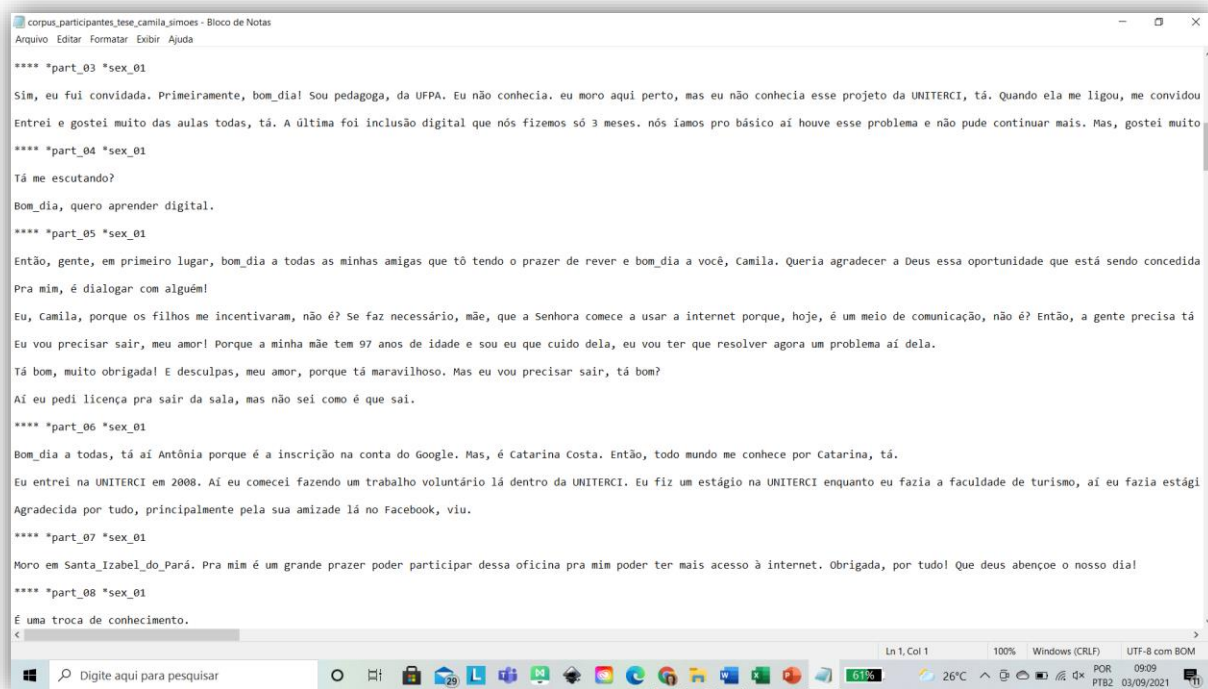


Fonte: elaboração própria, com os tipos de análises disponíveis e utilizadas com o auxílio do Iramuteq, 2021.

Para qualquer um destes processos, foi necessária uma preparação específica do material a ser lido pelo software: todo o conteúdo deve constar em um único documento de texto sem formatação, separado por linhas de comando, com a linguagem padronizada (como quando do uso de siglas), inclusive em relação à hifenização (Exemplo: o programa entende “terça-feira” como duas palavras distintas e para ser compreendida enquanto uma única expressão deve vir com o *underline* ao invés do traço: “terça\_feira”) (CAMARGO e JUSTO, 2018, p. 13). Um exemplo deste tratamento textual para a leitura do programa segue na figura abaixo (Figura 5).



**Figura 5.** Print de documento formatado para uso no software Iramuteq



Fonte: elaboração própria, com dados da pesquisa, 2021.

As linhas de comando ajudam na subdivisão do texto orientadas pelos interesses da pesquisa, como direciona o manual oficial (CAMARGO e JUSTO, 2018). Quando da preparação dos dados para o Iramuteq, Cynthia Melo (2017) indica duas formas mais comuns desta subdivisão: (1) por indivíduo, ao reunir todas as falas de cada participante em seções separadas, e (2) por tema. Melo (2017) argumenta que a segunda opção limita o alcance de análise do programa e deixa de fora o que pode emergir em outros momentos da entrevista (individual ou em grupo). É como que partir para o material coletado com olhar temático predefinido, o que não parece se conectar à postura considerada mais ampla/rica em pesquisas qualitativas. Esse tipo de abordagem de pesquisa é guiado por reflexividade e flexibilidade ao longo de todo o processo, como já discutido (BRAUN e CLARKE, 2006).

Assim, como é possível perceber na Figura 5, as linhas de codificação demarcam as falas de cada participante da pesquisa (\*part\_01, \*part\_02, \*part\_03...) e, também, o respectivo sexo (\*sex\_01 para feminino e \*sex\_02 para masculino). Apenas o sexo de nascimento foi considerado uma vez que outras identificações de gênero não emergiram a partir dos contatos diretos (entrevistas em grupo) ou mesmo por meio dos formulários. Mesmo assim, admite-se a necessidade de ampliar olhares na direção interseccional no contexto da velhice (ALVES e ARAÚJO, 2020; BRITO, ARAÚJO e BELO, 2021). Em maioria mulheres, as interlocutoras e

os interlocutores desta pesquisa trazem consigo histórias de vida periféricas na capital paraense, no Norte brasileiro, a partir de vivências possíveis abarcadas dentro de um salário mínimo, muitas vezes. Uma heterogeneidade de experiências a se conhecer nos próximos capítulos.

Seguindo o caminhar metodológico, como ponto de conexão entre o guia proposto por Braun e Clarke (2006) e o uso do Iramuteq, o software auxiliou nas fases (não lineares) 2 a 5 (retomada das fases indicadas: 2. codificação inicial, 3. a busca por temas, 4. a revisão dos temas e 5. definição e nomeação dos temas). Da mesma forma, auxiliou na visualização dos dados possibilitando extensa descrição, resultando também na produção deste relatório e exploração temática a partir dos dados levantados. A codificação do documento para a leitura do programa é diferente da codificação dos resultados. Este último leva ao entendimento inicial dos temas mais relevantes aos participantes da pesquisa, à revisão desses temas e à definição das categorias de discussão. Vale considerar a leitura e releitura mais subjetiva do material coletado, neste movimento de “vaivém” (SOUZA, 2019), que mobiliza atenção para as ocorrências em profundidades múltiplas.

O próximo tópico traz um relato de campo com as questões e desafios colocados a partir dos métodos de coleta delineados e executados no desenvolvimento desta pesquisa.

### **3.4. Diário de pesquisa: condições e desafios encontrados no campo**

Assim, a começar pelo formulário digital, que circulou em novembro de 2019, em agosto/setembro de 2020 e em abril de 2021, a quantidade de respostas mostra uma descendente (25, 16 e 11 participantes, respectivamente). Isso, por si só, representa um desafio que se soma às limitações de alcance. Foram 86 respostas, no total aparente. Após exclusão de interlocutores com menos de 58 anos (proximidade aceitável), que ainda assim responderam ao formulário, restaram 52 preenchimentos válidos.

A participação decrescente, ou mesmo não tão numerosa quanto o esperado, parece se conectar diretamente às pesquisas realizadas pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, em 2021. O respectivo levantamento verifica o uso da internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus, e teve que se utilizar de questionários via *web*, de forma emergencial. E, o relatório também traz as limitações dessa estratégia “na medida em que os não usuários não foram alcançados pela nova tecnologia”, além de se considerar o “menor alcance entre indivíduos com menor nível de escolaridade (até Ensino Fundamental), das classes C e DE e nas faixas mais velhas (sobretudo com 60 anos ou mais)” (CGI.BR, 2021, p. 49). E são

características presentes nesta amostra, alta escolaridade, média salarial e, pode-se assumir, maior proximidade e habilidades mínimas com esse tipo de processo digital - como o descrito em detalhes, no próximo capítulo deste relatório.

De maneira geral, os formulários tiveram quantidade de acesso concentrada nas primeiras semanas de circulação. Não recebendo, após isso, qualquer nova resposta. Neste ponto, foi fechado para novas respostas e a coleta considerada realizada. Algo que também apareceu, durante essas coletas, foi o recebimento de respostas de pessoas com menos de 60 (sessenta) anos. Mesmo que esta faixa de idade estivesse explicitamente conectada ao título e/ou descrição do formulário. Foram consideradas, ainda, pessoas bem próximas da “faixa de corte” – com 59 ou 58 anos. Outras que apresentavam idade perto dos 50 anos ou mesmo uma resposta de um participante de 34 anos foram excluídas da amostra, como o detalhado no capítulo 4 (quatro).

Por conta da temática e o interesse em tentar levantar sentidos sobre essa relação, tecnologia e envelhecimento, as perguntas de natureza aberta se mostraram importantes, mas limitadas. Respostas diretas, curtas e com aparência superficial foram recebidas, o que justifica a combinação de métodos e a tentativa de levantar/construir dados por meio de estímulos distintos (formulário e grupos focais).

O questionário se manteve em estrutura geral, mesmo nas variadas circulações, para garantir unidades de comparação válidas. Contudo, foi necessário saber mais sobre os sentidos produzidos pelos respondentes durante a pandemia (mudança de hábitos de usos de internet, dispositivos, serviços) e, por isso, novas questões foram incluídas a partir da segunda circulação, em 2020. A esta altura o foco anterior foi recortado e, o trabalho passou a direcionar olhares para este período, especificamente.

Como já colocado, a pandemia se apresenta enquanto crise mundial de saúde e elemento pressionador em direção à digitalização mais intensa dos cotidianos. Nos formulários, as respostas em relação a esse aspecto vêm em formato escrito e relativamente curtas. Se mostraram indicadores de interesse e que deveriam tentar ser conhecidos em maior profundidade, como os relatos sobre como os celulares se tornaram importantes no cumprimento do isolamento social durante a pandemia, servindo de ponte para contato familiar e mesmo tela principal para realização de pagamentos, dentre outras transações financeiras.

Assim, após a reflexão metodológica apresentada em capítulo anterior, foram realizados grupos focais (GFs) e outras condições e desafios se fizeram presentes. Anualmente, a Universidade da Terceira Idade (UNITERCI), da Universidade Federal do Pará (UFPA), recebe cerca de 60 (sessenta) adultos com 50 anos ou mais para atividades diversas – desde as que

chamam de atualização cultural até práticas artesanais e de discussões sobre os Direitos da pessoa idosa. Atividades de inclusão digital, também, são oferecidas. Contudo, o período vivenciado nos últimos anos (2022/2021) tornou esse aprendizado específico impraticável. Assim, as atividades e encontros possíveis de serem realizados on-line, via Meet, foram retomados como palestras com temáticas de cunho psicológico ou ainda relacionados à feitura de artesanato, exceto os relacionados à inclusão digital, especificamente.

Em uma chamada de voluntários, esta pesquisadora viu a oportunidade de oferecer um tipo de conteúdo nessa direção e remotamente – desafio número 1. Assim como tornar cada um dos encontros – foram 4 (quatro), no total – em oportunidades de ampliar as discussões sobre o período pandêmico e sobre o papel das tecnologias no dia a dia dos participantes – desafio número 2. De início, as bolsistas-coordenadoras das turmas levantaram as temáticas de interesse junto aos estudantes da instituição, foram elas: redes sociais (citaram diretamente Facebook e Instagram), serviços bancários e aplicativos para exercício da memória e similares.

Com isso em mente, foi elaborado um material que abarcasse um breve histórico do que é internet, os diferentes dispositivos que podem ser conectados à internet, a diferença entre navegador e aplicativos (mesmo que os próprios navegadores dos celulares sejam aplicativos, pareceu importante fazer esta diferenciação, por conta das possibilidades de funcionalidades) e, também, onde baixar aplicativos a partir do celular – principal aparelho de acesso, o que foi percebido desde o primeiro encontro.

Este primeiro encontro ocorreu no dia 19 de abril, de 2021, às 9h da manhã, via Meet. Com mais de duas horas e meia de duração – entre apresentação do funcionamento básico da plataforma, a apresentação da pesquisa e a solicitação de participação a todos –, os participantes compreenderam o motivo duplo da presença da pesquisadora (como voluntária e mediadora da pesquisa, ao mesmo tempo) e fizeram interferências variadas, antes, durante e depois da apresentação do conteúdo proposto. Mas, de início, o sentido de urgência tomou conta da situação. Logo, foram recebidas indicações de que algumas das participantes, eram 9 (nove) mulheres, tinham horário certo e que a pesquisadora deveria começar sem demora. Após o pedido para que a turma aguardasse mais 5 (cinco) minutos, a dinâmica toda começou, assim como a gravação do encontro – prática comum, solicitada pelos participantes e pela bolsista organizadora do calendário de atividades.

Era costumeiro esse tipo de procedimento (a gravação). Assim, os estudantes da UNITERCI teriam acesso posterior à conversa e iriam recuperar toda a parte expositiva, sem problemas. Contudo, era importante dar ciência da participação de todos os alunos presentes – neste caso, as alunas – em um tipo de pesquisa acadêmica, propriamente dita, o que foi feito.

E, de maneira geral, a presença de uma pessoa ligada à instituição ajudou, também, nas boas-vindas e no reforço do contato posterior.

A esta altura, o quórum estava completo e não houve variações – pessoas saíram antes do encontro terminar, mas não houve entradas. Dividido em dois grandes momentos, grosso modo (1) conversa e (2) exposição de conteúdo específico, o encontro seguia. Na primeira parte, o objetivo era fazer perguntas, como indicado no roteiro do GF (Apêndice C), e deixar que respondessem e interagissem entre si, à vontade. O que ocorreu por mais de 30 (trinta minutos), neste e a cada encontro, de maneira geral. Logo, a vontade de acompanhar o conteúdo que havia sido proposto se colocava, a partir das falas, e a segunda parte seguia.

Neste GF (o primeiro), todas acessaram a sala de videoconferência por meio do celular e o uso do chat foi pontual. Este recurso foi utilizado em apenas três situações: (1) quando a mediadora enviou o formulário para levantamento do perfil dos interlocutores, (2) quando a representante da instituição demonstrou carinho por uma das falas e (3) comentou sobre um possível retorno no áudio da mediadora. Esse primeiro uso foi logo descartado nas oportunidades posteriores, não houve qualquer retorno do formulário quando colocado no chat.

Algumas dificuldades relacionadas a clicar em links e não saber retornar ao Meet, logo foram colocadas. Ainda assim, com o envio posterior via WhatsApp e por intermédio da bolsista assistente, das 9 (nove) participantes desse grupo, 4 (quatro) responderam ao formulário de levantamento do perfil de respondentes.

Já o segundo GF ocorreu no dia 26 de abril de 2021, com mais de duas horas e meia de duração e variação na entrada de pessoas. Começando com 4 (quatro) e concluindo com 5 (cinco) participantes, todas mulheres. Iniciamos no horário e a bolsista da instituição também mediou o envio posterior dos formulários para levantamento do perfil das participantes, via WhatsApp – como feito ao final do primeiro encontro. Desta vez, 4 (quatro) respostas retornaram. Um desafio se apresentou e se repetiu nesta etapa, impossibilitando de compreender completamente o não retorno total dos questionários. Pode-se assumir desde dificuldades técnicas e de apropriação de usos do celular até algum nível de falta de confiança sobre a obtenção de dados específicos, mesmo que para fins acadêmicos.

Mais uma vez, todas acessaram a sala de videoconferência por meio do celular. Neste encontro, o chat também foi utilizado de maneira pontual como quando uma das participantes (1) indicou que o áudio da mediadora estaria baixo e (2) quando duas delas se manifestaram sobre um vídeo na tela e sobre o avançar da hora, enquanto uma das colegas se estendia na fala, segundo julgaram. Todas as transcrições trazem essas passagens de uso do chat, sempre em

relação e junto ao texto transcrito a partir das falas. Contudo e adiante, pareceu incipiente considerar o chat como parte do corpus de análise.

Os ritos iniciais seguiram e, como se percebeu em todos os 4 (quatro) encontros realizados, há uma certa hesitação em começar a responder. O ambiente digital se apresentando como elemento inibidor? É possível. Um certo incentivo, por meio de repetições de perguntas sobre quem gostaria de falar, foi colocado com muita delicadeza e empatia. Acredita-se que o maior desafio aqui eram os cortes nos áudios, tanto por questões ligadas à conectividade quanto por pontuais tentativas de falas simultâneas – e tudo se tornava incompreensível por alguns segundos. Há que se considerar, também, que essa ambiência não era costumeira ou mesmo conhecida para as e os participantes da pesquisa (também houve presença masculina, mesmo que mínima, nos dois encontros posteriores).

De toda forma, as atividades on-line já haviam sido retomadas há alguns meses, na UNITERCI. Por isso, os participantes tinham certa noção sobre os usos do Meet, utilizavam recursos como o “levantar a mão”, o chat, mesmo que pontualmente, e manusearam o ligar e desligar dos próprios áudios com poucas dificuldades.

O terceiro GF ocorreu no dia 3 de maio, de 2021, com pouco mais de duas horas de duração, 10 (dez) participantes, no total (2 homens e 8 mulheres), dos quais 9 (nove) responderam ao formulário de levantamento do perfil socioeconômico. Desta vez, duas bolsistas da instituição acompanharam o encontro, assim como o seguinte. O GF começou no horário e o quórum inicial de 8 (oito) pessoas logo chegou a 10 (dez) integrantes, sem variações.

Neste encontro, o chat foi usado pontualmente por uma das bolsistas da instituição, (1) na marcação do horário do encontro seguinte, por dois participantes com (2) elogios sobre a aula, (3) um pedido de comentário sobre a tecnologia 5G e (4) alguns agradecimentos finais na forma de “obrigado!”. E, desta vez, uma participante entrou na sala de videoconferência pelo notebook, enquanto os outros permaneciam pelo celular.

Então, como uma postura adotada desde o primeiro GF, após os ritos de apresentação inicial da mediadora e de como tudo iria funcionar, foi feito um reforço de que qualquer pessoa poderia interromper a fala ou apresentação da pesquisadora para qualquer tipo de comentário, curiosidades, questões – o que parecia ocorrer sempre na altura da exposição do conteúdo sobre aplicativos bancários.

O último GF foi o único que ocorreu pela tarde, às 15h, no dia 13 de maio de 2021. Desta vez, foram 14 (quatorze) participantes – apenas 1 (um) homem. E a menor taxa de resposta dos formulários está aqui, com apenas 3 (três) retornos - mesmo com o pedido de

reforço à importância dos formulários, a partir das bolsistas, que representaram pontes diretas junto aos participantes da pesquisa, via WhatsApp.

Mais uma vez, apenas uma participante entrou na sala de videoconferência por meio do notebook, enquanto os outros participantes entraram por telefones celulares. Neste encontro, o chat foi usado pontualmente, na altura das despedidas. E, nesse GF, algo bem diferente ocorreu. Uma participante era acompanhada de perto pelo filho, de 60 anos, logo foi possível identificar uma dinâmica de sobreposição de falas. Em princípio, a fala masculina permanecia ao fundo e as linhas gerais eram repetidas pela participante. Logo, a fala masculina tomou a frente, pediu licença, se apresentou e falou em variados momentos. Por isso e pela extensa interação, tomou a posição de um participante da pesquisa. E, aos poucos, não foi mais possível escutar a fala da participante inicial, os motivos não ficaram evidentes.

De maneira geral, os grupos focais realmente se apresentaram como espaços ricos de construção coletiva e coleta de informações sobre um determinado tema. Neste caso, a presença, usos e apropriações das tecnologias de comunicação digital na vida, dia a dia, cotidiano da pessoa idosa em meio a pandemia. As falas trazem as pequenas satisfações – como quando a participante disse da felicidade que sentiu ao conseguir sair e retornar a uma reunião no Meet, até os procedimentos bancários entendidos como mais complexos – como fazer empréstimos e saber calcular as taxas de juros para verificar a veracidade das cobranças visualizadas. O assunto financeiro tomou boa parte do tempo dos grupos e foi a temática que fez aparecer os sentimentos receosos mais intensos e posturas desmotivadoras, por parte dos participantes.

Mas, o detalhamento da amostra e os desdobramentos analíticos vêm adiante. O que aqui se registra é o conjunto de desafios de campo – ao menos o que foi possível expressar – para que possam ser colocados e compreendidos como parte fundamental na edificação das dinâmicas propostas para a construção dos dados primários desta pesquisa. Aqui, pesquisadora, métodos de coleta e as respectivas execuções dos planejamentos se encontram. Com isso em mente, vale partir para o desdobramento do material coletado, a seguir.

### **3.5. Análise descritiva e categorização dos resultados**

O movimento de descrever é um primeiro esforço analítico que faz ver o coletado, contribuindo para o jogo de relações com o exposto até este ponto. Adiante, e em duas grandes partes, os perfis dos indivíduos idosos participantes da pesquisa e as análises do coletado e

transcrito são vistas, tanto na frente dos Formulários (Item 3.5.1) quanto dos Grupos Focais (Item 3.5.2). Ao final deste subtítulo (Item 3.5), a culminância da exploração analítico-descritiva representada nas categorias de discussão emergentes.

### 3.5.1. Formulários: perfis dos interlocutores e caracterização geral da amostra

Neste tópico, entra-se diretamente no material coletado a partir dos formulários digitais colocados em circulação, realizando uma descrição geral da amostra, indicando a utilização do Iramuteq na exploração dessa materialidade e na tomada de decisões de análise.

#### 3.5.1.1. Os formulários e os sujeitos da pesquisa

Houve 3 (três) circulações dos formulários digitais, via internet (redes sociais e e-mail), com ampla divulgação. O primeiro formulário circulou no segundo semestre de 2019 (25 respondentes), o segundo formulário circulou no segundo semestre de 2020 (16 respondentes) e o terceiro no primeiro semestre de 2021 (11 respondentes), totalizando 52 respostas válidas<sup>5</sup>.

As questões foram pensadas como instrumentos para levantamento do perfil socioeconômico, dos usos e apropriações, como também as impressões dos interlocutores da pesquisa sobre os telefones celulares e a internet (Apêndice E). Entre a primeira e a segunda aplicação do formulário, acréscimos foram necessários e mantidos para a terceira circulação, abarcando questões sobre como a pandemia impactou o uso desses aparelhos e da internet e mesmo como se sentem em relação a situação junto à vivência da tecnologia nos próprios cotidianos.

A tabela (Tabela 5) a seguir indica as categorias mais objetivas a partir da coleta. Assim, uma descrição geral do material - resultado das perguntas de natureza aberta - e as subjetividades emergentes também podem ser verificadas.

**Tabela 5.** Formulários: material coletado em 2019.2, 2020.2 e 2021.1

<b>Respondentes</b>	52 pessoas (Formulário 1 + Formulário 2 + Formulário 3)
---------------------	---

<sup>5</sup> Realizar as circulações dos formulários antes da realização dos Grupos Focais (GFs) era objetivo desta fase da pesquisa, o que foi feito. Os GFs ocorreram entre o final de abril e o início de maio de 2021.



<b>Idade</b>	59 a 92 anos
<b>Sexo/Gênero</b>	Mulheres (67% ou 35); Homens (33% ou 17)
<b>Cidade de nascimento</b>	Aveiro (PA), Belém (PA), Belterra (PA) Capanema (PA), Carutapera (MA), Castanhal (PA), Coari (AM), Igarapé-Miri (PA), Macapá (AP), Manaus (AM), Marapanim (PA), Nova Canaã (BA), Rio de Janeiro (RJ), Salvaterra (PA), Santa Izabel (PA), São Luís (MA), Tomé-Açú (PA), Vigia (PA).
<b>Cidade onde mora</b>	Ananindeua (PA), Aracajú (CE), Belém (PA), Fortaleza (CE), Garopaba (SC), Governador Valadares (MG), Macapá (AP), Manaus (AM), Mesquita (RJ), Natal (RN), Niterói (RJ), Nova Canaã (BA), Rio de Janeiro (RJ), Santa Izabel (PA), São Paulo (SP), Tucuruí (PA).
<b>Renda (Referência: valor do salário mínimo brasileiro até dezembro de 2020; SM)</b>	Até 1 SM (5); de 2 a 3 SM (6); mais de 3 SM (20); mais de 4 SM (2); mais de 5 SM (4); mais de 6 SM (4); mais de 8 SM (4); mais de 10 SM (3); mais de 20 SM (1).
<b>Escolaridade</b>	Fundamental incompleto (2); Ensino médio incompleto (1); Ensino médio completo (7); Graduação incompleta (4); Graduação completa (14); Especialização completa (12); Mestrado completo (5); Doutorado incompleto (2); Doutorado completo (5); Pós-doc completo (2).
<b>Posse de celular</b>	Sim (100% ou 52 respondentes)
<b>Como adquiriu o aparelho</b>	Comprou para si (73% ou 30 respondentes); ganhou de presente (27% ou 11 respondentes).
<b>Aplicativos mais utilizados (menções)</b>	WhatsApp (37); Facebook (11); Instagram (8); Youtube (4); Aplicativos bancários (3); Gmail e outros e-mails (3); Twitter (2); Netflix (1); Aplicativos para conferência de vídeo (1); Jogos diversos; Aplicativos de aplicação financeira (1); Aplicativos de entregas/delivery (1); Aplicativos de instituições públicas de verificação do INSS e FGTS (1); Pinterest (1); Google (1).
<b>Com quem mais conversa por meio do celular</b>	Familiares (27; prioridade para filhos, seguido de netos, depois irmãos, entre outros parentes); Amigos (18); Conhecidos (1); Colegas de trabalho/a trabalho (1).
<b>Por quais motivos utiliza a internet (menções)</b>	Exigência do trabalho (23); é necessário se atualizar (13); por insistência de familiares e/ou amigos (12); para utilizar serviços bancários (8); para não ficar de fora (5); para realizar compras por meio da internet (2); para entrar em contato com parentes distantes (2); pesquisar sobre questões políticas (1).
<b>Compras por meio da internet</b>	Sim (68% ou 28 respondentes); Não (32% ou 13 respondentes).
<b>Auxílio de terceiros ao comprar por meio da internet</b>	Sim (24% ou 10 respondentes); Não (76% ou 31 respondentes).
<b>Transações bancárias via internet/celular</b>	Sim (76% ou 31 respondentes); Não (24% ou 10 respondentes).
<b>Auxílio de terceiro na realização de transações bancárias</b>	Sim (10% ou 4 respondentes); Não (90% ou 37 respondentes).

Fonte: Elaboração da própria autora com dados da pesquisa, 2021.

Isto posto, a pesquisa contou com a participação de 52 pessoas de 59 a 92 anos - acreditou-se interessante deixar duas respostas de pessoas com 59 anos de idade devido ao aniversário próximo. A maioria é de mulheres (67%) e mesmo destinando espaço específico para identificação de gênero, não houve respostas diferentes daquelas relacionadas ao sexo de nascimento (feminino, masculino).

Até o mês de dezembro de 2020, o salário mínimo (SM) brasileiro era de R\$1.045,00 (Mil e Quarenta e Cinco Reais) e as faixas de ganhos e conformação das conhecidas classes, segundo a classificação mais simples que é do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), seguiam desta forma: primeiro, deve-se somar a renda de todos de um núcleo familiar, se o valor alcançar até 2 SM o indivíduo pertence à classe E; caso essa soma fique entre 2 e 4 SM o indivíduo pertence à classe D; se os ganhos somam de 4 a dez SM o indivíduo pertence à classe C; já à classe B pertence aquele núcleo familiar que soma de dez a 20 SM; seguidos da classe A, contando com mais de 20 SM à disposição (ESPERANDIO, 2020). Outros critérios também podem atuar nessa classificação, todos eles, baseados na posse de bens (de televisor em cores à possibilidade de pagar por um/a profissional mensalista, a posse de máquina de lavar, geladeira ou mesmo um aparelho freezer), além do fator escolaridade (ROSA, GONÇALVES e FERNANDES, 2014).

Dito isto, foi possível levantar, por meio dos formulários, a renda individual e a escolaridade dos participantes da pesquisa. Com isso, pode-se dizer que a maioria dos respondentes ganha de 2 a 4 salários mínimos e, ainda sem considerar com quem moram, fazem parte da classe C, segundo o IBGE. A amostra tem nível de escolaridade elevado, com 53% dos participantes graduados ou com especialização completa, 7% mestres e 7% doutores. Aqui aparece uma questão-hipótese de análise: seria possível associar ao perfil dos respondentes aos formulários a relação educação x tendência “pró-digital”? Ainda nessa direção, o mercado de trabalho parece ter papel de destaque nas atitudes em direção ao digital, como segue.

Quando perguntados e perguntadas sobre os motivos envolvidos na utilização dos telefones celulares, os respondentes disseram que o trabalho tem papel central (23 menções), resposta seguida de expressões sobre ser uma atualização necessária (13 menções), sobre insistência familiar e de amigos (12 menções), necessidade de começar a utilizar serviços bancários (8 menções), para não “ficar de fora” (5 menções), para realizar compras via internet (2 menções) ou mesmo pesquisar sobre questões políticas (1 menção).

Sobre os núcleos de trocas (afetos) on-line, a família tem papel central, seguida de amigos, conhecidos e colegas de trabalho. A maioria dessas trocas é feita por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp (37 menções). Entre outros aplicativos utilizados via celular, estão o

Facebook (11 menções), Instagram (8 menções), Youtube (4 menções), aplicativos bancários (4 menções), Gmail e outros e-mails (3 menções), Twitter (2 menções). Já os aplicativos de conferência por vídeo e aqueles de aplicação financeira, de delivery (entrega, em português), de instituições públicas (FGTS, INSS), também a Netflix, o Pinterest e o Google tiveram uma menção, cada.

Perguntou-se, também, sobre o uso específico de aplicativos bancários e 76% (31 respondentes) disseram que sim, realizam esse tipo de atividade. É importante destacar que em 90% destes casos, o uso se dá de forma totalmente independente. Ainda a maioria disse que realiza compras por meio da internet (68% ou 28 respondentes), 10 deles e delas (24% dos participantes) disseram que contam com a ajuda de terceiros (familiares, em geral).

**Tabela 6.** Respostas à pergunta: Quando começou a utilizar a internet?

<b>Década na qual começou a utilizar a internet</b>	<b>Faixa de idade</b>	<b>Quantos respondentes</b>
1970 <sup>6</sup>	67 anos	1
1990	59 a 71 anos	14
2000	59 a 92 anos	13
2010	59 a 76 anos	11
Não lembram ou não souberam responder		2
Total de respondentes		41

Fonte: Elaboração da própria autora com dados da pesquisa, 2019 e 2020.

Já em relação ao período a partir do qual começaram a utilizar a internet, por exemplo, os participantes apontaram as décadas de 1990 e 2000, como na tabela acima (Tabela 6). Com a construção deste quadro de conhecimento mais objetivo, podemos seguir em direção às subjetividades, que também apareceram nas respostas do levantamento realizado. E, quando perguntados sobre se renunciariam aos telefones celulares, a maioria disse ‘Não’ (61% ou 25 pessoas, em 2019 e 2020). Dentre estes, os motivos estão ligados à necessidade de estar informado(a) ou antenado(a), por ser o mais eficiente e importante meio de comunicação, por ser o meio de comunicação mais rápido para falar com os filhos que moram distante, dentre outros familiares, por funcionar como uma espécie de computador portátil e indispensável, por ser central para o contato de negócios. Ainda apareceram motivações ampliadas, como que dando corpo ao possível alcance que esse tipo de tecnologia tem, na atualidade, e em sociedade,

<sup>6</sup> Acredita-se ser um tipo de equívoco, a internet comercial nos Estados Unidos (EUA) teve início no final da década de 1980. No Brasil, esse movimento é tardio, datando da metade da década de 1990. Fonte: [Folha de São Paulo, 2001](#).

como: “porque hoje é necessário”, “porque se tornou indispensável” e “já faz parte do cotidiano”.

Entre os que disseram ‘Sim’ (39% ou 16 pessoas, em 2019 e 2020) – que ficariam sem telefones celulares – e que indicaram algum motivo, disseram não achar indispensável para se viver, ou mesmo porque têm telefones fixos e não se interessam unicamente pelo telefone celular. A exemplo do trecho a seguir: “Penso que eles têm uma significativa relevância na minha vida, mas se um dia por algum motivo eu não pudesse ter um celular, ou não tivesse recursos para pagar uma prestadora de serviços de telecomunicações, não morreria por isto. Ficaria sem celular” (Interlocutor da Pesquisa, respondente de 2019).

Em perguntas mais abertas, como essas, foi possível encontrar respostas mais da ordem dos sentidos e dos afetos. O que achavam sobre internet, desses aparelhos por meio dos quais se comunicam profissionalmente ou entre familiares, além de algumas falas sobre o que tudo isso, a presença da tecnologia, representa nas próprias vidas. A internet aparece como instrumento/ferramenta para informação ampliada e como facilitadora de vidas, ela é uma espécie de “canal” para o mundo, com câmeras e recursos que impressionam, chegando a ser identificada como substituidora das pernas e dos braços humanos. Essas tecnologias presentes nos cotidianos também funcionam como aproximadoras dos que estão longe fisicamente (geralmente, familiares e conhecidos que moram em outra cidade, estado ou país). Com elas, parece ser possível, da mesma maneira, atravessar “fronteiras” (geográficas e de conhecimento), “viajar” figurativamente pelo mundo, além de serem meios que servem de “companhia”; expressão que aparece num campo de ação dos afetos, ou da falta deles.

E ainda, a indispensabilidade dessas tecnologias nos cotidianos pode estar ligada à naturalização dos discursos (principalmente de cunho comercial) nesta direção, ou mesmo da utilização mais facilitada de serviços que se adequaram à, se não construíram a, realidade contemporânea na qual se vive. Estamos falando da otimização dos corpos e da eterna busca por realizar a vida no menor tempo possível. Entram, aqui, as falas sobre a importância desses aparelhos enquanto assistentes pessoais, de onde vêm os termos utilidade e acessibilidade como solução contra exclusões: “De grande utilidade [sobre a internet e os telefones celulares], será melhor quando todos puderem ter acesso à internet” (Interlocutor da Pesquisa, respondente de 2020). Utilidade relacionada a pagar contas ou mesmo transferir dinheiro para familiares, durante a pandemia.

Durante este período estendido de distanciamento social, por conta da pandemia, a internet foi instrumento de necessidade, segundo os respondentes da pesquisa. “Significa ficar conectado com o mundo e estar atualizado em tudo que ocorre”, porque “...faz parte da

evolução” e “não se pode mais ficar longe dessa tecnologia” (Interlocutores da Pesquisa, respondentes de 2020). A preocupação sobre replicar informações não confiáveis também apareceu: “Em relação ao período da pandemia vejo que é preciso ter um cuidado maior com as informações disponibilizadas, sendo necessário confirmar as informações do meu interesse”; “...só reclamo das pessoas que compartilham informações que não comprovaram e nem sabem a procedência” (Interlocutores da Pesquisa, respondentes de 2020).

O que fica evidente nas impressões que os respondentes da pesquisa colocam, além das expressões sobre agilidade e melhora no acesso a informações diversas, é a possibilidade de aprender algo novo ou mesmo descobrir “que mais coisas podem ser feitas virtualmente de forma muito mais fácil do que presencialmente” (Interlocutor da Pesquisa, respondente de 2020). A “descoberta”, pode-se dizer assim, de serviços que já eram disponibilizados digitalmente pareceu algo como a única alternativa ao momento no qual se viveu em 2020 – e se segue, em certa medida. Antes mais ou menos dispersos, esses serviços se tornaram centrais na comunicação educacional, profissional e familiar, a partir de 2020.

Esta amostra, de 52 respondentes, entre homens e mulheres brasileiros, tem altos os ganhos e o índice educacional. Por isso, vale colocar que nas classes D e E vê-se cerca de 42% de pessoas “conectadas”, contra cerca de 90% de pessoas das classes A e B (SILVA, ZIVIANI e GHEZZI, 2019). A desigualdade social pode estar refletida na desigualdade também de acesso à internet. Por isso,

a necessidade de se relativizarem os discursos majoritários que enfatizam o caráter supostamente democratizante do meio, uma vez que a internet produz e reproduz hierarquias, exclusões e desigualdades sociais. No que se refere ao acesso da população aos equipamentos culturais, é necessário compreender as determinações das práticas e as características das disposições culturais que organizam os investimentos individuais no uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs). (SILVA, ZIVIANI e GHEZZI, 2019, p. 1)

No que diz respeito à pessoa mais velha ou idosa, pode ser que ainda vejamos discursos relacionados à indisposição, a problemas de saúde ou dependência – física e/ou emocional. Ao contrário, no contexto brasileiro, 91% das pessoas com 60 anos ou mais contribuem financeiramente com o orçamento mensal da família. Entre estes, 43% são os principais responsáveis por pagar as despesas da casa (CNDL/SPC-BRASIL, 2018), a maioria é do sexo masculino (53%) (CNDL/SPC-BRASIL, 2018).

Com dados da *Think With Google* (algo como “Pense Com a Google”, em tradução livre para a língua portuguesa), de 2018, vale tentar “aposentar” o velho conceito de “pessoa

velha”, como o trocadilho que propõem no artigo “É hora de aposentar seu conceito de “velho”: dados e insights sobre os sêniores do Brasil” (MACEIRA e CALIXTO, 2019). Primeiro, nos indicam o papel da mídia e da publicidade como aquelas instâncias que ainda colocam em circulação a imagem dos sêniores por meio de estereótipos conhecidos, como citado anteriormente. Empresas brasileiras também parecem julgar a pessoa idosa por meio desses parâmetros. Em 2018, 7 em cada 10 empresas do país achavam que os mais velhos não acompanham as transformações das tecnologias (MACEIRA e CALIXTO, 2019). Porém, cada vez mais a pessoa idosa tem se conectado e, ainda no mesmo ano, o termo “envelhecimento” foi buscado a cada dois (2) minutos, via Google. Um dado que também chama atenção é que a cada três buscas por “bengalas para idosos”, em 2019, já se pode verificar 2 buscas relacionadas a “celulares para idosos” (MACEIRA e CALIXTO, 2019). Na Black Friday de 2018, já haviam sido 1,4% a mais de compras de celulares da faixa etária 55+, em comparado com a faixa dos 18 aos 54 anos (MACEIRA e CALIXTO, 2019).

Um quadro necessário para onde olhar, é o mercado de trabalho formal. Mesmo que 9 a cada 10 empresas brasileiras percebam mais equilíbrio emocional em profissionais com mais de 50 anos, apenas 11% delas têm algum tipo de programa de contratação de profissionais mais maduros; os números também indicam que metade da força de trabalho, no país, será de pessoas com 50 anos ou mais, até 2040 (MACEIRA e CALIXTO, 2019).

Assim, vale seguir para a análise descritiva das respostas abertas recebidas por meio dos formulários e como o Iramuteq auxiliou na visualização dos dados, dos mais subjetivos aos mais direcionados, e na tomada de decisões a caminho da busca temática para a discussão que se delineia no próximo capítulo.

### 3.5.1.2. Análise descritiva das respostas abertas aos formulários com auxílio do Iramuteq

Como já colocado, o Iramuteq é um software que auxilia na leitura orientada de textos e seus respectivos segmentos à procura de respostas aos objetivos de pesquisa. Antes de retomarmos os objetivos desta pesquisa, vale mergulhar nas generalidades até os recortes possíveis que o programa pode proporcionar ao corpus trabalhado. No caso desta pesquisa, as respostas abertas fornecidas pelos participantes da pesquisa por meio de formulário digital.

A começar por uma nuvem de palavras, um grafo que mostra termos em tamanhos diferentes considerando frequência e força, já fica evidente que as respostas aos formulários

envolvem uma comunicação mediada por tecnologias presentes em nossos cotidianos: o celular, os respectivos aplicativos de redes sociais e aplicativos de mensagens (ex.: WhatsApp, Facebook, Instagram), entre outros serviços digitais (ex.: bancários). Logo também se percebe a conexão desse tipo de comunicação com as relações de trabalho e, principalmente, amicais/familiares. As respostas parecem estar envoltas num campo de exigência e de atualidade de usos. Assim como um tipo de associação direta às formas de contato e de comunicação atuais, um tipo de evolução inevitável, como também um recurso, ferramenta de acesso a informações, compras etc.

**Figura 6.** Dados dos formulários – respostas abertas: nuvem de palavras



Fonte: Dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

A nuvem de palavras se mostrou interessante à medida que ilustra um conjunto de ideias, das centrais para as mais afastadas. Conjunto investigado mais a fundo adiante. Assim, seguindo o caminho proposto para a análise descritiva do material coletado para esta pesquisa, uma leitura de dados objetivos (indicadores) é mostrada e uma argumentação construída. Desta forma, a análise estatística dos formulários feita pelo Iramuteq encontrou 2.813 ocorrências (palavras) combinadas a partir de 615 formas e 322 hapax (palavras que apareceram uma única

vez). Entre as 531 formas ativas (palavras ativas<sup>7</sup>), a tabela abaixo mostra as 80 primeiras e as respectivas ocorrências, de acordo com a análise estatística feita por meio do programa.

**Tabela 7.** Respostas aos formulários: 80 (oitenta) primeiras formas ativas

<b>Formas ativas</b>	<b>O</b>	<b>Formas ativas</b>	<b>O</b>	<b>Formas ativas</b>	<b>O</b>	<b>Formas ativas</b>	<b>O</b>
não	50	compra	14	viver	7	computador	6
trabalho	48	informação	13	vez	7	coisa	6
whatsapp	45	ficar	13	também	7	bom	6
amigo	45	familiar	13	sempre	7	atividade	6
porque	43	necessidade	11	quando	7	youtube	5
filho	39	ganhar	11	pandemia	7	tudo	5
comprar	34	como	11	neto	7	só	5
celular	34	bancário	11	meio	7	sim	5
família	29	instagram	10	grande	7	reunião	5
exigir	23	insistir	10	ferramenta	7	rede	5
necessário	21	importante	10	facilitar	7	on-line	5
mais	21	acesso	10	banco	7	mudar	5
estar	21	jogo	9	ao	7	momento	5
internet	20	contato	9	achar	7	forma	5
comunicação	18	vida	8	telefone	6	facilidade	5
muito	17	uso	8	tecnologia	6	evolução	5
atualizar	17	social	8	representar	6	essencial	5
utilizar	15	pesquisa	8	recurso	6	e_mail	5
facebook	15	mundos	8	peçoal	6	comunicar	5
serviço	14	hoje	8	google	6	aplicativo	5

O = quantidade de ocorrências

Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa e auxílio do Iramuteq, 2021.

A contagem de palavras ativas nos serve para compreender melhor as relações trazidas na figura anterior (Figura 6. Dados dos formulários – respostas abertas: nuvem de palavras) e como as principais ocorrências nas falas já trazem motivação/causalidade (“porque”), elos comunicativos que conectam relações afetivas (familiares, amigos) quase em igual medida, além da centralidade comprovada do telefone celular e do aplicativo WhatsApp como mediadores dessas relações.

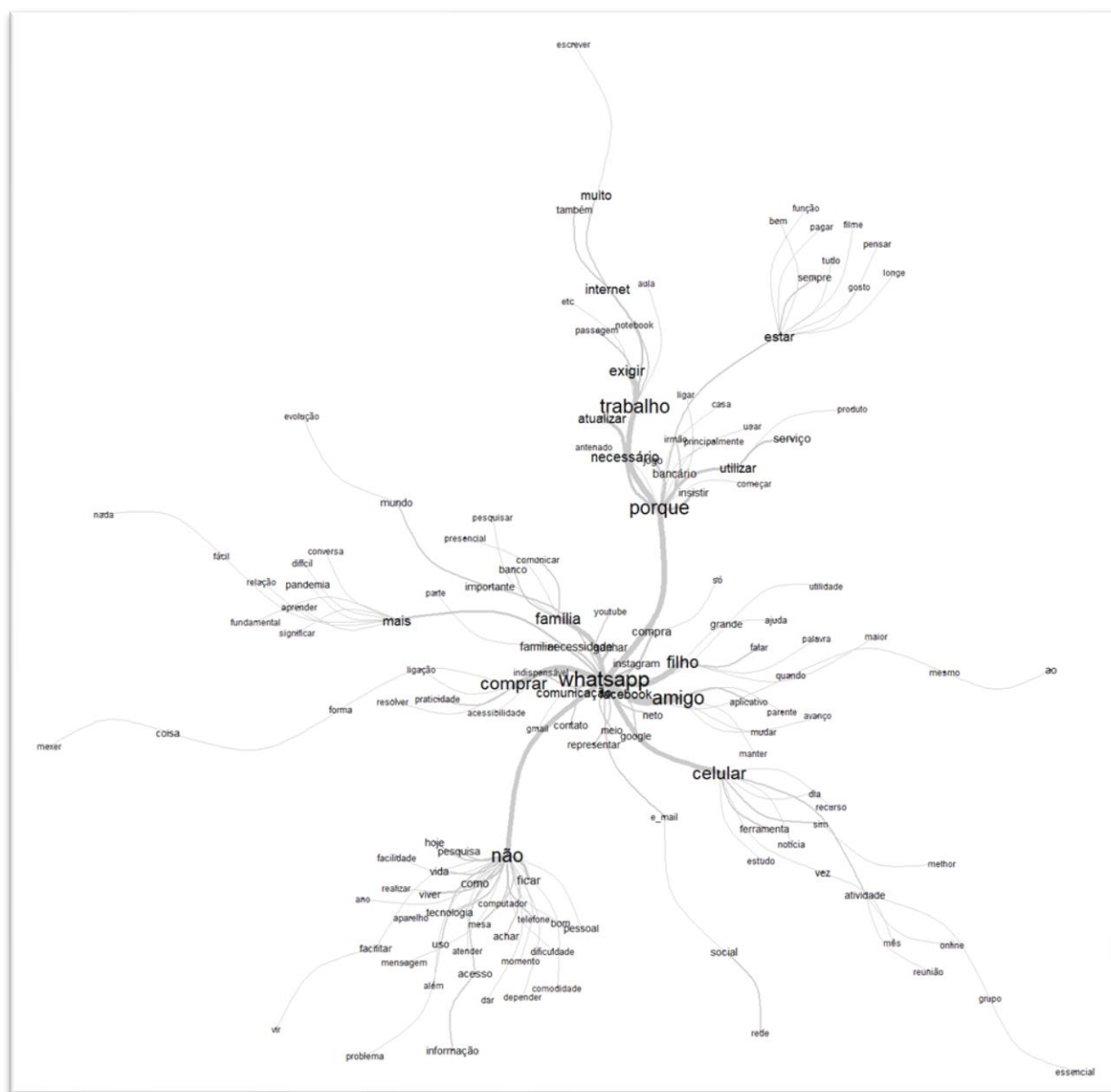
Adiante, por meio da análise de similitude, é possível ver/colocar essas palavras em um campo de associações. Trata-se de um movimento não linear por meio de uma visualidade que

<sup>7</sup> Para o Iramuteq, palavras ativas são aquelas consideradas relevantes para o analista. Nesse caso, seguiu-se a orientação dos manuais citados no corpo do trabalho e foram mantidas como formas ativas os verbos, os adjetivos, os advérbios, os nomes comuns e as formas não reconhecidas. Vale ressaltar que entre as formas (palavras) lidas pelo programa, 531 são formas ativas, nas condições descritas diretamente acima.



mostra direções temáticas gerais, a caminho da finalidade da exploração dos dados primários. Esse tipo de análise resulta na representação gráfica da ligação entre palavras dentro de um corpus textual (MELO, 2017). E, assim, “inferir a estrutura de construção do texto e temas de relativa importância” (MELO, 2017) para os interlocutores da pesquisa. Então, com os dados da pesquisa e a partir do Iramuteq, o gráfico abaixo foi criado com o recurso “árvore máxima” gerando um tipo de visualização em formato de raiz, apresentando “nós” e “galhos” interrelacionados.

**Figura 7.** Dados dos formulários: análise de similitude



Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

Ao explorar livremente esta visualidade em formato de raiz, também é possível reconhecer um central mediador de comunicação atual: o WhatsApp. O uso desta plataforma de comunicação está próximo aos usos do Facebook, do Instagram e localiza as relações interpessoais em dimensões representadas pelas palavras amigos, filhos, família e comprar. Esta categoria central nas falas dos respondentes dos formulários da pesquisa está fortemente conectada a outras 3 (três) ramificações:

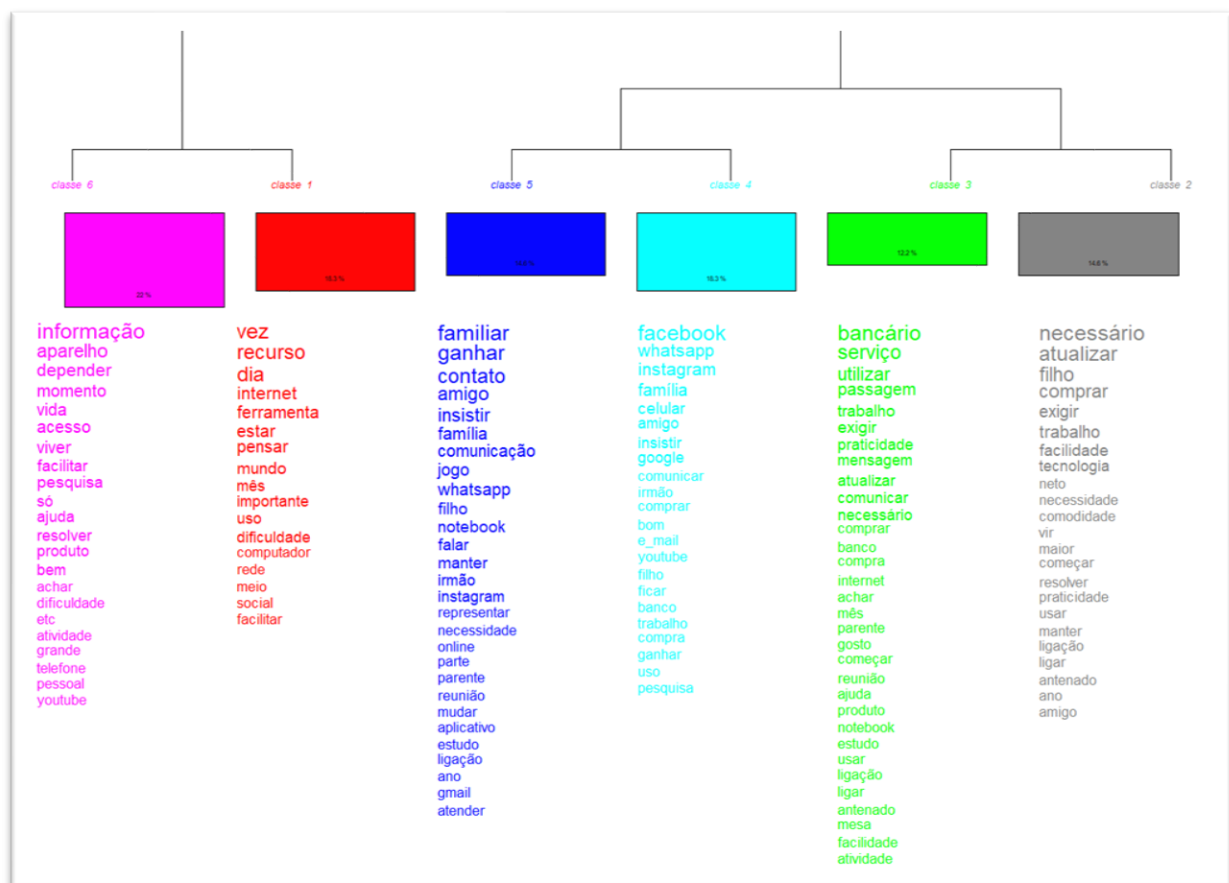
- Ramificação superior conectada pela palavra “porque” - (1) Ramificação de motivações de uso desse tipo de comunicação: o que envolve necessidade, sinônimo de atualização, exigência do trabalho e variadas utilidades, como compra de passagens de viagem, atividades educacionais por meio da internet, usos bancários e serviços on-line, em geral.
- Ramificação inferior esquerda conectada pela palavra “não” – (2) Ramificação da tecnologia como dispositivo: traz tecnologia enquanto aparelhagem do cotidiano, do hoje. Tanto ‘facilidade e comodidade’ quanto ‘dificuldade e dependência’ são termos que aparecem nesta ramificação. Assim como os termos ‘uso e acesso à informação’. Aqui, não ficou suficientemente entendido o uso da palavra “não”, já que ocasionalmente pode ser utilizada em sentenças que indicam resultado positivo. Por isso, acredita-se que a exploração mais detalhada adiante pode trazer mais elementos descritivos que devem ajudar na análise.
- Ramificação inferior direita conectada pela palavra “celular” – (3) Ramificação do celular como dispositivo/ferramenta do cotidiano: aqui, o aparelho aparece como recurso cotidiano essencial, indicado como ferramenta de atualização de notícias, de estudo e, também, de trabalho (reunião, atividades on-line, grupo etc.).

É possível inferir, até o momento, que a cada tipo de análise proposta e realizada, as camadas de significado vão se desvelando e os sentidos podem começar a ser percebidos mais aprofundadamente. A caminho da exploração dos vocabulários e como os sentidos aparecem nas falas dos interlocutores da pesquisa, foi realizado um tipo de análise que agrupa vocabulários a partir dos segmentos de texto encontrados. Trata-se da chamada classificação hierárquica descendente (CHD), ou método de Reinert (CAMARGO e JUSTO, 2018), ordena os segmentos de texto de acordo com os respectivos vocabulários (CAMARGO e JUSTO, 2018, p. 14) permitindo a visualização, em grafos, de aproximações gerais de ideias. Esse tipo de análise traz uma correlação dos vocabulários por tema, semelhança, proximidade de uso e

forma um esquema hierárquico que os relaciona (MELO, 2017) - o que se mostrou valioso na compreensão mais aprofundada do levantamento desta pesquisa, trazendo mais camadas e possibilidades à leitura dos resultados.

À medida que as classes de palavras são descritas, as falas mais representativas dos interlocutores da pesquisa (formulários) auxiliam no entendimento central das discussões que emergem, a caminho das temáticas mais expressivas. Assim, foram encontrados 6 (seis) conjuntos de palavras por meio da CHD com 82.83% de aproveitamento dos segmentos de texto encontrados pelo software (CAMARGO e JUSTO, 2018, p. 34).

**Figura 8.** Dados dos formulários: dendrograma das classes de palavras (CHD)



Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

É importante destacar que as palavras mais representativas em cada uma das classes são (1) identificadas por porcentagem de ocorrência, também (2) indicadas pelo índice  $\chi^2$  (chi2; pronuncia-se “qui quadrado”), que deve ser maior que 3,80 ( $\chi^2 > 3,80$ ), e (3) P acima de 0,05 ( $p > 0,05$ ). O índice P “identifica o nível de significância da associação da palavra com a classe” (CAMARGO e JUSTO, 2018). Isto posto, a tabela a seguir foi construída com os dados

estatísticos gerados no Iramuteq, mas fora dele. Nela, verifica-se as classes de palavras mais expressivas (classes 6, 1 e 4, respectivamente), o ano do formulário mais significativo de onde as falas emergiram, os sujeitos centrais na construção de cada classe e as palavras mais recorrentes organizadas por frequência (%) e força ( $\chi^2$ ).

**Tabela 8.** Dados dos formulários: classes de palavras 1, 2 e 3 detalhadas (CHD)

CLASSE 1			CLASSE 2			CLASSE 3		
18.29%			14.63%			12.2%		
Sujeitos centrais: Interlocutores 37 (Mulher, 65 anos), 38 (Homem, 63 anos) e 44 (Mulher, 68 anos) Formulário central: 2019			Sujeitos centrais: Interlocutores 33 (Mulher), 40 (Homem), 52 (Mulher), 61 (Mulher) e 72 (Mulher), todos com 60 anos Formulário central: 2019; contribuições do 2020 e 2021			Sujeitos centrais: Interlocutores 48 (Mulher, 63 anos), 59 (Homem, 71 anos), 62 (Mulher, 63 anos) e 67 (Homem, 63 anos) Formulário central: 2020		
Palavra	f(%)	chi2	Palavra	f(%)	chi2	Palavra	f(%)	chi2
dia	100	18.78	facilidade	50	4.21	passagem	75%	15.49
recurso	100	18.78	atualizar	43,75	13.49	bancário	72,73	43.47
vez	85,71	23.28	necessário	42,11	14.94	serviço	66,67	38.95
pensar	75	9.05	tecnologia	40	2.74	praticidade	66,67	8.63
mês	66,67	4.88	filho	33,33	11.27	mensagem	66,67	8.63
ferramenta	66,67	10.14	comprar	31,03	9.66	utilizar	53,33	29.01
mundo	57,14	7.73	exigir	30,43	6.39	comunicar	50	5.61
estar	46,67	9.89	trabalho	25,71	6.0	atualizar	31,25	6.74
internet	44,44	10.55				exigir	30,43	9.93
						necessário	26,32	4.61
						trabalho	25,71	10.42

Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

**Tabela 9.** Dados dos formulários: classes de palavras 4, 5 e 6 detalhadas (CHD)

CLASSE 4			CLASSE 5			CLASSE 6		
18.29%			14.63%			21.95%		
Sujeitos centrais: Interlocutores 55 (Homem, 60 anos), 56 (Mulher, 63 anos), 75 (Mulher, 61 anos) e 77 (Mulher, 65 anos) Formulário central: 2020; forte contribuição do de 2021			Sujeitos centrais: Interlocutores 61 (Mulher, 60 anos), 66 (Homem, 68 anos), 69 (Mulher, 70 anos) e 80 (Homem, 64 anos) Formulário central: 2020			Sujeitos centrais: Interlocutores 46 (Mulher, 59 anos), 53 (Mulher, 60 anos) e 60 (Homem, 66 anos) Formulário central: 2019		
Palavra	f(%)	chi2	Palavra	f(%)	chi2	Palavra	f(%)	chi2
facebook	71,43	31.89	contato	71,43	19.76	depende	100	11.07
instagram	66,67	15.83	manter	66,67	6.75	aparelho	100	14.95
google	50	4.35	falar	66,67	6.75	momento	80	10.47
insistir	44,44	4.63	notebook	66,67	6.75	informação	80	22.4
família	43,48	13.57	ganhar	63,64	24.42	viver	66,67	7.56
whatsapp	34,88	16.65	familiar	63,64	24.42	vida	62,5	8.51
celular	34,38	9.08	insistir	55,56	13.55	acesso	62,5	8.51

amigo	30,3	5.33	irmão	50	4.21	facilitar	57,14	5.53
			jogo	50	8.88	pesquisa	57,14	5.53
			comunicação	40	9.46			
			família	34,78	10.39			
			amigo	33,33	15.46			
			filho	29,63	7.25			
			whatsapp	25,58	8.67			

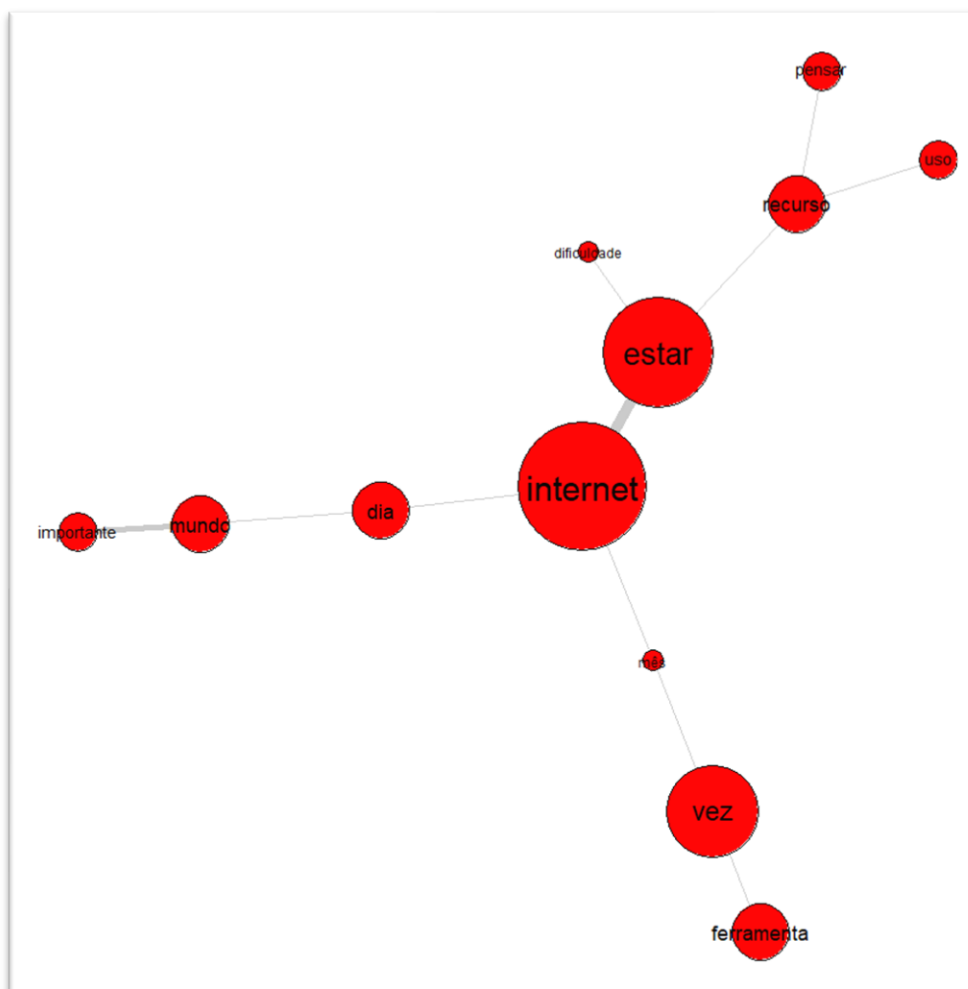
Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

Agora, vale mergulhar em cada uma das classes de palavras para apreender a relação entre os termos, como foram utilizados pelos interlocutores da pesquisa (formulários) e, ao final deste panorama, propor uma codificação temática que aponta caminhos para a discussão que a segue.

### 3.5.1.3. (CHD) Formulários: CLASSE 1

Nessa categoria, as palavras **dia**, **recurso**, **vez**, **pensar**, **mês**, **ferramenta**, **mun****do**, **estar** e **internet** foram agrupadas pelo programa a partir das falas dos interlocutores da pesquisa, como ilustram o dendrograma abaixo (Figura 9) e os exemplos mais representativos que seguem. Essa categoria de palavras representa 18,29% do corpus colocado em análise e mostra proximidade com a classe 6, como veremos nos desdobramentos descritivos.

**Figura 9.** Dados dos formulários: dendrograma CLASSE 1 (CHD)



Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

Aqui, estar conectado à internet é um tipo de “estar no mundo” nos “dias atuais”. É se fazer pensar a partir desse cotidiano mediado pela tecnologia. As possibilidades da internet, por meio de variados dispositivos, nas atividades de trabalho e educativas parecem representar um tipo de necessidade na vida “corrida”.

...porque o trabalho exigiu, comecei em função do trabalho. Nos **dias** atuais é impossível **pensar** no **mundo** sem **internet** pois **estarmos** conectados à rede mundial passou a ser uma necessidade de extrema importância. [...] A **internet** **está** presente nas escolas, faculdades, empresas, etc. [...] Sim, compro em função da minha rotina ser muito corrida, a melhor opção é comprar on-line em função do celular oferecer muitas vantagens. (Interlocutora 44, mulher, 68 anos, 2019)

Falando diretamente do dispositivo tecnológico de maior expressão nos cotidianos dos respondentes, o celular aparece como recurso, ferramenta do dia a dia, funcionando na instrumentalização da vida, em um tipo de relação de assistência pessoal.

...o telefone celular, hoje em **dia**, com os **recursos** que proporciona é uma **ferramenta** fundamental na vida das pessoas. É um assistente pessoal fantástico com câmeras fotográficas cada vez mais impressionantes. [...] Uso os principais **recursos**. Não tenho dificuldades, os celulares **estão** com cada vez mais **recursos** fantásticos. Como eu gosto de tecnologia, apenas espero novos **recursos**. (Interlocutor 38, homem, 63 anos, 2019)

Mesmo que a tecnologia seja vista como recurso indispensável, os sentimentos de cautela e de recuo frente à velocidade, que aparecem junto ao prejuízo da reflexão humana, não são anulados.

Sobre eles (celular, tecnologia), **penso** que é um **recurso** que deve ser utilizado com muita cautela para que sejam evitados problemas. O que veio para facilitar a comunicação, pelo uso excessivo a **está** prejudicando. **Penso** que eles têm uma significativa relevância na minha vida. Mas, se um **dia** por algum motivo eu não pudesse ter um celular ou não tivesse **recursos** para pagar uma prestadora de serviços de telecomunicações, não morreria por isto, ficaria sem celular. [...] Em contrapartida, o benefício da redução no tempo pergunta-resposta me fez, por **vezes**, recuar, pois prejudica significativamente a reflexão propiciando espaço ao imediatismo. (Interlocutora 37, mulher, 65 anos, 2019)

Nos formulários de 2020 e 2021, foram incluídas questões que relacionavam essas tecnologias com a pandemia, já a caminho dos objetivos atualizados da pesquisa, e um tipo de necessidade relacionada a processos de exclusão também apareceu, além da internet enquanto mitigadora no contexto de distanciamento social.

...assisto vídeos e músicas no Facebook. É importante, mas dá pra viver sem celular. Não tenho computador, nem uso **internet** fora do celular, também não sei mexer direito. Hoje em **dia**, todo **mundo** tem WhatsApp e eu também. (Interlocutora 68, mulher, 65 anos, 2020)

...sem a **internet**, o isolamento social seria muito difícil. [...] Tenho ciclos definidos de compras, mas pode ser mais de uma **vez** por **mês**. (Interlocutor 80, homem, 64 anos, 2021)

A indispensabilidade da internet também aparece junto às atividades de compras regulares, serviços bancários e mesmo a um tipo de conexão ampla com o mundo, por meio de informações constantes e atualizadas.

(Viver sem internet) ...seria meio complicado. A internet se tornou **ferramenta** indispensável uma **vez** por mês, faço compras. (Interlocutora 73, mulher, 67 anos, 2021)

...é a **ferramenta** mais importante de comunicação. Significa ficar conectado com o **mundo** e **estar** atualizado em tudo que ocorre. (Interlocutora 79, mulher, 66 anos, 2021)

...de grande utilidade. Eu, particularmente, **estou** pagando as minhas contas através da **internet**. (Interlocutora 58, mulher, 61 anos, 2020)

Assim, no caminho da busca temática (SOUZA, 2019, p. 58) central para essa classe de palavras, foi possível observar codificações iniciais:

- internet para estar no mundo
- internet como ferramenta fundamental para a vida
- celular como ferramenta
- tecnologia como recurso
- tecnologia como prejuízo à reflexão
- tecnologia como obrigatória (exclusão)
- internet como mitigadora do distanciamento social
- internet útil

Os 3 (três) últimos itens da lista acima estão diretamente ligados aos formulários de 2020 e 2021, enquanto os primeiros itens foram tematizados a partir das falas de 2019, centralmente. Antes de qualquer movimento temático, vale propor unificar os termos “celular”, “internet” ou mesmo “tecnologia” em apenas 1 (um): tecnologia. Tecnologia representando todo tipo de dispositivo que media os atos comunicativos na atualidade (celulares, computadores, entre outros tipos de telas e aparelhos). Uma justificativa é o uso desses termos em sentidos similares pelos respondentes.

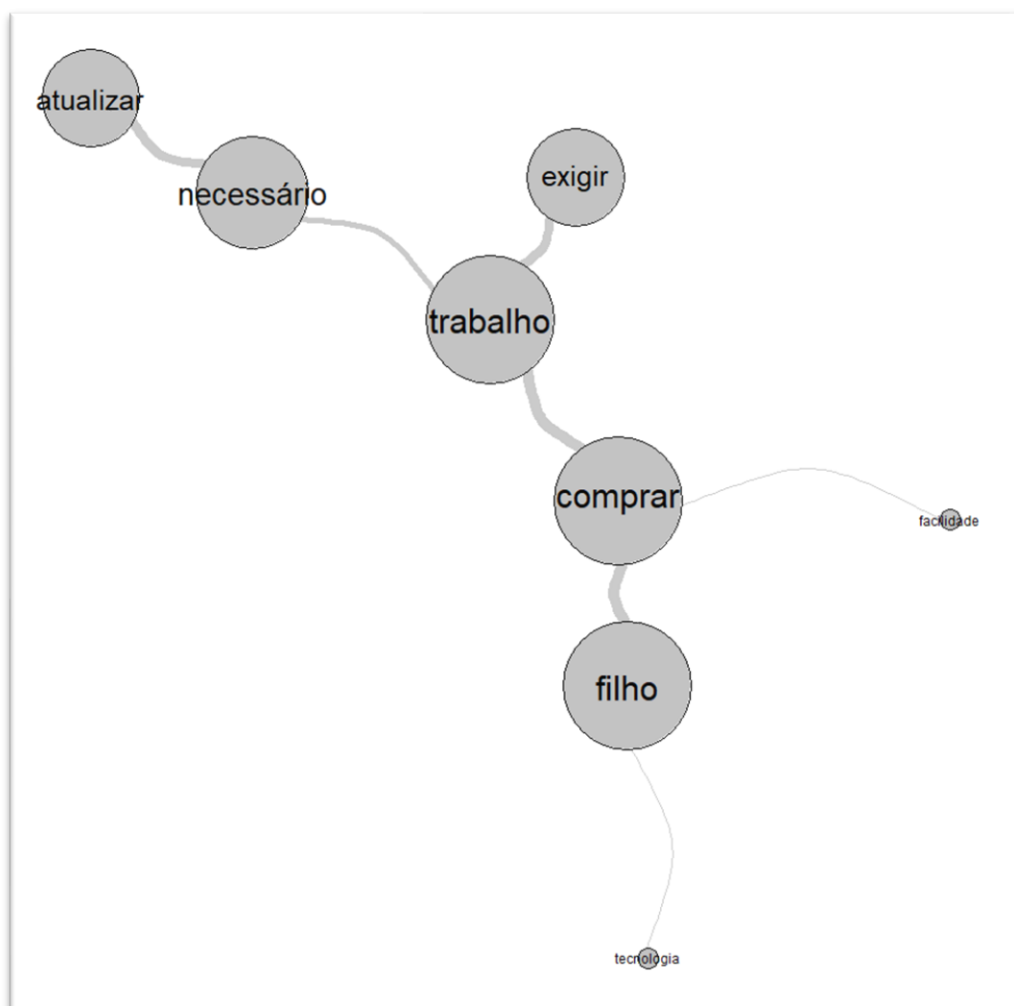
Assim, esta classe de palavras parece reunir 4 (quatro) grandes ideias sobre tecnologia: (1) essencial, (2) inclusiva (visão positiva), (3) exclusiva (visão negativa) e (4) utilidade (ferramenta, recurso, ajuda a mitigar efeitos do contexto de distanciamento social). Ao rearranjar esta ordem mais uma vez, **essencialidade** e **utilidade** da tecnologia parecem ser os guarda-chuvas. Na primeira categoria temática é possível relacionar “inclusão” e “exclusão” como características de obrigatoriedade. Já a segunda categoria temática, parece poder guardar os usos e funções da tecnologia. Convém ressaltar que um resumo em tópicos será apresentado após a classe de palavra número 6 (seis), reunindo as categorias temáticas propostas para a análise.



### 3.5.1.4. (CHD) Formulários: CLASSE 2

Esta classe reúne, centralmente, as palavras **facilidade**, **atualizar**, **necessário**, **tecnologia**, **filho**, **comprar**, **exigir** e **trabalho**. Este agrupamento de vocabulário representa 14.63% dos segmentos de texto analisados por meio do Iramuteq e está diretamente relacionado à classe 3.

**Figura 10.** Dados dos formulários: dendrograma CLASSE 2 (CHD)



Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

Aqui, facilidade aparece no sentido de praticidade e comodidade, vezes, ligado ao uso de “programas” ou softwares considerados fundamentais.

...**facilidade**, a interação e o mundo da internet te fazem acompanhar essa evolução. (Interlocutora 53, mulher, 60 anos, 2019)

...para mim virou rotina e pela comodidade, **necessidade** pessoal. **Facilidade** e comodidade, alguns programas são fundamentais. (Interlocutor 32, homem, 59 anos, 2019)

Atualização também é categoria importante para os respondentes do formulário. Um tipo de atualização ligada à necessidade de acompanhar a tecnologia mais atual. Sempre “em busca de novidades”, por isso, constância como característica desse movimento. Atualização, também, quando do uso dessas tecnologias de comunicação para pesquisas, jogos ou mesmo acessar as redes sociais digitais.

É necessário se **atualizar**. Comecei a utilizar porque sempre quero estar antenada com a **tecnologia** e estou sempre em busca de novidades na área. Sou uma Senhora muito **atualizada, filha**. (Interlocutora 43, mulher, 70 anos, 2019)

É necessário se **atualizar**, o celular iniciei este ano. Faço pesquisas, jogos, ver e-mail, vídeos, acessar redes sociais. (Interlocutora 61, mulher 60 anos, 2020)

O termo necessidade aparece conectado ao uso da tecnologia para se manter “no ar”. Presença digital constante no sentido de estar disponível para emergências, aqui conectadas à familiares. Um tipo de necessidade aparentemente ligada à literacia também se faz presente. A expressão “manuseio necessário” pode indicar dificuldades diversas (físicas, psicológicas, de literacia, etc.), o que não foi possível identificar ao certo. Em resumo, necessidade positiva e necessidade negativa estiveram presentes nas falas.

Praticidade. Eu comprei o celular mas têm **atualizações** que dificultam o manuseio **necessário**. (Interlocutora 47, mulher, 65 anos, 2019)

**Necessário**, prático, seguro e cômodo. Pela **necessidade** de se manter “no ar” para, principalmente, estar a postos para qualquer emergência com familiares e/ou amigos. (Interlocutora 38, homem, 63 anos, 2019)

Apesar de forte, nesta categoria, as falas relacionadas a trabalho serão deixadas de lado por terem se repetido de sentido em relação à classe de palavras 1. Não houve código/sentido novo. Contudo, há ainda como inferir sobre a palavra filho(s) que, aqui, aparece como expressão em conexão com o controle parental como forma de ordenação da “casa”, do ambiente doméstico.

(Celular) ...questão de **trabalho**, eu **comprei**. Hoje, são indispensáveis por vários motivos tais como controle da sua casa, dos **filhos**, dos netos e resolver assuntos mais rapidamente. (Interlocutor 39, homem, 73 anos, 2019)

Porque o **trabalho exigiu**. **Trabalho** e vida particular. Eu **comprei**.  
(Interlocutora 52, mulher, 60 anos, 2019)

Com isso em vista, uma proposta de codificação foi exercitada, a partir desta categoria. Tecnologia vista como/para:

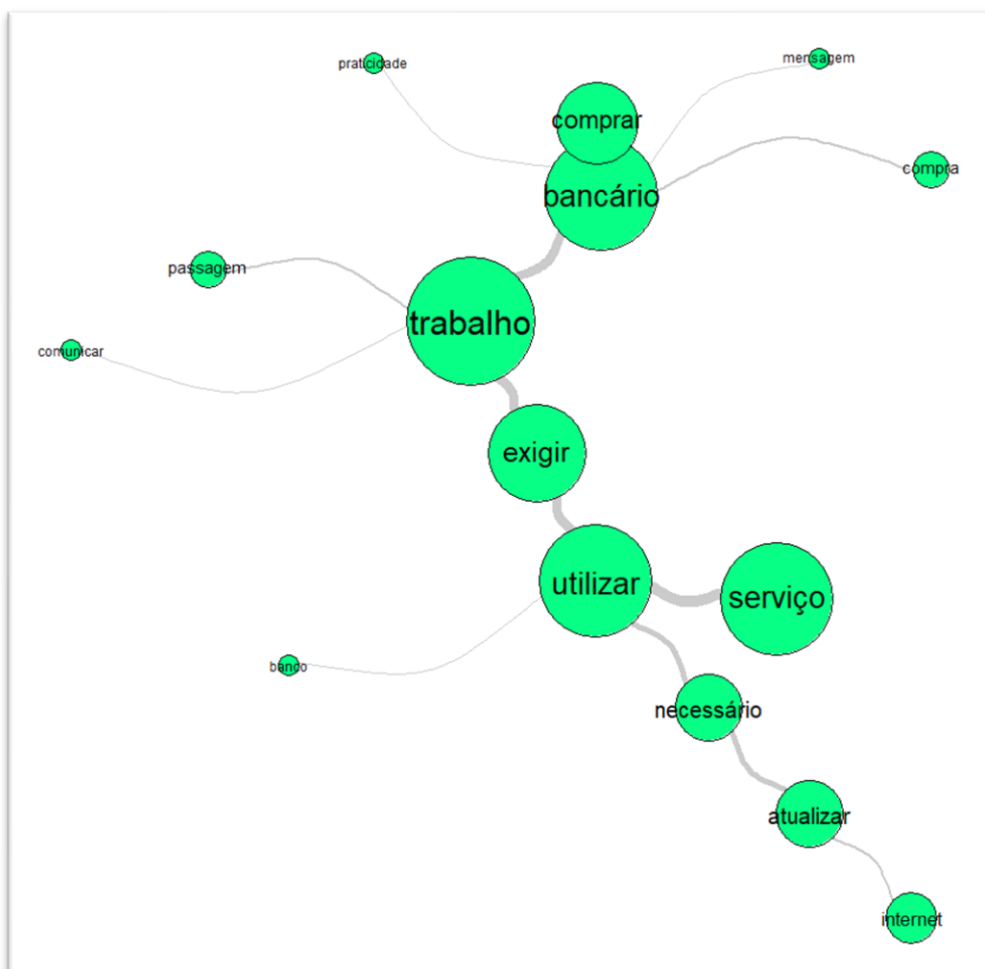
- facilitar a interação
- facilitar o cotidiano por meio de aplicações consideradas fundamentais
- necessária pela disponibilidade constante e capacidade de responder a emergências familiares
- necessária por motivos pessoais (gerais)
- necessária por trazer praticidade
- se atualizar sobre a própria tecnologia disponível
- se atualizar sobre o mundo (pesquisas)
- negativa devido à atualização constante das aplicações diversas (dificuldade de manuseio)
- possibilidade de controle parental e do ambiente doméstico

Aqui, a palavra comprar aparece ligada à aquisição dos aparelhos celulares pelos próprios participantes da pesquisa e não no sentido de compras pela internet ou atividades semelhantes, como na classe anterior. Então, duas categorias de discussão emergem, são elas: (1) **facilidade** e (2) **necessidade** da tecnologia. A primeira categoria (facilidade) diretamente ligada à interação, a possibilidade de estar 100% on-line e, isso tudo, por meio de aplicações consideradas amigáveis, em alguma medida. Já a segunda (necessidade) cobre a atualização constante (apresentou aspectos positivos e negativos), pessoal e/ou profissional, além do controle parental. A seguir, a exploração da terceira classe de palavras.

#### 3.5.1.5. (CHD) Formulários: CLASSE 3

A terceira classe de palavras reúne os usos dos termos **passagem, bancário, serviço, praticidade, mensagem, utilizar, comunicar, atualizar, exigir, necessário e trabalho**. Dos segmentos de texto lidos pelo programa, 12.2% estão aqui nesta classe que parece ser a mais “utilitarista”, de início. É, também, a classe mais “fraca” e está ligada diretamente à classe anterior que já coloca tecnologia entendida como essencial e de utilidade cotidiana.

**Figura 11.** Dados dos formulários: dendrograma CLASSE 3 (CHD)



Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

Nesta classe, a relação com serviços digitais está bem definida nas ocorrências de compras de passagens pela internet para viagens ou mesmo a utilização de serviços bancários.

Porque é o mais eficiente e importante meio de comunicação, o **trabalho exigiu** e para utilizar **serviços bancários**. (Interlocutor 59, homem, 71 anos, 2020)

WhatsApp, equipe de **trabalho**, e-mail, transações **bancárias**, economia de tempo, cumprir o distanciamento social, compras uma vez por mês. (Interlocutora 74, mulher, 69 anos, 2021)

Sempre estou pesquisando **passagens** de avião pois gosto de viajar. Pesquiso, também, alguns produtos de artesanato, roupas, sapatos, filmes que estão em cartaz. Gosto muito de navegar pela internet para me **comunicar** com meus amigos e minha família. (Interlocutora 43, mulher, 70 anos, 2019)

Como na última fala acima, o sentido de comunicar com familiares também aparece. Assim como e a seguir, um tipo de comunicação profissional por meio de mensagens ocorre especificamente. Ampliando, é possível perceber que essa comunicação se estende às reuniões on-line e contratação de serviços variados.

Para **utilizar serviços bancários**. No celular, estudo, faço compras, contratação de serviços, reuniões, **mensagens**. Acho que facilita e simplifica muito a realização das atividades. (Interlocutora 62, mulher, 63 anos, 2020)

Assim, utilidade aparece como categoria, mais uma vez. Agora, conectada a serviços bancários e à internet como meio essencial para realização de serviços diversos, na modalidade on-line e de forma considerada prática.

Comecei a **utilizar** a internet para ter um conhecimento global e ficar atenta das coisas. Uso esses **serviços** por uma questão de facilidades, usando a tecnologia. (Interlocutora 46, mulher, 59 anos, 2019)

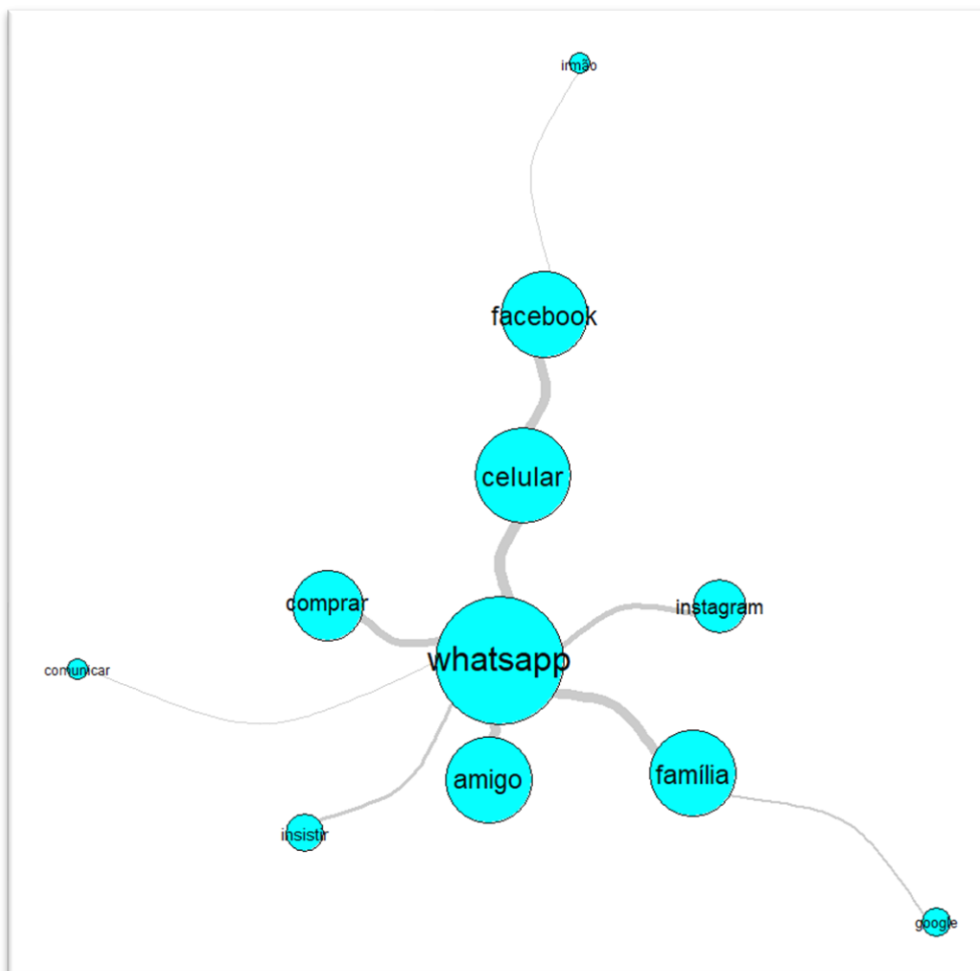
Para poder comprar pela internet, **utilizar serviços bancários, praticidade**. (Interlocutora 33, mulher, 60 anos, 2019)

Isto posto, esta classe coloca os usos das tecnologias de comunicação num campo de **utilidades**: nas frentes de serviços (bancários, compras pela internet) e de serviços de comunicação (reuniões de trabalho on-line e com familiares), mais lateralmente. Assim, esta categoria vocabular pode ser juntar à anterior, somando à temática de discussão que deve encarar as tecnologias de comunicação digital em uma frente utilitária. Quanto às ocorrências sobre serviços de comunicação aqui, são mais “fracas” e devem se juntar à categoria de discussão sobre essas tecnologias enquanto necessidade de uma atualidade conectada. A seguir, a quarta classe de palavras encontrada.

#### 3.5.1.6. (CHD) Formulários: CLASSE 4

A classe de palavras 4, que representa 18.29% dos segmentos de texto encontrados, reúne os termos **Facebook, Instagram, Google, insistir, família, WhatsApp, celular e amigo**. Este conjunto de uso dos termos está conectado à classe posterior. O dendrograma a seguir já dá pistas sobre as principais plataformas utilizadas pelos respondentes dos formulários (WhatsApp, Facebook, Instagram por meio do celular) e em quais direções (família, amigos).

**Figura 12.** Dados dos formulários: dendrograma CLASSE 4 (CHD)



Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

Assim, os usos da internet, principalmente por meio do celular, têm foco em plataformas específicas como o Facebook, o Instagram, até mesmo o Google, lateralmente. Mas, a centralidade das comunicações está na plataforma WhatsApp.

Acesso à informação, diversão, redes sociais, **Facebook**, Spotify, **Google**, **WhatsApp**, e-mail. (Interlocutora 79, mulher, 66 anos, 2021)

**WhatsApp**, **Facebook**, **Instagram**, câmera, **Google**, texto. Falo com **amigos** e familiares, conversas informais, recebo textos para leitura. (...) Mudou que não são mais presenciais além do excessivo uso desse meio tecnológico. (Interlocutora 75, mulher, 61 anos, 2021)

Não cabe numa linha... convênio médico, bancos, **WhatsApp**, e-mail, Zoom, **Google Meet**, etc. (Interlocutora 77, mulher, 65 anos, 2021)

Além da comunicação familiar, que não apresenta sentido novo, aqui é possível perceber um tipo de instância de pressão para uso dessas plataformas, tecnologias de comunicação. Tanto amicais quanto familiares, essa “insistência” parece estar ligada ao que é considerado “indispensável”: este cotidiano atual e mediado por esses aparelhos-dispositivos. Sem eles, se corre o risco de não acompanhar suficientemente rápido o campo das “atualizações” (de notícias, informações, aparelhos, novidades familiares etc.).

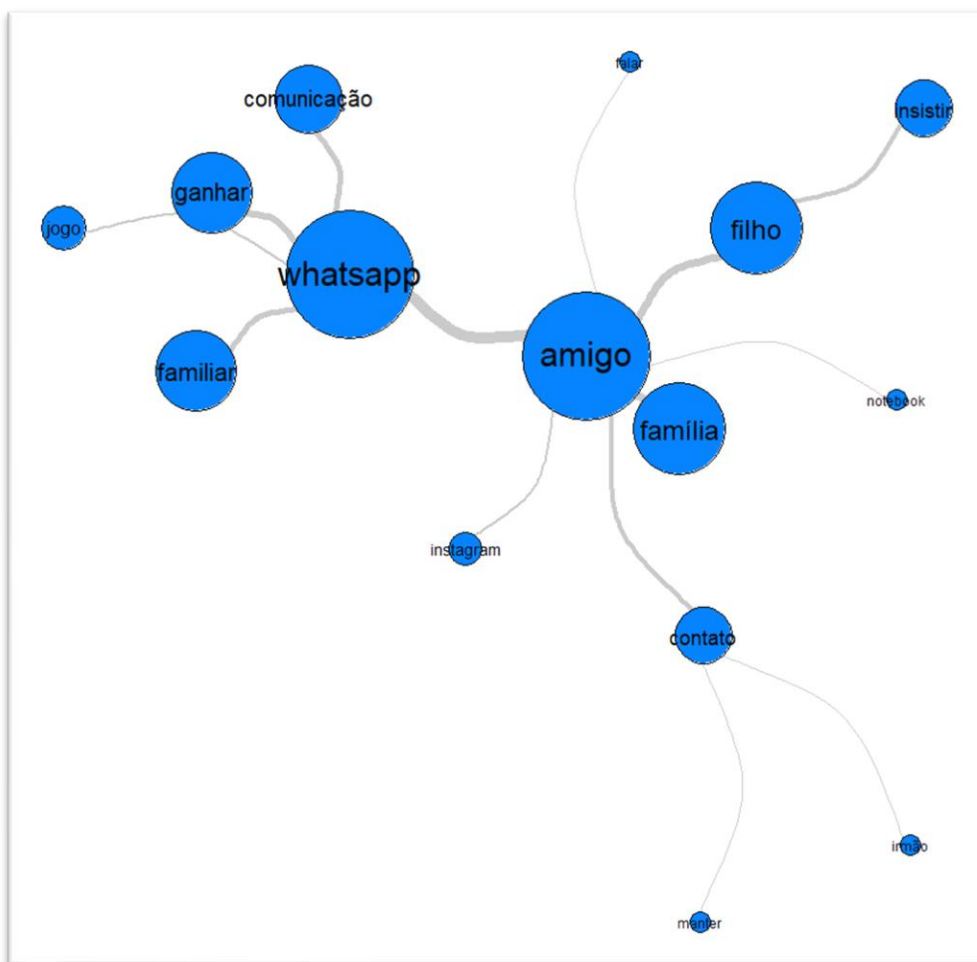
**WhatsApp**, delivery, bancos e Gmail. (...) Porque se tornou indispensável, o trabalho exigiu, minha família e **amigos insistiram**. No **celular**, eu estudo e assisto eventos. Bom, representa um avanço. (Interlocutor 55, homem, 60 anos, 2020)

Aqui, dois grandes campos de discussão emergiram: (1) **plataformização da comunicação** cotidiana e (2) **pressão social** pelo uso dessas tecnologias. Então, além de noções gerais sobre os usos das plataformas também é possível perceber os motivos (junto a alguns elementos de pressão). Assim, vale seguir para a categoria relacionada a esta, dando continuidade às descrições relacionadas.

#### 3.5.1.7. (CHD) Formulários: CLASSE 5

Na classe 5 estão reunidos os termos: **contato, manter, falar, notebook, ganhar, familiar, insistir, irmão, jogo, comunicação, família, amigo, filho, WhatsApp**. Esta classe vocabular representa 14.63% das falas dos participantes da pesquisa, encontradas a partir dos segmentos de texto, e está relacionada a anterior.

**Figura 13.** Dados dos formulários: dendrograma CLASSE 5 (CHD)



Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

A comunicação digital é vista, aqui, como meio para “manter contato”. Os termos “contato” e “manter” aparecem perto um do outro. E não parece ser coincidência que esta categoria se forma, centralmente, a partir das respostas de 2020 e 2021 aos formulários. Um contato digital profissional e pessoal.

Muito importante para **manter contato** com o mundo externo em período de isolamento. (Interlocutora 71, mulher, 63 anos, 2021)

Devido a utilização para **contato** negocial, porque o trabalho exigiu. Contato com família e **amigos**, acho bom a agilidade nas comunicações. (Interlocutora 64, mulher 65 anos, 2020)

Pelo **contato** com os **familiares** porque minha família e **amigos insistiram**. (Interlocutor 66, homem, 68 anos, 2020)

Para **manter contato** com **familiares, amigos** e por necessidades do trabalho. (Interlocutora 37, mulher, 65 anos, 2019)



Alguns usos do aparelho celular se repetem, sem sentido novo, como o interesse pela velocidade nas comunicações cotidianas e o uso de aplicações de jogos.

Pinterest, Facebook, Instagram, WhatsApp, aplicativo de **jogo**, INSS, FGTS. É o meio de **comunicação** mais rápido que tenho para **falar**, principalmente, com mais **filhos** que moram distante. (Interlocutora 61, mulher, 60 anos, 2020)

Aqui, o termo “ganhar” representa uma constatação não muito desenvolvida. Os respondentes registraram que ganharam os aparelhos celulares de presente de amigos ou familiares, um dado já revelado na caracterização geral da amostra.

(Celular) ...**ganhei** da filha. (Interlocutora 51, mulher, 59 anos, 2019)

(Celular) ...**ganhei** de familiares. (Interlocutor 40, homem, 60 anos, 2019)

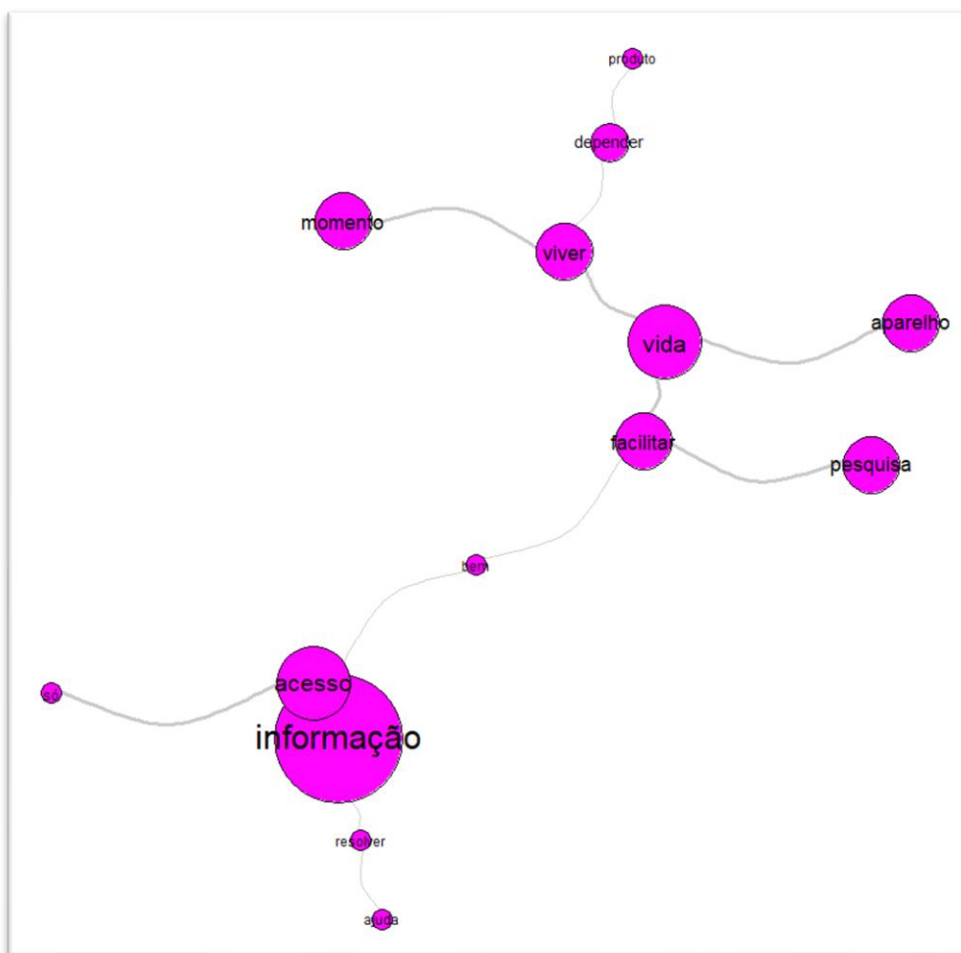
(Celular) ...**ganhei** de amigos. (Interlocutora 35, mulher, 92 anos, 2019)

Os usos do notebook não apareceram como expressivos, assim como outros termos mais bem explorados em categorias anteriores como aqueles ligados aos usos de plataformas digitais e comunicação familiar, além das exigências da instância do trabalho. As codificações possíveis aqui estão conectadas à **manutenção do contato**, principalmente, como forma de mitigar os efeitos do distanciamento social (amigos, família) no contexto da pandemia de Covid-19. Por isso, considera-se esta uma categoria nova e válida no contexto da discussão proposta.

#### 3.5.1.8. (CHD) Formulários: CLASSE 6

A última classe de palavras que emergiu dos resultados é a 6. Representando 21.95% dos segmentos de texto encontrados, este conjunto vocabular é o considerado mais “forte” pelo Iramuteq. Os termos **depender**, **aparelho**, **momento**, **informação**, **viver**, **vida**, **acesso**, **facilitar** e **pesquisa** estão reunidos aqui e se conectam diretamente à primeira classe. Vale verificar estas relações.

**Figura 14.** Dados dos formulários: dendrograma CLASSE 6 (CHD)



Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

O termo “viver” aparece próximo de uma ideia de tecnologia que pode ser dispensável, sim. E um tipo de “dependência” negativa também surge, como aquela que deseja dispensar o sistema de alimentação por bateria.

**Depende** o momento da **vida**, mas de certeza poderia, sim, **viver** sem telefone celular. Se não tivesse compromissos pessoais e de trabalho que me exigissem imediatismos nos contatos. (Interlocutora 37, mulher, 65 anos, 2019)

Então, eu peço ajuda pras minhas filhas. Adoraria que existisse outro método pra substituir as baterias para finalmente não ter que **depende** do sistema elétrico de recarga. Eu acho que é de grande utilidade os aparelhos celulares. (Interlocutora 43, mulher, 70 anos, 2019)

O sentido de facilidades para a vida diária aparece, mas não é novo, assim como o prejuízo à reflexão e ao desenvolvimento social.

São **aparelhos** que vieram para **facilitar** a nossa **vida** e ganharmos tempo. Isso quando se sabe usar, se bem usados são verdadeiros braços e pernas de

uma pessoa. Mas, ao mesmo tempo que ajudam atrapalham no seu desenvolvimento social, intelectual e físico. (Interlocutora 41, mulher, 70 anos, 2019)

“Momento” é um termo utilizado pelos interlocutores da pesquisa quando se referem a contato e à importância da ferramenta (internet/tecnologia) na impossibilidade de encontros presenciais, uma referência à pandemia. Neste caso, são reflexões que vão se juntar à categoria “manutenção de contato” referida na classe anterior (Classe 5).

A comunicação para mim é relevante nas relações particulares e profissionais. Portanto, a internet teve relevância para mim, possibilitando estreitar os **momentos** de contato. (Interlocutora 37, mulher, 65 anos, 2019)

Redução significativa de atividades presenciais. Instantaneidade das **informações**. Passei a ter mais conversas on-line, se necessário. Sim, foi uma ferramenta importantíssima nesse **momento** de impossibilidade de encontros presenciais. (Interlocutor 70, homem, 75 anos, 2021)

Assim como o último trecho acima, os exemplos a seguir trazem o uso do termo “informações” como algo que é resultado do uso da internet (tecnologias da comunicação atuais) e mesmo num sentido negativo, quando do compartilhamento de informações sem comprovação. Possivelmente, referindo-se às notícias falsas.

Ajuda a encontrar **informações**, aumenta a capacidade de leitura, resolve problemas, etc. (Interlocutora 44, mulher, 68 anos, 2019)

Leio notícias, mando mensagens, vejo Youtube. Acho bom, só reclamo das pessoas que compartilham **informações** que não comprovaram e nem sabem a procedência. De forma geral, melhora o **acesso a informações**. (Interlocutor 66, homem, 68 anos, 2020)

Jogos de caça palavras, etc. Mais usado, em 2020, para as atividades de **acesso à informação, pesquisa** e redes sociais. Não gostaria, mas ficaria sem celular se fosse necessário. (Interlocutora 79, mulher, 66 anos, 2021)

O acesso a informações sobre o mercado de finanças e mesmo a pesquisas de produto também são características consideradas pelos respondentes do formulário. Pesquisa relacionada ao suporte do trabalho artesanal, manual, independente.

Comunicação e **acesso** ao mercado financeiro. Ferramenta muito importante para inclusão digital, **acessa informações** e serviços. (Interlocutor 67, homem, 63 anos, 2020)

Atende às minhas expectativas. Não representam tudo, mas através deles **facilitam** muito na comunicação, **pesquisa** e na comodidade de resolver

assuntos pessoais e profissionais. (...) Sou artesã e por conta disso utilizo a internet para fazer **pesquisas** de produto, preços, etc. Algo que **facilita** na produção dos meus produtos. (Interlocutora 53, mulher, 60 anos, 2019)

Então, excluídos os sentidos que já apareceram em outras falas e codificações, se considera:

- tecnologia é dispensável se não fosse indispensável
- tecnologia para acessar informações (de origem interessante, as falsas, de origem financeira e mesmo de suporte para o trabalho artístico)

Assim, tem-se tecnologia **paradoxal** e tecnologia como meio (ferramenta) de **acesso**. A primeira categoria é aquela a partir da qual se propõe discutir o conjunto de características tecnológicas que criam processos complexos de inclusão e exclusão, o que se aproxima da categoria essencialidade vista a partir da classe 1. Da classe 1 também vem a categoria que vê tecnologia como ferramenta. Por isso, aqui, pretende-se discutir tecnologia a partir da característica acesso, na verificação enquanto “porta” que funciona como abertura controlada por uma verticalidade assumidamente de mercado.

#### 3.5.1.9. Formulários: categorias de análise

A partir das visualidades, contagem de palavras e da relação prática entre elas, é factível colocar as seguintes categorias como aquelas que abarcam a discussão que se propõe centrada na tecnologia do cotidiano e, em recorte, num contexto pandêmico recente:

- essencialidade paradoxal
- necessidade
- facilidade
- utilidade
- pressão social pelos usos
- plataformização da comunicação
- manutenção do contato (diretamente ligada à pandemia)
- acesso

Adiante, segue o mergulho em resultados ainda mais densos. São aqueles obtidos por meio dos Grupos Focais (GFs) e a extensão dos registros escritos é ainda maior. Então, foi válido verificar quais categorias foi possível encontrar, quais coincidem com as já encontradas partindo dos formulários ou mesmo o que se poderia dizer em maior ou menor profundidade em relação a cada uma delas.

### 3.5.2. Grupos focais: perfis dos interlocutores e caracterização geral da amostra

Neste subtópico, segue a análise descritiva do material coletado por meio dos Grupos Focais (GFs) realizados on-line. Foram 4 (quatro) encontros, como já colocado, e a exploração do material transcrito será exposto em dois blocos: (1) descrição geral da amostra, com um breve perfil dos interlocutores da pesquisa (GFs), seguida da (2) exploração realizada por meio do Iramuteq em direção à tematização dos achados.

#### 3.5.2.1. Os grupos focais e os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa formam um grupo de 28 pessoas (60 a 78 anos) de maioria feminina (89% ou 25 pessoas) e são moradores de Belém e Ananindeua, capital paraense e município vizinho, respectivamente. Dentre eles, 20 (vinte) responderam ao formulário elaborado para conhecimento do perfil dos interlocutores o que pode ser visto na tabela abaixo.

**Tabela 10.** Dados dos GFs: perfil dos interlocutores, material coletado em 2021.1

<b>Respondentes do formulário de perfil dos GFs</b>	20 pessoas (GF 1 + GF 2 + GF 3 + GF 4)
<b>Idade</b>	60 a 78 anos
<b>Sexo/Gênero</b>	Mulheres (89% ou 25); Homens (11% ou 3)
<b>Cidade onde mora</b>	Ananindeua (PA), Belém (PA).
<b>Renda</b>	Até 1 SM (7); de 2 a 3 SM (5); mais de 3 SM (2).
(Referência: valor do salário mínimo brasileiro até esta data de 2021; SM = R\$1.192,40)	
<b>Escolaridade</b>	Fundamental incompleto (1); Ensino médio incompleto (2); Ensino médio completo (13); Graduação completa (2); Especialização completa (1).

<b>Posse de celular</b>	Sim (100% ou 20 respondentes)
<b>Aplicativos mais utilizados (menções)</b>	WhatsApp (20); Youtube (14); Facebook (13); Google (13); Instagram (8); Facebook Messenger (7); Aplicativos bancários (4); TikTok (1); Snapchat (1); Wombo (1).

Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa, 2021.

A maioria completou o ensino médio e ganha entre 1 e 3 salários mínimos brasileiros. Todos eles e elas têm telefones celulares e acessam, principalmente, o WhatsApp (20 menções), Youtube (14 menções), Facebook (13 menções) e Google (13 menções), por exemplo. Respostas levantadas a partir de uma questão na qual os interlocutores poderiam escolher/marcas mais de uma entre as opções pré-estabelecidas. Aqui, o exercício de olhar para as características dos participantes dos GFs foi inicial. As dinâmicas nos GFs em si formaram uma corpora textual mais ampla e a tentativa de abarcá-la está adiante por meio do uso do Iramuteq, como já detalhado, no auxílio da busca por padrões temáticos emergentes a partir da fala dos interlocutores da pesquisa.

### 3.5.2.2. Análise descritiva das transcrições dos grupos focais com auxílio do Iramuteq

Com o foco voltado para a análise descritiva do material coletado a partir dos Grupos Focais (GFs) on-line, vale começar pela nuvem de palavras que tem se mostrado como uma visualidade que ajuda a compreender os usos mais acentuados dos termos pelos interlocutores da pesquisa. Assim, o grafo a seguir traz a palavra “não” ao centro, o que não é possível afirmar é se o conteúdo das falas é de todo negativo. Os termos “falar”, “ficar”, “muito”, “assim”, “usar”, “vida”, “entender”, por exemplo, aparecem bem próximos. Assim como as palavras “então”, “porque”, “Senhor”, “filho”, “ligar”, “neto”. “Celular”, “aprender”, “dizer”, “pessoa”, “querer”, “Uniterci”, “empréstimo” são palavras que também aparecem com certa força central.

**Figura 15.** Dados dos GFs: nuvem de palavras das falas dos interlocutores da pesquisa



já	108	olhar	48	passar	33	professor	22
coisa	95	dar	48	Deus	33	pandemia	22
ficar	91	até	47	contar	32	mãe	22
lá	82	achar	46	gostar	29	graça	22
ver	80	aqui	44	mandar	28	conhecer	22
pessoa	75	ainda	44	ligar	28	acontecer	22
mais	75	dia	43	internet	28	tempo	21
dizer	74	amigo	43	aula	28	procurar	21
como	71	bem	42	medo	27	deixar	20
querer	70	mesmo	41	empréstimo	27	cartão	20
bom	64	banco	40	tecnologia	26	aplicativo	20
aprender	63	entrar	39	participar	26	usar	19

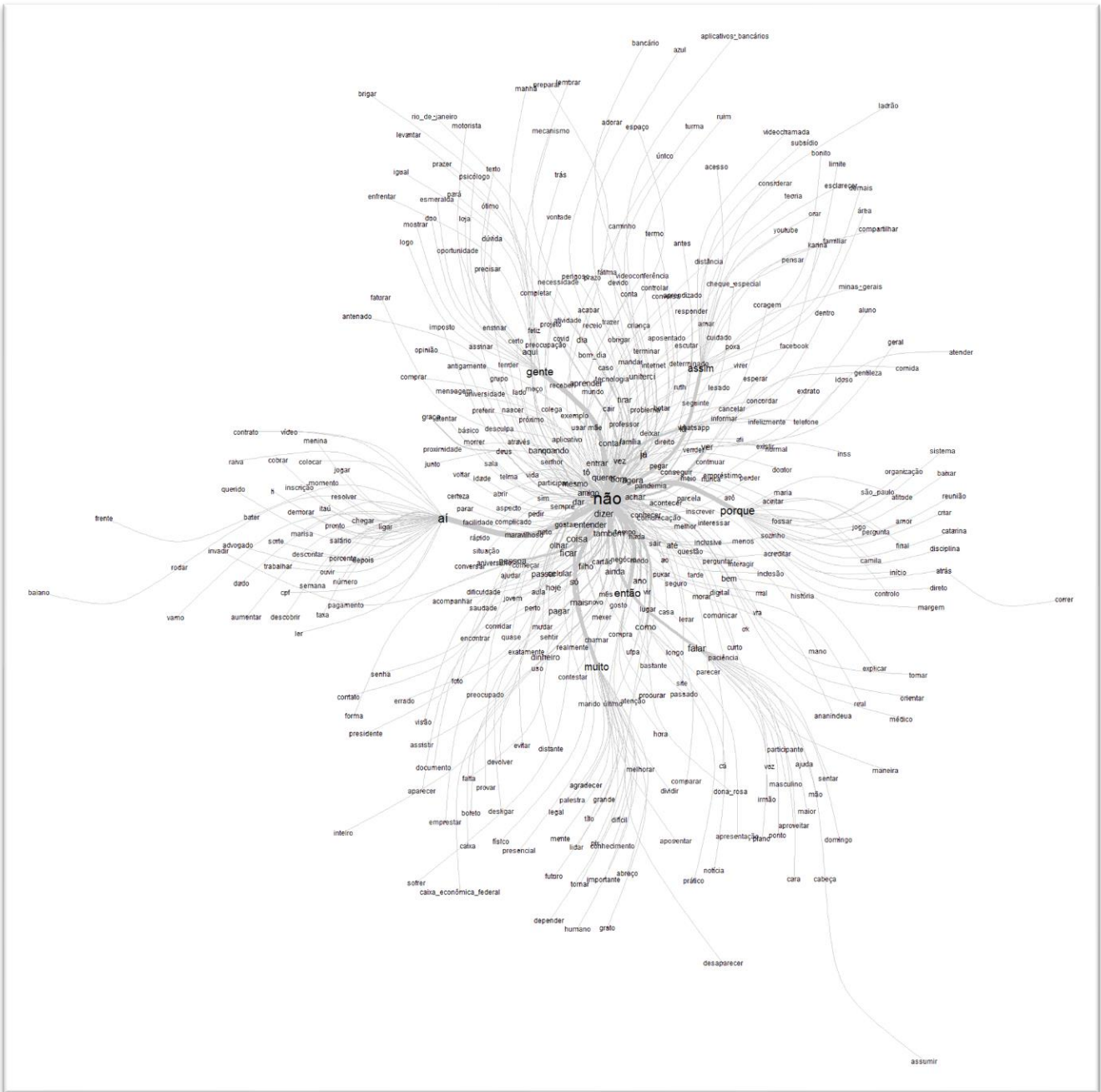
O = ocorrências em quantidade

Fonte: Elaboração com dados da pesquisa, 2021.

Contudo, palavras ainda fora de contexto, excluídas de uma relação prática a partir da qual seja possível observar o que fazem ver e indicar quais assuntos mais direcionados emergem dessas falas. Foi necessário, então, verificar a relação entre essas palavras a partir dos respectivos usos. Assim, uma análise de similitude também foi construída na formação em “raiz” a seguir.

**Figura 16.** Dados dos GFs: análise de similitude das falas dos interlocutores da pesquisa

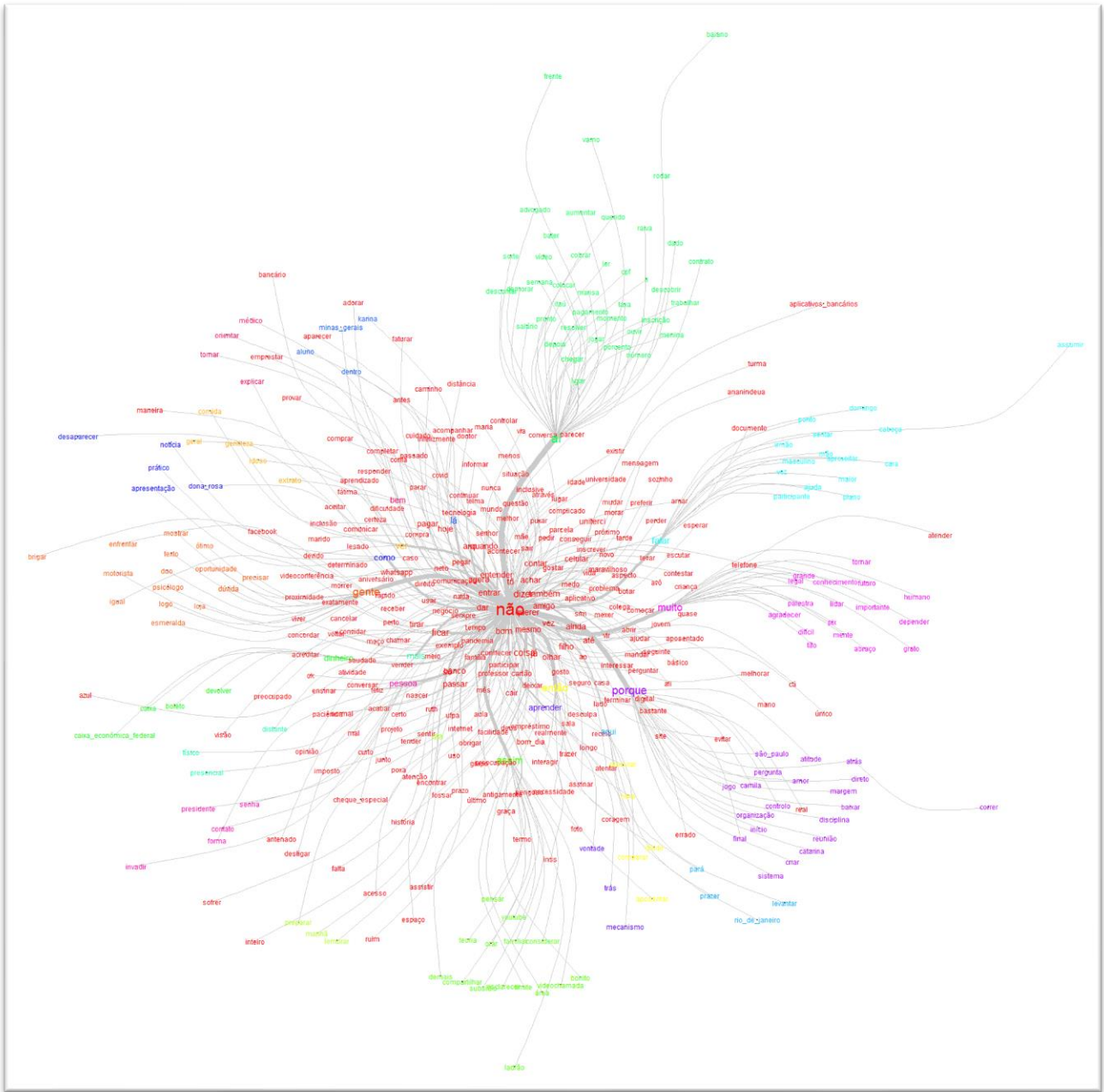




Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

Desta vez, os dados são mais densos e a leitura se mostrou um desafio a partir do modelo clássico do grafo acima (Figura 16). Nesses casos, a opção “comunidade” realça essas relações por cor, o que pode ajudar no entendimento geral, como na alteração da imagem a seguir.

**Figura 17.** Dados dos GFs: análise de similitude das falas dos interlocutores da pesquisa (comunidade entre palavras)



Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

Desta forma, algumas “ramificações” se destacam de um centro heterogêneo que já mostra o termo “pandemia” com mais força, próximo ao centro, assim como “amigo”, “tempo”, “entender”, “participar”, “conhecer”, “aplicativo”, “medo”, entre outros. Uma dessas ramificações está conectada pela palavra “gente” e traz: precisar, dúvida, oportunidade, ótimo, mostrar, texto, duo, loja, psicólogo, enfrentar e brigar. Como a pesquisadora esteve envolvida na mediação destas dinâmicas, também foi uma possibilidade trazer impressões mais subjetivas à esta leitura. Neste caso, o termo “gente” foi utilizado introduzindo expressões de indignação e de enfrentamento, bem no início de falas de atenção.

Outra ramificação está conectada pelo termo “aí” e se mostra uma instância mais explicativa. Algo ocorreu para que um “advogado” fosse acionado, como quando algum “desconto” do salário não estava previsto e, ao “descobrir” foi necessário “rodar a baiana”. Reações por meio de raiva e de chateações também aparecem.

Ramificação também forte é a que está interligada pela palavra “muito” que traz: grande, legal, lidar, palestra, agradecer, difícil, PIX, mente, abraço, conhecimento, futuro, importante, humano, depender, grato, entre outros. Aqui, a intensidade do termo representa sentimentos positivos, de gratidão e de um tipo de atitude pró-digital.

Outro “braço” que está conectado pela palavra “porque” também mostra aspectos explicativos, de desdobramentos da tecnologia como problemática. Então, ir “atrás” de algum ocorrido negativo ligando para “São Paulo”, foi uma ocorrência percebida como experiência de vários interlocutores dos GFs. Os usos das tecnologias de comunicação digital com a finalidade de organização e para reuniões de trabalho também são ocorrências desta ramificação.

“Falar” é o termo que conecta mais uma das ramificações mais fortes e está ligado às palavras: ponto, irmão, domingo, cabeça, aproveitar, masculino, cara, vez, maior, ajuda, plano e participante. Aqui, não houve contexto suficiente a colocar. Assim como na ramificação da palavra “assim”, que traz próximos os termos: pensar, Youtube, orar, teoria, família, considerar, demais, compartilhar, subsídio, esclarecer, limite, videochamada, área e bonito. Mas esta exploração já nos dá pistas sobre os assuntos mais recorrentes.

Por isso, vale seguir para os contextos, a partir das falas dos interlocutores dos GFs e as ocorrências de uso vocabular que já se mostraram importantes na tomada de decisões em relação às categorias de discussão para este trabalho. Isto posto, a análise que faz uma classificação hierárquica descendente (CHD) foi realizada e encontrou 5 (cinco) classes de palavras, com 79.50% de aproveitamento dos segmentos de texto lidos pelo software Iramuteq (Figura 18).

**Figura 18.** Dados dos GFs: dendrograma das classes de palavras (CHD)



Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

Então, antes de seguir para a exploração de cada um desses conjuntos de sentidos vale relembrar que as palavras consideradas mais representativas pelo programa são aquelas indicadas por (1) porcentagem de ocorrência, (2) indicadas pelo índice  $\chi^2$  ( $\chi^2$ ; lê-se “qui quadrado”), que deve ser maior de 3,80 ( $\chi^2 > 3,80$ ), e ter o índice P acima de 0,05 ( $p > 0,05$ ). Desta forma, a tabela a seguir foi construída e traz dados gerados a partir do programa. Todos os GFs ocorreram no primeiro semestre de 2021 e a tabela contempla, então, a “força” de cada categoria, os sujeitos mais expressivos em cada uma, e as palavras mais recorrentes por frequência (%) e força ( $\chi^2$ ).

**Tabela 12.** Dados dos GFs: classes de palavras 1, 2 e 3 detalhadas (CHD)

CLASSE 1	CLASSE 2	CLASSE 3
24.09%	16.79%	17.27%
Sujeitos centrais:	Sujeitos centrais:	Sujeitos centrais:

Interlocutores 1 (Mulher, idade desconhecida), 2 (Mulher, 63 anos), 13 (Mulher, 63 anos) e 18 (Mulher, 65 anos)			Interlocutores 11 (Mulher, 68 anos), 13 (Mulher, 63 anos) e 27 (Mulher, 66 anos)			Interlocutores 11 (Mulher, 68 anos) e 13 (Mulher, 63 anos)		
Palavra	f(%)	chi2	Palavra	f(%)	chi2	Palavra	f(%)	chi2
covid	100	12.73	ao	100	14.98	devolver	100	44.06
teoria	100	9.52	baiano	100	14.98	único	100	24.24
orientar	100	9.52	conta	100	30.18	boleto	100	24.24
notícia	100	9.52	li	100	20.02	cpf	100	19.34
lado	85.71	14.79	rodar	100	14.98	contrato	100	19.34
tão	83.33	11.69	senha	100	20.02	Caixa	100	14.47
oportunidade	83.33	11.69	taxa	100	30.18	assinar	100	14.47
jogo	83.33	11.69	compra	88.89	34.24	dinheiro	89.29	109.03
frente	80	8.65	INSS	88.89	34.24	puxar	88.89	33.02
mudar	80	8.65	jogar	87.5	29.2	graça	80	13.94
preocupação	75	5.73	botar	85.71	24.22	resolver	80	13.94
via	75	5.73	logo	85.71	24.22	moço	80	13.94
responder	75	5.73	salário	85.71	24.22	número	75	19.02
pandemia	70.59	20.97	acabar	83.33	29.3	contestar	75	9.42
deixar	64.71	16	mês	83.33	39.18	cá	75	9.42
internet			Itaú	80	14.98	Caixa		
	61.11	14.11				Econômica		
família	60	10.98	lesado	80	14.98	Federal	75	9.42
mãe	58.33	7.93	Marisa	80	14.98	mandar	73.68	44.36
difícil	57.14	4.26	medo	80	14.98	conseguir	72.73	24.32
avô	57.14	4.26	limite	75	9.8	cancelar	66.67	10.39
bater			cheque	66.67	5.38	sorte	66.67	5.16
	57.14	4.26	especial			atender	66.67	5.16
aprender	55.26	22.26	empréstimo	66.67	45.39	ler	66.67	5.16
filho	51.43	15.64	extrato	66.67	22.01	comparar	66.67	5.16
entender	50.98	23.03	menina	66.67	5.38	cobrar	66.67	5.16
aula	50	6.91	pagar	66.67	57.63	cara	66.67	5.16
neto	50	4.54	quase	66.67	10.84	ligar	63.64	34.96
gostar	47.37	5.9	cartão	64.29	23.41	cair	60	19.89
também	46.34	12.33	parcela	61.54	19.24	descontar	60	6.47
celular	45.45	5.8	caso	60	6.77	real	60	6.47
passar	44.44	4.27	sentir	60	6.77	banco	54.55	34.88
ano	44	5.77	colocar	57.14	8.3	dizer	49.12	46.97
até	43.48	5.01	porcento	57.14	8.3	tirar	47.37	12.62
tô	42.86	7.37	terminar	57.14	8.3	pegar	42.11	8.59
coisa	42.62	13.46	contar	55.56	31.09	vir	41.67	10.61
hoje	42.31	5.04	seguro	55.56	9.9	ainda	38.71	10.78
aqui	41.94	5.84	exemplo	53.85	13.2	dar	38.24	11.4
querer	41.18	9.3	certo	50	6.64	pagar	33.33	5.84
bom	40.82	8.51	vir	37.5	7.83	contar	33.33	5.21
ver	36.07	5.62	pegar	36.84	5.73	olhar	30.95	6.12
porque	35.54	12.29	pessoa	29.41	6.64	quando	29.27	4.58
falar	34.18	5.44	-	-	14.98	ficar	27.87	5.63

Fonte: Elaboração com dados da pesquisa a partir do Iramuteq, 2021.

**Tabela 13.** Dados dos GFs: classes de palavras 4 e 5 detalhadas (CHD)

CLASSE 4			CLASSE 5		
18.73%			23.11%		
Sujeitos centrais: Interlocutores 19 (Mulher, 65 anos), 21 (Homem, 67 anos), 22 (Mulher, 63 anos), 24 (Mulher, idade desconhecida), 25 (Mulher, 75 anos) e 26 (Homem, idade desconhecida)			Sujeitos centrais: Interlocutores 3 (Mulher, 63 anos), 5 (Mulher, 62 anos), 6 (Mulher, 60 anos), 12 (Mulher, 68 anos), 16 (Mulher, 69 anos), 18 (Mulher, 65 anos), 20 (Home, 75 anos), 22 (Mulher, 63 anos) e 28 (Mulher, 65 anos)		
Palavra	f(%)	chi2	Palavra	f(%)	chi2
facebook	100	39.91	prazer	100	30.61
legal	100	26.41	tarde	100	27.14
interagir	100	17.52	ouvir	100	27.14
youtube	100	17.52	sala	100	20.25
maneira	100	17.52	seguinte	100	16.84
lidar	100	13.11	projeto	100	16.84
distante	83.33	16.69	inscrição	100	16.84
ajuda	75	8.4	certeza	100	16.84
momento	75	8.4	continuar	100	13.44
aspecto	75	8.4	feliz	100	13.44
uso	75	8.4	aluno	100	13.44
melhorar	75	8.4	convidar	100	13.44
whatsapp	73.33	30.48	atividade	100	13.44
melhor	71.43	12.99	adorar	100	10.05
grande	71.43	12.99	manhã	100	10.05
comunicação	70.59	31.32	uniterci	96.43	90.88
achar	70.27	70.93	participar	94.74	57.5
vida	66.67	18.65	colega	88.89	22.4
comunicar	66.67	18.65	bom dia	84.62	28.57
pix	66.67	9.19	escutar	83.33	12.42
mensagem	66.67	4.56	turma	80	9.22
trazer	66.67	4.56	inscrever	77.78	15.47
maior	66.67	4.56	professor	76.92	21.87
exatamente	66.67	4.56	voz	75	6.12
usar	64.29	19.75	universidade	75	6.12
novo	63.64	14.97	site	75	6.12
complicado	60	5.66	preparar	75	6.12
dificuldade	60	5.66	conhecer	70	26
conhecimento	57.14	6.9	agradecer	69.23	16.07
tecnologia	55	18.16	entrar	67.74	37.58
ajudar	50	5.24	maravilhoso	66.67	9.82
situação	44.44	3.99	perguntar	66.67	6.5
realmente	44.44	3.99	pronto	66.67	6.5
muito	40.66	36.9	ufpa	62.5	7.12
ainda	38.71	8.79	através	60	7.85
celular	36.36	4.74	pergunta	60	3.88
dia	34.48	5.08	amigo	58.06	23.05
mais	34.04	8.17	nunca	57.14	4.64
assim	32.93	13.35	precisar	50	5.03
pessoa	31.37	6.11	ano	44	6.53
bom	30.61	5.15	dia	41.38	5.86

Fonte: Elaboração com dados da pesquisa a partir do Iramuteq, 2021.

Assim, segue a exploração temática a partir do que emerge dos resultados associados às classes de palavras.

### 3.5.2.3. (CHD) GFs: CLASSE 1

A classe de palavras de número 1 comporta 24.09% dos segmentos de texto encontrados no respectivo corpus. As principais ocorrências ativas são: covid, teoria, orientar, notícia, lado, tão, oportunidade, jogo, frente, mudar, preocupação, via, responder, pandemia, deixar, internet, família, mãe, difícil, avô, bater, aprender, filho, entender, aula, neto, gostar, também, celular, passar, ano, até, tô, coisa, hoje, aqui, querer, bom, ver, porque e falar. Esta é uma classe que está ligada diretamente à classe 4.

**Figura 19.** Dados dos GFs: dendrograma CLASSE 1 (CHD)





Porque a tecnologia todo tempo tá mudando. Se você não tiver um gancho pra você seguir, aí o que você **aprender** vai ficando pra trás, não é? (Interlocutora 23, mulher, 68 anos, 2021)

Olha... eu... porque eu tenho uma convivência com meus filhos, meus netos, amigos dos meus netos... Então, eu procuro conhecer e **entender** também determinadas atitudes dos jovens. Não tentar condenar e **entender**. (Interlocutora 01, mulher, idade desconhecida, 2021)

Ela não sabe que todos os bancos é nosso direito? Vocês têm que procurar saber. O jovem... eles **entendem** mais por que eles sabem. (Interlocutora 13, mulher, 63 anos, 2021)

...ou mesmo entender em colocação negativa em relação à internet, já conectando a possibilidade de aprendizado diretamente. O termo aprender pode ser visto aqui como capacidade recém-descoberta, aprender como um ‘estar no mundo, sim, em movimento’.

Difícil, agora que eu não **entendo** nada de internet. Eu tô me redescobrinando, agora, vendo que sou capaz de **aprender**. Quando que eu pegava um celular... ver matar a saudade, isso é muito bom. (Interlocutora 16, mulher, 69 anos, 2021)

Um aprender conectado aos conteúdos disponíveis nas plataformas digitais, mais especificamente em redes sociais, e um aprender ligado às pressões trazidas pela pandemia fazendo aparecer, na mesma direção, problemáticas em relação às gerações mais novas.

Eu vejo esses vídeos aí, de comida, de roupa, de loja, tudo eu vejo. Eu **aprendi** a fazer tanta coisa com esse vídeo de comida aí. (Interlocutora 12, mulher, 68 anos, 2021)

Aí tem aquela história que tem filho que não tem paciência, neto menos ainda, e você vai tendo as suas dificuldades, **entendeu?** Eu já tenho algumas dificuldades, mas na **pandemia** eu **aprendi** muita coisa. **Aprendi** rápido, também, mas ainda tenho muitas dúvidas porque a gente sabe que tem muita gente com má intenção na internet, não é? E nem tudo é 100% seguro. (Interlocutora 23, mulher, 68 anos, 2021)

Um aprender mais ligado à autodescoberta ou redescoberta de si também apareceu. Uma personalidade mostrada publicamente. Um falar de si, sobre si, que fez parte das dinâmicas em grupo tanto quanto o meio pelo qual o encontro ocorria.

O que eu sou hoje foi o que eu **aprendi** todos esses anos, não é? (Interlocutora 16, mulher, 69 anos, 2021)

Desde quando eu **aprendi** a me amar, eu só amava os filhos, eu só me preocupava com... enquanto isso, eu sofria, eu tava sofrendo e tava pensando que eu não estava sofrendo, não é? (Interlocutora 13, mulher, 63 anos, 2021)

Então, eu **aprendi**, tô **aprendendo** todos os dias porque a tecnologia ela é imensa, não é? Todos os dias você tá aprendendo um mecanismo, todo dia. E se você não se inserir nesse contexto, você fica pra trás. (Interlocutora 11, mulher, 68 anos, 2021)

A noção de aprendizado enquanto movimento constante vem junto à noção da tecnologia enquanto amplo campo de atuação e possibilidades. Urgência acompanha essas falas em direção à exploração dos usos do termo pandemia, da mesma maneira.

Se não fosse a internet a gente não tava assistindo essa aula, não é? A gente... eu não via os meus amigos devido a gente ser bebê, devido à **pandemia**. Eu tenho amigos que nunca mais eu vi. Então, com a família é a mesma coisa. Olha, aniversário da minha mãe, dois anos que não consegue comemorar por causa da **pandemia**, não é? O que a gente faz? (Interlocutora 16, mulher, 69 anos, 2021)

Porque, na realidade, hoje, com essa **pandemia**, não tem mais nada real é tudo on-line, é tudo digital. Até o meu banco eu já tinha baixado ele no meu celular, porque eu fui obrigada a fazer isso. Eu moro só, não é? Minhas filhas já são emancipadas, são casadas, já se formaram e já tão trilhando o caminho delas. E eu moro só. Então, eu só não pirei nessa **pandemia** porque eu tenho essa organização. (Interlocutora 11, mulher, 68 anos, 2021)

Frustração devido as distâncias exigidas pelo contexto; internet (plataformas) vista como soluções para o período, mas um ambiente que não pode ser considerado “real”. Uma relação de suporte emocional, de aprendizado e de entendimento de mundo com a tecnologia do cotidiano. Esta classe de palavras, de maneira geral, traz:

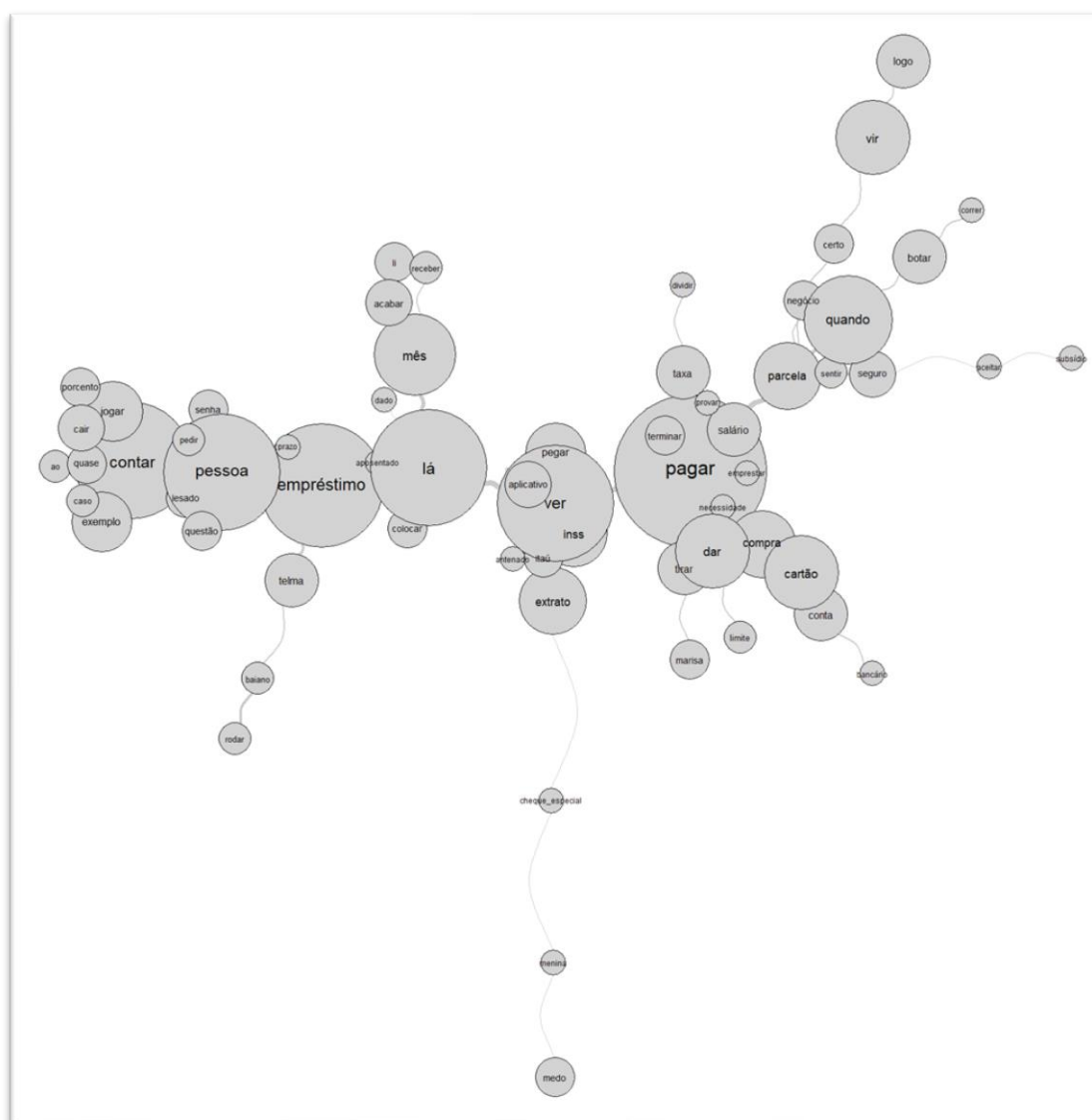
- tecnologia como aproximadora durante a pandemia (família, amigos, educação)
- tecnologia para aprender
- tecnologia para permanecer atualizado(a)

Assim, a classe 1 traz a emergência de falas que demarcam a relação dos participantes da pesquisa (GFs) junto a tecnologias que atravessam os próprios cotidianos neste período de pandemia. Reunindo, assim, os sentidos **essencial** e **ferramenta de aprendizado** em uma categoria que se mostra pessoal à medida que desvela impasses e desejos dos interlocutores na direção de uma atualidade/atualização obrigatória. Agora, segue a exploração da segunda classe de palavras resultante da análise do corpus de transcrições dos GFs por meio do Iramuteq.

### 3.5.2.4. (CHD) GFs: CLASSE 2

Já a classe 2 tem 16.79% dos segmentos de texto encontrados pelo programa e está relacionada com a classe 3, descrita no próximo tópico. As palavras ativas mais recorrentes são: ao, baiano, conta, li, rodar, senha, taxa, compra, INSS, jogar, botar, logo, salário, acabar, mês, Itaú, lesado, Marisa, medo, limite, cheque especial, empréstimo, extrato, menina, pagar, quase, cartão, parcela, caso, sentir, colocar, por cento, terminar, contar, seguro, exemplo, certo, vir, pegar, e pessoa, conforme já visto (Tabela 12). A seguir, o dendrograma formado por essas palavras e seus respectivos vínculos e direções.

**Figura 20.** Dados dos GFs: dendrograma CLASSE 2 (CHD)



Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

Nesta classe de palavras, as falas se agruparam com direções mais definidas. Os termos “pagar” e “empréstimo” são os dois mais fortes e vêm acompanhados de “mês” e suas variações. Nessas falas aparecem relatos da periodicidade de pagamentos, preocupações com taxas e empréstimos vistos de maneiras específicas: (1) como engodo, problemão, e (2) a partir de golpes, preocupação constante.

É uma troca de conhecimento, é... pois é... porque necessidade que nós temos, por exemplo, assim... eu tenho 66 anos, mas eu independente, eu **pago** as minhas contas bancárias, eu faço compras... (Interlocutora 8, mulher, 67 anos, 2021)

Inclusive, eu tô terminando de **pagar** umas contas de parcelamento que eu tirei de compra... que eu vou cancelar esse cartão, e eu falei pra eles, na cara deles, que eu nunca tive medo não. [...] Aí eu peguei e falei pra ela “...eu não quero, eu não aceito esse seguro, eu não vou pagar! E se no próximo **mês** vir na minha parcela, eu vou lá pro Ministério Público, eu vou lá pro PROCON, eu vou pra todos os lugares fazer reclamação de vocês!”. (Interlocutora 11, mulher, 68 anos, 2021)

Pagar, por exemplo, também é algo relacionado aos métodos envolvendo algum tipo de técnica/tecnologia e como os participantes da pesquisa veem essas dinâmicas. Adiante, duas falas sobre o assunto. A primeira mostra um tipo de proximidade com documentos digitais (comprovante de pagamento salvo no celular, para comprovação qualquer futura).

Eu fico com aquele documento salvo no meu celular, não é? Qualquer coisa eu tenho como provar que eu **paguei**, o dia, a hora, pra que banco, pra onde foi, da onde veio, tudinho, não é? [...] Numa pandemia, sabe? É uma lábria que eles têm. Porque o dinheiro acaba mas a dívida fica e você passa e, agora, são 82 **meses** pra você **pagar**. (Interlocutora 23, mulher, 68 anos, 2021)

A segunda traz um relato da interlocutora sobre um familiar que prefere os métodos de pagamento que emitem papeis e comprovações consideradas válidas (físicas, em papel) no lugar de comprovantes eletrônicos/digitais.

Ele vai aqui no banco do Banpará, que ele fica sentado lá... ele é do Banpará, da empresa, é onde ele trabalha, aí ele fica sentado, ele **paga**, ele gosta de ver o carimbo. [...] Olha, eu não tenho sorte com o Itaú, mana, aí só deu isso, só deu pro meu, eu fiquei **pagando** o que eu devia da Marisa, fiquei **pagando** uma taxa e eu tinha cancelado este cartão, viu, Professora? (Interlocutora 13, mulher, 63 anos, 2021)

Ainda nessa última passagem, já aparecem as preocupações relacionadas a compras, pagamentos recorrentes e taxas posteriores ao cancelamento de cartões de loja. Nesse conjunto, percebe-se que ocorre uma transição para preocupações referentes a empréstimos. A vulnerabilidade de dados pessoais e empréstimos feitos ilegalmente em nome de participantes da pesquisa surgem nas falas junto ao tom de chateação, revolta e resistência.

Então, eles dizendo que alguém lá de dentro dá essa informação do INSS das pessoas aposentadas pra poder eles fazerem... forjar, isso, fazer **empréstimo**, sim. Agora, o que eles vão fazer? Agora, em relação ao aplicativo do meu INSS, eu tenho esse aplicativo, eu entro, eu tô de vez em quando... eu vejo todo **mês**. Eu vejo por que eu já fui alvo de fazerem **empréstimo** na minha conta, entendeu? (Interlocutora 23, mulher, 68 anos, 2021)

Olha, por exemplo, eu fui lesada pela internet. Fizeram um **empréstimo** de 3 mil e pouco, quase 4 mil, na minha conta. Aí, quer dizer, eu abri o meu aplicativo do Itaú e fui ver o meu extrato. Aí, eu peguei entrei no meu aplicativo do INSS pra ver se constava lá o **empréstimo**, aí constava. (Interlocutora 11, mulher, 68 anos, 2021)

Mas, a gente tem que rodar a baiana, a gente tem que... se a gente ficar caladinha e eles... é como a Telma diz, eles vão botando **empréstimo**. Ah, o cheque especial também. (Interlocutora 13, mulher, 63 anos, 2021)

O “rodar a baiana”, “ir lá”, “lutar por isso”, “lutar pelos seus direitos”, apareceram junto a essas falas em momentos de troca, de concordância em coletivo e, também, de desconfiança em relação a esse tipo de serviço/atividade de mercado. O assédio de tipo moral fica evidente por conta da “lábria que eles têm”, pela dita “insistência”. Negativas a esse tipo de contato foram energéticas, envolvendo ameaças de denúncias às autoridades reguladoras.

Aqui, atividades, todas elas, mediadas pelo telefone celular. O dispositivo que media as ligações com as operadoras problemáticas, que guarda comprovantes digitais, que é tela de acesso aos aplicativos do INSS, de lojas e de bancos, dentre outros. Há ainda a força do termo “mês”, destacado em negrito nas falas, que indica a periodicidade dessas ações/atividades de mercado (compras, pagamentos em geral, pagamentos de empréstimos). É a regularidade do mercado se mostrando em meio às taxas e assédio.

Isto posto, a tecnologia aparece aqui como mediadora e suporte. Como meio para soluções ao papel, ao contato de mercado e tela de visualização das transações financeiras, verificação e organização das finanças. Assim, nesta categoria emergiram falas sobre

- pagar como obrigação
- pagar como consequência de golpes
- pagar compras feitas por meio de cartões de lojas

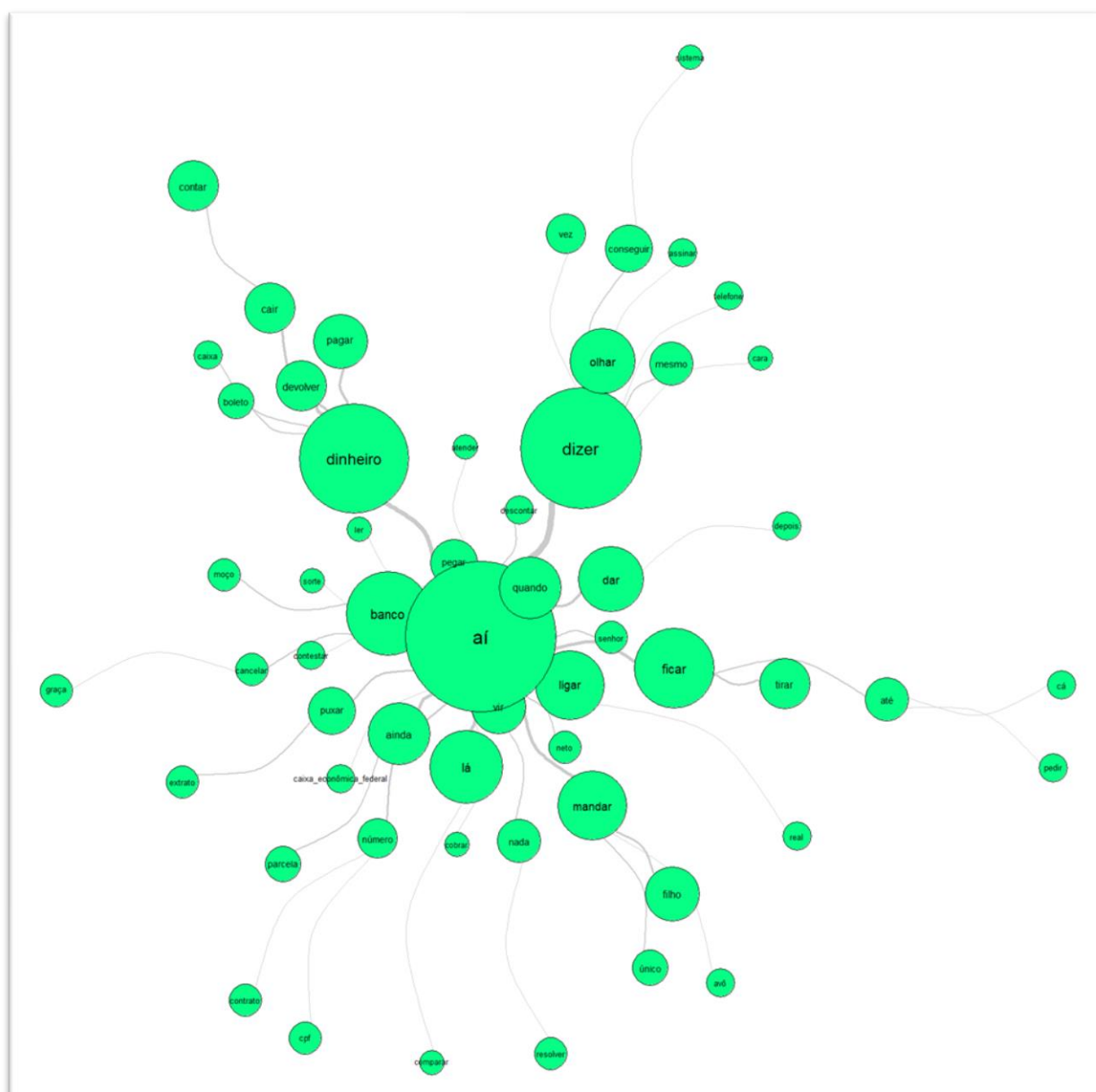
- pagar por meios digitais (positivo; negativo)
- empréstimo como engodo (negativo; benefício de curto prazo)
- empréstimo como golpe sofrido
- mês como marcador periódico
- mercado como assediador

As categorias de discussão propostas a partir da exploração mais afundo desta classe de palavras são: a **vulnerabilidade de dados on-line** que culmina na desconfiança, receio das pessoas entrevistadas em relação ao ciberespaço e **tecnologia** (celular) **como suporte** a essas transações, mediador de contatos, do fazer e desfazer de mercado.

#### 3.5.2.5. (CHD) GFs: CLASSE 3

Esta classe está relacionada com a anterior e representa 17,27% dos segmentos encontrados neste corpus dos GFs. Os termos ativos ocorridos aqui são: devolver, único, boleto, cpf, contrato, caixa, assinar, dinheiro, puxar, graça, resolver, moço, número, contestar, cá, caixa econômica federal, mandar, conseguir, cancelar, sorte, atender, ler, comparar, cobrar, cara, ligar, cair, descontar, real, banco, dizer, tirar, pegar, vir, ainda, dar, pagar, contar, olhar, quando e ficar.

**Figura 21.** Dados dos GFs: dendrograma CLASSE 3 (CHD)



Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

Os 3 (três) termos mais fortes, aqui, são: “dinheiro”, “dizer” e “mandar”. Eles aparecem relacionados diretamente com “devolver”, “ligar”, “banco”, entre outros termos derivados de atividades financeiras, como colocado a partir das falas dos interlocutores. Adiante, é possível perceber a conexão entre as categorias 2 e 3. São experiências, em maior parte, negativas, em relação ao gerenciamento do dinheiro nos próprios cotidianos.

Eles fazem mais com o idoso que não tem acesso a internet, não sabe ver um extrato, não sabe... Tipo assim, ele recebe o **dinheiro** dele e não sabe nada. (...) Desesperados. Porque é como eu sempre digo, a gente tem margens que eles liberam. Mas nós não temos obrigação de todas as vezes que eles liberam essa margem de você ficar com o **dinheiro**. Eles vão olhar e ver que você tá certa, é isso que eles querem, é tirar o **dinheiro** da gente mesmo. Porque se

eles tirarem um pouco de cada idoso eles vão ficar super bilionários. (...) Eu **disse** “eu vou devolver o **dinheiro**, porque não fui eu que fiz... eu não fiz self do meu rosto, eu não fiz a minha digital, eu não fiz real!” Eu não assinei nem um contrato. (Interlocutora 11, mulher, 68 anos, 2021)

E essa instância do “eles” aparece. Eles que enviam propostas de créditos variados de maneira insistente, eles que lançam crédito especial em conta corrente sem consentimento prévio dos clientes, eles que “tiram um pouco de cada idoso”.

Aí, se você fizer usura pelo **dinheiro**, você pegou o **dinheiro** e vem descontando... Vem descontando no teu salário, entendeu? É porque, agora, eles ficam ligando direto. (Interlocutora 23, mulher, 68 anos, 2021)

Um tipo de insegurança em relação à fragilidade de dados e vulnerabilidade financeira reaparece. Uma invasão ao sistema do aplicativo bancário da Caixa Econômica Federal, o Caixa Tem, coloca todos os outros tipos de sistemas, e as respectivas configurações de segurança, num campo de não confiabilidade.

Só agora, recentemente, o Caixa Tem foi invadido por mais de cinquenta pessoas. Foram retirados o **dinheiro** do Caixa Tem porque uma pessoa que conseguiu o sistema da Caixa Econômica Federal, como conseguem invadir qualquer tipo de sistema, entendeu? (Interlocutor 26, homem, idade desconhecida, 2021)

E quando o termo “mandar” é colocado, é visto como uma transição/suporte de ações específicas: mandar um boleto, mandar sacar dinheiro, mandar número de contrato ou mesmo mandar bloquear algum tipo de conta.

Pegue o seu cartão, vá no caixa e **mande** ela sacar o dinheiro e pagar o boleto. (Interlocutora 1, mulher, 68 anos, 2021)

Eu tive a boa sorte de ter uma pessoa que me atendeu maravilhosamente bem e me explicou como é que eu tinha que proceder. Foi aí que ela **mandou** um boleto do valor, pelo meu e-mail e eu fui no banco. (Interlocutora 11, mulher, 68 anos, 2021)

Percebe-se certa semelhança no uso do termo “dizer”, dizer sobre si e/ou uma transição indicando fala de outros, mas um tipo de relação familiar ocorreu e mostra essa instância como cuidadosa(?) e/ou desincentivadora(?).

Porque se eu for direto no caixa a moça não sabe o quanto ela vai me pagar. Se tiver lá, me der e depois, não... Tem que ir lá puxar o extrato... quanto é o



seu **dinheiro**. (...) Sempre meu filho **diz** que é perigoso. Eu quero aprender mas ele acha que é perigoso. Aí, isso eu quero aprender por minha conta, sem ter a opinião dele que é perigoso ou não. (Interlocutora 12, mulher, 68 anos, 2021)

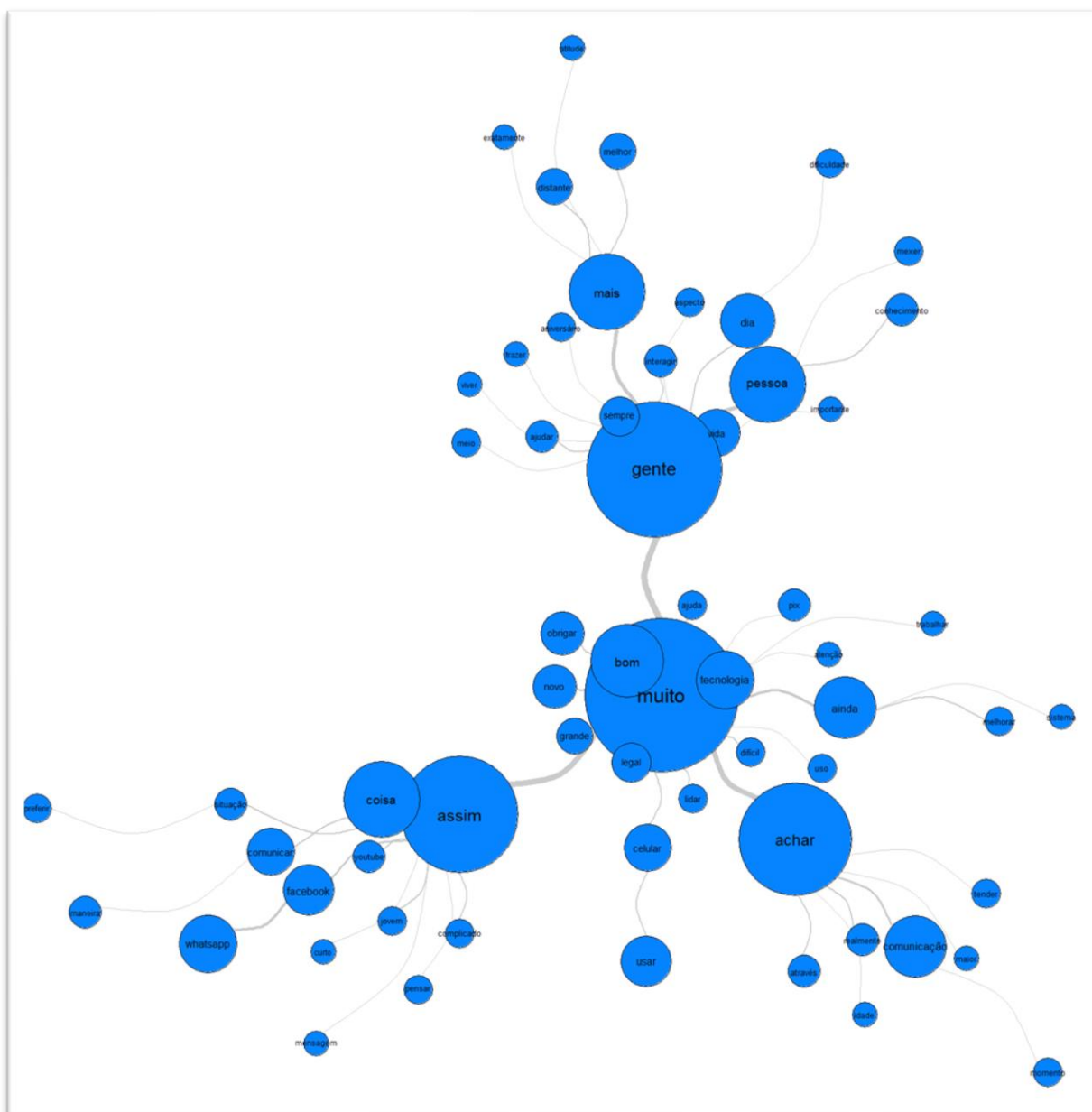
Com isso, a exploração desta classe de palavras se mostrou próxima e dependente da anterior, trazendo ocorrências relacionadas a boletos/empréstimos indevidos/ilegais, revolta a contratempos diversos nessa direção. Mesmo assim é um conjunto de falas que traz sentido novo a partir das **resistências**. Aqui, um conjunto de atitudes informadas de pessoas que acompanham da melhor forma o curso dos gastos mensais, que ficam alerta sobre a atitude “deles”, contam com o auxílio de familiares quando algum problema ocorre nesse sentido e controlam os meios para fazer isso: conhecem aplicativos, modos de verificar extratos, formas de contactar as financeiras e, de certa forma, já formaram uma postura de prontidão e alerta, de luta e resistência.

A seguir, a exploração da classe de palavras 4, diretamente relacionada à primeira.

#### 3.5.2.6. (CHD) GFs: CLASSE 4

Esta é uma classe de vocabulário que agrupou 18.73% dos segmentos lidos pelo programa. Como dito, ela está relacionada à classe 1 e traz os termos mais recorrentes: Facebook, legal, interagir, Youtube, maneira, lidar, distante, ajuda, momento, aspecto, uso, melhorar, WhatsApp, melhor, grande, comunicação, achar, vida, comunicar, PIX, mensagem, trazer, maior, exatamente, usar, novo, complicado, dificuldade, conhecimento, tecnologia, ajudar, situação, realmente, muito, ainda, celular, dia, mais, assim, pessoa e bom.

**Figura 22.** Dados dos GFs: dendrograma CLASSE 4 (CHD)



Fonte: Elaboração com dados da pesquisa por meio do Iramuteq, 2021.

Ao destacar os usos das palavras “achar”, “Facebook”, “muito” e “comunicação”, por exemplo, aparecem relações de amizade por meio da rede social digital, receio em compartilhar informações não checadas à fundo e mesmo a intensidade dessas ações de comunicação (“muito”).

Aí você não procura aprofundar naquilo que tá escrito ali, analisar, ver realmente o que é, da onde vem. É **muito** complicado... é **muito** complicado, não é? Então, eu **acho** assim, é **muito** difícil eu compartilhar alguma coisa. [...] Eu converso pelo **Facebook** com os meus amigos do **Facebook**. Curto, assim, as mensagens de família, familiares, amigos que eu conheço... Mandar um parabéns de aniversário eu **acho** legal. Pra mim, coisas boas foi aprender a lidar com o aplicativo e ter o **Facebook**. (Interlocutora 23, mulher, 68 anos)

Eu uso muito meu aplicativo, eu uso mais o WhatsApp, não é? O Instagram eu uso e o **Facebook** eu me inscrevi em várias áreas, assim, do Youtube. Mas coisas boas, não é? (Interlocutora 2, mulher, 63 anos)

Porque, hoje em dia, você é lesada em todos os aspectos. Esses links que eles mandam no WhatsApp, no **Facebook**, se você não souber o que você tá clicando, quando você vê já foi. (Interlocutora 11, mulher, 68 anos, 2021)

Como na fala acima, o uso do aplicativo da rede social Facebook também aparece próxima aos receios relacionados a links de golpes on-line. Uma possível “porta” para ações criminosas. Até este ponto como adiante, as falas trazem posições de opinião, o uso do verbo “achar” coloca os participantes da pesquisa num lugar de colaboração direta com a possível ampliação da discussão sobre comunicação.

Eu **acho** que é interagir entre grupos pra se conhecerem melhor... Eu **acho**, assim, que não importa a idade, eu **acho** que tem que interagir com pessoas tanto da nossa idade como os mais jovens, pra ter um conhecimento melhor. (Interlocutora 1, mulher, idade desconhecida, 2021)

**Acho** que a gente tem que, a cada dia, se preparar melhor. A gente tem uma dificuldade de usar esses instrumentos que hoje aparecem, entendeu? Mas eu **acho** que a gente tem que quebrar essa barreira, porque isso não tem retorno, tá? (Interlocutor 21, homem, 67 anos, 2021)

A fala diretamente acima coloca a preparação (campo educativo) constante como forma de driblar qualquer possível dificuldade no surgimento (constante) de novas dinâmicas de comunicação. Adiante, outras falas alertam sobre perigos relacionados aos usos de aplicativos bancários e, aqui, os relatos são de recuo.

Usar os dados gerais da sua conta dentro de um celular, tendo os seus dados dentro e você sair por aí, eu não **acho** ainda saudável. (Interlocutor 26, homem, idade desconhecida, 2021)

Eu não sei o que os outros podem pensar sobre a situação, mas eu não **acho** viável tanto é que eu não tenho e não gosto. Prefiro ainda ir na agência e fazer a transação normal. (Interlocutor 26, homem, idade desconhecida, 2021)

Em um momento dos GFs perguntas específicas sobre o que seria “comunicação” foram feitas aos interlocutores da pesquisa. As respostas mostram - como já fracionado em falas anteriores - comunicação em sentidos que variaram de uma comunicação mediada por dispositivos digitais (respostas direcionadas) até uma noção ampliada que percebe comunicação como um processo fora mesmo dessas ambiências tecnológicas.

Assim, maravilhosa porque há tempos atrás a gente nem saberia lidar. E, hoje, a gente tá cada dia mais familiarizado, não é(?), com ele tipo de **comunicação**. Eu **acho**, eu considero que é uma **comunicação** muito boa. (Interlocutora 19, mulher, 65 anos, 2021)

Eu **acho**, assim, **comunicação** tu tem um meio de interagir mais com pessoas. Assim, por exemplo, se tu tá distante agora, nesse momento que a gente vive aí é um meio, assim, da gente ficar sabendo que tá acontecendo. (Interlocutora 1, mulher, idade desconhecida, 2021)

Em relação a primeira pergunta que você fez, pra mim, tá sendo melhor a **comunicação** agora, não é? Porque, agora, pelo WhatsApp eu consigo me comunicar em eles [familiares]. (Interlocutora 5, mulher, 62 anos, 2021)

**Comunicação** ela é uma longa distância. Saber se comunicar lá fora com as pessoas, pelo celular... É saber mexer com o aparelho, não é(?), pelo WhatsApp. É o WhatsApp... (Interlocutora 25, mulher, 75 anos, 2021)

Também uma reflexão sobre o avançar junto à essas tecnologias se formou a partir de uma resposta sobre o que seria/significaria comunicação para a participante. Uma reflexão crítica que coloca lado a lado tecnologia tanto como suporte como ambiência de dúvida, incerteza.

O meio de **comunicação**, a tecnologia ela veio pra nos ajudar. Mas nós temos que ver até que ponto nós podemos estar nela e avançar com ela, como a Dona Rosa falou. (Interlocutora 11, mulher, 68 anos, 2021)

Esta classe de palavras está diretamente ligada à classe 1, a partir da qual emergiu os sentidos de essencialidade dessas tecnologias e tecnologia enquanto ferramenta de aprendizado. Aqui, na classe relacionada (classe 4), as falas nos colocam:

- opiniões sobre esses usos: perigo no uso de aplicativos bancários, em compartilhar algo não checado e mesmo esses aplicativos como “portais” vulneráveis
- tecnologia como facilitador do contato familiar em tempos de pandemia
- tecnologia como prejudicial (no campo da vulnerabilidade de dados, também)
- tecnologia percebida como o próprio ato de comunicar em si
- comunicação também percebida como falar, interagir com outros(as)

Assim e de maneira geral, a discussão aqui formada será agregada às categorias **essencialidade paradoxal, facilidade e utilidade**. Ainda, os sentidos levantados sobre o que

é comunicação para os interlocutores desta pesquisa devem dialogar diretamente com a discussão proposta ao longo da presente argumentação.

#### 3.5.2.7. (CHD) GFs: CLASSE 5

A classe 5 surge independente e é a segunda mais forte com 23.11% dos segmentos de texto reunidos, ficando atrás somente da classe 1 (24.09%). Aqui as ocorrências ativas são: prazer, tarde, ouvir, sala, seguinte, projeto, inscrição, certeza, continuar, feliz, aluno, convidar, atividade, adorar, manhã, UNITERCI, participar, colega, bom dia, escutar, turma, inscrever, professor, voz, universidade, site, preparar, conhecer, agradecer, entrar, maravilhoso, perguntar, pronto, UFPA, através, pergunta, amigo, nunca, precisar, ano e dia.

**Figura 23.** Dados dos GFs: dendrograma CLASSE 5 (CHD)



Na **UNITERCI** que eu já faço parte... ah, eu **entrei** na UNITERCI através de uma amiga minha. Hoje em dia ela não tá **participando**. E é um **prazer** estar de novo **participando** e conhecendo novas coleguinhas, novas amiguinhas. E quero continuar **participando**, aprendendo coisas que eu não sei. É, essa parte de celular tem coisa que eu não sei mexer ainda não. (Interlocutora 1, mulher, idade desconhecida, 2021)

Sou artesã e conheci a **UNITERCI** através da minha mãezinha, que ela foi a primeira a **participar** da primeira turma. Então, eu já tinha conhecimento há anos, desde a primeira turma a minha mãe **participou**. (Interlocutora 15, mulher, 67 anos, 2021)

De maneira geral, as participantes conheceram e/ou foram incentivadas a participar das atividades oferecidas pela UNITERCI por meio de conhecidas, amigas e/ou familiares – como no comentário acima e os que vêm adiante.

Eu tinha uma amiga aqui próximo de casa, uma Senhora que **participou** e me convidou. Eu fui lá, me inscrevi, não é? E comecei a participar já esses dois anos. (Interlocutora 22, mulher, 63 anos, 2021)

**Participei** da **UNITERCI** e adorei. Triste porque parou, não é? Ano passado já não fomos mais. Mas, com saudade das amigas. (Interlocutora 10, mulher, 78 anos, 2021)

A satisfação em rever os colegas foi ressaltada a cada oportunidade. O bom dia é gentileza que se repete e as reuniões, incluindo esta, evocaram sentimentos de gratidão e enfrentamento apoiados pelas dinâmicas dos encontros on-line.

**Bom dia! Bom dia**, Professora! **Bom dia** a todos os meus colegas, é um **prazer** enorme estar **participando**, se comunicando, escutando a voz dos colegas, é maravilhoso! (Interlocutor 21, homem, 67 anos, 2021)

Eu agradeço muito a **UNITERCI** porque as nossas aulas me deu força pra enfrentar... Isso fez eu refletir, não é? E achar que o problema é esse, mas a gente tem que enfrentar, não é? (Interlocutora 16, mulher, 69 anos, 2021)

Um tipo de pertencimento em relação à Universidade (a UFPA, especificamente) também aparece. Uma oportunização advinda da idade...

Quando foi em 2015, que eu já tinha idade pra **entrar**, aí eu me inscrevi como aluna pra **participar**. Desde lá eu tô aqui. (Interlocutora 6, mulher, 60 anos, 2021)

...sinônimo atual de felicidade em fazer parte das trocas em sala de aula.

Eu não fiz faculdade, não é? Mas quando eu **entro** ali... Que a gente não deixar de... **Entrar** é uma felicidade só, **entrar** numa sala de aula com os Professores, com os Mestres... (Interlocutora 12, mulher, 68 anos, 2021)

O termo “ouvir” evocou escuta do outro e problemas técnicos, durante a sessão. Mesmo com vários encontros on-line via Google Meet, certa prática com o “levantar da mãozinha” para pedir a palavra, as problemáticas de conexão ou, possivelmente, de ajuste pessoal apareceram.

Eu já tenho uma particularidade com as videochamadas. Eu **participo** de outros grupos e sempre eles fazem videochamada, videoconferência, e habilidade no celular eu tenho, um pouco, não é? De banco eu também tenho, um pouco. (Interlocutora 11, mulher, 68 anos, 2021)

Pra mim é um **prazer** receber aí, minha linda, viu. Tudo de bom pra você viu. Tô aqui prontinha pra **ouvir** você. Eu posso falar? Pode?! Ah! (Interlocutora 14, mulher, 74 anos, 2021)

E estou aqui, pronta pra lhe **ouvir**. Olha, Santa Tecnologia, viu. Porque com essa pandemia a gente não poder ver os amigos e a família... Aí esse DUO é maravilhoso! (Interlocutora 15, mulher, 67 anos, 2021)

Aí melhorou, eu tô **ouvindo** bem. Então, eu vou aproveitar pra falar porque eu já tinha colocado a mãozinha assim, tá. E, então, primeiramente bom dia! (Interlocutora 23, mulher, 68 anos, 2021)

Professora, a sua voz tá muito baixa, eu estou sentido dificuldade de lhe **ouvir** bem. (Interlocutor 20, homem, 75 anos, 2021)

E, ainda, outros sentidos do que seria comunicação para os participantes da pesquisa (GFs) apareceram aqui.

Pra mim, acho que comunicação também tem a palavra, saber **ouvir**, saber escutar, não é(?), o outro e aprender todo dia, não é? Porque através da comunicação a gente aprende muita coisa. (Interlocutora 16, mulher, 69 anos, 2021)

Comunicação, pra mim... A comunicação é você poder se expressar com a outra pessoa, você **ouvir** a voz da pessoa, você dizer pro outro lado lá que você tá bem, como é que a outra pessoa tá, não é? (Interlocutora 23, mulher, 68 anos, 2021)

Sobre as problemáticas técnicas e os sentidos da comunicação, são falas que devem incorporar categorias anteriores propostas para a discussão que tem início no próximo capítulo. Em resumo, a classe de palavras 5 apareceu de maneira independente, isso significa que as falas anteriores não se aproximam diretamente destas. Na prática, é perceptível que este é um



conjunto de relatos mais pessoal, traz sentimentos sobre a própria instituição (a UNITERCI), as formas de aproximação (entrada e participação nas atividades) e os significados mais amplos sobre a importância/satisfação em fazer parte. Foi nesse momento inicial dos GFs que os relatos sobre família, casamentos e separações, sentimentos de pertencimento em relação à Universidade emergiram. Esta categoria de discussão pode ser vista como **relatos de si** e sobre si, que funcionam como ponte para conhecermos um pouco do estado de espírito dos interlocutores da pesquisa, antes mesmo de começar a falar sobre tecnologia e os sentidos emergentes durante a pandemia.

Explorado todo o material empírico coletado (respostas aos formulários e as falas transcritas a partir dos GFs), segue a categorização temática dos achados.

#### 3.5.2.8. GFs: categorias de análise

Na exploração anterior, correspondentes às respostas ao formulário digital, as categorias emergentes foram:

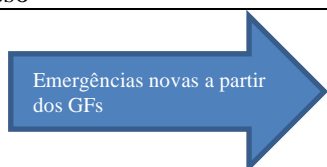
- essencialidade paradoxal
- necessidade
- facilidade
- utilidade
- pressão social pelos usos (tecnologia)
- plataformização da comunicação
- manutenção do contato (pandemia)
- tecnologia como acesso

Aqui, na exploração das falas a partir dos GFs, também emergiram temáticas como essencialidade, facilidades e as características utilitárias da comunicação mediada pela tecnologia (como suporte) nos cotidianos dos interlocutores da pesquisa. Foi considerado, então, um agregamento dessas categorias – com os relatos dos GFs dando maior profundidade aos dados (Quadro 1, adiante). Mesmo que em grande parte entrecruzadas, outras temáticas que se considera discutir em categoria independente e que surgiram em sentidos novos nos GFs são:

- a vulnerabilidade dos dados on-line
- tecnologia vista por lentes do receio, recuo e medo
- tecnologia como meio/ferramenta de aprendizado

**Quadro 1.** Resumo das categorias emergentes: Formulários + GFs

<b>Formulários: categorias emergentes</b>	<b>GFs: categorias emergentes</b>
Essencialidade paradoxal	Essencialidade paradoxal
Necessidade	Necessidade
Facilidade	Facilidade
Utilidade	Utilidade
Pressão social pelos usos (tecnologia)	Pressão social pelos usos (tecnologia)
Plataformização da comunicação	Plataformização da comunicação
Manutenção do contato (diretamente ligada à pandemia de Covid-19)	Manutenção do contato (diretamente ligada à pandemia de Covid-19)
Acesso	Acesso
	Vulnerabilidade de dados on-line
	Tecnologia vista por lentes do receio, recuo e medo
	Tecnologia como meio/ferramenta de aprendizado



Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa, 2023.

Por fim, entende-se ter encontrado corpo rico de discussão a partir do quadro complexo verificado. Assim, o próximo capítulo pretende representar um movimento de retomada da problemática e argumentação propostas no contexto da presente incursão de pesquisa.

\*\*\*

Neste capítulo, foram apresentados os caminhos metodológicos percorridos na realização da pesquisa. A começar pela reflexão sobre os sujeitos da pesquisa e os critérios de seleção dos interlocutores, passando pelos métodos de coleta, relatos de campo até os usos dos princípios da AT e do software Iramuteq na visualização de grandes categorias temáticas emergentes das falas.

E é com a exploração descritiva das temáticas que emergiram dessas falas que se conclui este capítulo. O objetivo central desse movimento era levantar e nomear categorias de discussão fundamentadas numa exploração o mais aprofundada possível do material coletado, justificando cada entrada nas dimensões dos resultados.

Assim, no próximo capítulo, segue a “costura” do diálogo desafiador entre empiria, teorias, conceitos e pesquisadora, que permeiam *a* e que são ditados *pela* empiria, partindo das experiências/relatos dos interlocutores da pesquisa num exercício comparativo junto às publicações e achados anteriores. Uma discussão subdividida em

- (1) **relatos de si**, perpassando pelos

- (2) **sentidos da tecnologia** e chegando às
- (3) **relações de comunicação durante a pandemia de Covid-19** dos interlocutores da pesquisa.

Isto posto, segue-se a discussão, dando continuidade à argumentação proposta.

## 4. QUARTO CAPÍTULO: GERAÇÃO 60+, COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 - TENSÕES E SENTIDOS PRODUZIDOS

Após extenso caminhar – do recorte temático, passando pela formulação ampliada do problema da pesquisa e seus elementos, além das reflexões teórico-metodológicas –, é chegado o momento do mergulho no mundo empírico, em seus aspectos mais subjetivos. Afinal, o movimento analítico central parte da questão *quais tensões atravessam as relações conectadas e a produção de sentidos da geração 60+, durante a pandemia?* Pergunta que guiou o delinear da argumentação, que toma corpo desde as primeiras palavras deste trabalho.

Como desdobramentos específicos, foi necessário (1) conhecer os usos e apropriações dessas tecnologias pelos idosos investigados e compreender essas relações. Movimento que veio acompanhado do (2) mapeamento e da compreensão dos sentidos produzidos sobre a presença desses aparelhos de comunicação nas próprias vidas durante a pandemia. Para isso, foram combinadas as buscas nas falas a partir de formulário digital e por meio de entrevistas em grupos de foco on-line; este segundo método se mostrou de maior amplitude quando, em ambientes de troca, os indivíduos também ampliam e complementam outros colegas numa crescente narrativa de sentidos. Isto posto, na verificação desse contexto construído foi possível (3) identificar as tensões que atravessam essa relação cotidiana mediada por dispositivos tecnológicos. E, assim, (4) analisar o quadro social e de tensões que essas relações tecem a fazem ver.

Adiante, três grandes dimensões são exploradas a partir de um mapa que relaciona e amplia as hipóteses iniciais<sup>8</sup>, além de colocar em foco os objetivos da pesquisa, são elas: (a) a dimensão subjetiva pessoal, (b) a da relação tecnológica no contexto pandêmico e (c) a dimensão que vai jogar luz sobre as tensões que esse quadro faz ver, na perspectiva dos sujeitos.

### Quadro 2. Resumo da problemática em resgate

<b>Questão-problema</b>	<i>Quais tensões atravessam as relações conectadas e a produção de sentidos da geração 60+, durante a pandemia?</i>
<b>Objetivo geral</b>	<i>Compreender as relações digitais e os sentidos produzidos pela geração 60+ a partir dos usos e apropriações de dispositivos tecnológicos do cotidiano, durante a pandemia de Covid-19</i>

<sup>8</sup> Recuperadas ao início de cada tópico relacionado.

<i>Objetivos específicos</i>	<i>Dimensões</i>	<i>Item</i>
<b>Objetivo 1</b> conhecer os usos e apropriações dessas tecnologias pelos idosos investigados e compreender suas experiências	subjetiva/pessoal	4.1
<b>Objetivo 2</b> mapear e compreender os sentidos que eles produzem sobre a presença dos aparelhos em suas vidas durante a pandemia	relação tecnológica no contexto pandêmico e os sentidos produzidos	4.2
<b>Objetivo 3</b> identificar as tensões que atravessam essa relação cotidiana mediada por dispositivos tecnológicos	tensões	4.3
<b>Objetivo 4</b> analisar o quadro social e de tensões que essas relações tecem e fazem ver		

Fonte: Elaboração própria, 2022.

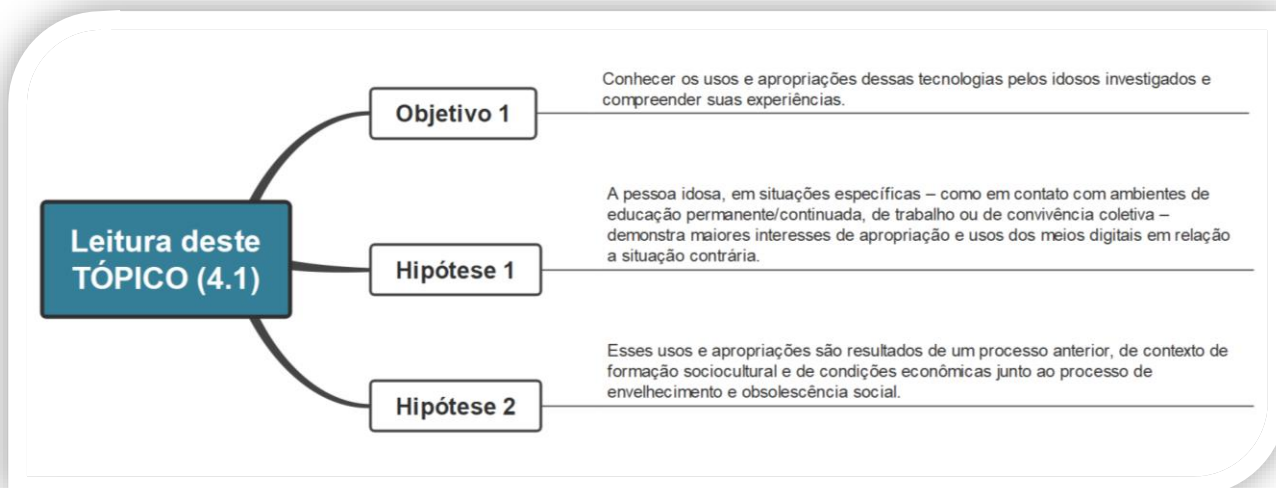
A seguir, a discussão tem início na personalidade.

#### 4.1. Relatos de si

Para conhecer as situações de uso das tecnologias de comunicação e de como elas entram nos cotidianos de pessoas com 60 anos ou mais, foi essencial mergulhar nas experiências de vida na busca por contextos, panos de fundo que pudessem ajudar na compreensão do que há nesse processo. Segundo Castro (2015, p. 103), o processo de envelhecimento é complexo e “demanda o argumento da sensibilidade de modo a detectar zonas negativas de conflito, angústia e sofrimento, ao mesmo tempo em que se possa evidenciar a positividade nas transformações operadas pelo amadurecimento e a experiência de vida”.

Com isso e após o percorrido, vale começar pela investigação das falas, detalhada em capítulo anterior. As primeiras palavras mais significativas são aquelas relacionadas à família (como filho, filha, filhos) e às relações de amizade (amigos, conhecidos). O que figura logo após são os termos “banco”, “pagar”, “dinheiro” e “celular”, já nos apontando algumas direções de usos, o que será desdobrado ainda nos próximos tópicos.

**Figura 24.** Guia de leitura do tópico 4.1 (Relatos de si)



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Antes, é preciso conhecer as pessoas. E conhecê-las nesse ambiente de interação, tanto por meio do formulário como por meio dos grupos focais on-line, é conhecê-las em parte e por meio de fragmentos. Trechos da vida que dizem muito e que já fazem conhecer um quadro, também, mediador das leituras de mundo. Como quando se apresentam, falam com os colegas que, por vezes não viam pessoalmente há o que consideram longo período, e falam de si. Um falar de si que ultrapassa algumas linhas para dentro da intimidade sendo possível saber para além das ocorrências mais triviais cotidianas. Aqui, pessoas falam da vida, de sonhos e redescobertas.

**Mediadora:** E se fazer feliz primeiro, não é?

**Interlocutora:** Com certeza, aprendi na UNITERCI a me amar! Desde quando eu aprendi a me amar... eu só amava os filhos, eu só me preocupava com... Enquanto isso, eu sofria, eu tava sofrendo e tava pensando que eu não estava sofrendo, não é? Então, é isso daí. Então, é muita história, a gente vai ter outros... (risos). Mas, eu vou só te dizer, eu aprendi... eu aprendi a gostar. Quer dizer que teve que ter essa condição na minha vida, pra mim aprender, pra mim chamar minha atenção, não é?

**M:** Internet, não é?

**I:** Ééé, a internet! Aí qualquer coisa e chamo os bonitinhos, as crianças... “olha, como é, não sei o quê...” [tom de impaciência], (risos) “eu vou ensinar só uma vez!” [ainda os filhos falando]. Eles não ensinam pra gente, tu acredita? Eles vão e fazem, não ensinam! (risos) Então, tá, bom dia, Professora! Fale com as outras, as nossas amigas.

**M:** (risos) Não, já falamos até, achei bacana que todo mundo se apresentou, achei muito bacana. (Interlocutora, Mulher, 63 anos, 2021; trecho da transcrição)

Também fica evidente a preocupação com a saúde, além do enfrentamento atual (a pandemia de Covid-19) questões anteriores já estavam lá, como um câncer e todo um processo de tratamento, receios nas variadas frentes, ansiedade. Contudo, parece que contar, compartilhar, faz parte do processo. Como quando outra interlocutora fala da visão monocular, quando a pessoa apresenta visão limitada a um dos olhos, e de como as atividades são ainda mais desafiadoras. Tarefas cotidianas estas que têm, na instância da comunicação mediada pelas tecnologias, uma centralidade da qual se fala em maior profundidade adiante.

Há, da mesma forma, quem relata problemáticas que apareceram após o início deste período de restrições no qual se vive. Como quando questões relacionadas à perda de memória, e prejuízos cognitivos, são conectadas diretamente como consequência da Covid-19. Além da frente dos sentimentos que envolvem, principalmente, frustração de não poder ver familiares pessoalmente, por exemplo. O que é sanado no pensamento da ação necessária pela proteção de entes queridos, e a sensação que segue no campo da satisfação.

Para participar das atividades da UNITERCI, pessoas são selecionadas a partir de critérios como idade (com 50 anos para frente), nível de alfabetização e letramento. A língua portuguesa já se apresentando como dispositivo, este conjunto de conhecimento considerado fundamental na vivência coletiva – se apresentando oralmente e na escrita, como também argumentado em Agambem (2009). Sem este conjunto de ferramentas, os espaços da codificação e decodificação não estarão completos, ou minimamente compreensíveis. Língua como instrumento de tomada do mundo por seus significados, em mútua afetação. Por qual motivo isso se faz importante?

Bem, na instância (que não é una) de apropriações e usos de dispositivos tecnológicos é sabido que marcadores (dispositivos) podem ser considerados como essenciais para conhecer aspectos da desigualdade. Aqui, não parece ser diferente. Como já acentuado, pessoas com 60 anos ou mais estão entre os indivíduos que menos acessaram a internet (57%, contra ao menos 92% nas faixas de idade até os 44 anos), e quando se fala a partir do aspecto da alfabetização apenas 28% dos indivíduos não alfabetizados ou com o ensino infantil completo disseram já ter acessado a internet (CETIC.BR, 2020).

Dito isto, nova ênfase deve ser colocada na instância da obrigatoriedade. O “fazer parte” é expressão que traduz essa relação. Contudo, não é um “estar dentro” sem significado, num

movimento vazio, fala-se em “ter ciência de”. E isso, invariavelmente, perpassa a instância educativa. A UNITERCI, enquanto instituição-janela para o mundo figura como espaço de atualização. Durante os encontros on-line, por meio das falas, foi possível perceber que atividades dentro da Universidade (UFPA) representam sonhos realizados. Por quê?

Pessoas, mulheres, falam da gravidez na adolescência como desafio que se colocou num passado ainda mais restritivo. E a chegada na idade em que se pode visualizar certa independência justamente num período em que mais restrições ainda são demandadas, devido à manutenção da saúde gera uma série de descontentamentos e frustração. Ainda assim, a proatividade é baseada na vontade de continuar em atividades que representam satisfação na expressão atualização.

Então, eu ficava muito preocupada: “...não, e agora?”. Porque, a maioria dos meus sonhos estão sendo realizados: eu tô com 63 anos, muita coisa tá se reajustando, muita coisa está sendo realizada. Então, é assim, quando eu era novinha – eu tinha 12 anos –, eu fui morar no Guamá, na José Bonifácio. Eu passava na Universidade [em frente], eu queria... mas, aí foi tudo ao contrário: eu fiquei grávida, eu namorei. Então, eu fiquei grávida nova. Então, eu tive filho nova, fui avó nova. Então, mudou tudo pro lado que eu não queria. E aí, quando eu tô na Universidade eu digo “...poxa, eu tô realizando o meu sonho!”. Eu não sou uma profissional, eu não fiz o vestibular pra tá aqui. Mas, só o prazer da gente tá lá... Eu passava todo dia na frente da Universidade e eu dizia “eu quero vim pra Universidade, eu quero”. Então, desde mocinha – 11, 12 anos, não é... Eu também não vou levar... Então, eu fiz o digital, o básico. (Interlocutora, Mulher, 63 anos, 2021; trecho da transcrição)

Sobre a configuração familiar, 3 (três) tipos ficaram evidentes: (1) moram com filhos(as) ou (2) moram com outras pessoas (geralmente, familiares) com mais idade ou (3) moram só. Entre os interlocutores que moram com filhos, apareceram relações de parceria e de afastamentos. A primeira também se repete com filhos que moram em outra casa ou bairro, e os afastamentos ficam por conta das discordâncias, por exemplo, sobre como os pais e mães (referente aos interlocutores da pesquisa) utilizam a internet. Entre este grupo de pessoas, de maioria feminina, os filhos têm total acesso às senhas do banco e da mesma maneira uma espécie de cuidado aparece, aquele relacionado ao receio de que as mães e pais façam algo de errado. Ficando tudo num campo de restrições “...mãe, é melhor a Senhora nem mexer nisso!”.

No quarto e último grupo focal on-line, por exemplo, algo inesperado: uma das interlocutoras entra na sala, mas não consegue falar por muito tempo, uma voz masculina fala e a voz feminina tende a repetir algumas palavras. A uma certa altura ela diz que gostaria de falar sozinha, ou ao menos que ele falasse a ela quem, em seguida, repassaria diretamente o que foi dito aos colegas. Em poucos minutos, ele tomou a frente, se apresentou e compartilhou



as próprias opiniões, também, na direção da preocupação com os mais velhos atuando livremente na internet, principalmente no que se refere às informações bancárias, em algum nível. O movimento de vai e vem entre os dois continuou, mãe e filho.

Já as duas categorias seguintes apresentam um outro tipo de estar no mundo. Entre os que moram com familiares mais velhos, a preocupação com outros cuidados aparece diretamente. Fala-se aqui dos cuidados totais direcionados às mães e aos pais delas e deles. Contudo, as ocorrências, aqui, foram de mulheres com mais de 60 anos, morando com e cuidando das próprias mães. Aqui, o descobrir de mundo se apresentou como urgente, resolver desde a frente de saúde física até as questões mais burocráticas que envolvem comunicação via internet e pagamentos bancários. Um estar no mundo com o maior grau de ciência possível.

**Interlocutora:** Camila, eu vou precisar sair, meu amor! Porque a minha mãe tem 97 anos de idade e sou eu que cuido dela, eu vou ter que resolver agora um problema aí dela.

**Mediadora:** Ô, querida, tudo bem! Mas vai ficar gravado, tá. A Senhora pode pegar esse vídeo depois, com a Natália, tá bom?

**I:** Tá bom, Camila, muito obrigada! E desculpas, meu amor, porque tá maravilhoso. Mas eu vou precisar sair, tá bom?

**M:** Poxa, mas tá bom, vão ter outras oportunidades! (sorrisos) (Interlocutora, Mulher, 62 anos, 2021; trecho da transcrição)

São essas pessoas, mulheres, que se orgulham dos filhos e das vidas independentes que têm. Esses filhos aparecem aqui, em geral, como figuras incentivadoras, aquelas que vivem o mundo e querem que as mães vivam o mesmo. Dão celulares de presente, mediam o primeiro contato e os primeiros movimentos na direção do acesso à internet.

Eu, Camila, porque os filhos me incentivaram, não é? “Se faz necessário, mãe, que a Senhora comece a usar a internet porque, hoje, é um meio de comunicação, não é? Então, a gente precisa tá fora de casa, a gente precisa informar pra Senhora alguma coisa. Então, a Senhora precisa estar atualizada!”. E me deram de presente um celular e habilitaram o WhatsApp e, também, Camila, é só o que eu sei usar (sorriso aberto). E, tá sendo pra mim... em relação a primeira pergunta que você fez, pra mim tá sendo melhor a comunicação agora, não é? Porque, agora, pelo WhatsApp, eu consigo me comunicar com eles. (Interlocutora, Mulher, 62 anos, 2021; trecho da transcrição)

O que também ocorre, com alguma semelhança, com pessoas que moram sozinhas. Aquelas ligadas a organizações, entre outras atividades continuadas, por exemplo, estiveram

em contato constante com as mais conhecidas ferramentas de conferência pela internet e, em certa medida, associam essa dinâmica ao equilíbrio que conseguiram manter durante o período.

Na pandemia! Nós fomos uma organização que não parou. Por quê? Porque ela se adequou ao sistema. Ela... quando ela viu a pandemia, ela começou a lançar os softwares, os aplicativos... E aí nós não paramos. E isso ajudou muito a gente. Por quê? Como a colega falou aí, que a gente... Eu moro só, não é? Minhas filhas já são emancipadas, são casadas, já se formaram e já tão trilhando o caminho delas. E eu moro só. Então, eu só não pirei nessa pandemia porque eu tenho essa organização. (Interlocutora, Mulher, 68 anos, 2021; trecho da transcrição)

Assim, é possível observar, perceber, que as apropriações e usos de ferramentas digitais, conectadas ou não, vão ser permeados por variantes como nível educacional e mesmo a configuração familiar que vai influenciar esse movimento ondulante. Como dito, conhecer as pessoas se fez fundamental, pois foi possível visualizar os variados quadros. Pessoas que querem se inteirar sobre o que está ocorrendo, recorrem aos netos e aos filhos, compreendem que os meios de comunicação tecnológicos tomaram a centralidade na comunicação parental e de serviços, e assim por diante. Contudo, são estas mesmas pessoas que relatam a impaciência desses mesmos familiares, que apresentam mais ou menos inclinação na direção dos usos dos meios tecnológicos quando do incentivo ou não dos conhecidos (junto a outros possíveis fatores mais subjetivos e mesmo de saúde), e que atuam nas próprias transações bancárias, usam PIX e ficam atentos às taxas consideradas abusivas em cartões de crédito.

Esses são sujeitas e sujeitos do mundo, participantes de ambientes de educação continuada, seres sociais complexos. Conhecê-los nas instâncias possíveis é, também, um exercício de retomada ao primeiro objetivo específico desta incursão, que é conhecer os usos e apropriações dessas tecnologias (do cotidiano) pelos idosos e compreender as relações que os envolvem. E o exercício desse caminhar leva à hipótese de trabalho inicial. Aquela que reflete sobre a pessoa idosa, em situações específicas – como em contato com ambientes de educação permanente/continuada, de trabalho ou de convivência coletiva – demonstra maiores interesses de apropriação e usos dos meios digitais em relação a situação contrária. Por isso, vale começar a crítica dessa reflexão inicial e desdobrar as ramificações e ampliações possíveis.

A começar pela pessoa mais velha como aquela que demonstra, sim, variados interesses em direção à apropriação e usos dos meios digitais, contudo, antes mesmo de ingressar em ambientes de educação ou convivência coletiva. Aqueles que têm a oportunidade desse tipo de entrada educativa, aproveitam como passo a mais a ser seguido, na direção do conhecimento complexificado. Do caos hiper informativo, das eventuais dificuldades de compreensão dos

espaços desenhados e suas interfaces (aplicações), a um estado de maior entendimento de funcionamentos e possibilidades. É o que parece se esperar desses ambientes conhecidos como de atualização social e digital. E é o sentimento geral, ao participar dessas atividades, a satisfação no “ter ciência de”.

Por isso, a partir do percebido na experiência dos que fazem parte desses ambientes de convivência, a hipótese de trabalho inicial se amplia. Como frequentadores da educação permanente/continuada, como pessoas que continuaram seus trabalhos por meio da internet, e mesmo as que, paralelamente ou não, frequentam espaços variados de convivência, as apropriações e usos de meios digitais tomam variadas formas – mais superficiais, porém, essenciais, como o uso do WhatsApp na comunicação parental, familiar; e em mais camadas, quando do uso do e-mail e plataformas de conferência na manutenção do contato profissional, além do familiar. A presença em espaços de educação está ligada ao aprofundamento desse conhecimento ou mesmo na busca por um mediador (educação) nessas apropriações, na busca, também, por maior segurança em processos digitais e eliminação dos medos/receios.

Esta argumentação discursiva chega num ponto no qual se pode afirmar, que esses usos e apropriações são, sim, resultados de um processo anterior, de contexto de formação sociocultural e de condições econômicas junto ao processo de envelhecimento e obsolescência social estruturada/estrutural. O “fazer parte” em si já pressiona esse grupo heterogêneo de pessoas que se identifica num todo chamado “nós, mais velhos”, uma identificação coletiva que está para além das idades. Representa um conjunto de conceitos que partem das experiências do envelhecer, desde a busca por atualização na instância educacional, passando por uma condição econômica desafiadora, envolvendo dependentes ainda mais velhos, por exemplo. Apropriações que vão envolver, como percebido, certo nível de urgência num movimento constante do “alcançar”.

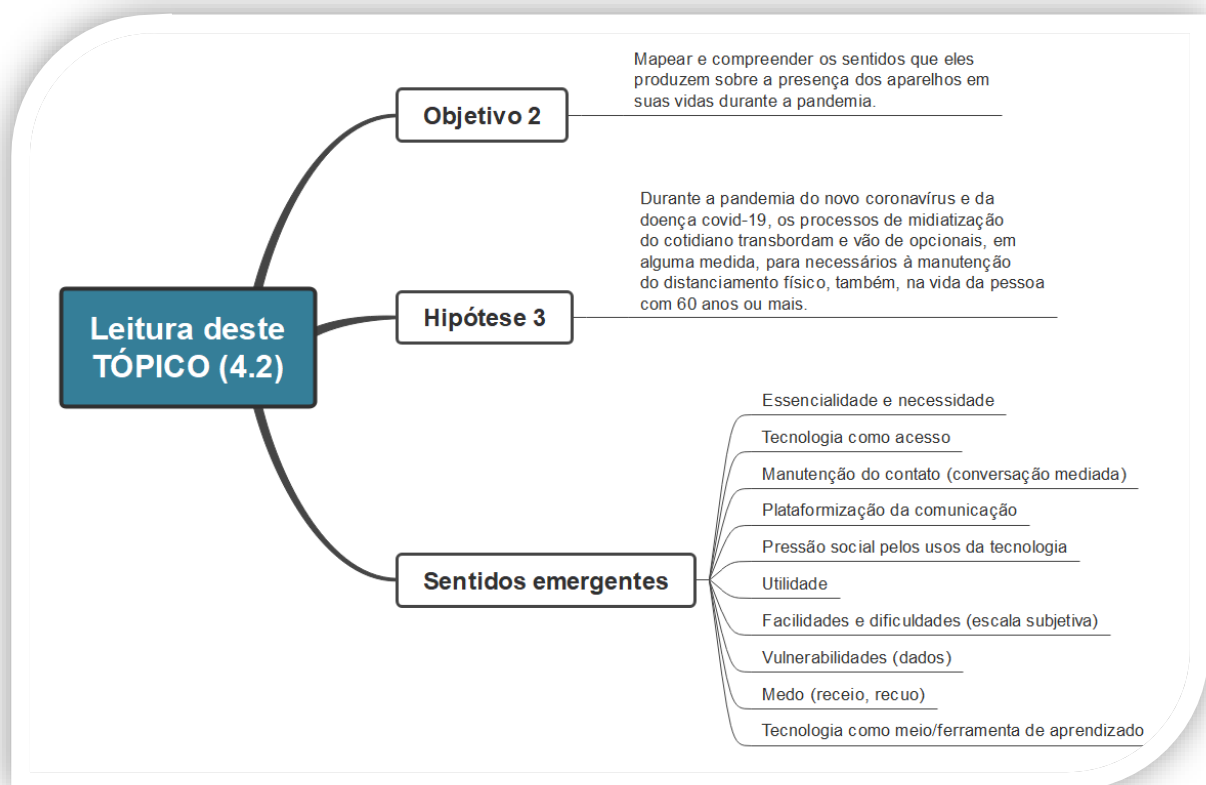
Isto posto, é referencial seguir para a compreensão de como a relação tecnológica cotidiana é afetada pela pandemia.

## **4.2. Sentidos da relação tecnológica na pandemia**

Trazer à tona as relações com esta dita tecnologia do cotidiano, que se apresenta e atravessa as várias instâncias da vida, começou no desafio de mapear esses sentidos a partir da busca de recorrências temáticas. Relações que vão das mais próximas e positivas às mais distantes e negativas, sem métrica perfeita que possa representar essas dinâmicas. Com isso,

volta-se à França (2008, p. 86 e 87) quando argumenta que: “[...] Uma análise comunicacional vai recortar as intervenções concretas dos indivíduos implicados, isto é, os gestos, as atitudes, assim como as significações que as animam (dimensão simbólica, presença do sentido), buscando captar o movimento reflexivo que orienta a configuração do processo”. Nessa direção, e para começar a entrar na seara das relações comunicativas, vale explorar os sentidos que os indivíduos investigados colocam a partir do que percebem sobre comunicação, mais amplamente.

**Figura 25.** Guia de leitura do tópico 4.2 (Sentidos)



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Para os interlocutores da pesquisa, comunicação assume significados que vão do dialogar, trocar, interagir até o sentido de contato interpessoal mesmo, o falar com o outro. Comunicar também significa a condição de se expressar plenamente, entender o outro e, da mesma forma, ser entendido. É instância de ouvir e de escutar, é conhecer o mundo, é aprender.

Eu acho assim... comunicação tu tem um meio de interagir mais com pessoas. Assim, por exemplo, se tu tá distante... Agora, nesse momento que a gente

vive aí é um meio, assim, da gente ficar sabendo o que tá acontecendo. Aí de repente liga pra saber como é que a pessoa tá, não é? É um meio de tu saber de notícias, também, de parentes, de amigos e ficar informada de muita coisa. Porque às vezes tu não saí, não é? (Interlocutora, Mulher, 2021; trecho da transcrição)

Eu acho, querida, que comunicação também tá nessa nova modalidade que estamos curtindo agora, não é (?), o Google Meet... que eu falo pras pessoas que eu tô tendo aula através do Google Meet, pra eles é uma coisa, assim, maravilhosa porque há tempos atrás a gente nem saberia lidar e, hoje, a gente tá cada dia mais familiarizado, não é (?), com esse tipo de comunicação. Eu acho... Eu considero que é uma comunicação muito boa! (Interlocutora, Mulher, 65 anos, 2021; trecho da transcrição)

Até aqui e de maneira geral, já é possível perceber como as relações tecnológicas de comunicação vão se construindo, a partir do contexto pessoal, profissional e mesmo amical. Os relatos sobre o campo da comunicação mediada pelas tecnologias, afetado pela pandemia, aparecem e delineiam as instâncias dos impedimentos e dos aprendizados, além de tecer um quadro sobre como as relações midiáticas, enquanto processo, parecem se instalar como via central e permanente.

Bom dia! Bom dia, Professora! Bom dia a todos os meus colegas. É um prazer enorme estar participando, se comunicando, escutando a voz dos colegas, é maravilhoso. Mas como você fez uma pergunta aí sobre a maneira, hoje, avançada que nós temos de se comunicar através da tecnologia. Eu acho um avanço muito grande pro ser humano, entendeu? É uma conquista realmente, tá. E acho que a gente tem que, a cada dia, se preparar melhor. A gente tem uma dificuldade de usar esses instrumentos que hoje aparecem, entendeu? Mas, eu acho que a gente tem que quebrar essa barreira porque isso não tem retorno, tá. Eu acho que a cada dia vai evoluir mais e quem não procurar ultrapassar essa barreira aí vai acabar ficando isolado. Então, eu acho que não tem retorno mesmo, é uma evolução no mundo todo, entendeu? Essa é a maneira mais fácil de se comunicar, mais rápido, entendeu? Então, é assim que eu penso, dessa forma. E obrigado pelo espaço. (Interlocutor, Homem, 67 anos, 2021; trecho da transcrição)

O interlocutor fala em isolamento em um sentido geral. Mas, durante a pandemia, esse distanciamento traduzido por meio de um sentimento de isolamento figura num quadro ampliado de frustrações. Com as atividades presenciais inicialmente interrompidas e o conjunto de adaptações crescentes, como verificado no primeiro grande tópico desta discussão, a desaceleração nas atividades tão desejadas também representou desaceleração na realização de sonhos antes não possíveis. Nesse contexto, de relação fisicamente mais distante, as comunicações familiares têm centralidade e é mediada por telas (centralmente o celular) e plataformas.

**Interlocutora:** Olha, Santa tecnologia, viu! Porque com essa pandemia, a gente não poder ver os amigos e a família, aí esse DUO é maravilhoso. A gente fala com as pessoas do mundo todo, assim. A família que mora longe, em Manaus, Bahia, Rio [de Janeiro]... Então, a gente comunica com todos. Nós somos só treze irmãos, não é? Aí precisa ver! No dia... A gente tem uma data marcada, um dia, e a hora marcada: todo sábado, às 20h30, a chamada do DUO.

**Mediadora:** E vai todo mundo?

**I:** É maravilhoso! É! Doze pessoas estão no grupo. [da videochamada]. Um não tem, coitadinho, ele não tem nem celular! Aí doze pessoas se comunicam, entendeu?

**M:** Mas ele é mais velho, assim, ele não gosta muito?

**I:** É, ele tem setenta e poucos anos. Ele não gosta. Aí é maravilhoso... É maravilhoso a tecnologia, viu. Antigamente, eu tinha medo até de pegar em celular! Não tinha quem fizesse eu pegar num... Nem atender o telefone, entendeu? Era incrível o medo que eu tinha. Era um medo... exageradamente [risos]. Aí, graças à Deus, agora, eu tenho minhas dúvidas... Assim, quando eu quero ver uma coisa eu peço pra minha neta, tem seis aninhos, ela me ajuda. Eu sei que tô indo! (Interlocutora, Mulher, 67 anos, 2021; trecho da transcrição)

A relação de certa pena por aqueles que ficam de fora é evidente. Em “tempos de pandemia”, a possibilidade de conversar por meio de dinâmicas introduzidas recentemente se torna motivo de exaltação, para alguns. Do estranhamento à experimentação mais aprofundada. Como a interlocutora do trecho acima, outras e outros demonstram receios que vão morar na palavra “medo”, não somente enquanto ambiente nunca explorado, mas de não pertencimento, distante, por vezes, em conceito e visualização possível de usos.

Os desafios que perpassam a comunicação pessoal estiveram presentes na mediação profissional, para aqueles e aquelas em atividade nessa direção. Adaptação e aprendizado são termos que andam lado a lado, aqui.

**Interlocutora:** E nós temos videoconferência quase... não é todos os dias, mas semanalmente. Nós temos estudo, nós temos reunião uma vez no mês. Vários aspectos, várias temáticas.

**Mediadora:** E mesmo antes da pandemia já tinha esse uso, assim, da internet?

**I:** Na pandemia! Nós fomos uma organização que não parou. Por quê? Porque ela se adequou ao sistema. Ela... quando ela viu a pandemia, ela começou a lançar os softwares, os aplicativos... E aí nós não paramos. E isso ajudou muito a gente. Por quê? Como a colega falou aí, que a gente... Eu moro só, não é? Minhas filhas já são emancipadas, são casadas, já se formaram e já tão trilhando o caminho delas. E eu moro só. Então, eu só não pirei nessa pandemia porque eu tenho essa organização.

**M:** Então, essa rotina lhe ajudou, assim, também no nível pessoal a Senhora usou muito [a internet]?

**I:** Ajudou muito, sim! Porque a gente, nessa organização, a gente faz reuniões, também, e cria mecanismos, dentro da reunião, pra poder tá se adaptando. Então, eu aprendi, tô aprendendo todos os dias porque a tecnologia ela é imensa, não é? Todos os dias você tá aprendendo um mecanismo, todo dia. E se você não se inserir nesse contexto você fica pra trás. Porque, na realidade, hoje, com essa pandemia, não tem mais nada real é tudo on-line. É tudo digital. Até o meu banco, eu já tinha baixado ele no meu celular porque eu fui obrigada a fazer isso porque eu tenho que... meu salário é no banco Itaú e eu tenho que tá pagando tudo pelo banco, tenho que tá vendo o meu extrato, eu tenho que ver todos esses parâmetros aí. Então, não é só ser atendida, é saber o que você está fazendo. Porque hoje, não sei se foi a Dona R. que falou aí, a internet veio pra nos beneficiar e veio, também pra... assim como tem o bem, tem o mal, não é? (Interlocutora, Mulher, 68 anos, 2021; trecho da transcrição)

A instância de acesso a serviços oferecidos por meio de plataformas digitais, conectadas ou não, vem com um foco de discussão mais forte nas temáticas bancária e de perigos/cuidados. De modo geral, a experiência contemporânea é caracterizada por múltiplas inter-relações entre comunicação e consumo (CASTRO, 2015, p. 105). E, no campo do envelhecimento, há uma espécie de segmentação operada pelo mercado que organiza o consumo de produtos e serviços com idade específica de “corte” (CASTRO, 2015, p. 105), tudo isso, acompanhado de um conjunto de constrangimentos, como o transbordado nas subjetividades investigadas.

Como citado no início do tópico anterior, “banco”, “pagar”, “dinheiro” e “celular” são palavras/expressões que indicam caminhos para compreender essas relações, apropriações e usos de dispositivos para além da instância conversacional, num antes e durante a pandemia. Aqui, o reconhecido medo vai percorrer as experiências de quem não apresenta proximidades com serviços digitais (o que coincide com pessoas com receios que podem emanar desde a família até o acompanhar de notícias sobre golpes, por exemplo) e de quem se aproxima e utiliza serviços variados na internet (coincidindo com perfis de pessoas com maior gama de informações, que sofreram golpes diretamente, e são essas mesmas pessoas as que mais dissertaram sobre situações de resistências).

Então, com essa pandemia eu aprendi muito... Porque eu gostava de sair, eu saía todo dia. Fazia meus pagamentos no início do mês, saía de manhã e chegava de tarde... Aí, eu sou solteira, não é? Meus filhos, cada um mora nas suas casas, têm suas famílias. Aí, então, eu não ligava muito pra fazer pagamento por aplicativo de banco, entendeu? Então, com a pandemia, ano passado, aí eu fui obrigada a aprender. Eu fui obrigada a aprender pra não ter que sair, não é (?), só saía na extrema necessidade. Então, foi uma coisa que eu aprendi e hoje... Hoje, eu faço transferência, hoje eu uso PIX, hoje eu faço pagamento pelo aplicativo do banco, não é? Eu tenho um pouco de receio,

mas é por causa das bandidagem, não é (?), que tem assim... A gente não pode descartar esse lado porque a gente sabe que a internet, também, não é (?), ela dá mas ela também tira, ela ajuda a tirar, não é? Mas, graças à Deus, eu tenho vontade de aprender muito mais. [Trecho cortado; falha na transmissão da participante] ...eu aprendi, graças à Deus. (Interlocutora, Mulher, 68 anos, 2021; trecho da transcrição)

Algo inesperado para os interlocutores da pesquisa é a comunicação familiar, considerando aqueles com os quais antes da pandemia (desse período de maiores restrições, entre 2020 e 2021) nem se pensava em falar ou conversar. O contato familiar, no sentido de datas de celebração, por exemplo, também se amplia dando lugar a uma comunicação mais pessoal, aproximada sentimentalmente, na falta do abraço presencial. Familiares mais próximos e com quem se falava mais frequentemente, representam esse lugar da saudade com mais ênfase e que é sanada minimamente com essa comunicação via plataformas digitais, o que parece, para os interlocutores da pesquisa, não substituir a presença física.

**Interlocutora:** [...] Por exemplo, eu sinto muita falta dos meus amigos, não é? Porque, assim, eu só tenho um casal de filhos, todos os dois casados. Um mora pra banda de Icoaraci, a outra mora aqui perto de mim. Então, a gente se comunica mais [com a filha]. Com o meu filho, eu falo mais é por telefone, é videochamada, evita... Ele trabalha, ele é motorista de ônibus... Ele trabalha, assim, dia de domingo, chega cansado. E também é bom evitar [contato físico], deixar passar mais [se refere à pandemia]. Mas, a gente se fala. Eu vi o meu filho em janeiro! Eu fico morrendo de saudade!

**Mediadora:** Janeiro desse ano, não é? 2021?

**I:** Sim, sim! Dia 16 de janeiro! Aí, a gente se vê assim, só por videochamada, entendeu? Conversa pelo WhatsApp, manda foto, como é que tá... Porque ele lida com o público, não é? E eu fico preocupada com ele, ele fica preocupado comigo. É assim! Mas, eu continuo... Mesmo vacinada, já com a segunda dose, tem que ter o maior cuidado, não é? (Interlocutora, Mulher, 68 anos, 2021; trecho da transcrição)

A esta altura, pode-se verificar o esforço na direção do mapeamento dos sentidos produzidos por pessoas com 60 anos ou mais, no contexto da presença dessas telas e plataformas num cotidiano pandêmico. Identificar as tensões que atravessam essas relações mediadas por dispositivos tecnológicos de comunicação é deixar ver os enfrentamentos para além de categorias objetivas. É verificar nas instâncias pessoal, profissional, de atuação num mundo em midiatização mesmo uma configuração que interessa à temática da autonomia – reflexão mais bem elaborada no próximo tópico desta discussão.



Como hipótese de trabalho, nesta altura, coloca-se que a pandemia da doença Covid-19 trouxe desafios para as variadas adaptações na instância da comunicação, com esses processos transbordando da instância do opcional (existe e “talvez, eu faça uso”) para o da obrigatoriedade, aparecendo como necessários à manutenção do distanciamento físico. Contudo, antes mesmo desse período de crise sanitária mundialmente compartilhada, essa obrigatoriedade já aparecia como motivação para a procura por cursos que envolvessem, grosso modo, “inclusão digital” (CARLETO e SANTANA, 2017; FERNÁNDEZ-ARDEVOL, 2019; (VIEIRA e SANTAROSA, 2009; e outros). Mesmo que existentes num contexto pré-pandêmico, os usos dos meios digitais já eram alvo do interesse de pessoas em várias faixas de idade, como colocado pelos interlocutores da pesquisa.

A considerar a geração (heterogênea) 60+, estudos mostram que tem sido cada vez mais alvo de interesse de pesquisas que vão ultrapassar a instância da saúde diretamente (SANTOS, HEIDEMANN, et al., 2019; PASSARELLI, FRANCISCO e JUNQUEIRA, 2011; SIMÕES, 2019; SIMÕES e JUNIOR, 2018; e outros). Esta pesquisa parte da crise de saúde mundial, que tem como marcador o ano de 2020, para verificar as micro instâncias do cotidiano, com foco nas relações interpessoais e de comunicação. Aqui, essa comunicação é mediada por aparatos tecnológicos que atravessam o dia a dia gerando impactos objetivos (ações práticas tomadas como usar aplicativos bancários e se comunicar com familiares por meio de plataformas de relações on-line como necessidades urgentes) e subjetivos (das atitudes mais receosas à tentativa de compreensão de processos). Mas em quais e quais condições?

Entre as pessoas que apresentam essas proximidades aparecem aquelas ligadas, em alguma medida, ao mercado de trabalho ou mesmo aos ambientes de educação continuada em si, onde vão buscar no aprendizado a literacia de mundo e a digital. São esses mesmos sujeitos que entendem os canais de reclamações, de reivindicação de direitos, por onde podem reverter processos, acomodar e averiguar outros. Entre as pessoas que estão no processo de descoberta no contexto da comunicação digital conectada, impera medo, receios que abarcam o campo financeiro, centralmente. Essas mesmas pessoas conversam com familiares e amigos por meio do WhatsApp, por exemplo, mas parecem ter ficado num lugar de vulnerabilidades que afeta diretamente o campo da autonomia quando as questões envolvidas são transações financeiras (saque, empréstimos, por meio de aplicações e presencialmente etc.) ou mesmo compras diretamente on-line. Nessas situações, terceiros vêm à cena e, sem entrar no conjunto de violências (físicas, psicológicas e simbólicas) que pode caminhar junto a isso, a visada da autonomia (tomar os códigos do mundo para si e por si) é afetada diretamente.

#### 4.2.1. Essencialidade, necessidade e acesso

Já a categoria essencialidade se faz presente enquanto sentido que atravessa essas experiências, vivências, situações cotidianas e vai colocar os discursos da necessidade em movimento. Um conjunto de aparatos que ganha terreno há décadas é visto, nos últimos dois anos, como fundamental em variados aspectos, como: no contato familiar, na mediação de serviços digitais – principalmente, os financeiros – e, em último lugar, na atualização/contato profissional ou mesmo nas dinâmicas educacionais.

Os sentidos da **essencialidade** e da **necessidade** precedem os usos das tecnologias aí cada vez mais presentes no cotidiano social, afetando a todos no caminho, mesmo que em dinâmicas diferentes. As falas dentre aqueles que apresentam maiores proximidades com essas práticas digitais e on-line são, por vezes, mais conciliadoras, mostrando adaptação como característica e presença ativa no mundo. Já as falas daqueles indivíduos que, eventualmente, estão mais distantes das dinâmicas investigadas demonstram um tipo de interesse acompanhado de um conjunto de receios. Em ambos os casos o medo impera. Contudo, entre aqueles o medo não parece os congelar e entre os últimos o mesmo medo os impede de ao menos começar uma aproximação.

De modo geral, os meios tecnológicos – inegavelmente os aparelhos celulares – aparecem no sentido de “**acesso**”, porta, portal para uma ambiência “não real”, simulação, limitada. Mesmo assim, são vistos como fundamentais concentradores de informações de utilidade, lugar/não-lugar não antes experimentado em tamanha intensidade.

[...] E se você não se inserir nesse contexto você fica pra trás. Porque, na realidade, hoje, com essa pandemia, não tem mais nada real é tudo on-line. É tudo digital. (Interlocutora, Mulher, 68 anos, 2021; trecho da transcrição)

Acesso aos familiares – os de longe, mas também, os de perto – acesso ao mundo de serviços digitais, como também acesso às informações (no sentido de notícias), categoria quase sem ocorrências. De forma geral, a comunicação mediada por estes aparelhos tem na expressão “acesso” ainda o sentido de verificação da presença legal on-line (aplicativos do INSS, do banco, de lojas) o que vem acompanhado do constante alerta e das ações mitigadoras, quando prejuízos diretos se fazem presentes.

#### 4.2.2. Pressão social pelos usos da tecnologia

Esses sentidos não são vazios, estão localizados num campo de tensões constantes. Retomando, produção de sentido é considerada campo fértil ao “indicar as intencionalidades, estratégias e mecanismos de produção de significados” ligados à produtos midiáticos diversos, como aqui. A ideia é “identificar as filiações de certas escolhas” em suas origens e condições de possibilidades (PIROLA e HENRIQUES, 2020, p. 19). Assim, entra-se na esteira e na direção da busca por identificar/reconstruir as redes de significados no processo/fenômeno aqui observado, podendo ainda “revelar muito sobre o emissor e seus posicionamentos no mundo concreto” (IDEM, p.20) ou, ainda, como o dito mundo das coisas molda esses mesmos posicionamentos e ações a conformar relações.

A exemplo da instância pessoal – de relações familiares e de amizade, centralmente – onde aparece um tipo de **pressão** estruturada numa atualidade de mercado da qual não se parece conseguir evitar. O “se faz necessário, mãe!” tem a instância sentimental como impulsionadora, justificado nos discursos da utilidade e da otimização da vida.

A declarada “insistência” para os usos dessas tecnologias de comunicação, tem uma ligação ao que é (ou se faz) “indispensável”, criando, assim, espaços de tensões que vão colocar sujeitos em campos de disputas pela dita inclusão. Nesse caminho incerto, vulnerabilidades aparecem como resultado da disponibilização (não casual) de serviços digitais sem mediações educativas, em qualquer instância.

É, pois é, porque... necessidade, que nós temos. Por exemplo, assim, eu tenho 66 anos mas eu sou independente! Eu pago as minhas contas bancárias, eu faço compras. Então, se a gente não tiver o conhecimento a gente fica muito distante... fica dependente das pessoas. Então, [falha considerável no áudio] pra gente fazer nossas coisas sozinhas. (Interlocutora, Mulher, 67 anos, 2021; trecho da transcrição)

Em geral, a “dependência” é vista como negativa, mesmo que frentes teóricas assumam o ponto de vista da interdependência, na prática não poder realizar algo de forma completamente sozinho ou sozinha tem sentido de prejuízo, colocando sujeitos e sujeitas num espaço de vulnerabilidades. Contudo, vários aspectos da autonomia são percebidos nas falas, as próprias reações contra golpes sofridos, a checagem de aplicativos bancários para verificar se tudo corre bem nas contas pessoais e mesmo não aceitar o constante assédio do mercado, de modo geral e em alguma instância.

Outra instância, também negativa, da “dependência” aparece quando os interlocutores da pesquisa falam da necessidade em consultar ou tentar aprender algo relacionado aos celulares ou computadores com as gerações mais novas da família. A impaciência ou o ensino direcionado imperam, o aprendizado é direcional e limitado.

Eu acho que distanciou mais. Muito negócio de internet, joguinho... aí é complicado. Aí, nisso, é bom que eu não tenho mais filho adolescente, eu já tenho os netos que são adolescentes – aí já com a responsabilidade dos pais. Porque se torna difícil você controlar os filhos, o que eles estão fazendo, entendeu? Porque por mais que eles estejam num joguinho violento, aí tu te aproximias e eles tin tin tin e mudam automaticamente, não é? [risos]. (Interlocutora, Mulher, 2021; trecho da transcrição)

Ainda assim, é possível pensar em “...interagir com pessoas tanto da nossa idade como os mais jovens, pra ter um conhecimento melhor” (Interlocutora, Mulher, 2021; trecho da transcrição). Mesmo que pontual, a intergeracionalidade se fez presente em falas conciliadoras e de abertura. Como coloca Castro (2015, p. 106), há um tipo de binarismo normativo entre pessoas mais velhas e as não velhas que vai colocar a juventude – em várias instâncias – como padrão desejável, assim, “os jovens estão associados a atributos como saúde, jovialidade e beleza”. No contexto desta pesquisa, acrescenta-se a associação de cunho do saber, um estar presente no mundo e de acordo com ele.

É nesse sentido que as gerações mais novas (filhos e netos) não só têm esse papel de auxílio, mas de lugar do saber, a quem se deve consultar. Para além de figura de confiança esse jovem “sabe mais”, antes, por ser “jovem”. Ademais, concorda-se que essa troca assiste “ambas as gerações, já que o idoso atualizado pode colaborar com sua experiência nas dificuldades que os mais jovens enfrentam, e simultaneamente se sentir útil” nas variadas frentes, porém, “para este intento o idoso precisa estar atualizado e conectado com as questões do tempo presente” (FERNANDES, COSTA e ANDRADE, 2017, p. 48).

A seguir, a manutenção do contato durante a pandemia revela plataformização da comunicação e os respectivos efeitos nas vidas dos investigados.

#### 4.2.3. Manutenção do contato e a plataformização da comunicação

Ainda mais no contexto da pandemia de Covid-19 que, com ênfase, é elemento pressionador, também, na direção da digitalização da comunicação cotidiana. Com mesma

ênfase se afirma que a predisposição na direção dos usos da internet tem íntima conexão com a instância pessoal-familiar.

...eu não gostava... as pessoas “...ah, eu te ligo, eu te mando mensagem, não sei o quê...”. Eu não era muito... Olha o que é o bom... que tudo acontece na vida da gente não é por acaso. Se a gente ficar analisando, muita coisa que tá acontecendo, tá reajustando, até as famílias tão se unindo... Então, se você vê, desse lado, tá muito bom. Então, eu vejo o lado bom, porque até Covid eu tive. (Interlocutora, Mulher, 63 anos, 2021; trecho da transcrição)

A **manutenção do contato**, durante a pandemia, se fez desafio e se transformou em um conjunto de satisfações a partir de novas dinâmicas de comunicação. Considerando o momento coletivo vivido, há quem tenha citado de modo positivo as proximidades proporcionadas por essa configuração de comunicação mediada por telas.

É! Por exemplo, da família da minha mãe... é grande. Meu avô era um velho que fazia muitos filhos, antigamente. Então, eu tenho uns tios, que ultimamente, eu tô reavendo através da comunicação, de ligarem de celular que eu tô pegando os números. Tem dias que eu nem me lembro, tem tios que já faleceram que eu nem sabia que já tinham falecido. Então, é muito bom por esse lado, porque tem muita coisa que tu fica afastado da família e tá trazendo maior proximidade. (Interlocutora, Mulher, 2021; trecho da transcrição)

Um aspecto a se ressaltar nessa direção é o papel das plataformas nessa comunicação por meio de telas e via internet. A própria natureza dos encontros – os grupos focais –, motivados pelo movimento da pesquisa, rendeu falas no sentido da satisfação de continuar as atividades e, ainda, rever colegas.

Eu acho excelente! Sem ela, agora, nós não poderíamos estar em contato. É uma facilidade, eu tô vendo as minhas colegas aí e tô lhe vendo, sentadinha, na minha casa, sem tá me arriscando. Eu achei nota 10! (Interlocutora, Mulher, 65 anos, 2021; trecho da transcrição)

O que se transforma em preocupação quando a fala é sobre o uso de plataformas de relacionamentos, por exemplo, e o perigo pode morar em compartilhar ou mesmo curtir conteúdos produzidos por pessoas-empresas não conhecidas.

É... pra mim, coisas boas... foi aprender a lidar com o aplicativo e ter o Face (Facebook), que eu converso pelo Face com os meus amigos do Face, curto, assim, as mensagens de família... Familiares, amigos que eu conheço, mandar um parabéns de aniversário, eu acho legal! Mas, assim, compartilhamento, assim... Até curtir mesmo, se você não prestar atenção, se não for de quem você conhece, não é(?), eu acho perigoso. Então, eu curto muito, assim,

familiares, amigos, entendeu(?), que eu conheço. Mas, assim, coisas estranhas... entrar em site pra comprar alguma coisa, eu acho perigoso porque eu não conheço aquele site, se ele realmente é um site, assim, bom, não é? Mas, eu já aprendi que em cada site você vai lá nos comentários, ver os comentários que as pessoas fazem, como é, como não é. Aí, eu tô indo, tô me esforçando, entendeu? Eu quero ficar boa! (Interlocutora, Mulher, 68 anos, 2021; trecho da transcrição)

Tudo isso dá conta de um complexo contexto de **plataformização da comunicação** cotidiana, por meio da internet e, aqui, a partir de telas de celulares. São plataformas (sites e/ou aplicativos de redes sociais, de serviços comerciais, entre outros) com espaço definido de fluxo que, ainda que em constante campo de atualizações necessárias e partindo da centralidade no “usuário”, se apresentam como ambiências a se “desbravar”, conhecer e compreender.

#### 4.2.4. Facilidades, dificuldades e os sentidos de utilidade

Mapear os sentidos produzidos é desafiador em si, pois as categorias encontradas se entrecruzam, num atravessamento constante. É o que ocorre quando as categorias dicotômicas facilidades/dificuldades são vistas em ação. **Dificuldades** exemplificadas na fala de uma das interlocutoras quando elenca problemáticas físicas (visão limitada a um dos olhos) e externalidades que não facilitam (disponibilidade limitada do filho aos fins de semana junto à impaciência recorrente).

Então, essa aula de inclusão digital, pra mim, é muito importante porque eu vou aprender mais, não é? Porque eu tenho o meu filho, não é(?), que ele me ajuda. Mas, o filho sempre ajuda pra ele, não é? Ele mostra lá, “mãe é aqui”, “mãe é aqui”... Mas, não tem aquela paciência, não é? Só é aos domingos mesmo que ele tem folga, não é (?), e eu moro sozinha. E pra completar eu tenho visão monocular, não é? Fica difícil pra mim, algumas coisas. Mas, tô tentando, tô levando [risos]. (Interlocutora, Mulher, 63 anos, 2021; trecho da transcrição)

Na verdade, eu, na segunda-feira passada, eu cheguei a entrar na sala, não é? Mas aí depois caí e não consegui voltar mais. Como eu falei, cheguei a falar nesse dia, eu tenho muita dificuldade, assim, com esse manuseio, não é (?), com o celular, com a internet. É tudo muito novo, não é? (Interlocutora, Mulher, 63 anos, 2021; trecho da transcrição)

Já o campo das **facilidades** não deixa de acompanhar limitações. Avanços que, em geral, se assemelham com a experiência compartilhada por outros colegas. Aqui, não há timidez, há relato e abertura de e para o mundo.

Eu já tenho uma particularidade com as videochamadas, eu participo de outros grupos e sempre eles fazem videochamada, videoconferência. E, habilidade no celular eu tenho um pouco, não é? De banco eu também tenho um pouco. Não, assim, totalmente porque eu tenho baixado no meu celular, não é (?), o banco que eu opero. Aí eu já tenho um pouquinho de familiaridade. (Interlocutora, Mulher, 68 anos, 2021; trecho da transcrição)

Familiaridade que, quando da presença da proatividade entre outros tipos de atitude pró-digital, podem representar marcos, conquistas. É sobre se sentir potente/potência.

Sim, acessei muito! Principalmente o WhatsApp, o Facebook, Youtube... Eu tenho, assim... Não que eu seja... Às vezes eu me enrolo, mas a minha filha me ajuda. Mas, eu sou curiosa, eu vou lá e eu consigo. Às vezes eu fico até pensando: “Meu Deus, eu consegui!” [exultante, feliz], sabe? Porque a internet ela nos traz muitas coisas que, vou te contar, que a gente fica assim, não é? Mas, graças à Deus, devido a não tá saindo de casa, meu celular, de 20/30 em 30 minutos que tenho que por pra carregar. Ainda mais que ele já tem um tempinho de vida, não é? Ele tá demorando mais a carregar... (gargalhada). Mas aí, assim, tamos aí. Agradeço. Bom dia, pra todas aí! (Interlocutora, Mulher, 68 anos, 2021; trecho da transcrição)

O sentido de **utilidade** vem acompanhado da visão das tecnologias como ferramentas, recursos, que podem ajudar a mitigar efeitos do contexto de distanciamento social, por exemplo e como verificado até então. Tecnologia “para” comunicar, diminuir distâncias sociais, mitigar algum tipo de sentimento de isolamento, agora, para realizar pagamentos e aprender sobre as plataformas aí disponíveis.

Se você não tiver um gancho pra você seguir aí o que você aprender, vai ficando pra trás, não é? Aí tem aquela história, que tem filho que não tem paciência, neto menos ainda... E você vai tendo as suas dificuldades, entendeu? Eu já tenho algumas dificuldades. Mas, na pandemia eu aprendi muita coisa! Eu era acostumada a sair, pra fazer meus pagamentos, de manhã e só chegava à tarde, de tardezinha, cinco horas da tarde. Passava o dia por aí. Vai num lugar, vai no outro e tal... Eu queria aquele papel, aquele documento que provasse que eu paguei. Quando foi pela pandemia eu aprendi, aprendi na marra. A minha filha veio comigo e assim, assim, assim. Hoje, eu já faço a maioria [das coisas]. Aprendi rápido, também. Mas, ainda tenho muitas dúvidas. Porque a gente sabe que tem muita gente com má intenção na internet, não é? E nem tudo é cem por cento seguro. Mas, quando eu tenho uma dúvida eu corro lá na casa dela, eu pergunto pra ela. Eu pergunto mesmo, porque se a gente não perguntar a gente não aprende, não é? Eu não tô nem aí. Eu pergunto mesmo. Então, assim, eu aprendi muita coisa. De tudo de ruim que é da pandemia, isso aí foi uma coisa boa que aconteceu comigo, entendeu? Faço meus pagamentos, agora, pelo aplicativo. Mas, aí eu bato lá o print do pagamento, faço uma pasta, vou deixando lá, entendeu? Pra eu ter o meu comprovante, não é? (Interlocutora, Mulher, 68 anos, 2021; trecho da transcrição)

Trata-se de uma fala que, como outras até aqui, conecta diretamente ao sentido mais forte e evidente, durante o percurso de pesquisa: tecnologia como campo de medos e receios.

#### 4.2.5. Medos e vulnerabilidades (dados)

Aqui, percebe-se um tipo de **medo** que representa o forte receio de fazer algo errado, que prejudique a si próprio ou a outros. Aparece ainda um tipo de recuo incentivado por familiares, a (super)proteção que pode ser impeditiva.

Eu não uso a internet, gostaria de aprender, em compras on-line, não é? Eu tenho muito medo de passar o cartão de dar meu cartão. Aí, é isso que eu queria aprender muito porque eu gostaria de fazer compras, assim, via internet. Mas, ainda não consegui... e sempre meu filho diz que é perigoso. Eu quero aprender, mas ele acha que é perigoso... Aí, isso que eu quero aprender, por minha conta, sem ter a opinião dele – que é perigoso ou não [sorriso]. (Interlocutora, Mulher, 63 anos, 2021; trecho da transcrição)

Assim, eu tinha até bastante dúvida. Mas, agora, esclareceu bastante [risos]. Eu tinha bastante medo de símbolos bancários... medo de fazer alguma coisa errada. Mas, agora, esclareceu bastante [sorrisos]. (Interlocutora, Mulher, 2021; trecho da transcrição)

Quando falavam de receios, as(os) interlocutoras(es) ‘repassaram’ e ‘reviveram’ situações nas quais estiveram vulneráveis financeiramente. O assunto finanças foi de assédio (de lojas, de instituições bancárias e, especificamente, de instituições de empréstimos) a golpes, propriamente ditos. Nesse contexto, o acesso a serviços digitais de toda natureza (de compras em sites a aplicativos bancários) se torna angústia e insegurança, sentimentos compartilhados por interlocutoras(es) em grupo.

**Interlocutora:** É assim, filhinha, eu tô até hoje pra entrar no aplicativo do meu banco, não é? Mas, eu ainda não tive coragem de acessar. Inclusive eu fiz todo o procedimento lá, não é? Peguei a senha...

**Mediadora:** No banco, não é?

**Interlocutora:** É! Mas, tu sabes que eu tenho receio de acontecer alguma coisa. Até porque eu vi a menina falando aí [outra participante], eu tinha muito medo de fazer empréstimo. Mas, eu, graças a Deus, eu fiz dois empréstimos: um eu já terminei, que foi pela Crefisa, e eu fiz agora de novo – inclusive eu vou pagar a segunda parcela – mas, graças a Deus, deu tudo certo! Mas, assim, outros aplicativos de empréstimo eu não tenho segurança ainda. Mas... eu tenho esse receio, entendeu(?), de fazer o APP [falou A.P.P.]



do meu banco. Que é bom, não é? (Interlocutora, Mulher, 68 anos, 2021; trecho da transcrição)

E, acompanhado de receios/medos, movimentos de resistências e estratégias aparecem e ajudam a construir uma postura invisibilizada quando pessoas mais velhas são retratadas. O que chamam de “atitude” é um conjunto de relatos no campo do resistir que faz ver variados aspectos da autonomia, a exemplo do poder da tomada de decisão.

É assim, não é(?), como a [outra participante] falou tem receio em usar o aplicativo. Mas, tudo depende da nossa atitude porque eu penso assim, os bancos têm o poder e nós temos as leis que regem a nosso favor. Vai depender muito da atitude, da ação da pessoa perante aquela falcatura. Se ela for passiva, ela vai ser conivente com aquela situação e aceitar. E se ela não aceitar, ela vai ter subsídio pra contestar, intervir naquilo. Não é assim que eles vão jogar na tua conta. (Interlocutora, Mulher, 68 anos, 2021; trecho da transcrição)

Um tipo de desdobramento que vai dar conta da independência de gastos, de cálculo de custos de próximas compras e/ou empréstimos, do ir contra uma empresa/instituição financeira com toda a ajuda possível.

Eu digo não, as compras que eu fiz, a gente faz tudinho, anota, a gente faz as contas. Eles pensam que a gente é abestado e eles enganam criança, assim gente novinha, e idoso. Mas, eles gostam! Então, como diz o outro, eu rodei a baiana lá. Gente, eu tenho uma raiva da Marisa! Eu tenho uma raiva mesmo! Então, é isso daí, gente. Vamo ficar atento, vamo ficar antenado. Eu tenho PIX<sup>9</sup>. O que a [outra participante] sente, eu já senti muito tempo. A minha filha que me deu bastante coragem, quando eu tive Covid, fiquei lá (na casa da filha). “Mãe, mas não sei o que!” [dizia a filha]. Eu tinha muito medo! Eu ainda tenho! Eu tenho... eu não gosto nem de botar... agora eles pedem o CPF da gente, eu digo, “meu Deus, vai até pro Estados Unidos o CPF da gente!”. Eles vão descobrir quem é a gente? Sabem até a cor da calcinha da gente? Eles vão saber tudo! Aí, eu tinha medo! Uma vez eu falei também, aquela loja que tem também... esqueci o nome agora! Gente, o cara me ligou dizendo que... ainda deu o nome do meu amigo – do esposo da minha amiga – dizendo que tinha me indicado e que eu tinha um cartão [disponível]. Aí eu disse assim “eu não vou lhe dar meu CPF!”. Eu falei, “eu não dou mesmo o meu CPF! Eu não tô nem lhe vendo, eu não pedi cartão!”. Mas, é, deram o nome do meu amigo, do nosso amigo, direto [inteiro]: Raimundo... Direitinho, gente! (Interlocutora, Mulher, 63 anos, 2021; trecho da transcrição)

---

<sup>9</sup> “Pagamento instantâneo brasileiro”, é um meio de pagamento criado pelo Banco Central (BC) a partir do qual recursos podem ser transferidos entre contas em poucos segundos, em qualquer horário e sem taxas. Fonte: <https://www.bcb.gov.br/estabilidade/financeira/pix>.

Nesse campo de discussão, a **vulnerabilidade** de dados on-line teve ênfase. Uma gama de relatos sobre senhas vazadas na internet, outros dados bancários como agência e conta disponibilizados sem aviso prévio a organizações comerciais, números de registros pessoais utilizados para realizar empréstimos aproveitados por terceiros etc.

#### 4.2.6. Tecnologia como meio/ferramenta de aprendizado

Ainda assim, as tecnologias presentes/consumidas cotidianamente foram percebidas como instrumentos de **aprendizado**. O ambiente educativo/educacional é visto como ambiência de interações ampliadas, restringido pela pandemia.

Porque eu tô tendo novos conhecimentos e me tirou... e ano passado, eu senti muita falta, sabe, de interagir. Porque, devido a minha doença que eu fiquei aí esse isolamento, aí a minha filha... tinha vezes que eu reconhecia que eu tava me tornando um pouco chatinha [risos]... aí, coitada da minha filha! [risos] (Interlocutora, Mulher, 2021; trecho da transcrição)

Eu também tenho uma neta que, inclusive, eu aprendo muito com ela. Geralmente essas crianças que nasceram agora no ano 2000, elas já nasceram na era da tecnologia mesmo. Quer dizer, elas nem aprendem, elas se fazem aprender. Elas mesmas já nasceram com esse mecanismo, não é? E é incrível com a rapidez com que eles aprendem as coisas. (Interlocutora, Mulher, 68 anos, 2021; trecho da transcrição)

Aprendizado enquanto sinônimo de redescoberta de si...

Difícil! Agora que eu não entendo nada de internet, eu tô me redescobrando, agora, vendo que sou capaz de aprender [sorriso]. Quando que eu pegava um celular [áudio cortado]? Ver, matar a saudade, isso é muito bom! Obrigada, tá! (Interlocutora, Mulher, 69 anos, 2021; trecho da transcrição)

...e de tomada do seu lugar no mundo.

**Interlocutora:** Voltou a ser criança... É maravilhoso! Tive muitos amigos. Os professores maravilhosos. Foi muito bom mesmo. E diga outra coisa aqui, na aula passada você falou que a gente tinha que perder o medo, não foi?

**Mediadora:** É, é uma dica, não é? Mas, às vezes, a gente continua com um pouquinho com medo. Não tem problema.

**I:** Mas aí eu tinha um negócio de um grupo aí que eu queria desativar...

**M:** Aham.

**I:** E todo tempo eu fico pedindo pros outros, não é? Aí você acredita que eu já desativei um grupo?

**M:** Olha só.

**I:** Eu já tirei do meu celular. Eu já resolvi dois problemas. Eu saí da aula... de uma aula aí, que foi uma retrasada, a aula retrasada – sem ser essa de segunda, foi da semana passada.

**M:** Aham.

**I:** Eu saí da aula e consegui voltar.

**M:** Olha aí.

**I:** A Karina [bolsista da UNITERCI], parece que a Karina, (disse): “Dona R., a Senhora tem que ir não sei onde lá...”. Sei lá onde que eu tinha que ir. Eu fui e voltei pra aula.

**M:** E deu certo.

**I:** Já duas coisas eu consegui resolver, que eu só sabia ligar e desligar. E mal o WhatsApp, só.

**M:** Olha só! A gente vai descobrindo, não é?

**I:** É! Fui descobrindo. Tô muito feliz, sabia? Obrigada, tá.

**M:** Ô, Dona R., que bom! E a gente vai descobrindo mais coisas. Cada vez que a gente vai... não é?

**I:** É! Aí a gente vê que nunca é tarde pra aprender, não é?

**M:** Não! Não é não. Pois é!

**I:** Eu fico olhando, tem pessoas que dizem assim: “Ah, eu não mudo porque eu nasci assim. Assim eu vou morrer”. Mas, não, a aprendizagem é contínua. Cada dia você tem direito a aprender uma coisa. (Interlocutora, Mulher, 69 anos, 2021; trecho da transcrição)

Aqui, tecnologias – traduzidas em plataformas, telas, redes – percebidas para além do conceito/entendimento de **meios**. Compreendida, então, como **ferramenta**, instrumentos de acesso ao mundo das coisas, que também é humano em suas pontas e capilaridades. Aprendizagem pode estar ligada a vários momentos da vida, em geral, se conectando a como os investigados percebem as próprias trajetórias de vida (FERNANDES, MONTIEL, *et al.*, 2015, p. 917; FERNANDES e ANDRADE, 2016). Aqui, aprender é sinônimo de descoberta, uso *do* e manutenção de si *no* mundo e seus respectivos códigos de consumo.

Após a visualização das ocorrências, num passeio pelos sentidos produzidos pelas pessoas investigadas, chega-se na altura do resgate da hipótese relacionada a este trecho da discussão. Como ponto de partida pensa-se que, durante a pandemia do novo coronavírus e da doença Covid-19, os processos de mediação do cotidiano transbordam e vão de opcionais, em alguma medida, para necessários à manutenção do distanciamento físico, também, na vida da pessoa com 60 anos ou mais.

A geração (heterogênea) 60+ esteve em evidência quando das discussões sobre grupos de maior risco no contexto da pandemia. Assim, os idosos figuram entre os considerados biologicamente mais vulneráveis. Contudo, idade cronológica pode ou não ter relação com a idade física (condições biológicas), da mesma forma as idades social e psicológica têm dinâmicas e mensurações próprias (SCHNEIDER e IRIGARAY, 2008). O que se coloca é a complexidade do ser humano que, continuamente, apresenta características próprias e construídas socialmente a partir de contextos desiguais de inclusão/exclusão de/em processos.

Um deles é a relação midiática digital que, de um antes opcional, está a caminho de se tornar processo interacional “de referência” (BRAGA, 2007), com incompletudes. “Incompletude” como uma dimensão dinâmica que compreende “que a sociedade não vive (ainda) uma situação de predominância de processos mediatizados *enquanto processo interacional de referência* (em um sentido abrangente, de que participa do mundo da vida)” (BRAGA, 2006). Essa hegemonia dos processos interacionais tecnológicos apresenta lacunas e não há como cair no determinismo tecnológico/econômico, “diante do qual o mundo da vida sofreria um retraimento inexorável” (BRAGA, 2006).

Nesse contexto, pessoas com mais idade e que eventualmente apresentam afastamentos estruturais dessa lógica mediatizada das comunicações/relações passaram a ser percebidas/vistas num campo de exclusões, com maior intensidade, durante a pandemia. Estudos recentes trouxeram questões relacionadas ao período e argumentam, por exemplo, partindo desse campo de aprendizado em direção a um caminho emancipatório possível (LIMA, 2020). “Ter ciência de” em oposição às vulnerabilidades e a caminho do pensamento crítico emancipatório.

Assim, a hipótese formulada se confirma nas experiências dos interlocutores da pesquisa, quando colocam a necessidade desses meios e, sim, o interesse ampliado e anterior na direção da mediação tecnológica das comunicações pessoais/profissionais. Realidade que chega às vidas e cotidianos de pessoas com 60 anos ou mais representando um conjunto de vulnerabilidades e possível prejuízo à autonomia, como visto ao longo desta argumentação, acentuada no contexto da pandemia.

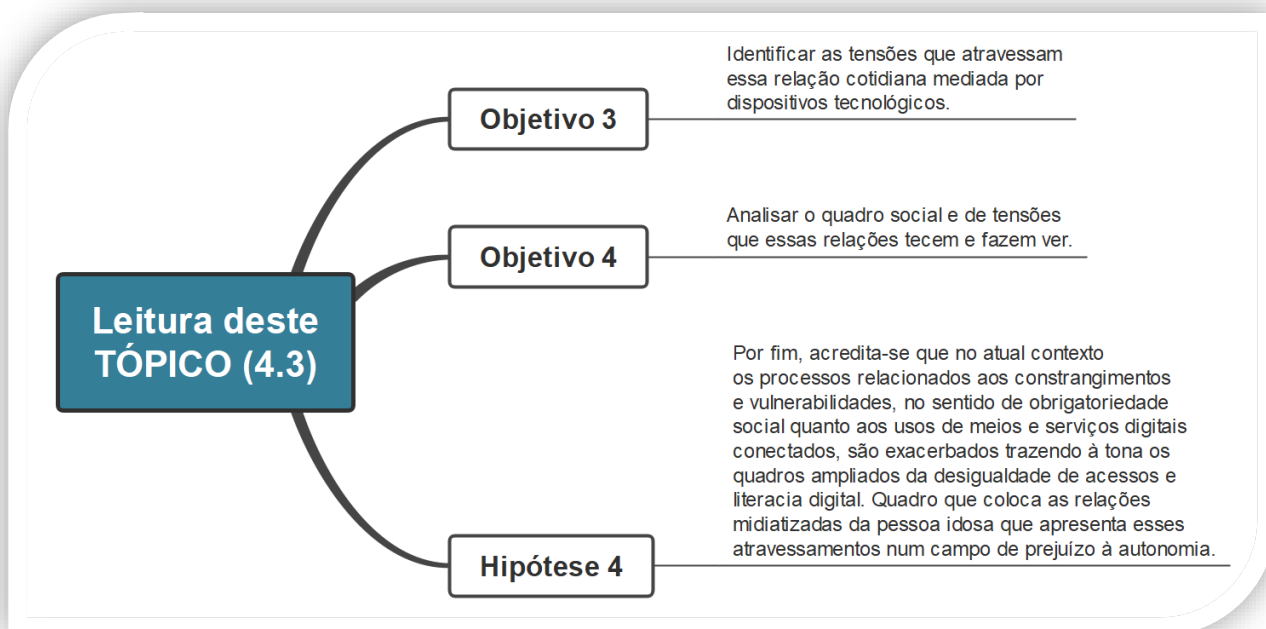
A seguir, uma reflexão sobre essa instância (complexa) da vida, suas tensões e as condições da autonomia num contexto mediatizado e da interdependência.

### **4.3. Sobre tensões e autonomia: conexões, prejuízos e possibilidades**

Esse conjunto de indicadores subjetivos fez chegar a este ponto de costura que tenta analisar o quadro situacional para onde se olha. Para além da dicotomia indivíduo e sociedade esta pesquisa partiu das lentes interacionistas (FRANÇA, 2008) na direção de uma análise situacional onde das falas dos indivíduos pudessem emergir instâncias variadas de sentidos fazendo ver algo da constituição interna (como se veem) e mais da constituição dos entornos e das relações (onde o ato social se realiza). E onde está a comunicação? No conjunto de gestos que fazem parte do ato social, no estabelecimento do seu início e nos estímulos que animam todo o processo (FRANÇA, 2008, p. 75). A comunicação está, adiante, para além da lógica estímulo-resposta dando conta da natureza e das potencialidades dos respectivos gestos significantes (FRANÇA, 2008, p. 76). E, aqui, o que este conjunto de significações chamado de *tensões* faz ver?

Percebidas em alturas anteriores, agora, as tensões são colocadas em evidência traçando uma discussão não esgotável sobre autonomia vista, aqui, como expressão que traduz um estar no mundo ciente de si e minimamente ciente dos aparatos cotidianos de comunicação – relação investigada. O que, como se coloca em discussão, aproximações ou afastamentos podem representar desafios diferentes no que se refere a in(ter)dependência, em alguma medida.

**Figura 26.** Guia de leitura do tópico 4.3 (Tensões e autonomia)



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Então, como contexto de partida se tem uma crise de saúde mundial. Que, em si, trouxe dinâmicas restritivas aos cotidianos que se traduziram em impedimentos das atividades presenciais, aqui, percebidas a partir de um olhar da frustração e do impedimento de seguir na realização de sonhos. A relação familiar é afetada e a comunicação interpessoal se realiza centralmente a partir de aparelhos tecnológicos que mediam essas interações.

Como é possível perceber, como também ocorre em outras faixas de idade, várias pessoas acessam a internet e atuam nesses espaços, mais ou menos intensamente. O que também é possível perceber é a situação contrária, no lugar dos maiores afastamentos desses processos e, argumenta-se, das mais aparentes situações de vulnerabilidades. A começar por “será que estão me vendo?”.

É... Feliz por estar participando com todos vocês, não é? A comunicação pra mim, realmente, eu ainda estou atrás dela, não é(?), de melhorar a minha participação nessa comunicação porque no momento, por exemplo, eu não estou me vendo, não é(?), e eu não sei o que tá acontecendo. Eu não sei muito, ainda, trabalhar... Como disse, agora, a Dona E., é uma coisa muito nova pra todos nós, não é? Então, eu ainda não sei muito lidar com esse aparelho, com essa aparelhagem, não é? Sei lá, essa situação toda. Mas, tô muito feliz de estar participando e agradecendo pelo conhecimento que você vai nos transmitir. Obrigada! (Interlocutora, Mulher, 63 anos 2021; trecho da transcrição).

O que se tornou rotineiro em ambientes profissionais e educativos, não sem entraves, parece ter chegado com maiores problemáticas envolvidas na altura da comunicação interpessoal. Isso, ao considerar pessoas que não tinham proximidades anteriores com computadores e acesso à internet, e que chegam a este ambiente sem noções exatas sobre o papel do endereço de e-mail, por exemplo, e mesmo com dificuldades de compreensão das diferenças entre navegadores e aplicativos (plataformas com objetivos específicos, como os bancários).

A instância da mediatização de serviços, em geral, é o que tem gerado mais controvérsias. Da mesma forma, a instância das identificações de sites confiáveis ou não é mais incerta e as inseguranças aparecem. O mesmo ocorre na relação com aplicativos bancários, entre outros serviços on-line que exijam senhas e movimentação financeira, em algum momento.

Eu não uso a internet, gostaria de aprender, em compras on-line, não é? Eu tenho muito medo de passar o cartão, de dar meu cartão. Aí, é isso que eu queria aprender muito porque eu gostaria de fazer compras, assim, via internet. Mas, ainda não consegui... e sempre meu filho diz que é perigoso. Eu quero aprender, mas ele acha que é perigoso... Aí, isso que eu quero aprender, por minha conta, sem ter a opinião dele – que é perigoso ou não [sorriso]. (Interlocutora, Mulher, 63 anos, 2021; trecho da transcrição)

A fala acima é de uma interlocutora que coloca uma recorrência forte, a partir dos grupos focais. A instância familiar aparece a partir de duas grandes categorias, em resumo: (1) aquele tipo de núcleo mais restritivo e o (2) mais abrangente. O primeiro, de restrição, configura uma relação de maior dependência. A pessoa idosa, nesse conjunto, compartilha suas senhas com familiares, solicita mediação deles na impressão de boletos ou destina a atividade a estes mesmos familiares, e mesmo acessa as salas de aula e atividades das quais participa com o auxílio de outras pessoas.

Convém ressaltar que descrever essas relações não condiz com um tipo de julgamento objetivo e, sim, de observação de recortes das realidades vividas em relação às atitudes percebidas. Mesmo assim, é possível colocar preocupação entorno de estereótipos negativos que podem estar associados ao idadismo ao acionarem “atitudes nas quais se mesclam, muitas vezes de modo inconsciente, graus variados de condescendência e/ou de negligência em relação aos mais velhos” (CASTRO, 2015, p. 108). Entre essas atitudes podem estar a infantilização do idoso travestida de carinho (cuidados), por exemplo, uma espécie de paternalismo condescendente a realçar dependências na velhice (CASTRO, 2015, p. 108).

A exemplo do auxílio, num contexto geral, que pode vir acompanhado de um movimento de aprendizado que vai envolver incentivo (por parte da família) e proatividade (por parte da pessoa idosa envolvida). Nesse sentido, a visualização de pessoas mais autônomas, de modo geral, foi mais evidente em núcleos familiares de tipo abrangente. Nessa configuração é possível encontrar pessoas idosas que geralmente guardam suas senhas para si, por vezes lidam com documentos/comprovantes digitais (PDFs, por exemplo), pagam contas e ainda realizam transferências via PIX com menos entraves.

Tudo que faça bem pra nós. Entendeu? É, como ela falou [outra participante do grupo], ninguém tem que fazer, é você. Você quer, você faz. Então, é muito maravilhoso, entendeu? Foi muito bom, eu espero que tenham outras palestras sobre mente, não é (?), mental. Então, é isso daí. (Interlocutora, Mulher, 63 anos, 2021; trecho da transcrição)

Entre aqueles e aquelas que moram sozinhos é mais evidente a independência relacionada a esses processos. Mesmo que familiares sejam convocados a ajudar/auxiliar em alguma medida, são pessoas que compreendem mais aprofundadamente o papel de aplicativos específicos (como os bancários e mesmo aqueles em que se pode acompanhar informações sobre o INSS<sup>10</sup>), atuam nas frentes de resistências e enfrentamentos necessários na defesa constante dos próprios direitos.

Porque todo aposentado ele pode entrar no INSS, a pessoa se cadastra e a pessoa fica controlando pra ver se não tem banco que faz empréstimo e cai lá no INSS e eu tenho esse controle! [...] Mas, graças a minha presteza, graças a minha filha que também estava junto comigo, nós conseguimos pagar e eu mandei bloquear a minha conta pra empréstimo. E, hoje, eles ficam atrás de mim, desesperados porque, é como eu sempre digo, a gente tem margens que eles liberam mas nós não temos obrigação de todas as vezes que eles liberam essa margem de você ficar com o dinheiro! Porque pra mim, não sei na opinião de vocês, dos outros que estão aí... na minha opinião, esses empréstimos eles são tipo um engodo. É um benefício a curto prazo. Por quê? Às vezes a pessoa tá com necessidade de pegar um dinheiro, vai lá e faz empréstimo. Mas em compensação, a longo prazo, você vai pagar em 84 parcelas... [...] Quer dizer, a gente resolve o nosso problema a curto prazo mas a longo prazo você vai ficar pagando 7 anos. Você morre e não termina de pagar! Então, pra encurtar, pra terminar logo o meu diálogo aqui. A tecnologia, como eu falei pra você, ela veio pra nos beneficiar e veio também pra acabar com a nossa vida. Porque eu sempre falo pra quem é idoso: “Olha, gente, se antenem! Se antenem, entrem no aplicativo, cutuquem se não tiver uma pessoa pra te ajudar... Vá lá e vá fazendo pra você aprender. Porque, hoje em dia, você é lesada em todos os aspectos”. Esses links que eles mandam no WhatsApp, no Facebook, se você não souber o que você tá clicando quando você, já foi, já fizeram contrato no seu nome, já lhe lesaram e é assim. Então, pra mim, é benéfico por uma parte e é maléfico por outra, não é? Mas, como

---

<sup>10</sup> Sigla para Instituto Nacional do Seguro Social; autarquia brasileira.



tudo no mundo existe o bem e o mal a gente tem que saber se defender, não é? É isso! (Interlocutora, Mulher, 68 anos, 2021; trecho da transcrição)

Assim, analisar esse quadro ampliado de tensões, partindo das relações e dinâmicas observáveis e observadas, faz perceber que in(ter)dependência tanto pode ser lugar de tensões como, da mesma forma, pode ser instância de aprendizado, por vezes, por meio dessas mesmas tensões como pontos de partida.

**Interlocutora:** [...] E diga outra coisa aqui, na aula passada você falou que a gente tinha que perder o medo, não foi?

**Mediadora:** É, é uma dica, não é? Mas, às vezes, a gente continua um pouquinho com medo. Não tem problema.

**Interlocutora:** Mas aí eu tinha um negócio de um grupo aí que eu queria desativar...

**Mediadora:** Aham.

**Interlocutora:** E todo tempo eu fico pedindo pros outros, não é? Aí você acredita que eu já desativei um grupo?

**Mediadora:** Olha só!

**Interlocutora:** Eu já tirei do meu celular. Eu já resolvi dois problemas. Eu saí da aula... de uma aula aí, que foi uma retrasada, a aula retrasada – sem ser essa de segunda, foi da semana passada.

**Mediadora:** Aham.

**Interlocutora:** Eu saí da aula e consegui voltar.

**Mediadora:** Olha aí.

**Interlocutora:** A Karina, parece que a Karina, (disse): “Dona Rosa, a Senhora tem que ir não sei onde lá...”. Sei lá onde que eu tinha que ir. Eu fui e voltei pra aula.

**Mediadora:** E deu certo.

**Interlocutora:** Já duas coisas eu consegui resolver, que eu só sabia ligar e desligar. E mal o WhatsApp, só.

**Mediadora:** Olha só! A gente vai descobrindo, não é?

**Interlocutora:** É! Fui descobrindo. Tô muito feliz, sabia? Obrigada, tá.

**Mediadora:** Ô, Dona Rosa, que bom! E a gente vai descobrindo mais coisas. Cada vez que a gente vai... não é?

**Interlocutora:** É! Aí a gente vê que nunca é tarde pra aprender, não é?

**Mediadora:** Não! Não é não. Pois é!

**Interlocutora:** Eu fico olhando, tem pessoas que dizem assim: “Ah, eu não mudo porque eu nasci assim. Assim eu vou morrer”. Mas, não, a aprendizagem é contínua. Cada dia você tem direito a aprender uma coisa.

**Mediadora:** Exatamente! Eu acho isso essencial, não é (?), com certeza. Aí, obrigado, Dona R. E a gente tá por aqui. (Interlocutora, Mulher, 69 anos, 2021; trecho da transcrição)

Verificar o atual contexto desses processos, é deixar aparecer as relações mesmas geradoras, ou mesmo intensificadoras, das vulnerabilidades. Uma obrigatoriedade social quanto aos usos dos meios de comunicação aí estabelecidos, que coloca a pessoa mais distante desses mesmos processos num lugar de prejuízo através das tensões (fricções) de mundo observadas. Sim, é possível perceber a concordância dos interlocutores com a centralidade nos usos desses meios, também há um reconhecimento de que já eram importantes antes dessa crise mundial de saúde. O que se vê é um quadro de desigualdades de acessos e usos que estão pautados em processos político-mercadológicos (circulação) e de assimilação dos códigos disponíveis/reconhecíveis (recepção).

O aprendizado em si, parece partir das frentes profissional e de serviços relacionados às necessidades cotidianas mais intensamente do que da frente dita “pessoal”. Nas intimidades dos lares, aparece este “nós, pessoas mais velhas”, esta identificação geracional que está para além de faixas de idade em específico, como um lugar discursivo de restrições na repetição do pensamento das incapacidades e impossibilidades em alguns campos da vida. Enquanto nas outras frentes, quando ultrapassam o discurso restritivo, alcançam uma visualização das atitudes humanas mais libertas e donas de si. São pessoas que desejam participar de atividades e ações, mostrando alto grau de autonomia – tomada de decisões; se organizam na busca por saber das possibilidades do mundo, incluindo os usos da internet nos próprios cotidianos, e apresentam estado de espírito mais expansivo e confrontador.

Ao retomar a hipótese que traz a reflexão sobre o atual contexto da exacerbação dos processos de constrangimentos e vulnerabilidades ligados à obrigatoriedade dos usos dos meios e serviços digitais, argumenta-se ser possível observar um quadro de desigualdades (de acesso, de compreensão) que coloca a pessoa idosa num lugar do prejuízo social, das vulnerabilidades (social porque financeira e psicológica). A atitude autônoma, mesmo que reprimida ou comprimida, a exemplo das relações familiares de maior ou menor incentivo, sempre está lá, aparece por meio das vontades de aprender, mesmo que os espaços digitais e on-line ainda se apresentem em certa medida crípticos, aparece nas resistências e “contra-ataques” em completa ciência das ocorrências, como em situações de golpes, e ainda aparece nas decisões próprias de

negar uma plataforma ou outra por conhecerem minimamente, não perceberem sentido de uso e a decisão final é de afastamento. A autonomia está presente no conhecer, compreender e aceitar. A autonomia também está presente no conhecer, compreender e negar. E também está presente no conhecer, compreender, pedir ajuda/auxílio e concluir a ação de uso. Esta é a percepção trazida ao longo desta pesquisa.

De modo geral, a centralidade dos estudos levantados e vistos no horizonte da presente incursão científica estão recortados nas experiências educativas e, ainda, elaborações de dinâmicas de aprendizado com foco na pessoa mais velha (ALVARO, MELLO, *et al.*, 2022; COELHO, AMORIM e MORAIS, 2020; DEODORO, BERNARDO, *et al.*, 2021; ESTABEL, LUCE e SANTINI, 2020; FLAUZINO, PIMENTEL, *et al.*, 2020). Há ainda aqueles que desenvolveram pesquisas em áreas da saúde na tentativa de compreender a relação entre saúde e informação na pandemia (MARTOS e CASARIN, 2020; YABRUDE, SOUZA, *et al.*, 2020), o papel do letramento informacional no combate às notícias falsas (LUCE, SOARES e ESTABEL, 2021; LUCE e ESTABEL, 2020; ESTABEL, LUCE e SANTINI, 2020) e trouxeram reflexões da infodemia de Covid-19 em idosos com acesso a mídias digitais junto a fatores associados a alterações psicopatológicas (KITAMURA, CAVALCANTE, *et al.*, 2022).

No campo dos usos e apropriações tecnológicas por idosos durante a pandemia, estudos se preocuparam com as possíveis barreiras para a prática de atividades físicas on-line – como falta de interesse, presença de problemas de saúde, pouca motivação e conhecimento desses espaços digitais e a preferência por aulas presenciais – (POSSAMAI, SILVA, *et al.*, 2021), com barreiras e facilitadores para a inclusão digital do idoso (ALVARO, MELLO, *et al.*, 2022), com a continuidade do cuidado do idoso à distância (SANTANA, RODRIGUES, *et al.*, 2021), al. Verificar, ta e se preocuparam ainda com os impactos das tecnologias na vida do idoso em quarentena – evidenciando as dificuldades quanto às mudanças de hábitos, como a circulação limitada, as barreiras de contato com outras pessoas e o aumento do uso das tecnologias – (VELHO e HERÉDIA, 2020).

Os trabalhos verificados e colocados em relação de comparação em alturas específicas desta argumentação junto ao analisado, a partir de categorias emergentes nas falas dos interlocutores da pesquisa, fazem ver um conjunto de vulnerabilidades e, na mesma medida, evidenciam as autonomias e resistências da geração 60+, mesmo que em relações de maior ou menor interdependência. Os sentidos produzidos apresentados, a partir das experiências de comunicação mediadas por tecnologias durante e antes da pandemia, constituem uma historiografia de como novos códigos e lógicas de uso são colocados em circulação e as problemáticas seguem junto.

De quem é a responsabilidade da literacia digital de pessoas que podem não estar inseridas nessa lógica, mas que sentem os respectivos efeitos ainda assim? Bem, Fernandes e Andrade (2019, p. 2) relatam que há questões presentes sobre a velhice na Constituição Federal de 1988, mas que somente em 1994 houve a instituição da Política Nacional do Idoso (PNI – Lei nº 8.842/1994) com o objetivo de assegurar as frentes de direitos sociais da pessoa idosa. Com a Lei foram criados Conselhos (Nacional, Estaduais e Municipais) dos Direitos do Idoso como uma instância a fazer ponte entre poder público e sociedade civil (2019, p. 2). A pesquisa das autoras indica que os entrevistados (integrantes de conselhos como os citados acima) percebem lacunas na atuação da autoridade nos campos da “...falta de orientação que direcione o público idoso, para órgãos que atendam as suas necessidades imediatas, e ainda aponta a preocupação da violação dos direitos dos idosos” (2019, p. 9).

Adiante, o Estatuto da Pessoa Idosa (Lei nº 10.741/2003), no Brasil, regula os direitos assegurados a esta população. O texto coloca que a pessoa nesta faixa de idade “goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei” (REPÚBLICA, 2003). E que, por meio dela ou quaisquer outros meios, lhe sejam assegurados “todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social, em condições de liberdade e dignidade”. A Lei diz ainda que é obrigação da família, da sociedade, da comunidade em geral e do poder público garantir prioridade, “efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária” (REPÚBLICA, 2003).

O Capítulo V do Estatuto da Pessoa Idosa – sobre Educação, Cultura, Esporte e Lazer – diz que se deve considerar o direito à educação, diversões, produtos e serviços, por exemplo, na direção do respeito dos indivíduos e suas possíveis “condições de idade”. Ainda o mesmo Capítulo, em especial no parágrafo 1º do Artigo 21, regula que cursos especiais para este público devem incluir conteúdos relativos à comunicação (técnicas), computação, entre outras atualidades tecnológicas, com a finalidade de integração à vida moderna. Entre outras iniciativas previstas na Lei se estabelece que as instituições de educação superior devem ofertar cursos e programas de extensão (presenciais ou à distância) por meio de atividades entendidas como formais ou ainda informais (REPÚBLICA, 2003).

No campo da iniciativa privada, ações sociais têm se tornado “braços” de atuação das instituições e organizações acompanhando, também, o fenômeno do envelhecimento e da longevidade, nos últimos anos. Isso por meio de princípios na instância da responsabilidade

social, tanto na frente de responsabilidade social corporativa (RSC) como na frente de responsabilidade social empresarial (RSE). Ambas sendo iniciativas com o objetivo de mitigação de impactos socioambientais por parte dos empreendimentos do Segundo Setor, no país. Prevendo, nesse contexto, maior contribuição dessas organizações de mercado relacionada “aos problemas sociais, ambientais, éticos e trabalhistas existentes”, agregando postura de maior responsabilidade/responsabilização (ABRINQ, 2020). Essas direções vêm da Norma Internacional ISO 26000, que diz respeito às diretrizes sobre Responsabilidade Social – lançada em Genebra (Suíça) em 1º de novembro de 2010; a versão em língua portuguesa foi publicada no Brasil em 8 de dezembro do mesmo ano (ISO, 2010). O quão abrangentes são essas mesmas iniciativas, públicas ou privadas, é problemática para outros estudos em desenvolvimento e futuros.

De maneira geral, a tecnologia parece trazer mais insatisfações, por meio de frustrações, do que satisfações – correndo o risco de simplificar o raciocínio. A questão pode ser mais bem explorada por meio da ideia de paradoxos tecnológicos, seriam, então, “qualidades contraditórias presentes em uma mesma tecnologia, capazes de afetar a experiência de consumo” (ANGELKORTE, PESSÔA e SANTOS, 2021, p. 18). Esses paradoxos podem gerar mais experiências negativas do que positivas, segundo estudo aplicado a pessoas idosas, o que pode fazer com que optem pelo afastamento da(s) tecnologia(s). Segundo o mesmo estudo, 5 (cinco) são os paradoxos mais ocorrentes no contexto da pesquisa: (1) engajamento x desengajamento, (2) integração x isolamento, (3) competência x incompetência, (4) continuidade x assincronicidade e (5) autonomia x vício (ANGELKORTE, PESSÔA e SANTOS, 2021, p. 30).

Trata-se de categorias que conversam diretamente com aquelas aqui encontradas e colocadas, na direção da investigação sobre as relações tecnológicas de pessoas com 60 anos ou mais durante a pandemia. A começar pela essencialidade junto às pressões pelos usos dessas tecnologias (gerando engajamento pressionado e frustração quando impedimentos de usos aparecem), atravessando a dualidade no campo das barreiras e acessos (facilidades e dificuldades; competência e “incompetência”), entre outros sentidos decorrentes dessas contradições representadas nas tensões e nas possibilidades mais positivas (medos, vulnerabilidades de dados e, ainda, tecnologia como meio/ferramenta de aprendizado), frente que constituiu parte da discussão com foco na autonomia.

Este capítulo de discussão “encerra” uma incursão de pesquisa que terá seu percurso revisto/retomado no âmbito das considerações. Aqui, se propôs começar por relatos de si, num movimento de conhecer (dentro do possível) os interlocutores da pesquisa, para poder chegar

aos sentidos produzidos durante a pandemia no contexto das apropriações tecnológicas, fechando a argumentação com o que esse quadro de tensões faz ver/perceber referente às vulnerabilidades e prejuízos encontrados. Assim, vale seguir para as considerações e além.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre as (múltiplas e complexas) relações tecnológicas de pessoas com 60 anos ou mais durante a pandemia fez ver um conjunto heterogêneo de produções de sentidos, no contexto e a partir de tensões de ordem biopsicossocial. Contudo, a pesquisa se deteve no ato social e na análise situacional como forma de compreender um recorte de mundo. Como problemática central, se partiu do fenômeno do envelhecimento, de levantamento de fontes secundárias – dando corpo à argumentação teórico-metodológica da pesquisa – num contexto pandêmico, grosso modo, impulsionador da digitalização de serviços e comunicações cotidianas, em geral.

Ao abrir o leque dos achados, se reforça a preocupação de partida sobre a heterogeneidade das experiências dos sujeitos e sujeitas com mais idade. Condições de vida, de saúde, econômicas e de relação familiar, por exemplo, vão influenciar diretamente na chamada independência (mais conectada às questões físicas) e na almejada autonomia (tomada de decisão; autogoverno). Famílias mais restritivas tendem a lançar medos que constituem um contorno de inseguranças psicológicas aos indivíduos mais velhos que compartilham ou não a mesma moradia. Em situações menos restritivas, e de modo geral, aspectos da autonomia estão lá, nas atitudes proativas em relação às coisas do mundo, entre elas, a busca pelas ditas atualizações por meio de espaços de aprendizado continuado.

Ainda que idosos mais jovens e pessoas em velhice entendida como avançada experienciem cotidianos em diferentes níveis/classificações de interdependência e autonomia, há um “nós, mais velhos” que emerge das falas dos interlocutores e interlocutoras da pesquisa. Eles e, principalmente, elas constituem uma espécie de “geração” de pessoas que, ao atingir os 60 anos, vê lógicas de classificação (física, social) e de assédio (de mercado, principalmente) mudarem. Mudarem no sentido de novas e intensas vivências, nas instâncias amorosa (términos e/ou inícios de relacionamentos), familiar (1. filhos/filhas se casam, saem de casa ou já moram fora há algum tempo; 2. parentes com mais idade ainda, em geral pais e mães, passam a necessitar de cuidados mais intensos), profissional (recolocação de mercado, desafios na continuidade do trabalho ou demissões), financeira (assédio de bancos, seguradoras, “emprestadoras” de dinheiro, lojas de departamentos; golpes, assim como, dados e senhas vulneráveis).

Sobre as aproximações midiáticas passíveis de verificação, a partir do levantamento realizado, foi possível perceber preferência pelo “cara a cara” (como em CASTRO, 2019) e

como as possíveis limitações de conhecimentos sobre as plataformas não impediu que os interlocutores e as interlocutoras da presente pesquisa assistissem – ao menos ouvissem – os encontros promovidos pela Universidade da Terceira Idade (UNITERCI), na retomada das atividades por meio de plataformas on-line, como o Google Meet, ainda no primeiro semestre de 2021. Aos presentes, a resiliência transparecia, a paciência era testada a cada momento e as frustrações se transformavam em celebração no “eu consegui”.

Fala-se aqui de pessoas que viram mudanças midiáticas intensas e, também, mudanças nos respectivos tipos de demandas de relacionamento com elas em espaços de tempo diversificados. A exemplo da popularização dos telefones celulares (alta penetrabilidade social), que figura nos últimos cinco anos da história humana como não antes visto, considerando o surgimento da telefonia móvel como conhecemos hoje – há pouco mais de 40 anos. É principal tela de “entrada” no mundo digital e, por vezes, é o único/primeiro contato com essa lógica.

Esse início de relação ocorre num campo de tensões, como o visto ao longo deste trabalho, a exemplo de pessoas que não possuem um mapa de conhecimentos que poderia transpor significados independentemente da tela a qual se acessa (como quando existe contato/conhecimento anterior com computadores outros). Ou seja, quando a tela (celular), o aparelho, não evoca referências experienciadas anteriormente há problemáticas do ligar o aparelho ao entendimento de quais e quais espaços (aplicativos/plataformas) é possível acessar. É quando as questões de (in)segurança aparecem e os usos são limitados pois direcionados (WhatsApp e ligações diretas) sem um tipo de literacia crítica e aprofundada sobre os possíveis papéis e possibilidades do aparelho. O que é buscado de maneira interdependente interconectando as instâncias familiar e institucional-educativa, por vezes, complementarmente.

Vale ressaltar que é possível que não haja uso das aparelhagens tecnológicas cotidianas sem qualquer auxílio, pelo menos inicial, é o que coloca o conceito de interdependência – (conceito geral) realidade a partir da qual se percebe níveis de interdependência entre esferas sociais, das macro às micro relações. Assim, mesmo entre aqueles que desenvolveram mais habilidades no uso de computadores e telefones celulares, principalmente entre os que “nasceram” nesse campo lógico – a exemplo de pessoas nascidas nos anos 2000, sempre há o que não se sabe completamente e há uma gama de vídeos de tutoriais e de opiniões sobre produtos e processos que ajudam na tomada de decisão, em direções também diversas. Contudo, o que se fala aqui é de um processo anterior, no campo dos acessos e apropriações, no que se refere à experiência conectada da pessoa com 60 anos ou mais investigada.



Isto posto, os objetivos da incursão começaram pelo levantamento e tentativa de conhecer as experiências digitais e os sentidos produzidos pela geração 60+ no contexto dos usos e apropriações de dispositivos de tecnologia cotidiana, a partir e durante a pandemia de Covid-19. Se estenderam ainda (especificamente) para os campos do levantamento desses usos e apropriações, do mapeamento dos sentidos, da identificação das tensões que atravessam essa realidade e da análise do quadro social e de tensões que esse recorte situacional faz ver. Não sem limitações.

O próprio levantamento, como colocado em maiores detalhes no diário do campo, se mostrou desafiador desde quando foi necessário adotar métodos de coleta unicamente digitais. Os formulários distribuídos, de início, atingiram pessoas letradas (referente à alfabetização formal). Ainda assim, os espaços de respostas abertas se tornaram lugar de poucas palavras. Ao ampliar possibilidades com a realização de grupos focais on-line, foi possível alcançar mais pessoas de interesse. Contudo, os espaços remotos (acessados por meio da internet) mostraram uma nova instância de lacunas na direção do letramento, desta vez, digital. Se transformando em espaço de observação direta, porém, de limitações de usos, o que pode ter deixado “muita conversa de fora”.

De modo geral, a pesquisa alcançou ampliação de olhares para além dos estereótipos atribuídos à pessoa mais velha. Indivíduos – em maioria mulheres – interessados nas ocorrências de mundo, nos usos dos meios digitais mesmo antes de procurar por ambientes educativos nessa direção (desdobramento da hipótese 1). Trazendo um conjunto de conhecimentos direcionados (por familiares e conhecidos próximos) mesmo que superficiais (uso mecânico de algumas, poucas, plataformas on-line), por isso, um conjunto de conhecimentos fragmentados (desdobramento da hipótese 2). Frente à qual se pretende reverter ao participar de iniciativas educativas, como a explorada durante a presente pesquisa, na tentativa de acompanhar os processos de mediatização que tomam centralidade na comunicação dos últimos anos, inclusive, na manutenção do distanciamento físico (desdobramento da hipótese 3). Por fim, percebeu-se que há uma instância complexa de vulnerabilidades – a exemplo da financeira e de dados – e é possível afirmar ser nesse campo de tensões que atitudes autônomas, do autogoverno, aparecem com ainda mais intensidade (desdobramento da hipótese 4).

Então, uma pesquisa da comunicação e além que se propôs culturológica, entendendo a comunicação como articuladora do ato social e a sociedade como a instância objetiva de ação dos indivíduos. Conjunto de ações com significado compartilhado coletivamente. Aqui, algumas frentes a considerar: (1) a pandemia, enquanto crise de saúde mundial e instância

pressionadora social e (2) a exacerbação dos usos de tecnologias de comunicação nos cotidianos, também, da (3) pessoa idosa que, eventualmente, não apresentasse aproximações/relações mais dinâmicas com essas mesmas tecnologias. Frentes exploradas na tentativa de revelar sobre o “emissor” e os respectivos posicionamentos no mundo “concreto” (FRANÇA, 2008, p. 79), como inclusive de reconstruir as redes de significados no/do processo observado (PIROLA e HENRIQUES, 2020, p. 19).

A ideia era alcançar, da mesma forma, uma discussão que relacionasse indivíduo, grupo e sociedade no nível das mudanças, do caráter cultural das mudanças (BOLIN, 2020, p. 79). Expondo, assim, trecho de um movimento histórico-mercadológico da técnica e as disrupturas reverberantes nas vidas cotidianas, aqui, de pessoas com 60 anos ou mais. Períodos, em geral, são demarcados por mudanças que se tornam marcos. Um dia o relógio de pulso mudou tudo, se tornou móvel e o tempo passou a imperar no trabalho industrial, por exemplo, adiante o relógio é incorporado a outras maquinarias (SIBILIA, 2019), o controle/uso do tempo chega aos dias atuais dentro de uma lógica de produtividade e aceleração das relações. O dito paradigma bioinformático também tem sua maquinaria emblemática: as tecnologias digitais (SIBILIA, 2019), as quais, quando colocadas em crítica, como a proposta, ajudam a revelar contradições em seu conjunto de exacerbações (MILLER e HORST, 2015, p. 97).

Nessa direção, os sentidos emergentes a partir dessas relações tecnológicas durante a pandemia de Covid-19 dão conta de uma **essencialidade** paradoxal (por conter aspectos negativos e, também, positivos), no campo da **necessidade** (como algo do qual “não se pode fugir”), representando **facilidade** em várias instâncias de comunicação (alcance rápido e on-line de pessoas, encontrar informações sobre assuntos de interesse, por exemplo), assim como de **utilidade**, mais amplamente (porta de entrada para compras on-line, busca por produtos e serviços de interesse, como os serviços bancários e de lojas de departamento).

O que esteve presente, ainda no campo dos sentidos nessas relações, foi o aspecto da **pressão pelos usos** dessas janelas de comunicação (pessoal e/ou profissionalmente), configurando um comunicar **plataformizado** com a finalidade de **manutenção do contato**, no que se refere à pandemia de Covid-19, do contrário, a relação pessoal frente a frente é a preferência dos interlocutores desta pesquisa. Mesmo que essa forma de comunicação, considerada por eles e elas, mais impessoal tenha sido predominante e trazido uma série de problemáticas (técnicas e sociais), é ainda considerada “porta” importante para o mundo das coisas e das pessoas, no sentido de **acesso**. Sem deixar de trazer, em certa medida, preocupações com a **vulnerabilidade de dados on-line** em uma sequência de ocorrências de prejuízo, principalmente, financeiro. Por isso, a tecnologia foi percebida por meio de lentes do

**receio, recuo e medo**, aparentemente, sem perder a força das percepções da tecnologia como **meio/ferramenta de aprendizado** (nos âmbitos técnico-profissional e técnico-pessoal).

A presente pesquisa alcançou as relações dos interlocutores com as instâncias familiar, profissional e educativa. Primeira e última categorias estão imbricadas mais fortemente, colocando à instância educativa o papel de mediadora central nas apropriações e usos de tecnologias por pessoas mais velhas, com diferenças: a instância familiar, por limitações como tempo e paciência, ensina (1) de forma direcionada por isso limitada, e a instância educativa (a exemplo da toda educação freiriana e continuada) (2) ensina com propósitos voltados à autonomia intelectual e ao pensamento crítico. Se, em complemento, duas instâncias que poderiam se tornar suporte ao complexo (e desejado) desenvolvimento de indivíduos com mais idade que, por vezes, são determinados por ela. Envelhecimento cronológico não significa, ou não deveria significar, envelhecimento social. Todos, seres humanos na esteira da vida com características e demandas próprias, independentemente da idade. Uma reflexão que fica, “...Na velhice ativa e autônoma a família precisa de ser protegida e educada” (FERNANDES, COSTA e ANDRADE, 2017, p. 41), é uma construção concernente à coletividade heterogênea social apoiada em relações intergeracionais (FERNANDES, COSTA e ANDRADE, 2017, p. 48).

Há uma crescente gama de estudos na área da educação que se preocupam com aspectos do aprendizado considerando pessoas idosas, com o desenvolvimento de materiais educativos no uso de plataformas de interesse desse público e ainda métodos de ensino que façam sentido para cada situação de saúde física e psicológica a qual se quer adentrar. Há ainda aqueles mais relacionados à comunicação (relações, relacionamentos cotidianos) que trazem reflexões sobre mudanças e configurações no campo da conversação. E ainda, aqueles que tentam verificar o papel de pessoas com 60 anos ou mais no contexto da desinformação e espalhamento de notícias falsas, dentre outros.

Estudos futuros, então, podem partir para a tentativa de ampliar conhecimentos que (re)elaborem, de forma flexível e ondulante, tecnologias cotidianas de forma a serem reconhecidas mais intuitivamente por indivíduos idosos (como já vem ocorrendo em áreas relacionadas ao design de interfaces/produtos e usabilidade). Como também, em instância anterior, podem tentar construir possibilidades de compreensão multidisciplinar dos espaços digitais e on-line na direção da educação midiática para além da utilização de ferramentas específicas (WhatsApp, ligações diretas, aplicativos financeiros) e, sim, na direção da compreensão dos espaços, o que são, o que pode ser reconhecível e reutilizável em termos de saber, independentemente da tela acessada, como identificar pontos inseguros em transações quaisquer (site de empresas de vendas on-line, contatos escusos e não confiáveis, etc.) para que

a tomada de decisão seja, na medida do possível, do indivíduo como fim inestimável. Fala-se em autonomia, mesmo em situações de interdependência.

## 6. UM PARALELO NECESSÁRIO E ALÉM

É preciso lembrar que a primeira turma de Doutorado em Ciências da Comunicação em Universidade pública do Norte brasileiro, no caso do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), fez surgir expectativas, esperanças e caminhos possíveis para a qualificação docente e de pesquisa em solo amazônica. Fazer parte desse cenário e ajudar a consolidá-lo é uma honra, requereu organização, planejamento constante e muito trabalho.

A estrutura curricular permitiu uma formação ordenada e rica percorrida, centralmente, junto à minha orientadora, a Professora Doutora Elaide Martins, com quem construí sólido conjunto de produção intelectual, além da realização de inúmeras ações educativas e públicas no contexto do grupo de pesquisa Inovação e Convergência na Comunicação (o InovaCom).

Gostaria de começar pelo currículo de disciplinas que, brilhantemente, guiou o ampliar de olhares com Estudos Avançados em Comunicação e Amazônia, ministrada pelos Professores Doutores Alda Cristina Silva da Costa e Otacílio Amaral Filho; com Comunicação, Política e Relações de Poder, ministrada pela Professora Doutora Danila Gentil Rodriguez Cal; com Narrativas Contemporâneas, ministrada pelo Professor Doutor Fabio Pezzi Parode; com Comunicação e Consumo, ministrada pela Professora Doutora Manuela do Corral Vieira; com Processos Comunicacionais e Mídiação, ministrada pelas Professoras Doutoras Janine de Kassia Rocha Bargas e, mais uma vez, Danila Gentil Rodriguez Cal.

Fizeram parte, ainda, da formação percorrida o Estágio Docência I e II, junto à Professora Doutora Danila Gentil Rodriguez Cal, o Laboratório de Pesquisa, componente relacionado às orientações da Tese, como também as participações em atividades no contexto do InovaCom, criado e coordenado pela orientadora da presente pesquisa, a Professora Doutora Elaide Martins, além dos Seminários Integrados, atividade por meio da qual as pesquisas em andamento são discutidas pela comunidade interna do programa.

Outra gama de atividades dirigidas, além do Estágio Docência, dá conta das participações em eventos, produção científica, participação em e/ou organização de eventos científicos, entre outras atividades. Nessa direção, segue um resumo das participações por atividades:

- ✓ *Oficinas* | Por Dentro das Leituras (ação promovida pela Representação Discente do PPGCOM, 2019, 2020); Produção de Artigos Científicos (UNAMA Br, 2019);

- Marketing Digital (convidada SECOM/Pará, 2020 e 2021); Produção de Conteúdo Amazônia em Foco (CARP e CAJOR da UFAM, 2022);
- ✓ *Minicursos* | O Estado da Arte na Pesquisa Acadêmica (2019 e 2020) e Revisão Bibliográfica (2019), atividades promovidas pelo e a partir do InovaCom;
  - ✓ *Comissão Eleitoral* para eleição da Representação Discente do PPGCOM/UFPA (2019 e 2020);
  - ✓ *Organização de eventos* | Encontro de Pesquisa em Comunicação na Amazônia – EPCA – promovido por discentes e docentes do PPGCOM/UFPA (2019 e 2020); Seminário Interprogramas em Comunicação das Regiões Norte e Nordeste – PesquisaCom – promovido por discentes e docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN (2020 e 2021); Nós Mulheres – promovido pelo Grupo de estudo e pesquisa Nós Mulheres (Pela Equidade de Gênero Étnico-Racial) (2020); Seminário de Pesquisa em Comunicação, Política e Amazônia – COMPOAS – promovido pelo grupo de pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (COMPOA) (2021);
  - ✓ *Juri* do 5º FESTCOM (a convite da Professora Doutora Elaide Martins, FACOM/UFPA, 2019);
  - ✓ *Participação em eventos* | Confluências (UNAMA Alcindo Cacela, 2019), como ouvinte, e como Coordenadora de Sessão de Trabalho (ST) em 2020; COMPÓS – Evento anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (2020);
  - ✓ *Revisora de periódico e evento internacional* | revisora da Revista Movendo Ideias (UNAMA Alcindo Cacela, 2019); revisora da Communication and Technology Division do 73rd Annual ICA Conference (2022); membro do corpo editorial do Dossiê Amazônia para a Revista Aturá (2020);
  - ✓ *Artigos publicados* | Revista TECCOG (2018 e 2019) e artigo submetido à Revista ETD (Educação Midiática Digital) com *status* atual “em avaliação”;
  - ✓ *Apresentação de trabalhos, publicação em Anais de eventos* | Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiação e Processos Sociais – MIDIATICOM (2020, 2021 e 2022); Seminário Internacional América Latina - SIALAT (2021); II Congresso Internacional de Ciências Sociais e Humanas: A Amazônia brasileira: problemas e desafios (2022); atividades que resultaram em publicações em Anais do evento e capítulo de livro no prelo, sempre junto à orientadora da Tese, a Professora Doutora Elaide Martins.

- ✓ *Orientação de TCC* | Trabalho intitulado DIVULGANDO CIÊNCIA NO YOUTUBE: UM ESTUDO DE CASO DO CANAL NERDOLOGIA COMO MEIO INFORMATIVO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19. Autora: Nicole França Furtado; Trabalho intitulado MOBILIDADE NA PALMA DA MÃO: UMA ANÁLISE DE GRUPOS DE WHATSAPP QUE ALERTAM SOBRE O TRÂNSITO EM BELÉM. Autora: Rebeca Costa da Rocha; Trabalho intitulado A VIDA É UM CIRCLE: INTERAÇÕES ONLINE COMO ESTRATÉGIAS DE POPULARIDADE EM REDES SOCIAIS DIGITAIS. Autor: Danilo Couto de Souza. Todos em 2021 como orientadora principal e em conjunto com a orientadora da Tese, a Professora Doutora Elaide Martins, como coorientadora;
- ✓ *Premiações* | Selo PPGCOM/UFMG - publicação da dissertação de Mestrado. Título: Idosos e internet - Mediações nos usos de serviços bancários digitais. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/idosos-e-internet/>; Projeto *Fluência digital de idosos na Amazônia urbana: aplicativo para acesso a informações sobre serviços de saúde e sociais gratuitos em Belém e Ananindeua/Pará*, aprovado em equipe, por meio do Edital Acadêmico de Pesquisa 2021: envelhecer com futuro do Portal do Envelhecimento e Longeviver e Itaú Viver Mais. Atividades atribuídas: Gerente e Idealizadora do Projeto. Link da premiação: <https://longeviver.com/conecta/editalitau2021/academico-result.php>.

Em especial, a premiação do projeto *Fluência digital de idosos na Amazônia urbana: aplicativo para acesso a informações sobre serviços de saúde e sociais gratuitos em Belém e Ananindeua/Pará*, coordenado pela Professora Doutora Elaide Martins, envolveu equipe multidisciplinar – da Psicologia, da Tecnologia e da Comunicação – da Universidade Federal do Pará (UFPA) e da Universidade do Estado do Pará (UEPA), da graduação, do mestrado e do doutorado, numa parceria que resultou na construção e publicação do aplicativo DICA60+, com foco no público idoso e disponibilizado de graça na loja de aplicativos do sistema Android. O financiamento para oito meses de atividades relacionadas à construção da aplicação (Figuras 27 e 28), manutenção de bolsistas da comunicação e de desenvolvimento informático, entre outros custos da publicação do produto, veio por meio do Edital Acadêmico de Pesquisa 2021: envelhecer com futuro do Itaú Viver Mais em parceria com o Portal do Envelhecimento e Longeviver. O projeto foi, ainda, importante plataforma para ações de comunicação da ciência (MAUÉS, MARTINS, *et al.*, 2022; SIMÕES, MARTINS, *et al.*, 2022; SIMÕES, MARTINS

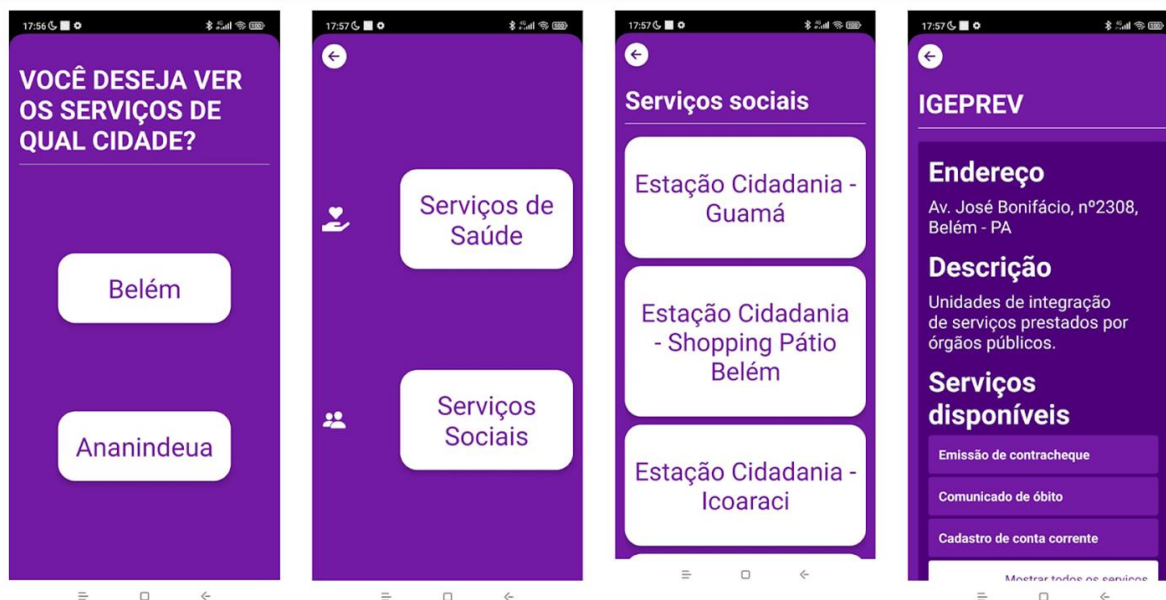
e MELO, 2022; MARTINS, SIMÕES, *et al.*, (no prelo), fortalecimento do campo do conhecimento e construção de produtos relacionados ao envelhecimento e tecnologia.

**Figura 27.** Logomarca do aplicativo DICA 60+



Fonte: Elaboração da equipe técnica do projeto, a Oficina de Criação da FACOMUFPA, 2022.

**Figura 28.** Telas do aplicativo DICA60+



Fonte: Elaboração da equipe técnica do projeto, 2022.

Mais uma vez, esta pesquisa de doutoramento e as respectivas atividades complementares da formação tiveram fundamental suporte da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA) por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará, Chamada 006/2018 – FAPESPA – Convênio 010/2019. Todas



as atividades indicadas aqui foram planejadas e executadas partindo de uma relação de mútua confiança e comunicação constante entre as coordenações do PPGCOM (UFPA) nos últimos 4 (quatro) anos, a FAPESPA, a PROPESP (UFPA), técnicos, orientadora e pesquisadora. Minha admiração e agradecimentos aos profissionais técnicos e docentes, conhecidos e amigos que estiveram nesse desafiador caminhar acadêmico.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRINQ, F. Tudo o que você precisa saber sobre responsabilidade social. **Fundação Abrinq**, 2020. Disponível em: <<https://fadc.org.br/noticias/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-responsabilidade-social>>. Acesso em: 07 dez. 2022.
- AGAMBEM, G. O que é um dispositivo? In: AGAMBEM, G. **O que é o contemporâneo?** Chapecó: Argos, 2009. p. 27-51.
- ALMÊDA, K. A. **O envelhecimento humano e a inclusão digital: análise do uso das ferramentas tecnológicas pelos idosos e a importância do desenvolvimento da competência informacional na terceira idade**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 2016.
- ALVARO, S. S. S. D. O. et al. Navegando em ondas virtuais: barreiras e facilitadores para a inclusão digital de idosos. **Research, Society and Development**, Rio de Janeiro, 2022.
- ALVES, M. E. D. S.; ARAÚJO, L. F. D. Interseccionalidade, raça e sexualidade: compreensões para a velhice de negros LGBTQI+. **Revista Psicologia da IMED**, Passo Fundo, 12, n. 2, jul. 2020. 161-178.
- ANGELKORTE, K. F.; PESSÔA, L. A. G. D. P.; SANTOS, N. C. D. Os paradoxos tecnológicos no consumo de smartphones por idosos. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, Rio de Janeiro, 2021. 18-37.
- ARAÚJO, V. M. D. **A garantia do direito à saúde do idoso e o acesso à internet versus Covid-19: a impossibilidade do status quo ante pós-pandemia**. Semana de Mobilização Científica (SEMOC) Envelhecimento em tempos de pandemias. Salvador: [s.n.]. 2020.
- BACCEGA, M. A.; CASTRO, G. G. D. S. **A velhice na telenovela brasileira atual: notas preliminares de um inventário em construção**. Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: [s.n.]. 2015. p. 1-15.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, A. D. S. X. et al. Terceira idade & tecnologia: reflexões sobre a inserção de idosos no mundo digital, Camila Freitas Sarmiento. **Expressa extensão**, 2020.
- BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOLIN, G. Análise geracional e mudança social midiaticizada. In: FERREIRA, J., et al. **Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na midiaticização**. 1. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020. p. 318.
- BORDINI, G. S.; SPERB, T. M. Uso dos grupos focais on-line síncronos em pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, Maringá, jul-set 2011. 437-445.

BORDINI, G. S.; SPERB, T. M. Grupos focais online e pesquisa em Psicologia: revisão de estudos empíricos entre 2001 e 2011. **Interação em Psicologia**, Curitiba, 17, n. 2, jul-set 2013. 195-205.

BRAGA, A.; GASTALDO, É. O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, ago. 2009. 78-84.

BRAGA, J. L. Mediatização como processo interacional de referência. **ANIMUS - Revista interamericana de comunicação midiática**, Santa Maria, 5, n. 2, jul. 2006. 9-35.

BRAGA, J. L. Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, A. S.; ARAÚJO, D.; BRUNO, F. **Imagem, visibilidade e cultura midiática - Livro da XV Compós**. Porto Alegre: [s.n.], 2007. p. 141-167.

BRAGA, J. L. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-compós**, Brasília, 1, n. 1, jan-abr 2011. 1-33.

BRAGA, J. M. D. et al. Aceitabilidade e compreensão de um aplicativo tecnológico para idosos atendidos em uma clínica escola do nordeste brasileiro. **Revista de Saúde Digital e Tecnologias Educacionais**, João Pessoa, 2020.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 2006. 77-101. Disponível em: <<http://eprints.uwe.ac.uk/11735>>. Acesso em: 02 set. 2021.

BRITO, J. P. D.; ARAÚJO, L. F. D.; BELO, R. P. Aposentadoria e envelhecimento: estudo das representações sociais entre mulheres idosas. **Psicología desde el Caribe**, 38, n. 2, jul. 2021.

BRITO, R. **A utilização do computador e internet por idosos**. II Congresso Internacional TIC e Educação. [S.l.]: [s.n.]. 2015.

CAL, D. Modos de escuta do outro subalterno nas pesquisas em Comunicação: em discussão os grupos focais. In: COSTA, A. C. D. S.; AMORIM, C. R. T. C.; CASTRO, M. R. N. D. **Comunicação e pesquisa a Amazônia: perspectivas e práticas**. Belém: PPGcom, 2018. p. 196.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. **Tutorial para uso do software Iramuteq**. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (UFSC). Florianópolis, p. 1-74. 2018.

CAMPOS, N. P. C. D. et al. **Percepção de idosos sobre a contribuição da tecnologia para as atividades de extensão que envolvem a promoção da saúde e do vínculo social durante o período da pandemia**. Anais do Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste (SEREX). [S.l.]: [s.n.]. 2020. p. 128-128.

CARLETO, D. G.; SANTANA, C. D. S. Relações intergeracionais mediadas pelas tecnologias digitais. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 20, n. 1, janeiro-março 2017. ISSN 73-91.

CASTRO, G. G. D. S. Precisamos discutir o idadismo na comunicação. **Comunicação & Educação**, 2, n. 20, jul. 2015. 101-114.

CASTRO, G. G. D. S. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. **Galáxia**, 31, abr. 2016. 79-91.

CASTRO, G. G. D. S. **Os velhos na propaganda**: atualizando o debate. São Paulo: Pimental Cultural, 2018.

CASTRO, G. G. D. S. "Velho é o seu preconceito": comunicação e consumo em tempos de longevidade. **Sumários Revista da ESPM**, 24, n. 4, out. 2019. 50-53. Disponível em: <<https://bibliotecasp.espm.br/espm/article/view/1820>>.

CASTRO, G. G. D. S. Ageism and the promotion of agelessness in Brazillian advertising. In: YLÄNNE, V. **Ageing and the Media International Perspectives**. [S.l.]: [s.n.], 2022. p. 97-112.

CASTRO, J. L. D. C. et al. Representações sociais do envelhecimento e qualidade de vida na velhice ribeirinha. **Revista de Psicologia**, 39, n. 1, 2021. 85-113.

CASTRO, J. L. D. C.; ALVES, M. E. D. S.; ARAÚJO, L. F. D. Representações sociais sobre a quarentena construídas por idosas brasileiras. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, 23, 2020. 141-165.

CAVALLI, A. S. et al. Inovação na "sala de aula" da Universidade Aberta para idosos: o uso das tecnologias digitais para acolhimento e ensino. **Expressa Extensão**, Pelotas, 2022. 225-233.

CETIC.BR, C. G. D. I. N. B. **TIC Domicílios - Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**. Comitê Gestor da Internet no Brasil. São Paulo. 2019.

CETIC.BR, C. G. D. I. N. B. **C1 - Indivíduos que já acessaram a internet**. [S.l.]. 2020.  
CGI.BR, C. G. D. I. N. B. **PAINEL TIC: pesquisa web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus**. Comitê Gestor da Internet no Brasil, Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo, p. 192. 2021.

CNDL/SPC-BRASIL. **Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas**, 2018. Disponível em: <<http://site.cndl.org.br/43-dos-idosos-sao-os-principais-responsaveis-pelo-sustento-da-casa-revela-pesquisa-da-cndlspc-brasil-2/>>. Acesso em: 4 nov. 2019.

COBALCHINI, C. C. B. et al. Idoso e tecnologia: aprendizagem e socialização como fatores protetivos para um envelhecimento saudável. In: ROGÉRIO DE MELO GRILLO, E. R. N. **Psicologia: desafios, perspectivas e possibilidades**. 1. ed. Guarujá: Editora Científica Digital, v. 1, 2020. Cap. 21, p. 276.

COELHO, I.; AMORIM, D. C. G.; MORAIS, E. V. D. Inclusão digital: uma realidade sobre a ótica da terceira idade do bairro José e Maria em Petrolina - PE. **Revista Novas Tecnologias na Educação (RENTE)**, Petrolina, 2020. 171-180.

COELHO, I.; AMORIM, D. C. G.; MORAIS, E. V. D. Inclusão digital: uma realidade sobre a ótica da terceira idade do bairro José e Maria em Petrolina - PE. **Revista Novas Tecnologias na Educação (RENOTE)**, Petrolina, 2020. 171-180.

COSTA, D. E. S. et al. **A influência das tecnologias na saúde mental dos idosos em tempos de pandemia**. Research, Society and Development. [S.l.]: [s.n.]. 2021.

DAVIM, B. S. C. et al. **Influência da experiência prévia de usuários na interpretação de ícones**: um estudo de caso sobre a interação de crianças e idosos com smartphones. Belo Horizonte: 12º P&D 2016. 2016. p. 3932-3942.

DEODORO, T. M. S. et al. A inclusão digital de pessoas idosas em momento de pandemia: relato de experiência de um projeto de extensão. **Revista Extensão em Foco**, Palotina, 2021. 272-286.

DEPINÉ, F. M. **Fatores que influenciam a adesão do mobile banking por idosos**. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Governança, Tecnologia e Inovação. Brasília, p. 102. 2021.

DINIZ, J. L. et al. Inclusão digital e o uso da internet pela pessoa idosa no Brasil: estudo transversal. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Fortaleza, 2020. 73.

DOMINGUES, N. R. P. et al. Inclusão digital e participação social de idosos. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Curitiba, 2021.

DUARTE, G. C. A.; CORREA, L. D. S. Entre vovôs radicais e vovós modernas: uma análise das articulações comunicação, mídia e consumo na composição da uma "velhice conectada". In: CASTRO, G. G. D. S. **Os velhos na propaganda**: atualizando o debate. [S.l.]: [s.n.], 2018. p. 117-135.

EPAMINONDAS, J. M.; SILVA, K. H. C. V. E. **Curso de inclusão digital para idosos em tempos de Covid-19**. Anais da 22ª Jornada da SBGG-RS. Brasília: [s.n.]. 2022.

ESPERANDIO, C. Você sabe se é rico ou pobre? Descubra se pertence à classe A, B ou C. **Econoweb da UOL**, 2020. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/colunas/econoweb/2020/09/25/classe-a-b-ou-c.htm#:~:text=Na%20classe%20C%2C%20est%C3%A3o%20as,%20e%20R%24%2020.900.>>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

ESTABEL, L. B.; LUCE, B. F.; SANTINI, L. A. Idosos, fake news e letramento informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Porto Alegre, 2020. 1-15.

ESTADÃO. Brasil tem 230 milhões de smartphones em uso. **Época Negócios**, 2019. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/04/brasil-tem-230-milhoes-de-smartphones-em-uso.html>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

FERNANDES, F. S.; FERREIRA, B. D. J. Inclusão digital de idosos: um estudo sobre a realidade do município de Belém (Pa). **Novas Tecnologias na Educação**, v. 10, n. 1, julho 2012.

FERNANDES, J. D. S. G. et al. Análise discursiva das representações sociais de idosos sobre suas trajetórias de vida. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento**, Porto Alegre, 20, n. 3, 2015. 903-920.

FERNANDES, J. D. S. G.; ANDRADE, M. S. D. Representações sociais de idosos sobre velhice. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, 68, n. 2, 2016. 48-59.

FERNANDES, J. D. S. G.; ANDRADE, M. S. D. Conselhos municipais do idoso e representações sociais de seus conselheiros. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 39, 2019. 1-14.

FERNANDES, J. D. S. G.; COSTA, B. H. R. D.; ANDRADE, M. S. D. Representações sociais de idosos sobre família. **Ciências Psicológicas**, 11, n. 1, 2017.

FERNANDES, N. M. **A experiência de uso de smartphones por indivíduos idosos e o desenvolvimento de requisitos para interfaces de smartphones mais amigáveis**. Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bauru, p. 97. 2022.

FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, M. Práticas digitais móveis das pessoas idosas no Brasil: dados e reflexões. **Panorama setorial da Internet**, 2019.

FERREIRA, M. C. **Idosos internautas: a influência das redes sociais virtuais na qualidade de vida e relacionamentos familiares e sociais**. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa. 2017.

FERREIRA, M. C.; GUERRA, F. F.; SILVA, A. L. D. A influência da família e de um grupo religioso no uso do aplicativo WhatsApp por idosos. **Revista Brasileira de Gestão e Engenharia**, p. 166-191, janeiro-junho 2018. ISSN 2237-1664.

FERREIRA, V. H. S. **Efeitos do uso das tecnologias e as relações sociais em idosos**. Universidade de Brasília. Brasília, p. 89. 2021.

FLAUZINO, K. D. L. et al. Letramento digital para idosos: percepções sobre o ensino-aprendizagem. **Educação & Realidade**, São Paulo, 2020. 45.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. Disponível em: <<https://faccasoficticia.noblogs.org/files/2015/08/O-Sujeito-e-o-Poder-Foucault.cleaned.pdf>>.

FRANÇA, V. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: PRIMO, A., et al. **Comunicação e Interações**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 71-91.

FRANÇA, V. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: PRIMO, A., et al. **Comunicação e Interações**. Porto Alegre: Sulina, 2008. Cap. 3, p. 71-91.

FRANÇA, V. V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? **Ciber Legenda**, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784/21359>>.

FRANÇA, V.; SIMÕES, P. **Curso básico de teorias da comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 219 p.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A Guareschi. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GIL, H. A literacia digital e as competências digitais para a infoinclusão: por uma inclusão e social dos mais idosos. **Revista de Educação a Distância e Elearning**, v. 2, n. 1, março 2019.

GUIMARÃES, M. **Para uma (re) Educação dos Idosos do Grupo "PROGRAMA DA MELHOR IDADE" de Paraíso/Tocantins, Frente às Mudanças do Mundo Contemporâneo**. Instituto de Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa. 2011.

HJARVARD, S. Da Mediação à Midiarização: a institucionalização das novas mídias. **Parágrafo**, 2, 07-12 2015.

HOLLERWEGER, L. **Educação financeira de idosos apoiada por tecnologias digitais**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2018.

IBGE. Em 2017, era de 76 anos. **Agencia da Notícias do IBGE**, 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23200-em-2017-expectativa-de-vida-era-de-76-anos>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

ISO, O. I. D. N. **Norma Internacional ISO 26000 - Diretrizes sobre Responsabilidade Social**. INMETRO. São Paulo. 2010.

KITAMURA, E. S. et al. Infodemia de Covid-19 em idosos com acesso a mídias digitais: fatores associados a alterações psicopatológicas. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Juíz de Fora, 2022. 25.

KUSUMOTA, L. et al. Impacto de mídias sociais digitais na percepção de solidão e no isolamento social em idosos. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, 2022. 30.

LIMA, J. C. **Inclusão digital para idoso: possibilidades pedagógicas para uma aprendizagem emancipadora e significativa no contexto da pandemia**. Semana de Mobilização Científica (SEMOC) Envelhecimento em tempos de pandemia. Salvador: [s.n.]. 2020.

LIMA, M. Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais. In: SESC/CEBRAP **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco quantitativo**. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP, 2016. p. 10-31.

LOLLI, M. C. G. D. S.; MAIO, E. R. Uso da tecnologia por idosos: perfil, motivações, interesses e dificuldades. **Educação, Cultura e Sociedade**, v. 5, n. 2, p. 211-223, julho-dezembro 2015.

LUCE, B.; ESTABEL, L. B. Desinformação na terceira idade: como o público idoso se relaciona com as fake news dentro das redes sociais. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, 2020. 26-16.

LUCE, B.; SOARES, L. V. D. O.; ESTABEL, L. B. Letramento informacional no combate às fake news: aplicação de Objeto de Aprendizagem em uma capacitação para idosos, 2021.

MACEIRA, R.; CALIXTO, N. É hora de aposentar seu conceito de "velho": dados e insights sobre os seniores do Brasil. **Think With Google**, 2019. Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/tend%C3%A2ncias-de-comportamento/e-hora-de-aposentar-seu-conceito-de-velho-dados-e-insights-sobre-os-seniores-do-brasil/>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

MACHADO, L. R. et al. Mapeamento de competências digitais: a inclusão social dos idosos. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 18, n. 4, p. 903-921, outubro-dezembro 2016.

MACIEL, K. R. et al. **DiPiEs - Localizador de idosos com Alzheimer**. Centro Estadual de Educação e Tecnologia Paula Souza da Escola Técnica Estadual Jaraguá. São Paulo. 2021.

MANZATO, A. J.; SANTOS, A. B. **A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa**. Departamento de Informática e Estatística da Universidade Federal de Santa Catarina. [S.l.]. 2012.

MARCHI, B. F. D. **Afetividade e cognição no uso de redes sociais digitais por idosos**. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2019.

MARCHI, B. F. D.; ROSSETTI, C. B.; COTONHOTO, L. A. Idosos e redes sociais digitais: um estudo exploratório. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Vitória, 2020.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Sérgio Alcides Ronald Polito. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 360 p.

MARTINS, A. D. R. et al. **As dificuldades na inclusão digital e em sua compreensão das funções do smartphone entre idosos durante a pandemia Sars Cov 19**. Anais do Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste (SEREX). [S.l.]: [s.n.]. 2021. p. 206-208.

MARTINS, E. et al. Relatos de pesquisa: fluência digital e a construção do aplicativo DICA60+ para idosos no Pará. In: CÔRTE, B. **Provisório: Relatos de pesquisa do Edital Acadêmico de Pesquisa 2021**. São Paulo: Portal do Envelhecimento, (No prelo).

MARTOS, T. C.; CASARIN, H. D. C. S. Saúde, informação e pandemia: comportamento de busca da informação sobre Covid-19 por idosos. **Revista Fontes Documentais**, Aracaju, 2020. 192-202.

MAUÉS, H. P. et al. Pesquisadores da UFPA e da UEPA desenvolvem aplicativo para o público 60+. **Beira do Rio**, Belém, 1, n. 163, jun. 2022. 1-2. Disponível em:



<<https://beiradorio.ufpa.br/index.php/2022/144-163-junho-julho-e-agosto/exclusivo-online/622-pesquisa>>.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 1. ed. [S.l.]: Cultrix, 1969. 408 p.

MEDEIROS, F. D. L. et al. Inclusão digital e capacidade funcional de idosos residentes em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil (EpiFloripa 2009-2010). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 106-22, 2012.

MEIRELES, S. L.; FORTES, R. C. Os benefícios da internet na vida dos idosos do município de Luziânia-Goiás. **Revista Científica Sena Aires**, v. 5, n. 2, julho-dezembro 2016.

MELO, C. Iramuteq - Análise de similitude. **LEPP-Saúde**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F47NgaAbipI>>. Acesso em: 13 set. 2021.

MELO, C. Iramuteq - Classificação hierárquica descendente. **LEPP-Saúde**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H9xliY7Zy40&t=1500s>>. Acesso em: 03 set. 2021.

MELO, C. Preparando o banco de dados do Iramuteq. **LEPP-Saúde**, 21 ago. 2017. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ygKct1ps\\_2Y](https://www.youtube.com/watch?v=ygKct1ps_2Y)>. Acesso em: 03 set. 2021.

MENDES, G. A. et al. Revisão de aplicativos de smartphones não relacionados à saúde para idosos: realidade Brasileira. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, 2021. 2367-2383.

MENDES, J. S. D. S. **Educação intergeracional a distância: conectando jovens e idosos**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2018.

MILLER, D. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, julho-dezembro 2007. 33-63.

MILLER, D. Consumo como cultura material. **Horizontes antropológicos**, v. 13, n. 28, p. 33-63, novembro 2007.

MILLER, D.; HORST, H. O digital e o humano: prospecto para uma antropologia digital. **Parágrafo**, v. 2, n. 3, p. 91-111, dezembro 2015.

MIRANDA, L. M. D.; FARIAS, S. F. As contribuições da internet para o idoso: uma revisão de literatura. **Interface: Communication, Health, Education**, v. 13, n. 29, p. 383-394, abril-junho 2009.

MONTEIRO, G. A. R. et al. Inclusão digital e adoção dos smartphones por idosos na prática de exercícios durante a pandemia de Covid-19. **Archives of Health**, Anápolis, 2022. 99-104.

NASCIMENTO, A. L. A. D.; OLIVEIRA, I. C. G. D.; ARAKAWA-BELAUNDE, A. M. Grupos virtuais promotores de saúde mental de idosos. **Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, 2022.

NUNES, B. L. R. et al. Centro de convivência para idosos em tempos de pandemia: estratégias de acompanhamento a distância. **Enfermagem gerontológica no cuidado do idoso em tempos da Covid-19**, Brasília, 2020. 2.

OLIVEIRA, C. D. D.; FORTES, R. P. D. M.; BARBOSA, E. F. **Um estudo sobre o uso de dispositivos móveis e aplicações de aprendizagem móvel com foco em usuários idosos**. Anais do XXIX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE 2018). [S.l.]: [s.n.]. 2018. p. 1133.

PASSARELLI, B.; FRANCISCO, R. E. B.; JUNQUEIRA, A. H. **Idosos e internet: uma abordagem sobre inclusão digital a partir do conceito de literacia informacional**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. [S.l.]: [s.n.]. 2011.

PAULINO, A. C.; VENDRUSCOLO, R. Vó, sai do celular! Um relato da proposta de aulas remotas de Educação Física para idosos durante a pandemia. **Cadernos de Formação RBCE**, Londrina, 2021.

PEREIRA, C.; NEVES, R. Os idosos e as TIC - competências de comunicação e qualidade de vida. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 14, n. 1, p. 05-26, março 2011.

PINTO, N. M. D. A.; SILVA, J. K. D. N.; FIÚZA, A. L. D. C. A posse e o uso das tecnologias da informação e comunicação a partir da perspectiva de gênero e de geração. **Brazilian Journal of Development**, Viçosa, 2020. 75822-75838.

PINTO, S. G. et al. **O processo de envelhecimento e a influência das TICs no processo educativo - uma análise sobre os círculos de cultura na perspectiva de Paulo Freire**. Anais do III Seminário de Educação à Distância da Região Centro-Oeste. Ponte Nova: [s.n.]. 2020.

PIRES, A. K.; PIRES, A. K. **O uso de smartphones por idosos durante a pandemia do Covid-19 no RN: um estudo exploratório**. Anais do XXVI Workshop de Informática na Escola. Natal: [s.n.]. 2020. p. 479-488.

PIRES, H. P.; MARQUES, L. A. O acesso às tecnologias: a terceira idade digital e conectada. **Revista Ciência Geográfica**, Uberlândia, 2022. 346-355.

PIROLA, M. N. B.; HENRIQUES, R. P. **Comunicação e produção de sentido**. Vitória: EDUFES, 2020.

POSSAMAI, V. D. et al. Uma nova realidade: aulas remotas de atividade física para idosos na pandemia de Covid-19. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, 2020. 77-98.

POSSAMAI, V. D. et al. **Barreiras para a prática de atividade física on-line durante a pandemia de Covid-19**. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano. [S.l.]: [s.n.]. 2021.

RAYMUNDO, T. M. **A presença da tecnofobia na utilização de equipamentos eletrônicos por idosos**. XVIII Congreso Argentino de Bioingeniería SABI 2011. [S.l.]: [s.n.]. 2011.

RAYMUNDO, T. M. **Aceitação de tecnologias por idosos**. Programa de Pós- Graduação Interunidades Bioengenharia- Escola de Engenharia de São Carlos / Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto / Instituto de Química de São Carlos da Universidade de São Paulo. São Carlos. 2013.

REPÚBLICA, P. D. **Lei nº 10.741 - Estatuto da Pessoa Idosa**. Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília. 2003.

RESENDE, R. **Percepção e uso do telefone celular entre consumidores de mais idade**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2009.

RIBEIRO, K. R.; MANHÃES, V. R. R. Diagnóstico do acesso à internet por idosos em Campos dos Goytacazes: subsídio para elaboração de políticas de inclusão digital. **Linkscienceplace**, v. 4, n. 2, p. 324-332, outubro-dezembro 2015.

ROCHA, M. S. **Utilização de smartphones por pessoas idosas antes de durante o distanciamento físico decorrente da pandemia da Covid-19**. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Envelhecimento da Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, p. 71. 2021.

ROCHA, M. S.; MONTIEL, J. M.; LONGO, P. L. Utilização de smartphones por idosos durante o distanciamento físico causado pelo Covid-19. **Revista Tecnologias em Projeção**, 2021. 9-17.

ROSA, T. M.; GONÇALVES, F. D. O.; FERNANDES, A. S. Estratificação socioeconômica: uma proposta a partir do consumo. **Fórum Banco do Nordeste 2014**, 2014. Disponível em: <[https://www.bnb.gov.br/documents/160445/226386/ss4\\_mesa4\\_artigos2014 ESTRATIFICACAO\\_SOCIOECONOMICA\\_UMA\\_PROPOSTA\\_PARTIR\\_CONSUMO.pdf/fbbd77abe78c-4885-973f-a841a26ab49e#:~:text=O%20IBGE%20divide%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o,classe%20vai%20de%20mais%20de](https://www.bnb.gov.br/documents/160445/226386/ss4_mesa4_artigos2014 ESTRATIFICACAO_SOCIOECONOMICA_UMA_PROPOSTA_PARTIR_CONSUMO.pdf/fbbd77abe78c-4885-973f-a841a26ab49e#:~:text=O%20IBGE%20divide%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o,classe%20vai%20de%20mais%20de)>.

SALCEDO-BARRIENTOS, D. M.; PAIVA, M. V. S.; SILVA, A. L. P. D. Terapia comunitária integrativa para idosos em plataforma virtual durante a pandemia associada a Covid-19. **Temas em Educação e Saúde**, São Paulo, 2020. 360-375.

SALES, M. B. D. et al. Tecnologias de informação e comunicação via web: preferências de uso de um grupo de usuários idosos. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 59-77, setembro 2014.

SANTANA, R. F. et al. Tecnologias para a continuidade do cuidado à distância. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, 2021. 25.

SANTI, V. J. Princípios Teórico- Metodológicos para entrever Mediação e Mdiatização. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Manaus, p. 1-13, maio 2017.

SANTI, V. J. A midiatização não existe: digressões possíveis da teoria da comunicação. In: JR, G. P. **Media Effects Vol.1**: teorias do agendamento, priming e framing. Boa Vista: Editora UFRR, v. 1, 2018. p. 51-71.

- SANTOS, G. L. A. **Processo de comunicação de idosos na execução das atividades instrumentais de vida diária: estudo etnográfico.** Pós-Graduação em Enfermagem; Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2015.
- SANTOS, G. L. A. et al. Comunicação entre idoso e família em grupos de convivência. **Revista de Enfermagem**, Recife, v. 12, n. 6, p. 1657-64, junho 2018.
- SANTOS, G. L. A. et al. Comunicação entre idoso e família em grupos de convivência. **Revista de Enfermagem**, Recife, v. 12, n. 6, p. 1657-1664, junho 2018.
- SANTOS, M. T. G. D. **Idosos e a busca de relacionamentos amorosos via internet.** Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba. 2020.
- SANTOS, P. A. D. et al. A percepção do idoso sobre a comunicação no processo de envelhecimento. **Audiology Communication Research**, v. 24, jan 2019.
- SANTOS, P. A. D. et al. A percepção do idoso sobre a comunicação no processo de envelhecimento. **Audiology Communication Research**, v. 24, p. 1-8, janeiro 2019.
- SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos em Psicologia**, Campinas, 4, out. 2008. 585-593.
- SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico:** A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. 248 p.
- SIBILIA, P. **Conferência:** Corpo e Manifestações Artísticas e Midiáticas. Belém: [s.n.]. 28 nov. 2019.
- SILVA, D. A. S.; PEREIRA, M. M. O.; FERREIRA, M. C. Terceira idade e tecnologia: um estudo sobre a utilização da internet e do comércio eletrônico. **Revista Brasileira de Gestão e Engenharia**, p. 61-87, julho-dez 2015. ISSN 2237-1664.
- SILVA, D. D. O. **Uso de aparelhos eletrônicos por idosos em ambientes domésticos.** Escola de Engenharia de São Carlos / Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto / Instituto de Química de São Carlos da Universidade de São Paulo. São Carlos. 2011.
- SILVA, F. A. B. D.; ZIVIANI, P.; GHEZZI, D. R. As tecnologias digitais e seus usos. **IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, abr. 2019. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34795&Itemid=444](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34795&Itemid=444)>. Acesso em: 27 jan. 2021.
- SILVA, G. L. D. et al. **Ferramentas de comunicação e telecomunicação com idosos:** o uso das TICs antes e depois da pandemia do Covid-19. Mostra de Extensão, Ciência e Tecnologia da UNISC. Santa Cruz do Sul: [s.n.]. p. 344.
- SILVA, K. Q. E. **Entre vírus, internet e sensibilidades de aprendizes:** os(as) idosos(as) da UATI em salas de aula remotas na pandemia. Caderno Impacto em Extensão do XV Encontro de Extensão Universitária da UFCG. Campina Grande: [s.n.]. 2022.

SIMÕES, C. D. A. **Idosos e internet: mediações nos usos de serviços bancários digitais**. Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia; Universidade Federal do Pará. Belém. 2019.

SIMÕES, C. D. A. et al. DICA60+: aplicação resultado de uma reflexão. **Longeviver**, São Paulo, n. 16, out. 2022. 48-55. Disponível em:  
<<https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/988/1048>>.

SIMÕES, C. D. A.; JUNIOR, W. T. L. COMUNICAÇÃO MÓVEL: popularização do telefone celular e seus efeitos nas práticas comunicacionais de idosos em Belém do Pará. **Brazilian Journal of Technology, Communication, and Cognitive Science**, v. 2, ago 2018. ISSN ISSN 2357-7126.

SIMÕES, C. D. A.; MARTINS, E.; MELO, E. Pesquisadores do Pará lançam app Dica60+. **Portal do Envelhecimento**, São Paulo, out. 2022. Disponível em:  
<<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/36725-2/>>.

SOUZA, J. J. D.; SALES, M. B. D. Tecnologias da informação e comunicação, smartphones e usuários idosos: uma revisão integrativa à luz das Teorias Sociológicas do Envelhecimento. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 131-154, outubro-dezembro 2016.

SOUZA, L. K. D. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, 71, n. 2, maio 2019. 51-67. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672019000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005)>. Acesso em: 02 set. 2021.

SZWARCWALD, C. L. et al. ConVid - Pesquisa de comportamentos pela internet durante a pandemia de Covid-19 no Brasil: concepção e metodologia de aplicação. **Cadernos de Saúde Pública (CSP)**, Rio de Janeiro, 2021.

TELES, J. G. C. et al. A integração social de idosos por meio do letramento digital. **Brazilian Journal of Development**, Teresina, 2021. 77564-77577.

TERRA. Terra. **Você sabia? Quem inventou o telefone celular?**, 2019. Disponível em:  
<<https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/celular/voce-sabia-quem-inventou-o-telefone-celular,9ae917e79a3207d7e3ced75f7a4f1f05tebbkqzg.html>>. Acesso em: jan. 2020.

TEZZA, R.; BONIA, A. C. O idoso e a internet: uma etnografia sobre interação e aprendizagem. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 1, p. 185-197, janeiro-abril 2010.

TRAD, L. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2009. 777-796.

VELHO, F. D.; HERÉDIA, V. B. M. O idoso em quarentena e o impacto da tecnologia em sua vida. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, 2020. 1-14.

VIEIRA, M. C. **O velho e o novo: caminhos para entender a relação dos idosos com as tecnologias digitais**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2011.

VIEIRA, M. C.; SANTAROSA, L. M. C. **O uso do computador e da Internet e a participação em cursos de informática por idosos: meios digitais, finalidades sociais.** XX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. [S.l.]: [s.n.]. 2009.

VIRGINIA BRAUN, V. C. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 2006. 77-101. Disponível em: <<http://eprints.uwe.ac.uk/11735>>. Acesso em: 02 set. 2021.

WASSERMAN, C. et al. Redes sociais: um novo mundo para os idosos. **RENOTE**, v. 10, n. 1, julho 2012.

WIGGINTON, C. Global mobile consumer trends: Second edition. **Deloitte**, 2019. Disponível em: <<https://www2.deloitte.com/global/en/pages/technology-media-and-telecommunications/articles/gx-global-mobile-consumer-trends.html>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

YABRUDE, A. T. Z. et al. Desafios das Fake News com idosos durante a infodemia sobre Covid-19: experiência de estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Blumenau, 2020. 44.

## **APÊNDICE A – Um estado da arte em português (2009-2019): pessoa idosa e as tecnologias digitais**

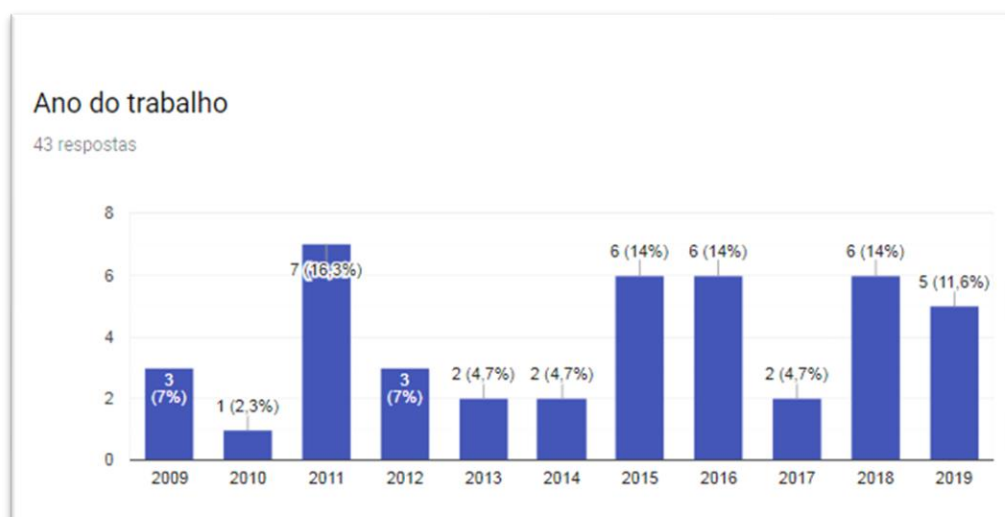
O levantamento considerou estudos que tivessem como horizonte a pessoa idosa, os usos de tecnologia (aparelhos eletrônicos no ambiente doméstico ou mesmo os telefones celulares) e o que os estudos já publicados falam das mudanças nas esferas de conversação; com o objetivo de abarcar as mudanças mais íntimas que essas tecnologias trazem às vidas dos interlocutores das pesquisas levantadas.

Para tal, uma consulta detalhada foi realizada por meio do Google Acadêmico, indexador de publicações de plataformas abertas, considerando o período de 2009 a 2019. Utilizou-se os termos combinados: telefone celular e idosos; internet e idosos. Em seguida, decidiu-se por excluir publicações científicas que não tivessem por foco a pessoa idosa autônoma e independente. Por isso, foram excluídos estudos diretamente ligados ao uso da tecnologia para exclusivo monitoramento de saúde, os ligados à testes de memória, idosos institucionalizados, com foco em testes cognitivos ou capacidade funcional, estudos de impactos meramente mercadológicos ou que investigassem a pessoa idosa com a única finalidade de desenvolver novas aplicações para “novos dispositivos”, geralmente, com foco na usabilidade ou arquitetura da informação.

Assim, estão inclusos todos os estudos em que idosos aparecem independentes, como aqueles em que a pessoa mais velha é investigada a partir de suas percepções, conversações e afetividades ligadas à apropriação e uso dos meios digitais e seus dispositivos: utilizando redes sociais, telefones celulares, outros meios eletrônicos. Também entram estudos que altercam sobre as competências comunicacionais da pessoa com mais idade, os usos diversos da internet e, também, as mudanças em relação à qualidade de vida, de maneira geral.

Desta maneira, foram catalogadas 43 publicações entre artigos científicos de revistas (53,5% ou 23 trabalhos), dissertações (27,9% ou 12 trabalhos), artigos de anais de eventos científicos (16,3% ou 7 trabalhos) e uma monografia. As publicações apresentaram constância, com destaque para os anos 2011 (7 ocorrências), 2015 (6 ocorrências), 2016 (6 ocorrências), 2018 (6 ocorrências) e 2019 (5 ocorrências) (Figura 1).

**Figura 29.** Ano dos trabalhos publicados (Estado da Arte 2009-2019)



Fonte: Elaboração da autora a partir do levantamento para o estado da arte, 2020.

Os estudos foram desenvolvidos em São Paulo (19,4%) e no Rio Grande do Sul (13,9%), seguidos pelo Pará, Minas Gerais e Rio de Janeiro (todos com 8,3% dos estudos vistos, cada). Depois também vem Paraná, Santa Catarina, Goiás, Bahia, Recife e Rio Grande do Norte. Por ser uma pesquisa que considera a língua portuguesa, foram encontrados ainda estudos sobre o assunto em Castelo Branco, Vila Nova de Gaia e Lisboa, em Portugal.

### Quadro 3. Áreas de estudo e ocorrências (Estado da Arte 2009-2019)

Área de estudo base	Ocorrências
Administração	(RESENDE, 2009)
Artes	(DAVIM, SILVA, <i>et al.</i> , 2016)
Bioengenharia e Gerontologia	(SILVA, 2011) (RAYMUNDO, 2013) (CARLETO e SANTANA, 2017)
Bioengenharia e Medicina	(RAYMUNDO, 2011)
Ciências da computação	(SALES, AMARAL, <i>et al.</i> , 2014)
Comunicação	(SANTOS, HEIDEMANN, <i>et al.</i> , 2019) (PASSARELLI, FRANCISCO e JUNQUEIRA, 2011) (SIMÕES, 2019) (SIMÕES e JUNIOR, 2018)
Economia doméstica	(FERREIRA, 2017) (FERREIRA, GUERRA e SILVA, 2018) (SILVA, PEREIRA e FERREIRA, 2015)
Educação e Informática ou Tecnologia	(WASSERMAN, GRANDE, <i>et al.</i> , 2012) (BRITO, 2015) (LOLLI e MAIO, 2015) (VIEIRA e SANTAROSA, 2009) (PEREIRA e NEVES, 2011) (FERNANDES e FERREIRA, 2012) (MACHADO, GRANDE, <i>et al.</i> , 2016) (OLIVEIRA, FORTES e BARBOSA, 2018) (GUIMARÃES, 2011) (VIEIRA, 2011) (MENDES, 2018) (HOLLERWEGER, 2018)
Educação física	(MIRANDA e FARIAS, 2009)
Enfermagem	(SANTOS, SANTANA, <i>et al.</i> , 2018)



Engenharia de produção	(TEZZA e BONIA, 2010)
Informática	(ALMÊDA, 2016)
Psicologia	(MARCHI, 2019)
Saúde	(MEIRELES e FORTES, 2016) (LOLLI e MAIO, 2015) (SANTOS, 2015)
Sociologia e Tecnologia	(SOUZA e SALES, 2016)
Tecnologia	(RIBEIRO e MANHÃES, 2015)

Fonte: Elaboração da autora a partir do levantamento para o estado da arte, 2020.

Ao visualizar as ocorrências dos estudos no horizonte buscado, é possível perceber o interesse da relação pessoa idosa e a tecnologia, de maneira geral, por variadas áreas de estudo (Tabela 15). A Educação é uma área de destaque em relação às publicações, a Comunicação aparece e é seguida de áreas da Saúde e, também, Economia doméstica. Mesmo que as outras áreas de conhecimento abordem o tema menos vezes (Administração, Artes, Bioengenharia e Gerontologia, Ciências da computação, Educação física, Enfermagem, Engenharia de produção, Informática, Medicina, Psicologia, Sociologia e Tecnologia), conseguem discutir aspectos importantes para tentar construir um pensamento complexo sobre o assunto.

Parte dos estudos científicos levantados se questionam sobre motivações e usos que os mais velhos fazem da internet e os variados dispositivos. Em anos anteriores, foi possível perceber que idosos indicavam usar dentro de casa equipamentos eletrônicos como aparelhos de DVD, televisor e o celular já aparece (SILVA, 2011). Neste contexto, as habilidades, capacidades e até mesmo o desconhecimento das múltiplas funções destes dispositivos aparecem como complexos com foco em dificuldades, o que parece afastar este público-consumidor (SILVA, 2011, p. 7).

Já o telefone celular aparece como um dispositivo mais “amigável” do que os computadores de mesa (FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, 2019) e tem sido responsável pela introdução da pessoa idosa no mundo de tecnologias (GUIMARÃES, 2011), compras via internet, visualização e compartilhamento de vídeos e uso de serviços bancários digitais (SIMÕES, 2019). Segundo a autora Fernández-Ardèvol (2019) “...o uso da internet pelo telefone celular é mais acessível do que pelo computador, tanto em termos de custo quanto de usabilidade” (p. 4), e diz ainda que classe social e grau de escolaridade também influenciam na aquisição e usos do telefone celular (p. 7).

Quanto ao uso de recursos por meio da internet, a pessoa idosa, geralmente, tem nível mais próximo ao básico: faz alguns tipos de pesquisas na web, se comunica por e-mail (MACHADO, GRANDE, *et al.*, 2016) (SALES, AMARAL, *et al.*, 2014) e também utiliza as redes sociais (MARCHI, 2019). Já um dos estudos de 2014, de Sales, indica uma

descontinuidade: a preferência dos interlocutores da pesquisa é pela comunicação via e-mail e as redes sociais não são tão populares (SALES, AMARAL, *et al.*, 2014).

Os estudos mais recentes indicam que a pessoa idosa está cada vez mais conectada à internet, mas permanecem as possíveis dificuldades motoras, de memória, visuais e de linguagem (TEZZA e BONIA, 2010, p. 195). Mesmo que capacidades funcionais (MEDEIROS, XAVIER, *et al.*, 2012) possam influenciar nos usos que a pessoa idosa faz dos meios digitais – computadores de mesa ou telefones celulares –, não há tecnofobia (RAYMUNDO, 2011) e sim, boa inclinação em direção às novas tecnologias.

De modo geral, a tecnologia, e a íntima conectividade com a internet, é vista como suporte à educação financeira e pessoal (HOLLERWEGER, 2018), como traz também benefícios à educação corporal-física, com informações de amplo alcance sobre saúde (MIRANDA e FARIAS, 2009). Nessa gama de estudos, o que também perpassa muitos outros, a expressão qualidade de vida tem lugar (GIL, 2019). A procura pelos meios digitais tem finalidades amplamente sociais dirigidas, principalmente, à relação com o outro (VIEIRA, 2011, p. 9). As conhecidas TICs são vistas como ampliadoras das relações sociais, de afeto e amizade. A tecnologia aparece como dispositivo que supre a ausência física e que dá suporte à autonomia dos sujeitos idosos (CARLETO e SANTANA, 2017). Carleto (2017) indica que as tecnologias digitais também podem ser pontes entre gerações. Sobre as mudanças nas esferas de conversação, segue um agrupamento específico de trabalhos no subitem adiante.

### **Conversação: os meios digitais como agentes de mudança na esfera da conversação**

O envelhecimento humano é fato, é um movimento mundial de aumento de expectativa de vida e não apenas isso. É um fenômeno que envolve comunidade e família, “...esses são parte integrante do ambiente em que se dá a vida diária e os processos de interação e comunicação; incluem o lar, a vizinhança e a comunidade, influenciando diretamente a saúde e/ou impondo barreiras ou incentivos que têm implicações nas oportunidades, decisões e comportamentos” (SANTOS, SANTANA, *et al.*, 2018).

É a partir deste contexto que o estudo de Santos e outros autores (SANTOS, SANTANA, *et al.*, 2018) se desenvolve. Trazem o aspecto interacional para verificar os processos comunicacionais que envolvem a pessoa idosa e familiares, em grupos de convivência. Segundo os autores, tais processos podem contribuir na identificação de

elementos cotidianos como apoio, coesão e nível de conflitos (SANTOS, SANTANA, *et al.*, 2018, p. 1658).

A começar pela configuração variada de família, de acordo com os entrevistados – o convívio com pais, mães e filhos como também grupos de convivência, agregados, enfim –, os autores identificaram os tipos de comunicação e interação familiar. A preferência ficou por conta dos telefones convencionais. O tempo dos filhos e netos parece cada vez mais escasso, quando não é possível se encontrar frente a frente, vale bilhetinhos por debaixo da porta (quando moram juntos) ou mesmo uma ligação à distância (SANTOS, SANTANA, *et al.*, 2018, p. 1660). Também foram percebidos idosos utilizando, sem tantos problemas, as redes sociais e os telefones celulares. Contudo, o “pessoalmente, é sempre melhor” vence (SANTOS, SANTANA, *et al.*, 2018, p. 1660). Os processos de resistência estão presentes, falar pessoalmente é ir para além do informativo. “Onde você está? Está tudo bem com você? Bom dia!” são expressões esvaziadas, segundo os participantes da pesquisa, assim como outras vistas ao longo do artigo citado. O olho no olho pode revelar mais, ao ultrapassar as barreiras linguísticas os gestos vão comunicar e a comunicação deixa de ser problema da eficácia e volta a ser – como é – condição do existir.

Barreiras de comunicação também foram notadas, durante o estudo de Santos e outros autores (2018). Categorias que mostram situações de conflito interativo e queda na efetividade da comunicação entre idoso e família: distância física, individualismo e conflitos familiares são barreiras pessoais que indicam tal conflito comunicacional (SANTOS, SANTANA, *et al.*, 2018). Um dos idosos diz que o filho é fechado demais, só conversam por e-mail e não gosta de falar ao telefone [se refere às ligações por voz]. Outro diz que, hoje em dia, falta diálogo e indica o trabalho incessante também uma barreira de comunicação. Uma estratégia pode ser deixar a tecnologia de lado e promover ambientes de interação sociofamiliar, “como almoços, passeios, festas de aniversários e reuniões” (SANTOS, SANTANA, *et al.*, 2018, p. 1661). Conversação frente a frente, considerando espaço físico, conversação analógica, abraços e afetos no corpo a corpo. É como prefere parte deste grupo investigado.

No estudo de Santos e outros autores (2019), ao verificar a percepção dos idosos sobre o próprio estar no mundo em uma comunicação cada vez mais mediada, as tecnologias digitais estiveram presentes. O impacto que levam à vida dos entrevistados também é visto. O estudo destaca as dificuldades nos processos interativos interpessoais a partir do contexto de forte uso destes dispositivos (SANTOS, HEIDEMANN, *et al.*, 2019, p. 1). Assim como a primeira pesquisa citada nesta seção, aqui também é percebida a discussão em torno do aumento da expectativa de vida e os desafios do envelhecimento. Demandas econômicas e sociais devem

ser consideradas (SANTOS, HEIDEMANN, *et al.*, 2019, p. 2), como também um contexto conflituoso de apropriação e usos de novas tecnologias de comunicação, como o exposto a seguir.

Em uma primeira fase, foram levantadas categorias que os participantes da pesquisa relacionaram ao processo comunicacional. Comunicação e tecnologia foram temas recorrentes (SANTOS, HEIDEMANN, *et al.*, 2019). E quando o tema central de discussão foi “tecnologia como ferramenta de comunicação”, duas outras categorias apareceram: facilidades e dificuldades (SANTOS, HEIDEMANN, *et al.*, 2019). A importância do contato pessoal apareceu, mais uma vez: o olho no olho, escutar com o coração e ir ao encontro, demonstram a valorização do presenciar os afetos (SANTOS, HEIDEMANN, *et al.*, 2019). Dizem os autores, “os participantes revelaram que, atualmente, essas formas de comunicação têm se desvanecido em prol de um contato que leva ao distanciamento do emissor em relação ao receptor, [...] tornando o processo insensível” (SANTOS, HEIDEMANN, *et al.*, 2019, p. 3). De maneira geral, as dificuldades ficam por conta de a internet informar, mas não comunicar, e tornar mais difícil a comunicação familiar, em alguns aspectos. Quanto às facilidades, os investigados disseram ser importante devido a experiência, aproximação entre os distantes geograficamente, por exemplo (SANTOS, HEIDEMANN, *et al.*, 2019).

\*\*\*

Neste breve passeio sobre os estudos anteriores que estão num horizonte comum, vale destacar a importância em seguir em direção às experiências dos sujeitos no mundo. Quando perguntados sobre os impactos da tecnologia nas próprias vidas e cotidianos elaboram ricas categorias que podem dar pistas às incursões acadêmicas. A única constante, ao que parece, é a categoria “mudança”: nos modos de conversar, nos modos de aproximação social (ou afastamento), nas formas de usar e consumir estes dispositivos.

## **APÊNDICE B – Um estado da arte em português (2020-2022): pessoa idosa e as tecnologias digitais**

Este levantamento atualiza o anterior, por dar conta dos anos de 2020, 2021 e 2022 no que se refere a estudos que considerem pessoas idosas e as relações que tecem com as tecnologias de comunicação e informação cotidianas. O objetivo, agora, se amplia e segue na direção de tentar compreender como estes estudos exploraram as apropriações tecnológicas de idosos tanto durante quanto neste “pós” pandemia de Covid-19. Assim, a consulta foi realizada utilizando a plataforma Google Acadêmico, combinando os termos idosos, telefone celular, internet e, ainda, pandemia.

A partir desse primeiro movimento, queria-se encontrar estudos/pesquisas que colocassem a pessoa idosa no centro da discussão, tanto como sujeitos de fala quanto como pessoas de autonomia. Por isso, foram excluídos trabalhos com centralidade em testes de usabilidade e/ou análise de requisitos; na experiência de cuidadores antes e durante a pandemia; em testes cognitivos e/ou funcionais, especificamente; em orientações a profissionais da saúde no que se refere à teleconsultas; além de estudos que tinham por foco idosos institucionalizados, de modo geral. Ficaram de fora, ainda, materiais como relato de elaboração de cartilhas indicando cuidados em tempos de pandemia; trabalhos focados no teletrabalho e teleatendimento; aqueles voltados à saúde mental e qualidade de vida. Se reconhece o alto valor das pesquisas, sobretudo as que citaram, mesmo que lateralmente, a influência/papel da internet nos últimos dois anos, principalmente. Contudo, deixa-se de fora esse conjunto indicado por motivos de ordenação de foco.

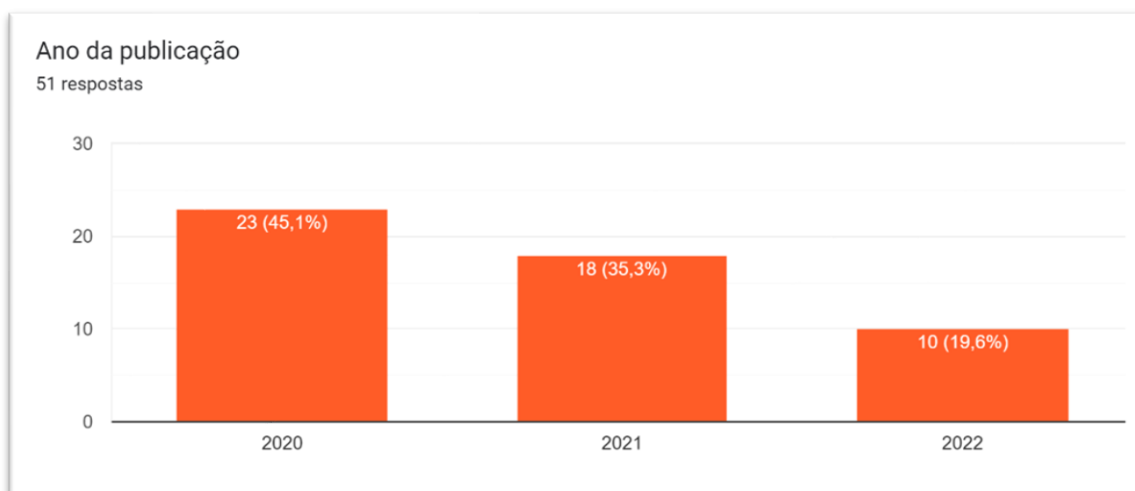
Isto posto, foram considerados estudos com foco nas apropriações de plataformas de autosserviço por pessoas idosas; na aprendizagem e na socialização como fundamentais para o envelhecimento saudável; aqueles estudos que tratam da experiência do usuário; trabalhos com foco na busca da percepção direta dos sujeitos investigados na direção de entender sentidos, efeitos, dificuldades e facilidades; além de trabalhos que tratam da desinformação e da infodemia, por exemplo, junto ao papel da pessoa mais velha nesse contexto. Também estão incluídos trabalhos com relatos de experiência, em geral, advindos de projetos de extensão universitária, como também estudos que descrevem o desenvolvimento de aplicativos informativos e/ou de localização, por exemplo, de pessoas idosas com Alzheimer.

Os primeiros resultados e discussão já aparecem de pronto, quando se olha para o conjunto de termos relacionados aos utilizados na busca, representando o mundo digital e on-

line em tempos de pandemia. Assim, apareceram numa relação direta com os termos buscados: “remoto”, “distanciamento (social)”, “interação(ões)”, reforçados por termos como “inclusão digital” e/ou “inoinclusão”, já indicando fenômenos do período vivenciado. A crise de saúde mundial, de fato, foi motivo para medidas de descolamento do mundo físico (“real”) para o mundo on-line, acarretando discussões sobre a dita inclusão digital ou inoinclusão (virtual), revelando, ainda, distanciamentos não intelectuais, mas do campo das apropriações impedidas por atitudes de receio com base em estereótipos, por exemplo. O que vai ser explorado adiante.

Nesse contexto, foram catalogadas 51 publicações, entre elas 34 artigos de revista científica (69,4%), 10 artigos de anais de eventos científicos qualificados (20,4%) e 7 dissertações (10,2%). A maioria dos trabalhos coletou e traz dados primários, numa abordagem qualitativa ou quanti-quali. Além de figurar os trabalhos advindos de projetos de extensão, a contar sobre as experiências e pesquisas aplicadas nos últimos anos pandêmicos. Utilizaram desde técnicas de entrevistas semiestruturadas (10 menções), banco de dados secundários (7 menções), estudo de caso (6 menções), utilizando ainda tipos de pesquisa-ação (5 menções) e de observação direta (5 menções), questionário fechado (5 menções) ou mesmo por meio de grupos focais (4 menções). De modo, geral, as técnicas dos estudos de 2020 e a maioria daqueles dos anos seguintes utilizam o ambiente digital e on-line para circular formulários ou mesmo realizar grupos de foco.

**Figura 30.** Ano dos trabalhos publicados (Estado da Arte 2020-2022)



Fonte: Elaboração da autora a partir do levantamento para o estado da arte, 2022.

Esses estudos foram realizados, principalmente, nos estados de São Paulo (7 menções), Minas Gerais (6 menções), Paraná (6 menções), Rio Grande do Sul (6 menções) e no Distrito

Federal (4 menções), os estados da Paraíba (3 menções), Rio de Janeiro (3 menções), Santa Catarina (2 menções), Pernambuco (2 menções), Goiás (2 menções), Ceará (2 menções), Bahia (2 menções), além dos estados Mato Grosso, Sergipe, Piauí, Rio Grande do Norte e Espírito Santo (com 1 menção, cada). Esses achados foram tão diversos e múltiplos quanto o primeiro conjunto. Aqui, quase todas as regiões do país, com exceção do Norte que figurava no primeiro levantamento, desenvolveram pesquisas e/ou reflexões sobre o tema das TICs no contexto do envelhecimento, nas condições de pesquisa indicadas no início desta exploração bibliográfica.

As áreas de conhecimento também se apresentaram diversas em estudos que se propunham, por vezes, multidisciplinares. Assim, foram 67 menções às áreas de conhecimento, entre elas figuram a Educação (8 estudos mencionaram), Saúde (7 estudos mencionaram), Tecnologia, Enfermagem e Psicologia (5 estudos mencionaram cada uma dessas áreas, individualmente ou em conjunto com outras). Há, ainda, relações fortes com as áreas da Pedagogia, da Saúde Coletiva, da Fisioterapia, da Fonoaudiologia, da Informática, da Psicologia Social, da Geografia, da Enfermagem gerontológica, especificamente, das Ciências do Envelhecimento, da Terapia Ocupacional, da Economia doméstica, da Governança, do Direito, e das Ciências Sociais e da Medicina, de modo amplo.

**Quadro 4.** Áreas de estudo e ocorrências (Estado da Arte 2020-2022)

<b>Área de estudo base</b>	<b>Ocorrências</b>
Educação, Educação Física, Pedagogia	(COELHO, AMORIM e MORAIS, 2020) (MACIEL, MOURA, <i>et al.</i> , 2021) (FLAUZINO, PIMENTEL, <i>et al.</i> , 2020) (ESTABEL, LUCE e SANTINI, 2020) (POSSAMAI, SILVA, <i>et al.</i> , 2020) (ALVARO, MELLO, <i>et al.</i> , 2022) (PAULINO e VENDRUSCOLO, 2021) (CAVALLI, HENNICKA, <i>et al.</i> , 2022) (PINTO, SILVA, <i>et al.</i> , 2020)
Saúde, Medicina, Saúde Coletiva, Enfermagem, Enfermagem gerontológica, Fisioterapia, Terapia Ocupacional	(CAMPOS, SILVA, <i>et al.</i> , 2020) (MARTOS e CASARIN, 2020) (SZWARCOWALD, JÚNIOR, <i>et al.</i> , 2021) (NUNES, FERREIRA, <i>et al.</i> , 2020) (YABRUDE, SOUZA, <i>et al.</i> , 2020) (DINIZ, MOREIRA, <i>et al.</i> , 2020) (KUSUMOTA, DINIZ, <i>et al.</i> , 2022) (SILVA, 2022) (MENDES, LINO, <i>et al.</i> , 2021) (SANTANA, RODRIGUES, <i>et al.</i> , 2021) (DOMINGUES, SENE, <i>et al.</i> , 2021) (DEODORO, BERNARDO, <i>et al.</i> , 2021) (MONTEIRO, GOMES, <i>et al.</i> , 2022) (SALCEDO-BARRIENTOS, PAIVA e SILVA, 2020) (BRAGA, GONÇALVES, <i>et al.</i> , 2020) (MARTINS, FREITAS, <i>et al.</i> , 2021) (COSTA, RODRIGUES, <i>et al.</i> , 2021)
Psicologia, Psicologia Social	(COBALCHINI, ALVES, <i>et al.</i> , 2020) (BARROS, BARROS, <i>et al.</i> , 2020) (SANTOS, 2020) (SILVA, FREITAS, <i>et al.</i> ) (KITAMURA, CAVALCANTE, <i>et al.</i> , 2022) (MARCHI, ROSSETTI e COTONHOTO, 2020)

Envelhecimento	(ROCHA, 2021) (POSSAMAI, SILVA, <i>et al.</i> , 2021) (EPAMINONDAS e SILVA, 2022)
Direito, Governança, Economia doméstica	(DEPINÉ, 2021) (PINTO, SILVA e FIÚZA, 2020) (ARAÚJO, 2020) (TELES, PASSOS, <i>et al.</i> , 2021)
Tecnologia, Comunicação, Informática, Design, Inovação	(FERNANDES, 2022) (LUCE e ESTABEL, 2020) (LUCE, SOARES e ESTABEL, 2021) (COELHO, AMORIM e MORAIS, 2020) (ROCHA, MONTIEL e LONGO, 2021) (NASCIMENTO, OLIVEIRA e ARAKAWA-BELAUNDE, 2022) (PIRES e PIRES, 2020)
Administração	(ANGELKORTE, PESSÔA e SANTOS, 2021)
Desenvolvimento, sociedade e cooperação internacional	(FERREIRA, 2021)
Geografia	(PIRES e MARQUES, 2022)
Ciências Sociais	(LIMA, 2020) (VELHO e HERÉDIA, 2020)

Fonte: Elaboração da autora a partir do levantamento para o estado da arte, 2022.

No sentido das discussões nas áreas de conhecimento da Educação, foram encontrados estudos que discorrem sobre o processo de envelhecimento e a influência das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no processo educativo (PINTO, SILVA, *et al.*, 2020) (POSSAMAI, SILVA, *et al.*, 2020), por exemplo. A partir dessa reflexão, fica evidente que a proposta de círculos de cultura, de Paulo Freire, pode ser utilizada como estrutura de ação como forma de pensar em coletivo, junto aos sujeitos do mundo, sobre a necessidade de se apropriar dessas tecnologias com o objetivo, e não somente, de melhorar as relações de comunicação e interação no mundo vivido, associando este movimento ao envelhecimento conhecido como ativo.

Outros dois trabalhos, também da Educação Física junto a reflexões sobre Saúde de modo geral, relatam a experiência de propor e colocar em ação aulas remotas durante a pandemia para o público mais velho (PAULINO e VENDRUSCOLO, 2021) (CAVALLI, HENNICKA, *et al.*, 2022). O primeiro trata de intervenções físicas, de atividades corporais, junto aos idosos atendidos remotamente pelo projeto de extensão universitária (PAULINO e VENDRUSCOLO, 2021) e percebeu-se que boa parte dos participantes não tinha experiência prévia com os meios utilizados para as ações, o que se mostrou um desafio compensatório, segundo as pesquisadoras (p. 102). No outro relato (CAVALLI, HENNICKA, *et al.*, 2022), junto a idosos participantes de cursos de atualização oferecidos pelo referido projeto em 2021, verificaram que 90,9% daqueles que assistiram às palestras e atividades o fizeram por meio do celular, e mais da metade (59,5%) disse ter acessado facilmente as atividades. Nesse contexto, duas colocações dos pesquisadores chamaram atenção: (1) 72% dos consultados disseram já ter participado de outras aulas pela internet e, mesmo assim, (2) 50% relataram ter problemas



de conexão, no áudio do aparelho ou acessórios, e ainda apresentaram dificuldades nas discussões em grupo. Mesmo assim, os idosos participantes dos cursos se sentiram acolhidos e demonstraram satisfação no formato de ensino (CAVALLI, HENNICKA, *et al.*, 2022).

Já outros estudos na área da Educação e Tecnologias, de modo geral, verificam barreiras e facilitadores na inclusão digital de idosos (ALVARO, MELLO, *et al.*, 2022) e ainda discutem sobre o letramento digital para idosos (FLAUZINO, PIMENTEL, *et al.*, 2020). O primeiro trabalho indica a importância de iniciativas de inclusão digital como forma de potencializar a instrumentalização de pessoas mais velhas nessa direção. Para isso, verificaram possíveis barreiras e facilitadores no processo que chamam de infoinclusão, chegando à resultados que indicam que as barreiras podem estar ligadas ao ambiente social da pessoa idosa, assim como à tecnologia em si ou mesmo ao sujeito. Já os facilitadores estão conectados, segundo os indivíduos consultados, à percepção de utilidade, ao senso de autoeficácia, ao suporte familiar adequado, entre outros. A metodologia, no contexto do ensino-aprendizagem, deve ser direcionada com solidariedade intergeracional, vinculada a um processo adequado às especificidades de cada público e indivíduo, concluem as pesquisadoras. É o que refletem as pesquisadoras do estudo sobre letramento (FLAUZINO, PIMENTEL, *et al.*, 2020). Reafirmam que esse tipo de ação/programa propõe ampliar competências relacionadas ao mundo digital, porém, ressaltam a importância em se discutir sobre metodologias de ensino. Assim e após verificar as percepções de alunos mais velhos, concluíram que fatores humanos (humanização) são valorizados, os instrutores, por exemplo, podendo demonstrar qualidades como paciência, tranquilidade e atenção (FLAUZINO, PIMENTEL, *et al.*, 2020).

As pesquisas do campo das Ciências do Envelhecimento e Sociedade trazem discussões sobre a utilização dos conhecidos telefones inteligentes por idosos antes e durante o distanciamento físico causado pela pandemia (ROCHA, 2021), sobre especificamente barreiras na prática de atividades físicas on-line durante o mesmo período (POSSAMAI, SILVA, *et al.*, 2021), e ainda os efeitos dos usos dessas tecnologias nas relações sociais de idosos (FERREIRA, 2021). As barreiras para a não adesão às aulas on-line durante a pandemia, segundo os indivíduos investigados (POSSAMAI, SILVA, *et al.*, 2021), tiveram conexões com a limitação de tempo, ausência de conhecimento no campo das aulas on-line e ainda opção individual. Já a utilização de telefones celulares inteligentes, no antes e durante o período de maior distanciamento físico (ROCHA, 2021), passa de 90% e os participantes do referido estudo disseram que o uso aumentou em intensidade durante os primeiros meses de pandemia (lê-se: primeiro semestre de 2020), possivelmente na direção do contato com os ambientes exteriores e pessoas fora do convívio diário.

Como percebido neste levantamento, há uma gama de estudos que lideram com aspectos variados dos “efeitos”, das aproximações e ainda dos afastamentos dos sujeitos idosos no contexto do consumo e usos de tecnologias de comunicação nos cotidianos afetados pela pandemia de Covid-19. Há ainda aqueles que fazem referência à aprendizagem e à socialização como fatores que podem resguardar um envelhecimento saudável (COBALCHINI, ALVES, *et al.*, 2020) e ainda que a inserção de idosos no mundo digital é motivo de satisfação, mesmo que os próprios sujeitos não se vejam plenamente proficientes em relação às ferramentas disponíveis (BARROS, BARROS, *et al.*, 2020).

\*\*\*

Neste novo passeio sobre os estudos publicados a partir de 2020 no horizonte investigado, fica evidente o conjunto de desafios impostos aos cotidianos por uma crise de saúde mundial, não vista antes. A presente atualização, apresentada por meio desta revisão bibliográfica, joga luz sobre os principais aspectos de interesse de pesquisa em relação ao envelhecimento, “novas tecnologias” e pandemia: as áreas da saúde “ganham”. A saúde física e psicológica, separação meramente objetiva, são campos complexos vistos a partir do social e do cultural. São estudos que tentam abarcar o humano em seus variados aspectos, dando corpo às reflexões que colocam as tecnologias numa centralidade cheia de “braços”, chamados desafios. Esses desafios vão desde os próprios aspectos físicos, passando por sentimentos sobre si (potencialidades humanas), até chegar nas reflexões sobre apropriações, motivações, barreiras, sobre espaços pedagógicos e de letramento digital e, ainda, sobre como métodos de ensino humanizados são essenciais para “fechar esse círculo” do aprendizado do indivíduo que, autônomo, toma posse de seu lugar numa sociedade de interdependências.

Essa reflexão também desloca e desafia as pesquisas na Comunicação. É possível perceber que quase todos os trabalhos selecionados para essa extensa leitura estão no campo das tecnologias de comunicação, mas, ainda, não na área de estudos da Comunicação. Um deles, único com “Comunicação” sendo uma das palavras-chave (ROCHA, MONTIEL e LONGO, 2021), também levanta os usos e apropriações de plataformas digitais – verificando maior intensidade de usos durante a pandemia –, em estudos futuros seria possível ir além dos dados mais objetivos e seguir para as construções do sujeito autônomo e os efeitos (complexos e meta comunicacionais) das tecnologias de comunicação, por exemplo, assim como compreender como o campo das interdependências se (re)faz a partir desses mediadores digitais.

## APÊNDICE C - Roteiro semiestruturado dos grupos focais

on-line

**Quadro 5.** Roteiro semiestruturado dos Grupos Focais On-line

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO
RECEPÇÃO	Boas-vindas aos interlocutores da pesquisa; conversa informal; aguardar a entrada de mais pessoas, caso necessário. Troca de acolhimento.
APRESENTAÇÃO PESQUISADORA	Com a atenção dos interlocutores, a moderadora apresenta (1) as linhas gerais da pesquisa e do funcionamento do grupo, (2) fala sobre a necessidade de gravação do áudio e/ou vídeo da conversa e preservação das identidades dos participantes, (3) orientações sobre a plataforma on-line escolhida, além da (4) orientação no preenchimento do formulário para levantamento do perfil socioeconômico, com questões gerais sobre idade, ocupação, renda, escolaridade e posse de computadores (de mesa e notebooks) e de telefones celulares. Os formulários são preenchidos via Google Formulários, de maneira individual, o link é enviado a todos os participantes via chat da plataforma de conferência de vídeo e as respostas são arquivadas para análise posterior.
APRESENTAÇÃO PARTICIPANTES	Os participantes são incentivados a se apresentar brevemente (nome e onde mora), a moderadora também. Depois dos ritos iniciais, a moderadora deve iniciar o primeiro momento de discussão do grupo.
MOMENTO 1 - TÓPICOS + DISCUSSÃO PONTO A PONTO	<p>Como se comunicam? / O que é comunicação, pra vocês?</p> <p>Sentimentos e motivações de uso</p> <p>O que vocês acham dessa tecnologia toda que tá aí, nos nossos cotidianos?</p> <p>Vocês têm algum receito, assim, algum medo de utilizar a internet do celular ou de outro aparelho?</p> <p>E como é a comunicação, hoje, com os amigos, com a família, com o trabalho?</p> <p>Antes e depois</p> <p>Aplicativos mais usados / o que mais faz no celular?</p> <p>E o que vocês mais acham legal sobre usar o celular? / Menos legal / gosta não gosta</p>
MOMENTO 2 - DISCUSSÃO GERAL + ENCERRAMENTO	Abertura de um debate mais geral. Pedir sugestões para mais encontros como este (mudanças, ampliações, ajustes). Agradecimentos e despedida.

Fonte: elaboração própria, 2021.

## APÊNDICE D – Formulário para levantamento do perfil dos interlocutores dos grupos focais

**Quadro 6.** Formulário perfil dos Grupos Focais On-line

PRIMEIRA SEÇÃO DO QUESTIONÁRIO (termos éticos)	<p>Olá! Meu nome é Camila Simões, sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA, tenho como foco de pesquisa a experiência digital da pessoa com mais idade e gostaria de fazer algumas perguntas.</p> <p>Vale ressaltar que esta pesquisa segue as devidas orientações éticas contidas nas resoluções de nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e de nº 510, de 7 de abril de 2016, além de obedecer à circular do dia 24 de fevereiro de 2021. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa orienta que as informações solicitadas devem ser utilizadas apenas com finalidade acadêmica e você pode obter uma cópia das suas respostas em arquivo digital.</p> <p>Também é necessário informar que, enquanto participante da pesquisa você está livre para responder ou não as questões que forem desconfortáveis ou mesmo qualquer uma delas.</p> <p>Por isso, vale ressaltar que o presente trabalho prevê risco de gradação mínima considerando que o(a) Sr(a), como participante da pesquisa, já é frequentador(a) de atividades de inclusão digital e o mesmo ambiente será utilizado para as reuniões pensadas anteriormente. Agora, o ambiente virtual.</p> <p>Mesmo assim, a pesquisa ainda prevê alguns riscos mínimos que dizem respeito a algum desconforto na abordagem ou natureza das perguntas, que têm direcionamento investigativo social, sempre no horizonte desta pesquisa: os acessos e usos das tecnologias da comunicação e informação, com foco nos telefones celulares.</p> <p>Quanto aos benefícios, a pesquisa contribuirá com uma visão ampliada das aproximações e afastamentos que a pessoa idosa tem com a internet, por meio dos telefones celulares.</p> <p>Caso você decida responder a este formulário, estará dando ciência sobre o que expliquei sobre a sua participação na pesquisa e, o meu muito obrigada, desde já!</p> <p>Mais uma vez, não se preocupe que você não será identificado ou identificada.</p> <p>Então, antes de começarmos a nossa conversa por meio do Meet: (seguem as perguntas abaixo)</p>
SEGUNDA SEÇÃO DO QUESTIONÁRIO (perguntas abertas e fechadas)	
QUESTÕES	OPÇÕES DE RESPOSTA (quando houver)
Qual é o ano do seu nascimento?	-
Gênero	-
Em qual cidade você mora, atualmente?	-
Você é aposentado(a)?	-
Sobre a sua ocupação e/ou aposentadoria	Estou aposentado(a) mas continuo trabalhando com carteira assinada
	Estou aposentado(a) mas continuo trabalhando de maneira independente

	Estou aposentado(a) e não estou trabalhando
	Não estou aposentado(a) e trabalho com carteira assinada
	Não estou aposentado(a) e trabalho de maneira independente
	Outros
Qual é a sua faixa de ganhos financeiros, atualmente?	
Qual a sua formação mais recente? (Escolaridade)	
Você possui algum computador de mesa?	
Você possui algum notebook?	
Você possui algum celular?	
Quais aplicativos você mais utiliza no celular?	Whatsapp
	Instagram
	Facebook
	Youtube
	Google
	Aplicativos bancários
	Outros
Espaço para sugestões	
Agradecimentos	

Fonte: elaboração própria, 2021.

## APÊNDICE E – Formulário digital de circulação ampla

**Quadro 7.** Formulário digital de circulação ampla

PRIMEIRA SEÇÃO DO QUESTIONÁRIO (termos éticos)	<p>Olá! Meu nome é Camila Simões, sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA, tenho como foco de pesquisa a experiência digital da pessoa com mais idade e gostaria de fazer algumas perguntas.</p> <p>Vale ressaltar que esta pesquisa segue as devidas orientações éticas contidas nas resoluções de nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e de nº 510, de 7 de abril de 2016, além de obedecer à circular do dia 24 de fevereiro de 2021. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa orienta que as informações solicitadas devem ser utilizadas apenas com finalidade acadêmica e você pode obter uma cópia das suas respostas em arquivo digital. Também é necessário informar que, enquanto participante da pesquisa você está livre para responder ou não as questões que forem desconfortáveis ou mesmo qualquer uma delas.</p> <p>Por isso, vale ressaltar que o presente trabalho prevê risco de gradação mínima considerando que o(a) Sr(a), como participante da pesquisa, já é frequentador(a) de atividades de inclusão digital e o mesmo ambiente será utilizado para as reuniões pensadas anteriormente. Agora, o ambiente virtual.</p> <p>Mesmo assim, a pesquisa ainda prevê alguns riscos mínimos que dizem respeito a algum desconforto na abordagem ou natureza das perguntas, que têm direcionamento investigativo social, sempre no horizonte desta pesquisa: os acessos e usos das tecnologias da comunicação e informação, com foco nos telefones celulares.</p> <p>Quanto aos benefícios, a pesquisa contribuirá com uma visão ampliada das aproximações e afastamentos que a pessoa idosa tem com a internet, por meio dos telefones celulares.</p> <p>Caso você decida responder a este formulário, estará dando ciência sobre o que expliquei sobre a sua participação na pesquisa e, o meu muito obrigada, desde já!</p> <p>Mais uma vez, não se preocupe que você não será identificado ou identificada.</p>
SEGUNDA SEÇÃO DO QUESTIONÁRIO (perguntas abertas e fechadas)	
QUESTÕES	
Qual é o ano do seu nascimento?	
Gênero:	
Em qual cidade e estado você mora, atualmente?	
Você é aposentado(a)?	
Sobre a atual situação de trabalho:	
Qual é a sua faixa de ganhos financeiros, atualmente?	
Qual a sua formação mais recente? (Escolaridade)	
Sobre esta seção de perguntas, você gostaria de deixar alguma opinião ou consideração a mais?	
No seu dia a dia, por meio de qual aparelho você mais acessa a internet?	
Quais são as suas principais motivações no uso da internet? (Exemplos: família, trabalho, compras para “não ficar de fora”...)	
Você possui algum tipo de computador de mesa?	
Você possui algum tipo de notebook?	

---

Você possui algum tipo de celular?

---

Quais aplicativos você mais utiliza no celular?

---

Em geral, com quem você mais conversa pelo celular?

---

Quais as principais atividades que você passou a realizar por meio da internet, no último ano? O que mudou, nesse sentido?

---

E você ficaria totalmente sem celular, de repente?

---

Na sua opinião, qual a importância de utilizar a internet considerando este último ano, o distanciamento social e a pandemia?

---

Você realiza compras pela internet?

---

Com que frequência você realiza compras pela internet?

---

Se você realiza compras pela internet, alguém te auxilia?

---

Você utiliza aplicativos bancários?

---

Se você utiliza aplicativos bancários, alguém te auxilia?

---

Sobre esta seção, você gostaria de complementar as suas respostas? Fique à vontade!

---

Fonte: elaboração própria, 2019 e 2020.

## **APÊNDICE F – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)**

Contexto do uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) está detalhado em anexos do trabalho. Ainda assim, segue resumo.

Coleta da pesquisa: (1) formulário digital distribuído amplamente para o público com 60 anos ou mais e (2) grupos focais (GFs) on-line com encontros via plataformas digitais (Google Meet, já utilizado pelos alunos da Universidade da Terceira Idade, a UNITERCI, no último ano).

No primeiro caso, o formulário digital, em sua seção inicial traz o texto abaixo como forma de esclarecimentos sobre a pesquisa, possíveis riscos e benefícios de seu desenvolvimento. Além da apresentação da pesquisadora, forma de contato e indicação de que, caso sigam respondendo às perguntas estão dando ciência sobre a pesquisa e a respectiva anuência.

No segundo caso, dos GFs, os esclarecimentos se localizaram no início da conversa e, também, no formulário digital desenvolvido unicamente para levantamento do perfil dos participantes de cada encontro. Todos os documentos – como roteiro dos GFs e os formulários citados – fazem parte do corpo de anexos deste projeto de pesquisa.

Assim, segue o texto para relacionado ao consentimento.

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Olá! Meu nome é Camila Simões, sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA, tenho como foco de pesquisa a experiência digital da pessoa com mais idade e gostaria de fazer algumas perguntas.

Vale ressaltar que esta pesquisa segue as devidas orientações éticas contidas nas resoluções de nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e de nº 510, de 7 de abril de 2016, além de obedecer à circular do dia 24 de fevereiro de 2021. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa orienta que as informações solicitadas devem ser utilizadas apenas com finalidade acadêmica e você pode obter uma cópia das suas respostas em arquivo digital.

Também é necessário informar que, enquanto participante da pesquisa você está livre para responder ou não as questões que forem desconfortáveis ou mesmo qualquer uma delas.



Por isso, o presente trabalho prevê risco de gradação mínima considerando que o(a) Sr(a), como participante da pesquisa, já é frequentador(a) de atividades de inclusão digital e o mesmo ambiente será utilizado para as reuniões pensadas anteriormente. Agora, o ambiente virtual.

Mesmo assim, a pesquisa ainda prevê alguns riscos mínimos que dizem respeito a algum desconforto na abordagem ou natureza das perguntas, que têm direcionamento de investigação social, sempre no horizonte desta pesquisa: os acessos e usos das tecnologias da comunicação e informação, com foco nos telefones celulares, nas tecnologias que estão nos nossos cotidianos.

Quanto aos benefícios, a pesquisa contribuirá com uma visão ampliada das aproximações e afastamentos que a pessoa idosa tem com a internet, por meio dos telefones celulares.

Caso você decida responder a este formulário, estará dando ciência sobre o que expliquei sobre a sua participação na pesquisa e, o meu muito obrigada, desde já!

Mais uma vez, não se preocupe que você não será identificado ou identificada.

Então, antes de começarmos a nossa conversa por meio do Meet: (seguem as perguntas abaixo) (Questões podem ser vistas nos apêndices anteriores)

Exemplo do uso do termo no formulário do perfil dos participantes: <https://forms.gle/PhdLJcJKLeeKDT1eA> | Exemplo do uso do termo no formulário de circulação ampla: <https://forms.gle/3tiCxfej7g7oNM3i9>